LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



O HABITAR JAPONÊS

FLEXIBILIDADE E ADAPTABILIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA

Rodrigo da Silva de Faria e Maia
(Licenciado)

Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura
(Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientação científica: Professor Doutor Hugo José Abranches Farias

Juri:
Presidente: Professor Doutor Carlos Francisco Lucas Dias Coelho
Vogal: Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis

documento definitivo

lisboa | abril | 2016

O HABITAR JAPONÊS

FLEXIBILIDADE E ADAPTABILIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA

*habitação colectiva e comércio no bairro de mukoji*ma*, tóquio*

*documento escrito segundo o antigo acordo ortográfico

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares...

É o tempo da travessia... e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”[1]

FERNANDO TEIXEIRA DE ANDRADE

[1] ANDRADE, Fernando Teixeira, in O m*edo*: o maior gigante da alma.

resumo

A casa, elemento central à investigação em arquitectura, ocupa, e continuará a ocupar, um lugar de destaque no desenvolvimento da sociedade. A complexidade e diversidade inerentes à sua composição, levantam, na prática contemporânea, a necessidade de respostas de maior abrangência e alcance.

Em O Habitar Japonês, pretende desenvolver-se de uma reflexão crítica que, através do projecto e de um olhar à história da habitação tradicional Japonesa, levante possibilidades para a obtenção de uma casa mais adequada às necessidades do Homem contemporâneo. Tirando proveito de Tóquio, cidade densa e perfeitamente consolidada, questiona-se o modo como é concebida a casa e, por consequência, o modo como esta concebe a cidade.

Face a uma sociedade profundamente alterada, em que as transformações sociais, laborais, económicas e tecnológicas tomam, cada vez mais, posse dos modos de vida contemporâneos, busca-se a criação de uma habitação sensível, capaz de se adaptar e dar resposta às diferentes necessidades de quem a habita.

Incidindo sobre o passado do espaço doméstico nipónico, na sua capacidade de transformação e adaptação espacial, procura-se o desenvolvimento de uma proposta racional, capaz de suportar pessoas, usos e ritmos diferentes. No compromisso de escalas, tendo a casa e a sua lógica interna como fio condutor, opera-se sob a perspectiva de elemento catalisador. Num discurso transversal, transpõe-se da casa para o edifício, do edifício para a rua, da rua para a cidade, cosendo, como pano de fundo, uma premissa central, a dimensão de habitar.

PALAVRAS-CHAVE: Casa, Habitar, Flexibilidade, Adaptabilidade, Casa Japonesa, Cidade Japonesa, Tóquio.

abstract

Dwelling, a central element of research in architecture, plays and will always play a prominent role in the development of society. The complexity and diversity inherent to its composition demand a greater scope and reach of responses, in contemporary practice.

In The Japanese Dwelling, looking back at the history of traditional Japanese housing, we intend to develop a critical reflection that raises the possibility of obtaining a more suitable home to the needs of contemporary man.

. By taking advantage of Tokyo, a dense and perfectly consolidated city, the project questions how the house is conceived and how it therefore conceives the city.

Faced with a profoundly changed society in which social, labour, economic and technological transformations take an increasing possession of contemporary lifestyles, it seeks the design of a sensitive dwelliing, able to adapt and respond to the different needs of its inhabitants.

Focusing on the past of the Japanese domestic space and on its capacity of spatial transformation and adaptation, it aims to create a rational proposal able to support different people, uses and rhythms.

In a transition of scales, having the house and its internal logic as a guide, it operates from a perspective of a catalyst.

In a transversal discourse, from the house to the building, from the building to the street, from the street to the city, it stitches a central premise, the scope of dwelling.

KEY WORDS: *House, Dwelling, Flexibility, Adaptability, Japanese House, Japanese City, Yokyo.*

para os meus pais

agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria agradecer à minha família, em particular aos meus pais, João e Micas e aos meus irmãos, Miguel e Tiago, pelo apoio incondicional ao longo deste percurso pessoal e académico, sendo incansáveis na compreensão e disponibilidade.

Ao meu orientador, professor Hugo Farias, pela receptividade, paciência, motivação e apoio, mas principalmente pelo acompanhamento ao longo destes seis anos, transmitindo valores e métodos de trabalho, e o gosto partilhado pela arquitectura.

Aos meus amigos de sempre, ao Hugo, ao João, ao Diogo e à Rita, por terem estado sempre presentes, pela grande amizade e pelo apoio constante.

A todos os que tive oportunidade de conhecer pelo gosto partilhado pela arquitectura, que de uma forma ou de outra me acompanharam ao longo destes seis anos. Em especial à Ângela, à Joana, à Sara, à Carolina, ao Miguel, ao João, ao Pedro e ao David pela presença assídua ao longo de todo o trabalho, pelas partilhas de conhecimentos e pela amizade.

À Sofia, à Francisca, à Maria, à Eugénia, à Maria Tiago, ao Duarte, ao Tomás e ao Rodrigo pela motivação, amizade e, sobretudo, pelo apoio que deram nesta fase final.

A todos, o meu sincero obrigado.

índice

01 | INTRODUÇÃO **01**
Enquadramento e objecto de estudo 01
Oportunidade e Pertinência 02
Objectivo 02
Estrutura 04

02 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **09**
A Casa e o Habitar 09
Flexibilidade e a Habitação 17
Conceitos 19
Flexibilidade e/ou flexibilidade activa 20
Adaptabilidade e/ou flexibilidade passiva 24
Flexibilidade Japonesa 29

03 | A CASA E A CIDADE JAPONESA **41**
O contexto Japonês – breve introdução histórica 41
A Casa Tradicional Japonesa 49
Enquadramento – breve contextualização histórica 50
Conceitos Espaciais Japoneses 57
Tatami e o chão na casa Japonesa 65
Partições e unidades transitórias 69
Layering e o limite na casa Japonesa 74
A casa Japonesa, em tipologias 80
A casa enquanto elemento gerador de cidade 87
A Cidade Japonesa 89
Enquadramento 89
Tóquio 93
Low City, High City 103

04 | PROPOSTA **111**
Bairro de Mukōjima, distrito de Sumida, Tóquio 111
Objectivos projectuais 113
A casa 114
Do tatami à unidade modular 115
Do núcleo gerador, ao modelo habitacional 115
A engawa enquanto extensão e limite 117
O edifício 120
A chegada 120
Piso térreo e o prolongamento da rua 121
Da casa ao edifício 122
Estratégia Urbana 124
Da casa ao edifício, do edifício à rua, da rua à cidade 124

05 | CONSIDERAÇÕES FINAIS **169**

06 | FONTES DOCUMENTAIS **173**
Bibliografia 173
Publicações 173
Teses de Mestrado e Doutoramento, Dissertações e artigos académicos 176
Filmografia 177

índice de imagens

01 **Twelfth Night, Jan Steen, 1668.**
Staatliche Museen, Berlim

02 **The Life of Man, Jan Steen, 1668.**
Staatliche Museen, Berlim

03 **Mother Lacing Her Bodice beside a Cradle.**
Pieter de Hooch, 1659-1660, Staatliche Museen, Berlim

04 **The Embroiderer Jean-Baptiste-Simeon Chardin - 1733-1744.**
Nationalmuseum, Estocolmo

05 **A vida em família, família nuclear séc XIX.**
Registado em ARIÉS, Philippe, DUBY, Georges - História da vida privada, Afrontamento, Porto, 1989. Pág.186

06 **Introdução de aparelhos eléctricos no espaço da cozinha, 1950.**
Registado em http://imgarcade.com/1/women-in-the-kitchen-1950

07 **Introdução do telefone no interior doméstico, 1930.**
Registado em http://www.1900s.org.uk/1920s1940s-candlestick-phones.htm

08 **Introdução da televisão na definição dos espaços da casa, 1960.**
Registado em http://ideas.time.com/2012/10/02/the-real-problem-with-televised-debates-the-viewers

09 **Os 5 pontos para uma nova arquitectura, Le Corbusier, 1926.**
Registado em BOESIGER, Willy - Le Corbusier: Oeuvre Complète. Vol.1: 1910-1929. Basileia: Les Éditions d'Architecture, 2006, p.129

10 Paisagem urbana, Quioto 1891.
Registado em http://www.wikiwand.com/en/Kyoto

11 Paisagem urbana, Quioto 1960.
Registado em http://flickrhivemind.net/Tags/danchi,kyoto

12 Planta chave, subdivisão clara da casa em duas zonas distintas.
Registado em MONTEYS, Xavier – Doméstica: Distribució és un terme massa estret! in Quarderns d'Arquitectura i Urbanisme. no 250, 2006, p.58

13 A casa como uma máquina de viver, The art of living 1952.
Registado em STEINBERG, Saul - The Art of Living, Londres: Hamish Hamilton, 1952

14 Flexibilidade no interior doméstico, diferentes configurações espaciais possíveis, Orminge-Quest, Estocolmo, 1967-1971.
Registado em PERIAÑEZ, Manuel - L'Habitat Évolutif, 1993

15 Adaptabilidade no interior doméstico, diferentes apropriações espaciais propostas.
Registado em CABRITA, António, COELHO, António. Habitação evolutiva e adaptável, LNEC, Lisboa, 2003. Pág. 159

16 Dispositivos de partição espacial, Flexibilidade activa.
Registado em ELEB-VIDAL, Monique, CHATELET, Anne-Marie, MANDOUL, Thierry, Penser l'habité: le logement en questions, Paris, Pierre Mardaga Editeur, 1988

17 Maison Dom Ino, Le Corbusier, 1914.
Registado em LEUPEN, Bernard - Frame and Generic Space, Roterdão: 010 Publishers, 2006, p.69

18 Transformação e extensão do espaço doméstico, Flexibilidade permanente.
Registado em CABRITA, António, COELHO, António - Habitação evolutiva e adaptável, Lisboa: LNEC, 2003, p. 302

19 **A livre apropriação da casa, fotomontagem realizada no primeiro curso de sociologia do professor Jean-Pierre Junker sobre a casa Bianchetti de Luigi Snozzi, Zurique, 1990.**
Registado em MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere - Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili, 2001. p. 15

20 **Espaço doméstico adaptável a diferentes agregados domésticos.**
Registado em COELHO, António Baptista - Análise e avaliação da qualidade arquitectónica residencial, volume II, 1993)

21 **Diferentes apropriações do mesmo apartamento ao longo de 10 pisos, Bogdan Gîrbovan.**
http://www.sunnyskyz.com/blog/1185/Photographer-Shows-How-Differently-People-Live-In-Identical-Apartments

22 **O mesmo espaço, usos diferentes.**
Registado em CABRITA, António, COELHO, António - Habitação evolutiva e adaptável. Lisboa: LNEC, 2003, p. 233

23 **Ambiguidade Sugerida pela heterogeneidade dos espaços, telier de Vitor Figueiredo.**
Registado em FIGUEIR*EDO*, Vítor - Vítor Figueir*edo*: Fragmentos de um discurso, Lisboa: circo de ideias, 2012, Pág. 72

24 **Estrutura rígida de suporte.**
Registado em ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013, p.149

25 **Elementos de subdivisão espacial.**
Registado em ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013, p.150

26 **Quadro comparativo entre funções e espaços na habitação ocidental e japonesa.**
Registado em "Quaderns", nº102, 1995

27 **Exemplos de diferentes tipos de apropriação do mesmo espaço.**
Registado em WERNER, Jorg - "Adaptaciones Cotidianas" in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar, 1993, p.91

28 **Exemplo de transformação da configuração espacial na ampliação de divisões, Daikakuji Palace of Emperor Saga, Quioto (fechado).**
Registado em http://scholar.lib.vt.edu/theses/available/etd-63098-114956/unrestricted/malofiy-thesis_2.pdf

29 **Exemplo de transformação da configuração espacial na ampliação de divisões, Daikakuji Palace of Emperor Saga, Quioto (aberto).**
Registado em http://scholar.lib.vt.edu/theses/available/etd-63098-114956/unrestricted/malofiy-thesis_2.pdf

30 **Mapa do Japão, Tóquio.**
Realizado pelo autor

31 **Cronograma histórico do Japão.**
Realizado pelo autor

32 **Introdução do *Kanji* no Japão.**
Registado em BARTHES, Rolland - Empire of Signs, New York: Hill and Wang 1983, p.56

33 **Introdução do Budismo no Japão, Daibutsu-den, Templo Tōdai-ji, Nara, Japão.**
fotografia do autor

34 **Surgimento dos Samurais.**
Registado em UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

35 **Portugal e os Jesuítas no Japão, Nambam.**
McMullen Museum, Boston College, Boston

36 **Imperador Mutsuhito, conhecido pelo imperador *meiji*, tomou posse do Império aos 14 anos.**
Registado em UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990

37 **A destruição do País no pós Segunda Grande Guerra Mundial, Yosuke Yamahata, 1945.**
Bonhams, Nova Iorque

38 **Ginza, Tóquio, início séc. XX.**
Registado em SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p. 92

39 **Ginza, Tóquio 2014.**
Fotografia do autor

40 **Esquiço, Casa de Campo, Tateyama, Japão.**
Realizado pelo autor

41 **Esquema ilustrativo da comparação feita por Ashihara.**
Registado em SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p. 36

42 **Esquema dos três modelos habitacionais prospotos por Ueda.**
Realizado pelo autor

43 **Exemplos de dispositivos de partição espacial: shoji e fusuma.**
Registado em http://remodelinghouseideas.blogspot.pt/2011/12/japanese-*tatami*-mats-03.html

44 **Esquema das diferentes utilizações do *tatami.***
Registado em http://remodelinghouseideas.blogspot.pt/2011/12/japanese-*tatami*-mats-03.html

45 **Subdivisão dos espaços da casa por dispositivos de partição espacial *fusuma e shoji.***
Registado em ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013, p.87

46 **Vila tradicional Japonesa; o distanciamento entre a zona religiosa e a zona central da vila.**
Registado em NEIVA Simone Loures Gonçalves, RIGHI Roberto - "A cultura e o espaço urbano no Japão", in arquitextos, 2008.

47 **O espaço Ku na criação da cidade, a configuração de um tecido que remete naturalmente para um sentido de profundidade, *Oku*, Scott Kelly, NASA.**
International Space Station

48 **O centro de Tokyo, o vazio na ausência de centro.**
Registado em BARTHES, Rolland - Empire of Signs, New York: Hill and Wang 1983

49 **O cinza do crepusculo e a aparente ausencia de tridimensionalidade, Ike no Taiga.**
Registado em MAKI, Fumihiko - Nurturing Dreams. Collected Essays on Architecture and the City, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2008

50 **Espaço da engawa, Katsura Imperial Villa, Quioto.**
Registado UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990

51 ***Tatami* na sua constituição.**
Registado em http://remodelinghouseideas.blogspot.pt/2011/12/japanese-*tatami*-mats-03.html

52 ***Tatami* na configuração dos espaços da casa.**
Registado em http://remodelinghouseideas.blogspot.pt/2011/12/japanese-*tatami*-mats-03.html

53 **Organização espacial sistemática e o sentido de abertura com o exterior.**
Registado em ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013

54 Diagrama exemplificativo da partição espacial na configuração de dois casos de estudo. À esquerda Katsura Imperial Villa; à direita Kaiabuki Gonjiro.
Realizado pelo autor

55 Layering espacia.
Registado em ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013, p.190

56 Sucessão de camadas na marcação da transição entre o exterior e interior da habitação; indefinição de um limite específico.
Registado em ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013, p.298

57 Espaço da *engawa*.
Registado em ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013

58 Cobertura estendendo-se sobre a engawa.
Registado pelo autor

59 Piso do espaço da *doma.*
Registado UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990

60 Doma e a relação que estabelece com o espaço interior da casa.
Registado em http://www.pushpullbar.com/forums/showthread.php?13474-*Minka*-the-movie

61 Machiya dispersas ao longo do plano da rua, Gion, Quioto.
Registado em http://mithunonthe.net/2015/10/14/japan--kyoto-higashi-honganji-gion/#axzz3xmhuLNHK

62 Diagrama exemplificativo da configuração espacial da machyia.
Registado pelo autor

63 Diagrama exemplificativo da configuração espacial da nouka.
Registado pelo autor

64 Sinalização de ruas no Ocidente e de Machi no Japão (imagens da esquerda); Configuração esquemática das cidades no Ocidente e no Japão (imagens da direita).
Registado em SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.39

65 Mosaico rural na configuração da cidade Japonesa.
Registado em SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.44-45

66 Ortofotomapa, enquadramento de Tóquio no território Japonês.

67 Ortofotomapa, Tóquio na anulação do centro.

68 Vista aérea de Tóquio.
Autor

69 Planta esquemática de *Edo*.
Registado em SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.55

70 Planta e configuração espacial de *Edo*, ano de 1859.
Registado em SRENSEN, André - The making of a Urban Japan: Cities and Planning from *Edo* to the Twenty-first Century, Psychology Press, 2004, p.26)

71 Planta de Tóquio, no perido *Meiji*, ano de 1880.
Desconhecido

72 Planta de Tóquio, período *Taishō*, antes do terramoto de Kanto, ano de 1923.
Desconhecido

73 Planta de Reconstrução pós terramoto de Kanto.
Registado em SRENSEN, André - The making of a Urban Japan: Cities and Planning from *Edo* to the Twenty-first Century, Psychology Press, 2004, p.127

74 Destruição pós-terramoto de Kanto, 1923.

75 Ortofotomapa, local de intervenção.
Autor

76 Do *tatami* à unidade modular.
Autor

77 Da unidade modular ao nucleo gerador.
Autor

78 Protótipo desenvolvido.
Autor

79 Introdução da engawa no modelo habitacional desenvolvido.
Autor

80 Diferentes possibilidades de apropriação do modelo habitacional.
Autor

81 Planta do piso térreo.
Autor

82 Planta habitação tipologia de bairro.
Autor

83 Planta habitação tipologia de torre.
Autor

01 | INTRODUÇÃO

Enquadramento e objecto de estudo

O presente trabalho surge na sequência de um período de intercâmbio passado na cidade de Tóquio, no Japão, ao abrigo do programa AUSMIP - programa bilateral UE-Japão envolvendo intercâmbios acadêmicos no prazo de nove meses. Vem ao encontro de um trabalho de investigação iniciado na disciplina Research in Architecture IB, no Laboratório dirigido pelo Professor Doutor Toshio Otsuki, no contexto temático da "Casa e a Cidade".

Antes da leitura deste documento, propõe-se que se visualize o video em anexo - A casa *Kaiabuki Gonjiro*- uma vez que foi apartir da vivencia da mesma que nasce a ideia e interesse por este tema.

A investigação tem como objecto de estudo a casa e a reflexão acerca dos temas da flexibilidade e adaptabilidade na habitação tradicional Japonesa. Tema central de investigação da disciplina arquitectónica, a habitação mostra-se, nos dias de hoje, nem sempre capaz de dar a resposta mais adequada a uma sociedade cada vez mais complexa e diversa.

Consequentemente do contacto do Japão com o mundo Ocidental por finais do séc. XIX - na então denominada restauração *Meiji* - e com a contaminação cultural a que passou a estar sujeito, o Japão viu-se obrigado a uma rápida adaptação a no-

vas circunstâncias de uma aparente ruptura com a sua identidade. A introdução de termos como a privacidade, a simples comparação com modelos ocidentais propostos, ou mesmo a necessidade de uma resposta mais generalizada, obrigou ao desenvolvimento de um espaço doméstico excessivamente determinista. Hoje, com uma sociedade profundamente alterada, propõe-se um processo de redescoberta do passado, no sentido de recuperar uma flexibilidade perdida no habitar japonês. Pretende colocar-se em prática todo o conjunto de conhecimentos adquiridos sobre a cultura nipónica, a própria experiência *in situ* da Arquitectura tradicional Japonesa, bem como os temas da flexibilidade e adaptabilidade que nela se reconhecem. Importa dar resposta às necessidades da vida contemporânea incidindo não só sobre os temas teóricos abordados, como também sobre todo o conjunto de vivências pessoais de quotidiano Japonês. O trabalho incide numa das áreas históricas mais relevantes de Tóquio. O Bairro de Mukojima, inserido no distrito de Sumida, é caracterizado pela sua alta densidade, mas sobretudo pelo seu traçado urbano que mantém na memória eixos de ligação que outrora serviam campos de arroz e terrenos rurais.

Oportunidade e Pertinência

Poder-se-á assumir que os modelos habitacionais hoje propostos respondem à sociedade hoje criada? Será o simples facto de coabitarmos com pessoas desta mesma sociedade suficiente para nos permitir projectar sobre ela? São questões que marcam uma presença constante ao longo do trabalho. Surgem como fio condutor e lançam o mote para o estabelecimento de princípios que possam contribuir para uma casa mais diversa e adequada aos modos de vida contemporânea.

Objectivos

Numa sociedade de diversidades e dinâmicas cada vez mais acentuadas, o exercício de pensamento e desenho da habitação contemporânea adquire papel preponderante na criação de cidade. Como consequência de uma constante transformação social, económica e

tecnológica, as cidades tor*nara*m-se lugares cada vez mais heterogéneos. Sendo actualmente, locais onde se exige que recebam uma maior diversidade de populações e actividades.

Deste modo, o tema que se pretende abordar, no presente trabalho final de mestrado, incide sobre a investigação da flexibilidade na habitação tradicional japonesa. Com base no espaço doméstico nipónico, na sua capacidade de transformação e adaptação espacial, procura-se a criação de um interior sensível e capaz de suportar diferentes pessoas, usos e ritmos. Se, por um lado, o estudo se concentra na reflexão sobre o desenho da habitação e dos seus usos, por outro, deve focar-se também no papel que a casa tradicional desempenha na criação da cidade japonesa.
No decorrer do ultimo século, principalmente, as inúmeras e sucessivas transformações a que o espaço doméstico japonês esteve sujeito obrigou a sociedade a adaptar-se constantemente a novas e diferentes realidades. Entretanto, naquilo que é a criação da cidade japonesa, o aumento da densidade populacional nas áreas urbanas, o contacto com o Ocidente e o complexo processo da globalização foram os factores mais marcantes na transformação da realidade habitacional. Consequentemente, Tóquio, como grande metrópole Japonesa, no começo do séc. XX e principalmente na fase do pós Segunda Guerra Mundial, foi obrigada a adoptar um sistema de produção em massa, como resposta a um número insuficiente de fogos para a densidade populacional existente.

A proposta final deverá sugerir uma solução racional para o espaço doméstico e a sua influência no desenho e criação do tecido urbano. Pretende-se o desenvolvimento de um modelo habitacional que reflicta e dê resposta às necessidades directas dos seus habitantes, considerando o retomar do pensamento e desenho da habitação tradicional japonesa como alternativa e possível resposta a uma sociedade de carácter cada vez mais transitório. Incidir-se-á na capacidade de suportar as modificações naturais do núcleo familiar no decorrer da vida útil de um edifício e naquelas que são cada vez mais efémeras formas de habitar o espaço doméstico. Por sua vez, na transição de escalas, a relação que o edifício estabelece entre a habitação, o lugar e a cidade.

Estrutura

O documento inicia pela abordagem ao tema da casa. Sensível a todas as camadas da sociedade, o tema da habitação adquire uma relevância central no panorama da disciplina arquitectónica. A Casa e o Habitar é o capítulo que lança o mote para o desenvolvimento da Fundamentação Teórica. Inicialmente, é feita a contextualização ao tema da casa e a toda a sua evolução histórica, dos modos de habitar, à casa contemporânea e sua relação com a cidade. Após uma compreensão geral do tema da habitação e face à constatação de um claro desajuste entre os modelos habitacionais propostos e os modos de habitar emergentes, é feita uma análise generalizada às diferentes estratégias propostas ao longo do tempo pelos mais variados autores. Entre elas, surgem os termos de flexibilidade, adaptabilidade, polivalência, versatilidade, ambiguidade funcional e desierarquização espacial.

Dá-se entrada no panorama Japonês. Repartida em duas escalas diferentes, mas que nem por isso se tornam independentes, faz-se a análise da casa e da cidade Japonesas. É feita uma breve contextualização histórica, onde o intuito é dar a conhecer a génese cultural que dá origem ao tema central do trabalho. Numa primeira fase, procura fazer-se uma apreciação geral da habitação tradicional Japonesa. É feito o seu enquadramento histórico, estudadas as suas variações, os conceitos espaciais e, mais em detalhe, um especial enfoque sobre determinados espaços da mesma. Posteriormente, numa escala mais afastada, é abordado o tema da cidade japonesa. É feita uma abordagem a temas mais específicos do espaço urbano nipónico. Depois de uma breve contextualização, segue-se uma análise à cidade de Tóquio, segundo aspectos de carácter histórico, cultural e morfológicos do lugar.

Num último capítulo, reservado à proposta desenvolvida, questiona- se em primeiro lugar a escala e simbolismo do Lugar. O bairro de Mukojima, no distrito de Sumida, cidade de Tóquio, aparece aqui enquadrado segundo o seu contexto histórico, sociológico e morfológico. São apresentados os objectivos iniciais e é traçado, de uma certa forma, o rumo a tomar ao longo do processo projectual.

Num processo inverso ao habitual, parte-se do particular em direcção a um contexto geral abrangente. Isto é, começa por se fazer um enfoque no elemento central do trabalho, a casa. Seguidamente, num processo de sucessivo afastamento relativo à escala, vai sendo feita uma breve descrição da sua relação com o edifício, com a rua e consequentemente com a cidade. Considera- se parte essencial da proposta a transição de escalas, a relação que o edifício estabelece entre a habitação, o lugar e a cidade. Surge uma questão recorrente e que marca presença constante ao longo de todo o trabalho: até que ponto será a habitação capaz de existir enquanto elemento influente no desenho e criação de um tecido urbano.

A proposta apresentada deriva, sobretudo, de um conjunto de premissas determinadas *à priori* segundo uma visão clara de desfasamento entre os modelos habitacionais propostos e as reais necessidades da sociedade contemporânea.

“A minha casa é concha. Como os bichos
Segreguei-a de mim com paciência:
Fachada de marés, *a sonho e lixos,*
O horto e os muros só areia e ausência.

Minha casa sou eu e os meus caprichos.
O orgulho carregado de inocência
*Se às vezes dá u*ma *varanda, vence-a*
O sal que os santos esboroou nos nichos.

E telhados de vidro, e escadarias
Frágeis, cobertas de hera, oh bronze falso!
Lareira aberta ao vento, as salas frias.

A minha casa... Mas *é outra a história:*
Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,
*Sentado nu*ma *pedra de memória.”*[2]

VITORINO NEMÉSIO,1938

[2] NEMÉSIO, Vitorino – in “O Bicho Harmonioso”, Coimbra, Revista de Portugal, 1938.

02 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Casa e o Habitar

O exercício de pensamento e desenho da casa e da habitação assume-se como um dos temas centrais à investigação na disciplina arquitectónica. Face a uma sociedade de diversidades e dinâmicas cada vez mais acentuadas e a um carácter de permanência indissociável do acto de habitar, constata-se uma permanente evolução e modificação do espaço doméstico.

*"(...) a transfor*mação *da casa não é um assunto simples, tratando- se, aliás, não de "u*ma*" transfor*mação, mas *sim de "múltiplas" transfor*mações *que se sobrepõem, u*mas *de u*ma *for*ma mai*s rápida e evidente, outras de for*ma mai*s lenta e imperceptível: a evolução da casa resulta pois da conjugação da evolução das suas múltiplas componentes que vão mudando a ritmos diferentes."* [3]

No processo natural de desenvolvimento dos modelos habitacionais, a busca por uma resposta adequada a uma sociedade em permanente transformação, mostra-se nem sempre eficaz ou mesmo apropriada àquele que é o panorama contemporâneo. É clara a complexidade e transitoriedade inerentes à sociedade. Por um lado, uma diversidade cada vez mais acentuada na sua composição, exigindo respostas de maior compreensão e alcance. Por outro, dinâmicas próprias de uma sociedade em que as transformações sociais, laborais, culturais, económicas e tecnológicas ocupam um lugar permanente.

[3] PEREIRA, Sandra Marques – Casa e Mudança Social, Lisboa: Ed. Caleidoscópio, 2010, p.315

Contudo, no entendimento do espaço doméstico é pertinente o regresso ao passado e a compreensão do longo processo de desenvolvimento da casa. "*A alteração no interior das casas dá-se junto com a alteração no interior das mentes*." [4] No decorrer do tempo, o desenho da habitação demonstra ser, de uma forma mais ou menos constante, um reflexo da sociedade. A compreensão desta última é, por isso mesmo, fundamental na percepção do espaço e modos de habitar.

Retornando aos primórdios da humanidade, a necessidade de abrigo e protecção corporalizam a razão essencial na busca pelo lugar de habitar. Se a caverna que, ao que tudo indica, materializa uma primeira resposta a estas mesmas necessidades, demonstra ainda assim uma solução estática e finita na capacidade de manipulação espacial e de se lhe conferir domesticidade. Do surgimento de novas carências faz-se o processo de evolução da sociedade. A relação de interdependência entre a sociedade e a casa leva a que o desenvolvimento de uma tenha influência directa na outra.

Nesta altura não existia, para o Homem, ideia concebida sobre o espaço do habitar. Havia sim, a quase inconsciente procura por um lugar de protecção ou refúgio. A cabana surge, por isso mesmo, como a primeira forma capaz de ser pensada, concebida e manipulada pelo Homem com intuito de gerar o lugar habitado. Numa proposta de arquitectura primitiva, esta dá uma primeira resposta flexível e adequada a locais e premissas específicas. Poderá ser vista como o início da construção do significado da casa, que surge pela necessidade da partilha de funções e de uma utilização dos recursos de uma forma mais eficiente por parte da família ou de quem nela habita.

Esta é a ideia partilhada por Rybczynski na obra "*La casa: historia de una idea*". [5] Era ainda desconhecido o conceito de intimidade, mas ganhava aqui valor e sentido o lugar de habitar pelo seu resguardo do resto da comunidade. A sociedade que, na época medieval, formatava a vida das pessoas, dotando-a de um forte carácter colectivo, impunha no desenho da casa isso mesmo.





01. Twelfth Night, Jan Steen, 1668, Staatliche Museen, Berlim

02. The Life of Man, Jan Steen, 1668, Staatliche Museen, Berlim

[4] LUCKAS, John - The Bourgeois Interior, American Scholar, Vol. 39, no 4 , 1970, Pág. 623

[5] RYBCZYNSKI, Witold - La casa: historia de una idea. 1a Ed. Madrid: Nerea, 1989.







03. Mother Lacing Her Bodice beside a Cradle, Pieter de Hooch, 1659-1660

04. The Embroiderer Jean-Baptiste--Simeon Chardin - 1733-1744

05. A vida em família, família nuclear séc XIX

O espaço doméstico era então caracterizado pela existência de um único grande compartimento que dava resposta a todas as funções ligadas ao quotidiano familiar. De necessidades básicas ao Homem como comer e dormir, a práticas relacionadas com a ocupação laboral da família, a casa servia de palco que dava resposta a todas as actividades diárias da família. O espaço de trabalho e o espaço da casa eram nesta altura o mesmo.

No final da idade média, no ocidente, era já possível observar--se a transformação, embora lenta, do espaço da casa. Comer, estar e receber, bem como cozinhar e dormir são conceitos que passavam a fazer parte do dia-a-dia de quem começava a entender o significado da casa, do seu espaço e da sua intimidade. Não que esta intimidade estivesse relacionada com a intimidade pessoal dos dias de hoje, mas sim uma intimidade familiar, lugar privado e de autonomia familiar.

Simultaneamente, em detrimento de valores como a intimidade e privacidade, aparece a preocupação com a aparência, factor que irá marcar o interior do espaço doméstico. Faz-se a transição da casa pública para a casa privada. A mulher, embora o homem se mantenha como figura mais importante da família, começava a assumir uma maior importância na própria concepção da casa. A normalização das áreas, o estabelecer de regras, a compartimentação – na definição de espaços únicos com funções especificas, divisões de domínio público destinadas ao uso comum e divisões de domínio privado reservadas ao uso individual de cada elemento da família - e o acréscimo da importância do espaço da cozinha são prova disto mesmo, um feminização do habitar.
Começava a estabelecer-se o domínio de domesticidade que hoje se reconhece. A casa, que até aqui servia a tipologia de família patriarcal – composta não só pelo núcleo conjugal e filhos, mas incluindo criados, parentes próximos, agregados e escravos, submetidos ao poder do chefe da família, marido, pai e patriarca – passava agora a servir um grupo mais reduzido e compacto, a família nuclear.

Estando os conceitos de intimidade e privacidade assentes surge entretanto uma nova preocupação na concepção do espaço de habitar, o conforto. De acordo com Farias, é em meados do séc. XIX, na busca do conforto moderno, que "*a casa começa a sofrer u*ma *profunda transfor*mação *através das tecnologias que têm continuamente invadido os interiores domésticos*." [6] A introdução de comodidades que hoje se tornam indispensáveis ao quotidiano de uma família como a electricidade e os aparelhos eléctricos, a ventilação e a água canalizada começou a tornar-se lentamente comum no interior doméstico. O espaço do habitar passa a ser determinado por novas realidades, surgem espaços para resposta às novas introduções. Conforme refere Farias, no caso, "*o rádio e a aparelhagem de som, e a presença centralizadora da televisão na sala de estar; a localização do telefone fixo na sala ou no vestíbulo de entrada (...)*" mostram que a relação entre equipamento, compartimento e uso passa também a assumir um valor determinante na concepção do espaço.







Introdução de tecnologias na definição do espaço doméstico

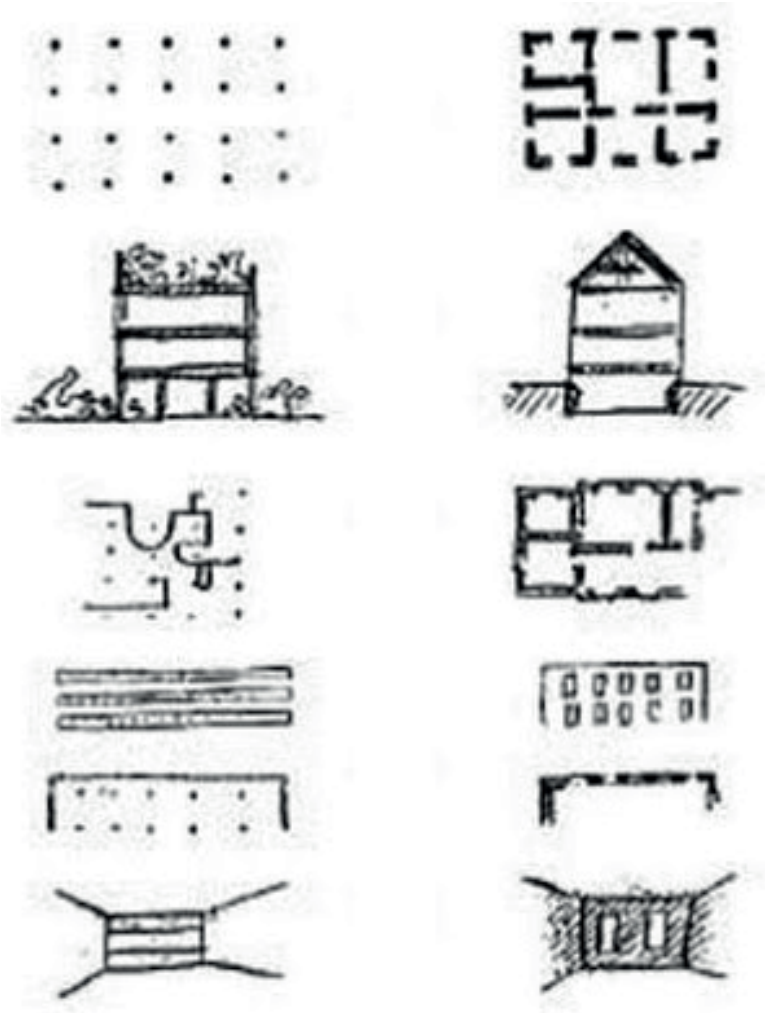
06. Introdução de aparelhos eléctricos no espaço da cozinha, 1950.

07. Introdução do telefone no interior doméstico, 1930.

08. Introdução da televisão na definição dos espaços da casa, 1960.

[6] FARIAS, Hugo - "RETHINKING CONTEMPORARY DWELLING: DESIGN STRATEGIES FOR A NEW HOUSE". Comunicação apresentada na Conferência Internacional ENHR 2015 LISBON – European Network of Housing Research, ISCTE, Lisboa, Junho de 2015.

A entrada no séc. XX marca também o surgimento de novas influências. A rejeição do passado surge como mote que dá inicio a uma nova arquitectura. Numa sociedade marcada cada vez mais pela sua heterogeneidade, surge a necessidade de uma resposta menos especifica, mas mais abrangente. Direccionada às massas, surge uma arquitectura com uma hierarquia espacial definida, de dimensões standard e que recusa a decoração. Dá-se a entrada no movimento moderno. Tal como refere Pereira, a casa modernista vai então caracterizar-se "*(...) pela racionalização, com u*ma *clara especialização e hierarquia dos espaços, que obriga a um determinado modo de a viver.*"[7] A casa torna-se num objecto rígido, em que a ausência de conforto e domesticidade tomam conta do espaço, tornando-a num objecto estranho ao Homem.



09. Os 5 pontos para uma nova arquitectura, Le Corbusier, 1926.

[7] PEREIRA, Margarida – A Casa de Hoje, Reflexão sobre a adaptabilidade no interior domestic. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2013. Tese de Mestrado. p.21

Em paralelo, no Japão, o processo de desenvolvimento da casa, que até aqui tinha sido feito de forma lenta e gradual, vai nesta altura, tal como no ocidente, sofrer drásticas mudanças. Com a entrada no séc. XX e a abertura das suas fronteiras ao ocidente, o Japão vai absorver a todo o custo os conceitos e correntes culturais e arquitectónicas estranhas à sua sociedade. Intimidade e privacidade, conceitos que até então se apresentavam como totalmente estranhos à cultura nipónica, vão passar a fazer parte do seu espaço de habitar. A frágil partição espacial, característica da casa japonesa, vai dar lugar a uma rígida compartimentação, que restringe e vem impor novas formas de viver a casa. O fascínio pelo ocidente instala-se e com ele o movimento moderno. A casa altera- se espacial e constitutivamente, dando deste modo lugar a uma paisagem urbana totalmente transformada.



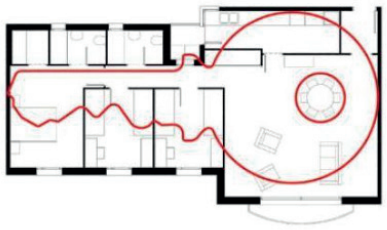


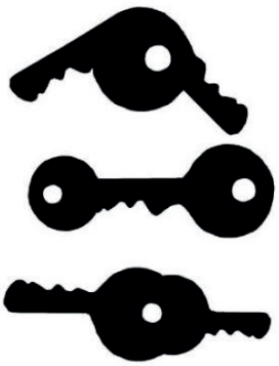
10. Paisagem urbana, Quioto 1891.

11. Paisagem urbana, Quioto 1960

Da repulsa pelos modelos propostos - deterministas usual e funcionalmente - e da procura pelo regresso de conceitos como conforto e domesticidade, que no movimento moderno se perderam, surge uma corrente nostálgica pelo passado da habitação. "*(...) antes de se fazer algo novo, pensemos se temos utilizado adequadamente o que está feito*." [8] No desajuste entre os modos de vida contemporâneos e os modelos habitacionais propostos, o Grupo de Investigación Habitar, no livro "*Rehabitar en nueve episodios*", sugere antes de mais um olhar ao espaço de habitar proposto nos dias de hoje e o confronto com o uso que se lhe tem dado. Do outro lado Mundo, Kuma é um dos autores que ressalta a necessidade de um regresso ao passado como forma de projectar o futuro. [9] Entre outros, aponta para o layering espacial na tradição arquitectónica japonesa e os benefícios que este traz à produção de uma arquitectura adequada à sociedade em questão.

Apesar da nostalgia que pairava e das várias respostas que entretanto foram sendo dadas, na ideia de uma casa mais adequada ao Homem do séc. XX, poucas foram as alterações que se notaram na habitação. Nesta altura, a separação clara entre os espaços de dia e noite mantinha a dominância e era sob esta premissa que a vida acontecia. Os temas de transição no espaço da casa viam-se normalmente reduzidos a um único eixo, que estabelecia a ligação entre o vários espaços da casa.



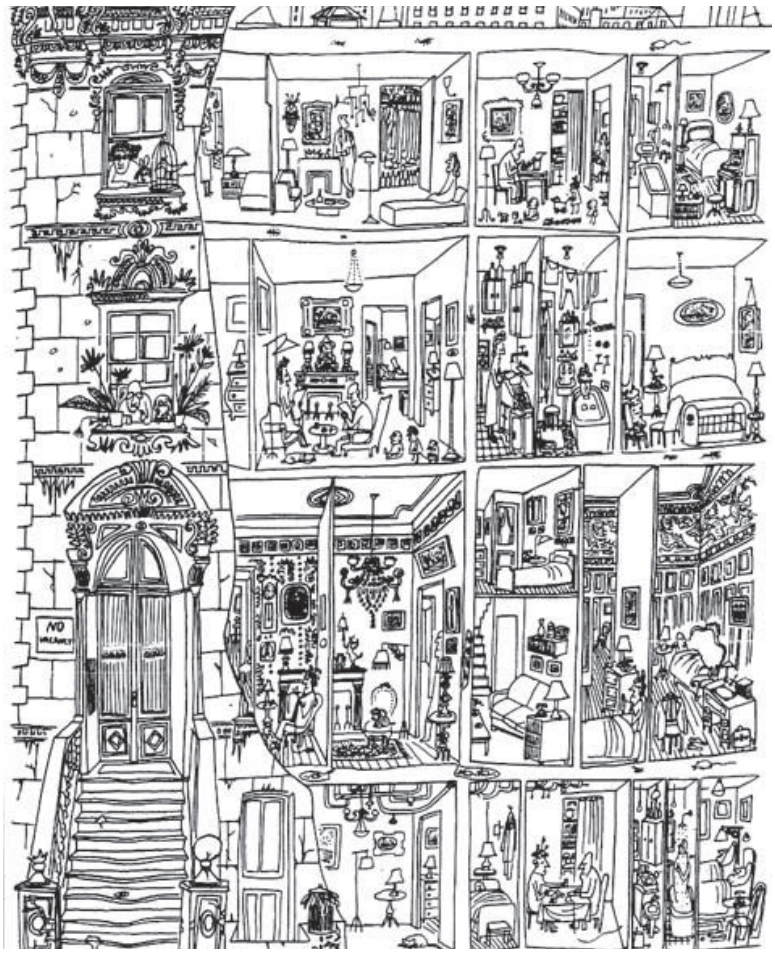


12. Planta em chave, subdivisão clara da casa em duas zonas distintas

[8] Grupo de Investigación Habitar - Rehabitar en nueve episodios. Madrid: Ed. Lampreave, 2010, p.17

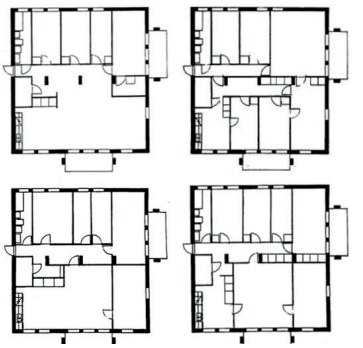
[9] KUMA, Kengo - *Kyokai* - A Japanese Technique for Articulating Spaces, Tóquio, Tankosha Publishing, 2010.

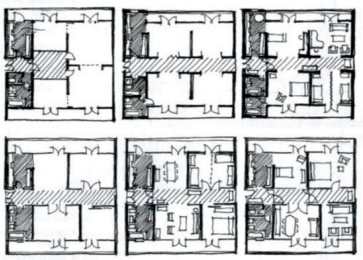
Esta premissa, onde é perfeita a distinção entre espaços de dia e de noite e a diferenciação clara entre as três zonas, social, íntima e de serviços, é tomada como base do discurso sobre o qual é pensada e desenvolvida a casa e os modos de habitar. Todavia, conduz a uma ideia que pouco reflecte o que realmente acontecia. O agregado familiar torna-se mais numeroso e instável quanto à sua formação. A família e a actividade diária dos seus constituintes criam uma teia de eventos mais complexa que não se coaduna com uma ideia rígida, pouco flexível, que define os espaços da casa por estes dias. A clara hierarquia e a utilização de cada um dos espaços da casa para fins específicos obrigam a formas de viver baseadas num processo rotineiro em que homem assume o papel de um robot. Dormir, acordar, tomar banho, comer, ler e ver televisão ocupam intervalos de tempo e lugares específicos. A domesticidade perde-se, deixa de haver a casa e surge a máquina de viver.



13. A casa como uma máruina de viver, The art of living, 1952

Agora, no século XXI, é constante a incoerência entre o conceito intransigente que define os modos de habitar e a complexidade e transitoriedade que se observa na sociedade actual. Depreende-se a ansiedade que se vive na busca por respostas que se adeqúem mais à sua realidade actual. Face às profundas alterações que foram surgindo na sociedade e ao facto de a casa – como tema central à vida humana – ter adquirido um carácter globalizado na sua resposta, impõe-se a reflexão e revisão dos modelos habitacionais propostos e a sua adequação à presente sociedade.





14. Flexibilidade no interior doméstico, diferentes configurações espaciais possíveis, Orminge-Quest, Estocolmo, 1967-1971

15. Adaptabilidade no interior doméstico, diferentes apropriações espaciais propostas, Habitação evolutiva e adaptável, 2003

Neste seguimento e tal como refere Farias[10], vários têm sido os autores a apontar estratégias e possíveis respostas para uma habitação adequada ao Homem contemporâneo. Flexibilidade, adaptabilidade e polivalência são ideias que se irão desmultiplicar em outras tantas na busca pela casa de hoje.

Flexibilidade e Habitação

Na tentativa de solucionar uma aparente desconexão entre as formas de habitar correntes e os protótipos habitacionais então propostos, são vários os conceitos, ideias ou estratégias que vão sendo defendidos e experimentados pelos mais variados autores. A repulsa pelos modelos domésticos, entretanto propostos pelo movimento moderno, faz surgir, segundo Paiva,[11] uma das mais importantes e controversas definições feitas acerca da relevância da flexibilidade como o objectivo central na concepção de um projecto. Opondo-se a uma arquitectura funcionalista que, na atribuição extrema de usos particulares a espaços específicos, não possuía a capacidade de lidar com o factor tempo, Hertzberger faz, inicialmente, referência e a perfeita distinção entre duas possíveis estratégias de flexibilidade, a serem abordados adiante: a flexibilidade ou flexibilidade activa e a adaptabilidade ou flexibilidade passiva. É o confronto destes mesmos conceitos que suportará a capacidade de alojar diferentes modos de habitar.

[10] FARIAS, Hugo, "Repensar a Habitação Contemporânea: Flexibilidade, adaptabilidade, ambiguidade funcional e desierarquização do espaço doméstico", comunicação apresentada no 3o Colóquio de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design – Portugal Brasil – Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e Faculdade de Arquitectura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Lisboa, Setembro de 2014.

[11] PAIVA, Alexandra - Habitação Flexível: análise de conceitos e soluções. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2002. Tese de Mestrado, p,134-135

No confronto entre as primeiras ideias propostas, Hertzberger define, à partida, uma posição de preferência quanto às estratégias a tomar. "*Quanto* ma*is rica for a variedade oferecida,* ma*ior será a capacidade da casa para corresponder aos* ma*is ricos e variados desejos dos seus moradores*." [12] Defende uma habitação versátil em que a adaptabilidade espacial permita uma utilização diversificada, ao invés de uma estratégia de transformação física do espaço e uma arquitectura marcada pela efemeridade e inconstância de certezas.
"*Embora u*ma *formulação flexível se adapte a cada mudança que surja, não pode ser nunca a melhor e* ma*is adequada solução para nenhum proble*ma*; pode fornecer qualquer solução em qualquer momento,* ma*s nunca a melhor solução. A flexibilidade, representa portanto o conjunto de todas as soluções inadequadas para um proble*ma*."*[13] Recusa a flexibilidade directa do espaço, em que o uso e apropriação do mesmo dependa inteiramente da sua mutabilidade. Por oposição, defende uma partição ambígua, capaz de suportar apropriação espontânea, incorporando-a no seu conceito de polivalência. Potenciar ganha, aqui, sentido e dimensão. Segundo Hertzberger, a arquitectura deve, sim, possibilitar um uso variado e diferenciado dos espaços da casa sem que seja necessária a transformação física da mesma.

"*A única abordagem construtiva para u*ma *situação que está sujeita a alteração é u*ma *for*ma *que é definida a partir da mutabilidade como termo per*ma*nente (...) u*ma *for*ma *que é polivalente.*" A casa deve, pois, ser compreendida como um tecido que aglomera um conjunto de espaços variados, capazes de resistir e dar resposta à mudança e a diferentes usos e funções, de acordo com as necessidades particulares de cada indivíduo. "*Por outras palavras, u*ma *for*ma *que possibilite usos diferentes sem que seja necessária a sua transfor*ma*ção, de modo a que u*ma *flexibilidade míni*ma *possa produzir u*ma *solução ópti*ma".[14]

[12] HERTZBERGER, Herman - Lessons for students in Architecture, Rotterdam: 010 Publishers, 2005p.162.

[13] IDEM, p.146

[14] IDEM, p.147

Na evolução teórica do próprio termo, que em muito se relaciona com a busca incessante pela "casa de hoje", muitas foram as interpretações e intervenções feitas sobre o tema da flexibilidade. É no confronto dos diferentes modelos e através das mais variadas definições que vão surgindo ao longo dos diversos períodos da sua evolução teórica que o mesmo se vai clarificando, ramificando e, consequentemente, tornando mais complexo. Por outro lado, este vê-se por várias vezes sobreposto, comparado, equiparado ou mesmo confundido com o tema da adaptabilidade. Isto acontece quando se entende que a flexibilidade de um dado espaço possa passar pela sua própria adaptabilidade, assim como a sua adaptabilidade possa ser obtida pela flexibilidade do mesmo. Posto isto, ao longo das diferentes interpretações e ideias que vão surgindo, vai sendo notória a relação de interdependência entre os dois termos. Por vezes distanciam-se e parecem realidades opostas, noutras fundem-se e são referidas como uma só.

O tema estrutura-se e subdivide-se, começando a fazer parte do vocabulário teórico um vasto conjunto de conceitos com os quais se relaciona. Na sua abrangência, emergem as mais distintas interpretações pelos mais variados autores. Segundo Farias [15] , surge a necessidade, porém, de os organizar pelas diferentes ramificações que vão surgindo ao longo das várias reflexões sobre o tema.

Conceitos

Da vontade pela obtenção da casa adequada à sociedade contemporânea, surgem os mais variados conceitos. Os autores inventam-se na procura de uma reposta absoluta aos problemas existentes. Clarificam-se as ideias e atribui-se significado específico aos modelos e estratégias propostas. Na busca por uma selecção concisa dos modelos mais relevantes emergem, numa primeira instância, ideias como a

[15] FARIAS, Hugo - "Repensar a Habitação Contemporânea: Flexibilidade, adaptabilidade, ambiguidade funcional e desierarquização do espaço doméstico", comunicação apresentada no 3o Colóquio de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design – Portugal Brasil – Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e Faculdade de Arquitectura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Lisboa, Setembro de 2014.

flexibilidade, ou o que alguns autores apelidam de flexibilidade activa, entendida pela capacidade de mutação física de um dado espaço, com o intuito de dar uma resposta mais abrangente às necessidades diversificadas dos habitantes; e de adaptabilidade, ou comummente referida como flexibilidade passiva, explicada pela capacidade que um dado espaço possui no sentido de possibilitar um uso variado e as mais diferentes apropriações, sem que seja necessária a transformação física do mesmo. Subentendem-se, por isso, a existência de dois grandes temas centrais.
Ainda assim, ao longo das várias estratégias que são lançadas e na própria clarificação dos temas, estes irão desmultiplicar-se em outros tantos. Surgem *à posteriori* conceitos de flexibilidade inicial e/ou permanente, inteiramente ligados com o termo da flexibilidade activa, e ideias de polivalência, ambiguidade funcional e de desierarquização espacial, que se vêm a associar ao tema da adaptabilidade ou flexibilidade passiva.

Flexibilidade e/ou flexibilidade activa

Na reflexão sobre o espaço doméstico, a flexibilidade surge como resposta à notória incapacidade que os modelos habitacionais possuem de se adaptar e dar soluções à sociedade corrente. Face ao desajuste entre os modelos actuais e à natural evolução do Homem e dos seus modos de vida, a flexibilidade apresenta-se como possível solução à rigidez e predeterminação funcional inerentes à habitação corrente.

Na complexa abrangência do tema surgem, porém, interpretações que se destacam pela pertinência das questões que levantam. Na sua abordagem ao tema, Groak[16] ressalta a existência de "*um tempo limite para a utilidade social*" de cada edifício. Destaca o factor tempo como um dos elementos de maior relevância na vida e uso de uma habitação. Funcionalmente, é a sua escassa amplitude de resposta que questiona a verdadeira necessidade de soluções mais abrangentes. A flexibilidade coloca, deste modo, o "*proble*ma *da adaptação do habitat aos modos de vida dos utentes, ao mesmo tempo que as possibilidades de apropriação das habitações pelos habitantes*" [17].

[16] GROAK, Steven - The Idea Of Building: Thought And Action In The Design And Production Of Buildings, London: E&FN Spon: An., 1992, p.15-17

[17] ELEB-VIDAL, Monique, CHATELET, Anne-Marie, MANDOUL, Thierry, Penser l'habité: le logement en questions, Paris, Pierre Mardaga Editeur, 1988, p.102.

No pensamento em arquitectura, a "*organização espacial (...) pode possibilitar apropriação a um número limitado de usos*". [18] Na perspectiva de Groak, flexibilidade entende-se pela capacidade de proporcionar um uso diversificado através de "*diferentes arranjos físicos*". Destaca a obtenção da flexibilidade espacial pela alteração do tecido físico do edifício, ora juntando quartos ou unidades modulares, prolongando-as, ora deslizando e manipulando paredes ou móveis.

Retomando a interpretação feita por Hertzberger [19], "*flexibilidade significa – não havendo u*ma *única solução preferível a todas as outras – a negação absoluta de um ponto de vista fixo*". Recusa a flexibilidade como resposta absoluta e compara ainda o tema com o que muitas vezes se associa a algo que é mutável ou móvel. É por isso vulgarmente confundido, na generalidade do termo, como flexibilidade activa. Esta última, prende-se geralmente com a alteração física do espaço. Depreende-se a mutabilidade do espaço físico da casa pela alteração, ajuste ou remoção de elementos de carácter móvel com o principal intuito de oferecer diferentes configurações para o interior doméstico.

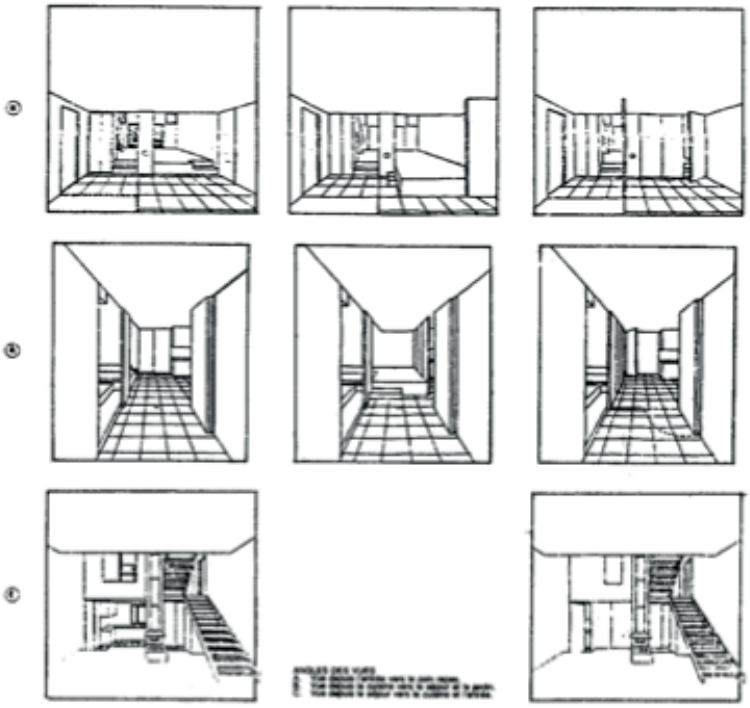
Posto isto, num retorno às primeiras experiências deste carácter, de transformação e mutação do espaço interior da casa, Schneider e Till[20] afirmam que, no contexto doméstico, a flexibilidade é "*alcançada através da alteração física do edifício*". Segundo os mesmos, o termo da flexibilidade aplica-se, desta forma, a "*ambas as mudanças, internas e externas ao espaço, e para ambas as mudanças temporárias (através da capacidade de deslizar u*ma *parede ou porta) e per*manentes *(por meio de mover u*ma *partição interna ou parede externa)*."

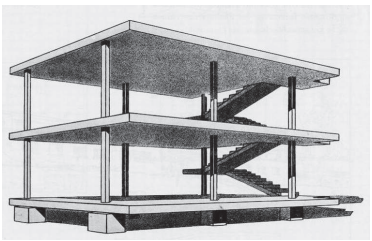
[18] GROAK, Steven - The Idea Of Building: Thought And Action In The Design And Production Of Buildings, London: E&FN Spon: An., 1992, p.15-17

[19] HERTZBERGER, Herman – Lessons for students in Architecture, Rotterdam: 010 Publishers, 2005, p.146

[20] SCHNEIDER, Tatjana, TILL, Jeremy - Flexible Housing, Elsevier/Architectural, Amesterdão: Londres, 2007, p.05

Na abordagem ao tema da flexibilidade activa, Eleb-Vidal, Chatelet e Mandoul [21] vão, contudo distingui-la em dois tipos: a flexibilidade inicial e a flexibilidade permanente. A primeira pressupõe uma possível escolha e definição prévias, por parte dos habitantes, da configuração do espaço doméstico. Deste modo, os futuros ocupantes assumem um papel preponderante na antecipação das possíveis apropriações da casa.



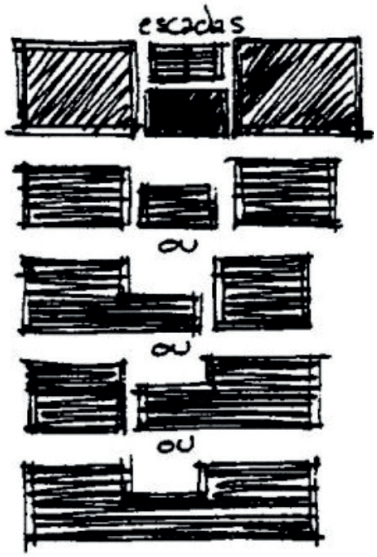


O projecto Maison Dom Ino (1914), explora da melhor forma esta teoria. Le Corbusier tira partido da definição de uma estrutura rígida de suporte independente dos elementos de divisão espacial. A arquitectura do espaço deixa de depender, na sua totalidade, da dimensão estrutural da casa e abre-se a possibilidade de uma livre configuração do espaço doméstico, mais próxima e adequada à necessidades dos seus habitantes.

16. Dispositivos de partição espacial, flexibilidade activa, Penser l'habité: le logement en questions, 1988.

17. Maison Dom Ino, Le Corbusier, 1914

[21] ELEB-VIDAL, Monique, CHATELET, Anne-Marie, MANDOUL, Thierry, Penser l'habité: le logement en questions, Paris, Pierre Mardaga Editeur, 1988, p.103.



18. Transformação e extensão do espaço doméstico, Flexibilidade permanente, Habitação evolutiva e adaptável, 2003

Por outro lado, flexibilidade permanente pressupõe uma ideia contínua da mutabilidade do espaço doméstico ao longo da vida da habitação. Entende-se como uma estratégia em que o carácter estático do espaço se desconhece e onde a livre utilização e apropriação do mesmo passa a definir uma dimensão espacial. Na compreensão e desenvolvimento do tema, Eleb-Vidal, Chatelet e Mandoul [22] vão, porém, apontar para a dependência de outros três temas: a mobilidade, a evolução e a elasticidade. Segundo os mesmos, a prática desta estratégia activa, na concepção espacial da casa, deverá, por isso, compreender: a possibilidade de uma rápida transformação física do espaço doméstico no uso cíclico dia/ noite, mobilidade; a possibilidade de uma transformação ponderada segundo as necessidades de uso prolongado da família, evolução; e a possibilidade de transformação do espaço de habitar, no que diz respeito à sua dimensão, podendo aumentar ou diminuir o espaço da casa, elasticidade. De um modo geral, na concepção de um espaço doméstico adequado aos seus habitantes, privilegia-se a capacidade de adaptação física da casa às necessidades do agregado familiar tanto num uso curto e específico, como num uso de longa duração.

Retomando a perspectiva tomada por Hertzberger, mais recentemente, Monteys e Fuertes [23] entendem que a flexibilidade "*(...) na realidade, implica u*ma m*aior variedade de usos e versatilidade (...) A flexibilidade é u*ma *questão de potencialidade*." Há a recusa da ideia do mecanismo ou da transformação física como resposta às transformações do grupo familiar. Recupera-se a ideia de uma casa mais adaptável e versátil, do que mutável e instável.

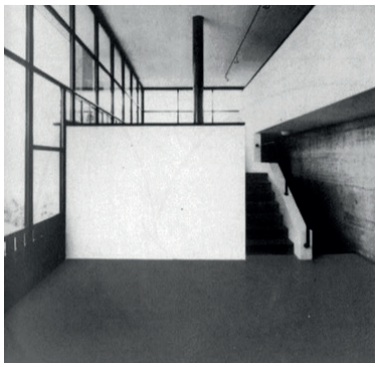
[22] ELEB-VIDAL, Monique, CHATELET, Anne-Marie, MANDOUL, Thierry, Penser l'habité: le logement en questions, Paris, Pierre Mardaga Editeur, 1988, p.103

[23] MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere - Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili S.A., 2001.

Por fim, Koolhaas [24] faz a definição que se concretiza como síntese das ideias propostas anteriormente pelos mais variados autores que abordam o tema: "*A flexibilidade não é a antecipação exaustiva de todas as modificações possíveis. A* maioria *das transfor*mações *são imprevisíveis (...) A flexibilidade é a criação de u*ma *capacidade de ampla* margem *que permita diferentes, e até opostas, interpretações e usos*." [25] Questiona-se a imprevisibilidade e complexidade das possíveis transformações familiares e a consequente inexistência de uma resposta absoluta às mesmas.

Adaptaptabilidade e/ou flexibilidade passiva

"*Adaptabilidade é u*ma *for*ma *diferente de ver flexibilidade.*" Maccreanor [26] começa, desta forma, por definir adaptabilidade através da correlação que estabelece com o tema da flexibilidade. "*O edifício adaptável é simultaneamente transfuncional e multifuncional e deve permitir a possibilidade de mudança de uso (...) como um contentor de vários usos simultâneos*". Ao longo do desenvolvimento do tema da flexibilidade, a sua investigação foi-se construindo num discurso nem sempre claro quanto à sua dependência com o conceito da adaptabilidade. O confronto entre os dois termos, na concepção do espaço doméstico, mostra-se, contudo, proveitoso face ao desfasamento entre o Homem e casa contemporânea. Na interpretação das duas estratégias, nem sempre existe concordância quanto à sua definição.





19. A livre apropriação do espaço da casa. Fotomontagem realizada por Jean-Pierre Junker sobre a casa Bianchetti de Luigi Snozzi, Zurique, 1990.

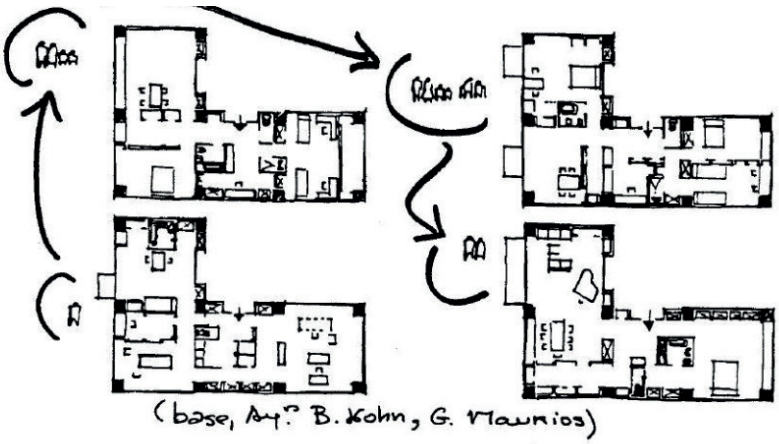
[24] KOOLHAAS, Rem - S,M,L,XL, New York: Monacelli Press, 1997.

[25] IDEM, p.240

[26] MACCREANOR, Gerard - "Adaptability", in a+t - Housing and Flexibility I, n.o12, 1998.

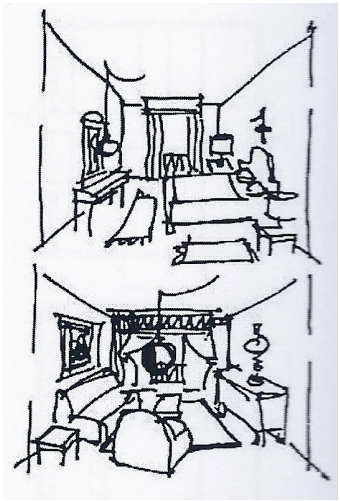
Ainda assim, se flexibilidade se relaciona constantemente com termos como alteração, transformação ou mutação física espacial, a adaptabilidade considera, antes, a natural capacidade de apropriação e possível adaptação de um dado espaço a diferentes usos e necessidades, sem a modificação física do mesmo. Supõe, deste modo, uma configuração espacial estável quanto à sua concepção, na medida em que transformação da mesma não consta como medida primária à obtenção de um espaço adaptável.

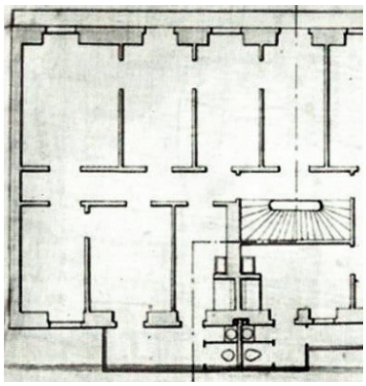
Na interpretação que Groak faz dos temas da flexibilidade em arquitectura, o autor assume que "*a capacidade de edifícios para alojar os usos diferentes vai depender na medida em que é adaptável e/ou flexível*." Neste sentido, atribui às duas estratégias a responsabilidade de uma reposta face à necessidade de albergar usos e funções diferentes ao longo da vida de um edifício. Ainda assim, distingue-as afirmando que a adaptabilidade se entende como "*capaz de alojar usos sociais diferentes",* enquanto que, por outro lado, flexibilidade se entende como *"capaz de diferentes arranjos físicos*". Evidencia-se, desta forma, o carácter estático da estrutura espacial referente à primeira, em oposição à instabilidade inerente à segunda. Adaptabilidade pressupõe, por isso mesmo, a existência de uma concepção espacial fixa, capaz de potenciar uma livre apropriação e adaptação aos diferentes e transitórios modos de vida dos seus habitantes.



20. Espaço doméstico adaptável a diferentes agregados domésticos, Avaliação da qualidade arquitectónica residencial, 1993.







21. Diferentes apropriações do mesmo apartamento ao longo de 10 pisos, Bogdan Gîrbovan

22. O mesmo espaço, diferentes usos, Habitação evolutiva e adaptável, 2003.

23. Ambiguidade Sugerida pela heterogeneidade dos espaços, telier de Vitor Figueiredo.

No seguimento da interpretação feita por Groak, no contexto doméstico, Schneider e Till [27] afirmam que o conceito de adaptabilidade é "*alcançado através do desenho de divisões ou unidades que possam ser utilizadas de for*ma *variada*." Defendem o desenho do espaço de habitar tendo em conta desprendimento literal com a função final específica de cada divisão da casa. Surge como ideia projectual a concepção de uma estrutura espacial estática e uniforme que potencie naturalmente a utilização diversificada do espaço.

A estaticidade proposta pelo tema da adaptabilidade e a capacidade de apropriação intrínseca ao espaço, sem que o mesmo tenha de assumir uma configuração diferente, faz com que o mesmo seja, normalmente, associado com o conceito de flexibilidade passiva. Este, tal como é mencionado por Paiva, é sustentado "*na neutralidade de espaços facilmente apropriáveis, permitindo u*ma *polivalência (...) sem a modificação do interior do fogo*".[28] Sobressai a busca pelo carácter de apropriação intrínseco a cada espaço. Emergem, desta forma, noções de polivalência e versatilidade, ambiguidade espacial e funcional.

Ao longo do tempo, e nas várias interpretações feitas acerca da adaptabilidade, são vários os autores a apontar a polivalência como um dos possíveis caminhos. Hertzberger mostra-se, no entanto, um dos primeiros e maiores defensores. Segundo o autor "*a única abordagem construtiva para u*ma *situação que está sujeita a alteração é u*ma *for*ma *que é definida a partir da mudança como termo per*m*anente (...) u*ma *for*ma *que é polivalente*" [29]. Compreende- se, deste modo, a necessidade da definição de um espaço que é, à partida, capaz de albergar usos diferenciados, sem o estabelecimento obrigatório de um único uso específico.[30]

[27] SCHNEIDER, Tatjana, TILL, Jeremy - Flexible Housing, Elsevier/Architectural, Amesterdão: Londres, 2007, p.05

[28] PAIVA, Alexandra - Habitação Flexível: análise de conceitos e soluções. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2002. Tese de Mestrado

[29] HERTZBERGER, Herman – Lessons for students in Architecture, Rotterdam: 010 Publishers, 2005, p.146.

[30] MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere - Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili S.A., 2001.

Monteys e Fuertes, no seguimento da abordagem feita por Hertzberger, afirmam que a flexibilidade "(*...) na realidade, implica u*ma m*aior variedade de usos e versatilidade (...) A flexibilidade é u*ma *questão de potencialidade*." Assumindo flexibilidade como estratégia passiva, há uma recusa da ideia do mecanismo e transformação física como resposta às transformações do grupo familiar. Enfatiza-se a polivalência da habitação defendendo uma compartimentação ambígua que permita o uso diferenciado dos espaços sem ter de os transformar.

A ambiguidade, termo tendencialmente associado ao tema da flexibilidade passiva, surge como forma de dar resposta à excessiva pré-determinação dos espaços e usos da casa. A extrema definição de usos e funções, a hierarquia formal e dimensional instituída e a exagerada deliberação das relações estabelecidas entre os diferentes espaços da casa, são factores marcantes da casa moderna funcionalista.
Ambiguidade, por assim dizer, depreende a capacidade de potenciar uma utilização diversificada, quanto ao seu uso e função, de um espaço, através de uma arquitectura homogénea, no que diz respeito às áreas e dimensões propostas, opondo-se a uma estratificação clara dos espaço da casa.

Venturi[31] destaca, por isso, "*u*ma *flexibilidade* ma*is perceptiva do que física e que permite a firmeza e a per*manência *ainda necessárias nos nossos edifícios*." Segundo o mesmo autor, a "*ambiguidade válida promove a flexibilidade útil*". Numa perspectiva que defende estratégias de carácter passivo, o autor realça a capacidade que o espaço, através do seu desenho, possui de albergar e potenciar uma apropriação com finalidades diversificadas. Propõe, nomeadamente, "*a sala com u*ma *finalidade* ma*is genérica do que específica, e com mobiliário removível em vez de divisórias móveis"* como possíveis exemplos para uma configuração aberta à livre apropriação espacial.

[31] VENTURI, Robert - Complexidade e Contradição em Arquitectura, 2a edição, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Numa linha de pensamento idêntica, Cabrita e Coelho [32] abordam o conceito de flexibilidade na habitação através da criação de uma adaptabilidade programada e sustentável. Tal como referido por Venturi, pretende-se a obtenção de um espaço flexível, não na forma como este se transforma fisicamente, mas na forma em como este, através da sua composição de carácter neutro, se mostra capaz de suportar diferentes usos e apropriações.

Por fim, em jeito explicativo quanto à pertinência dos temas da flexibilidade, Maccreanor [33] destaca a sua importância no dialogo que se estabelece entre o edificado e própria criação da cidade. Segundo o autor, "*é a adaptabilidade destes edifícios que cria u*ma *estrutura urbana dinâmica: viva e em constante mudança, com diferentes partes da cidade desempenhando papéis diferentes e gerando novas for*mas *de contacto urbano e social*". Apropria-se do tema da adaptabilidade, da sua abrangência e relevância enquanto objectivo projectual, e da forma como esta, numa transição de escalas, estabelece o perfeito acordo entre as necessidades transitórias do Homem, enquanto elemento individual, e da sociedade na qual se insere. Parte-se de pressuposto que, numa transição da casa para o edifício, do edifício para a rua, da rua para o lugar, do lugar para a cidade, a adaptabilidade se assuma como estratégia necessária à concepção de um tecido capaz de respostas, tanto à escala do Homem, como à escala da cidade.

Flexibilidade Japonesa

Numa característica que se acredita transversal na arquitectura nipónica, a prática construtiva traduz, desde muito c*edo*, uma acentuada preocupação com a adaptabilidade funcional dos espaços. Na concepção de uma arquitectura espacial, entende-se fundamental a compreensão de uma dimensão temporal. O desenho do espaço pressupõe, por isso, a reflexão de uma possível variação de usos tanto numa escala de curta duração como de longa duração temporal.

[32] CABRITA, António Reis e COELHO, António Baptista - Habitação Evolutiva e Adaptável, Lisboa: LNEC, 2009, p.219

[33] MACCREANOR, Gerard - "Adaptability", in a+t - Housing and Flexibility I, n.o12, 1998.





O carácter flexível do espaço japonês vai então residir neste deambular entre a adaptação espacial de longa e curta duração. Por um lado, o tema da adaptabilidade ou flexibilidade passiva, reconhecível pela capacidade de cada espaço albergar diferentes funções ao longo do tempo; por outro, o tema da flexibilidade ou flexibilidade activa, pela capacidade de ser facilmente transformado - através do deslizar de portas ou paredes, abrindo e/ou fechando espaços - com o objectivo de proporcionar espaços diferentes na casa. É no diálogo entre os dois temas que a arquitectura nipónica se vai fundamentar.

Numa fase inicial, é a distinção entre uma estrutura rígida de suporte e os elementos de divisão espacial que estabelece uma base de sustentação para a criação de um espaço adaptável [34]. Parte-se em direcção à independência do desenho do próprio espaço em relação à estrutura pré-estabelecida. Reconhece-se domesticidade e obtém-se um espaço neutro capaz de fornecer uma livre apropriação por parte de quem a habita. Numa visão ocidental, o espaço, aparentemente descaracterizado, proporciona uma utilização diversificada das várias áreas da casa. Torna-se reconhecível a proximidade com o tema da flexibilidade passiva. O espaço aparentemente estático, possibilita, através do seu desenho, uma utilização diversificada das diferentes áreas da casa.

Por sua vez, tal como refere Werner [35], a reduzida existência de mobiliário na habitação japonesa e o seu forte carácter móvel permite um uso mais variado de cada um dos espaços da casa. Mesas de reduzidas dimensões, *futons* e coxins constituem a grande maioria do mobiliário nipónico. A sua escassa presença nas várias divisões da habitação, levanta, sob um ponto de vista ocidental, questões sobre a função singular de cada unidade espacial da casa.

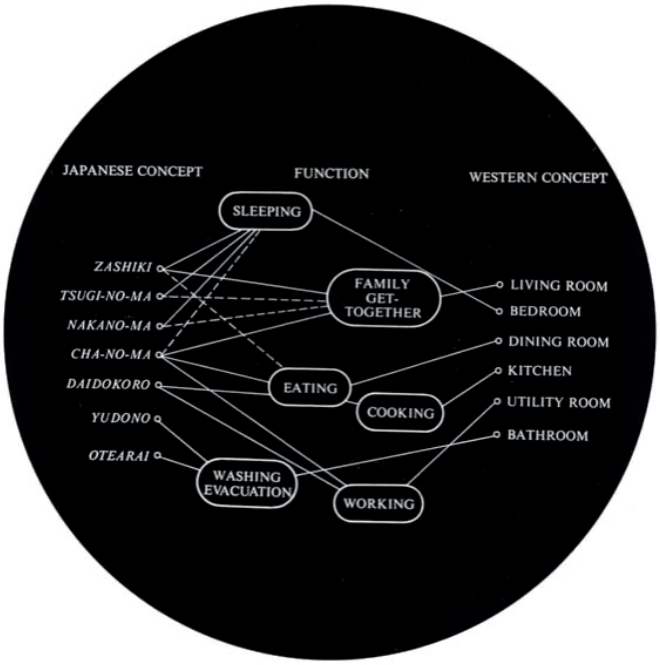
24. Estrutura rigida de suporte, Katsura Imperial Villa, 2013.

25. Elemento de partição e subdivisão espacial, Katsura Imperial Villa, 2013.

[34] WERNER, Jorg - “Adaptaciones Cotidianas” in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar, 1993, p.91

[35] IDEM, p.91

Na verdade, os espaços da habitação japonesa "*não possuem atributos de uso específico*" [36], deixando em aberto a sua livre apropriação. Se no ocidente a designação da cada divisão supõe uma utilização especifica, no Japão, as designações de cada divisão expressam apenas a situação espacial dentro da casa. Cada espaço é capaz de albergar duas ou mais funções. Em detrimento da resposta a uma função específica sobrepõe-se a qualidade do espaço criado. O mobiliário de carácter ligeiro associado às práticas de uma cultura, revelam a adaptabilidade da casa japonesa, não apenas no decurso dia noite, mas também no uso prolongado do espaço doméstico.



Por outro lado, a possibilidade de mutação física dos espaços da casa, através de leves ajustes e do deslizamento de portas e/ou paredes, estabeleceu o mote para a criação de um espaço, também ele, flexível. Se é verdade que a prévia distinção entre elementos estruturais e os elementos de separação espacial tenha permitido a concepção de uma arquitectura mais neutra e aberta a um uso adaptável do espaço, não é menos verdade que esta mesma distinção tenha permitido um enfoque especial no desenvolvimento dos leves elementos de partição espacial, na procura de um uso flexível do espaço.

26. Quadro comparativo entre funções e espaços na habitação ocidental e japonesa, Jorg Werner, 1993.

27. Exemplos de diferentes tipos de apropriação do mesmo espaço, Jorg Werner, 1993.

[36] WERNER, Jorg - "Adaptaciones Cotidianas" in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar, 1993, p.91









A compreensão da importância dos elementos de partição na evolução da arquitectura espacial japonesa fez com que fosse possível desenvolvê-los enquanto objectos capazes de regular a subdivisão espacial da casa. Situados segundo uma malha estrutural pré-estabelecida, shōji e fusuma [37] mostram-se essenciais, ora na definição de fronteiras espaciais, ora, por oposição, no estabelecimento da transição espacial no interior da casa.

"*Com espaços interiores de pequeno tamanho, a sua sensação de constrangimento, pode ser equilibrada com a possibilidade de abrir o interior da casa, a partir de uma manipulação espontânea da mesma, face à sua estrutura adaptável de origem*".[38] A possível manipulação física e o carácter dinâmico dos espaços vêm, desta forma, ao encontro do conceito de flexibilidade activa. Tal como é mencionado por Paiva [39], a concepção da habitação japonesa tem por base a criação de um espaço flexível, capaz de ser alterado de acordo com as necessidades momentâneas e/ou prolongadas de quem a habita.

Koji Yagi [40] reforça a ideia de que a simplicidade e flexibilidade reconhecidas na habitação japonesa residem principalmente na forma como os dispositivos de partição espacial actuam no transformação do habitar. As "*portas de correr, translúcidas e opacas, e uma variedade de divisórias amovíveis, fornecem ao espaço habitacional uma admirável versatilidade, oferecendo uma fácil e elegante forma de alterar o tamanho e a forma de uma divisão*".[41]

[37] Shōji - divisória ligeira corrediça em armação de madeira e papel de arroz translucido; Fusuma - divisória ligeira corrediça em armação de madeira e papel ou tecido opacos, com ou sem gravuras.

[38] PAIVA, Alexandra - Habitação Flexível: análise de conceitos e soluções. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2002. Tese de Mestrado, p.60

[39] IDEM, p.60

[40] YAGI, Koji - A Japanese touch for your home, 1a. Ed., Nova Iorque: Kodansha International Ltd.,1989.

[41] IDEM, p.

Não menos importante que o desenvolvimento de dispositivos de partição espacial, é a definição de um cariz modular dos espaços da casa. Na arquitectura do espaço nipónico, surgem um conjunto de "*zonas de uso neutro, com delimitações flutuantes, como u*ma *espécie de contínuo espacial*"[42]. Para definição destas zonas de uso neutro, destaca-se a introdução do *tatami*[43] no contexto habitacional japonês. A sua inclusão permitiu a estandardização e racionalização dos espaços na sua dimensão. Com isso, a concepção da casa assume um forte carácter modular, possibilitando, deste modo, a fácil manipulação das várias áreas da habitação. Cada espaço torna-se independente e capaz de incorporar largo número de funções.

Os temas da adaptabilidade e da flexibilidade parecem, desta forma, surgir como conceitos centrais à criação e desenvolvimento da habitação japonesa. Por um lado, um espaço doméstico que, pela racionalização do seu desenho e escassa definição dos seus espaços, potencia um uso variado da casa. Uma arquitectura à qual se reconhece domesticidade, mas que não se afirma pela exagerada caracterização ou pré-determinação espacial. Distancia- se do excessivo funcionalismo e, numa proposta passiva, oferece uma livre apropriação dos espaços. Por outro, uma casa que, através da transformação física do espaços, oferece a possibilidade de uma resposta mais adequada às necessidades dos habitantes. Uma habitação que, por meio de leves manipulações, facilmente se ajusta e oferece novas configurações espaciais. Assume-se uma estratégia de carácter activo, onde os leves dispositivos de partição espacial possibilitam uma fácil alteração dos espaços.

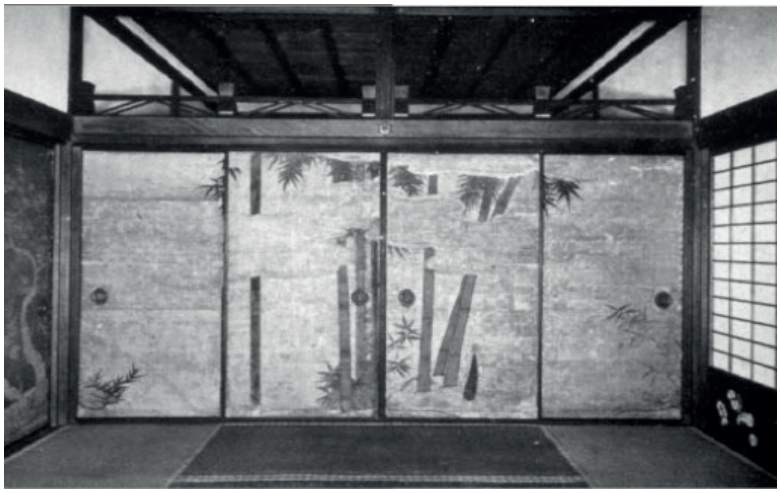
[42] PAIVA, Alexandra - Habitação Flexível: análise de conceitos e soluções. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2002. Tese de Mestrado, p.60, p.61

[43] *Tatami:* tapete ou esteira, usado vulgarmente como revestimento de piso

Face à continua necessidade de apropriação dos modelos habitacionais aos modos de vida contemporâneos, surge, assim, o interesse pelo regresso ao passado da habitação japonesa. Questiona-se a qualidade do espaço doméstico e o seu possível ajuste à sociedade contemporânea. Vê-se necessário o correcto entendimento do uma arquitectura, de um país, mas principalmente da história de uma cultura tão ímpar quanto a cultura nipónica.

28. Exemplo de transformação da configuração espacial na ampliação de divisões, Daikakuji Palace of Emperor Saga, Quioto (fechado)

29 Exemplo de transformação da configuração espacial na ampliação de divisões, Daikakuji Palace of Emperor Saga, Quioto (aberto)





*"(...) a arquitectura se ocupa da casa, da casa comum e habitual, para homens nor*mais*. Ela despreza os palácios. Eis um sinal dos tempos."* [44]

Le Corbusier, 2002

[44] LE CORBUSIER, Charles-Édouard Jeanneret-Gris - Por Uma Arquitectura, São Paulo: Perspectiva, 2002, XVII

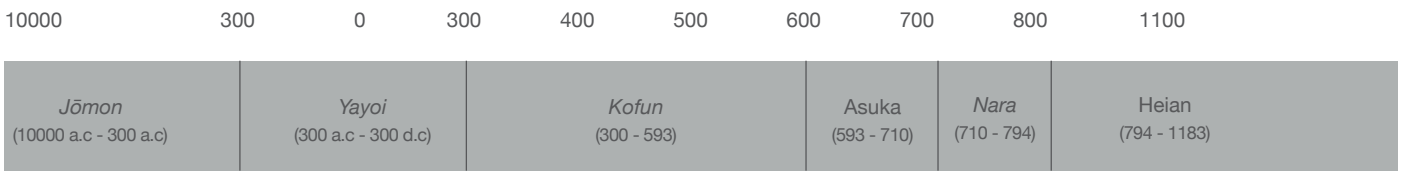
03 | A CASA E A CIDADE JAPONESA

O contexto Japonês - breve introdução histórica

Ao estudar-se uma cultura tão contrastante quanto a japonesa, é necessário entender-se inicialmente a forma como ela se organiza cronologicamente. No decorrer da sua evolução, de um ponto de vista cronológico e contrariamente ao que aconteceu no Ocidente, o Japão fica marcado por uma série de períodos históricos que reflectem, de uma maneira ou outra, diferentes fases do seu desenvolvimento. Para que se entenda a sequência de eventos que têm resultado directo no desenvolvimento da habitação e da arquitectura japonesa, parece pertinente enumerar cada um dos seu períodos.



30. Mapa do Japão, Tóquio.



O Japão, no que diz respeito ao seu longo processo de desenvolvimento, manteve desde *cedo* a dependência à sua matriz insular. Até ao período *Meiji* (1868-1912), o Japão conserva as suas fronteiras fechadas ao Ocidente. Tanto a nível cultural como arquitectónico, a sua evolução é autora de um grande sentido identitário. Contudo, grande parte das inovações introduzidas na sua arquitectura advêm dos escassos contactos com a Ásia continental, mas sempre por curtos períodos em que as relações, nem sempre amigáveis, possibilitaram a troca de conhecimentos. O Japão foi, desta forma, absorvendo saberes em variadas áreas do conhecimento. Exemplo disto mesmo é a introdução do *Kanji* na cultura japonesa - trazido e adaptado da China. No panorama arquitectónico, um dos principais elementos introduzidos é a elevação do piso, também ele herdado da cultura chinesa. Numa primeira fase, é usado na construção de templos e só no período *Edo* (1603-1868) começa a ser possível o seu vislumbre em algumas casas de campo.[45]

Desde os primórdios da sua história que o país, subdividido em inúmeros estados, se viu constantemente envolvido em guerras civis. Ao atingir-se a era *Yayoi* (300 a.c. – 300 d.c.) - quando se inicia o reinado de *Himiko* - começa a ser possível a unificação das 28 nações existentes até à altura, sob o nome de Yamatai. No final deste mesmo período, assumindo-se como um estado unificado, o Japão consolida-se enquanto Império e toma o nome de Yamato.

Dá-se entrada no período *Asuka* (510-710). Nesta altura promove-se o contacto com países do sudeste asiático, nomeadamente com a China e com a Coreia. São feitas reformas na organização e distribuição de poderes, nas quais contribui também a entrada do budismo no país. Retira-se poder à aristocracia e o Imperador assume um papel de maior impor-

31. Cronograma histórico do Japão

32. Introdução do *Kanji* no Japão, Empire of Signs, 1983.

33. Introdução do Budismo no Japão, Templo Tōdai-ji, Nara, Japão

34. Surgimento dos Samurais

[45] UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

1200	1300	1400	1500	1600	1700	1800	1900		2000
Kamakura (1183 - 1333)		*Muromachi* (1333 - 1603)		*Edo* (1603 - 1868)		*Meiji* (1868 - 1912)	Taishō (1912 - 1925)	Shōwa (1925 - 1989)	Heisei (1989 -)







tância no seio da sociedade. O clima de guerras, na luta pelo poder em várias partes do império, é, porém, uma constante. *Nara* é estabelecida como cidade capital do Império, e com isso inicia-se a também denominada era *Nara* (710-794). São intensificadas as relações com aquela que na altura se assume como uma das culturas mais avançadas da época, a cultura chinesa. Prospera a riqueza e ostentação nas classes sociais mais altas, facto que não se observa nas classes mais baixas. Pr*edo*minam as desigualdades sociais e prolongam-se a instabilidade e descontentamento do povo.

O Império encontra um estado de saturação. É feita a passagem da capital de *Nara* para Heian - hoje Quioto - altura em que se dá entrada numa nova era, com mesmo nome da então cidade capital, a era Heian (794- 1183). Ao corte das relações com a China junta-se a ambição de um regresso a uma imagem identitária nipónica. A família imperial vem nesta altura a perder algum do poder e destaque que até aqui tinha conquistado.

Perde a capacidade de sustento das próprias terras de cultivo, facto que é desde logo aproveitado por famílias mais poderosas, senhorios de classes mais altas ou mesmo pelos próprios monges budistas. Na procura pela manutenção das suas terras e com a ambição de pôr fim à instabilidade gerada, o Imperador envia forças militares especializadas para a defesa dos campos. Em resposta, a aristocracia forma uma força particular proveniente da recruta que é feita no seio dos seus clãs ou grupos sociais. Surge, deste modo, a classe dos samurais.

A queda do poder imperial é um marco no período que se segue, o período *Kamakura* (1183-1333). É a classe de samurais que beneficia com este facto, tomando posse de um governo, agora de poder repartido. Todavia, a sede pelo domínio absoluto e a instabilidade são realidades constantes na cultura nipónica e, numa luta entre os diferentes grupos de samurais, o poder fica entregue ao clã Genji, que estabelece novamente a cidade de *Kamakura* como capital.

Com o poder repartido, dá-se entrada no período dos shogun - guerreiros distinguidos pela confiança obtida pelo imperador. O poder fica dividido em dois governos, o do imperador e o do shogun. É introduzido o regime feudal, o país fragmenta-se e o poder distancia-se cada vez mais de um governo central.

No período seguinte, *Muro*ma*chi* (1333-1573), verifica-se novamente a transferência da capital, voltando esta a ser Quioto. Com o poder distribuído por feudos, estes vivem numa constante tentativa de derrubar o governo shogun. São inúmeras as guerras, e o shogun começa a perder cada vez mais o seu poder. É também nesta altura que se dá a chegada do povo português e dos jesuítas. Há a expansão do cristianismo e, por consequência, o decréscimo do poder das classes budistas.

O Japão, no então período *Edo* (1603-1868), ainda sob um sistema feudal, caracteriza-se principalmente pelo poder descentralizado, por uma economia baseada na agricultura de subsistência, pelo trabalho servil e pela inexistência de comércio. A capital é de novo alterada, desta vez para a vila *Edo*, hoje cidade de Tóquio.



35. Portugal e os Jesuítas no Japão, McMullen Museum, Boston College, Boston

Conhecido como o último shogunato, o governo assume como ambição principal o final das guerras e a obtenção da paz. Opta-se pela extradição dos povos estrangeiros e procede-se à expulsão de portugueses e espanhóis, que até à data se encontravam em território japonês. Mantém-se o contacto de aliança com a China e a Holanda, sendo que o último possui acesso restrito a Nagazaki. Os comerciantes ganham escala e importância, assumindo o papel de principais impulsionadores do crescimento e desenvolvimento das cidades. Em paralelo, a indústria desenvolve-se e dá origem a um período de fartura. A cultura passa a estar acessível ao povo em geral e o ensino passa a ser aberto a todos os que habitam a cidade. Intensificam-se as trocas comerciais e, com a pacificação interna do país, os samurais tornam-se opulentos. É o fim do shogunato e dos samurais.





36. Imperador Mutsuhito, conhecido pelo imperador *meiji*, tomou posse do Império aos 14 anos.

37. A destruição do país no pós Segunda Grande Guerra Mundial, Yosuke Yamahata, 1945.

O período *Meiji* (1868-1912), conhecido como o regime iluminado, fica principalmente marcado pela restauração *Meiji*. É neste período que se materializa o término do sistema feudal. Concretiza-se a unidade política do país. A abertura ao comércio internacional e o contacto com práticas ocidentais permite que o país se catapulte economicamente. É criado o Iene e o Banco do Japão, além de se estabelecer o ensino primário obrigatório, a centralização do poder e o fortalecimento do estado. É precisamente no período *Meiji* que a transformação urbana das cidades se começa a intensificar. Inicia- se um processo de unificação e transformação de áreas de uso agrícola para áreas de uso residencial.

Os problemas políticos foram destaque no período Taishō (1912-1925). Na busca de uma aproximação à realidade Ocidental, o Japão vai investir fortemente na industrialização e na afirmação em mercados internacionais. Caracterizado por um governo descentralizado e com ideias democratas, pretendia-se aqui o afastamento do imperador e a aproximação do poder ao povo. É também o período no qual o Japão se vê envolvido na Primeira Grande Guerra Mundial, ao lado dos seus aliados.

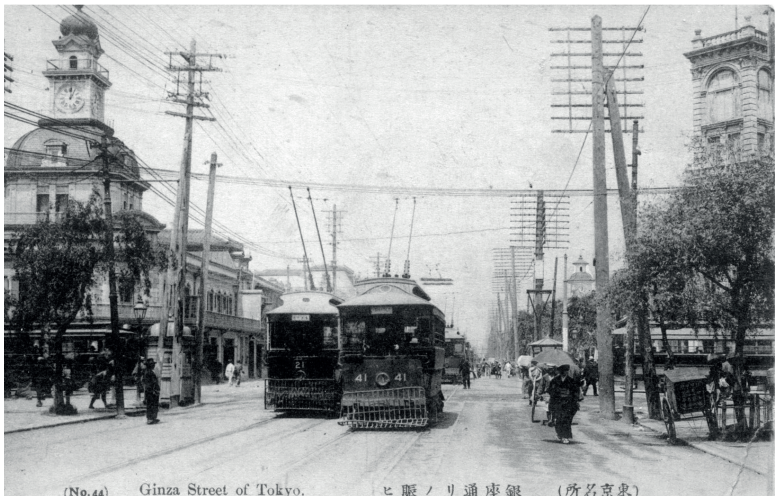
O período Shōwa (1925-1989) foi o mais longo de todos os reinados dos Imperadores japoneses. Fica principalmente marcado pelo entrada na Segunda Grande Guerra Mundial e pela ocupação do país por parte do EUA. A industrialização do Japão, que tem início no período *Meiji* e que se arrasta até aos períodos Taishō e Shōwa, tem efeito directo nas cidades japonesas levando-as a desenvolverem mais áreas comerciais e residenciais. Com a fuga das áreas rurais e a procura de melhores condições, as principais cidades japonesas densificam-se. É, desta forma, intensificado o povoamento dos subúrbios das grandes metrópoles nipónicas. As principais áreas urbanas crescem e questiona-se a capacidade de uma resposta mais abrangente, não em quantidade, mas em variedade.

O Japão é obrigado a modernizar-se. Efectuam-se a reestruturação e consolidação da sua rede viária e ferroviária. Os investimentos externos dos Estados Unidos e a intervenção económica do governo japonês, estimula e dá origem ao conhecido "Milagre Japonês" semelhante ao "*wirtschaftswunder*" da Alemanha Ocidental. Após a ocupação do seu território por parte dos EUA no final da Segunda Guerra Mundial e com apoio dos mesmos, no receio pelo contágio do comunismo asiático, o Japão, na década de 60, vai obter o crescimento médio anual mais alto do Mundo. A sua economia ascende e torna-se a segunda maior potência económica do mundo, atrás dos Estados Unidos. O impacto é directo. O país transforma-se, mas, sobretudo, transformam-se as mentalidades.

O Japão, reestruturado política e economicamente, actualmente ocupa o terceiro lugar na lista das maiores economias do mundo. O Homem, outrora habitante de áreas rurais, é, agora, um pessoa da metrópole. Destaca-se o desempenho de actividades laborais diferentes, mas, principalmente, o aparecimento de novas carências. As famílias crescem e a sociedade questiona agora uma resposta mais ampla e inclusiva. As cidades inventam-se, num crescimento desmesurado que nem sempre tem em conta o tempo necessário à adaptação de quem a vive. A diversidade, emerge, no extenso vocabulário de uma sociedade de ritmo acelerado. Impõem-se respostas mais abrangentes, numa escala urbana, capazes de lidar com as necessidades gerais da sociedade, mas, sobretudo, numa escala aproximada, capazes de lidar com as necessidades particulares de cada um.

38. Ginza, Tóquio, início séc. XX

39. Ginza, Tóquio, 2014.


(No.44) Ginza Street of Tokyo.



A Casa Tradicional Japonesa

Actuar sobre o tema da casa exige um perfeito entendimento do seu longo processo de evolução e desenvolvimento. Mais do que entender todas as fases e transformações que esta foi sofrendo, é necessário ter em conta a sociedade em que se encontra e consequentemente os hábitos inerentes à cultura em que se insere. Abordar o tema da habitação, numa cultura tão complexa e díspar quanto a japonesa, implica, por isso mesmo, o entendimento da existência de uma base de valores muito presente em qualquer que seja a intervenção. É, desta forma, necessário ter em conta toda a história e simbologia de uma cultura de regime Imperial que afectou e teve um papel preponderante no desenvolvimento e evolução da casa japonesa.



40. Esquiço, Casa de Campo, Tateyama, Japão

Enquadramento e breve contextualização histórica

Tal como descrito no capítulo anterior, no Japão, os períodos históricos têm uma relação muito próxima com o seu desenvolvimento arquitectónico e urbano. Ueda [46] começa por definir, em jeito de comparação com a definição feita por Le Corbusier, que se no Ocidente a história da arquitectura se faz em torno da luta pelo desenvolvimento do vão, por outro lado, no Japão a história se faz em torno da luta pelo desenvolvimento do pilar. A própria localização e o facto de ser um país de florestas, segundo o mesmo autor, caracteriza e explica, em muito, a identidade e desenvolvimento da sua arquitectura.

Não sendo uma realidade palpável e assumindo-se como elemento de difícil definição, a identidade de uma cultura arquitectónica ocupou, ocupa, e continuará a ocupar um lugar controverso relativamente à compreensão da sua evolução. É natural, por isso, que ao longo do tempo surjam definições ou interpretações distintas. Neste sentido, contrariamente ao que é mencionado por Ueda, Ashihara defende que a arquitectura japonesa se desenvolve em torno daquilo que o mesmo define como a "*arquitectura do chão*", em oposição com o que acontece no ocidente que descreve como a "*arquitectura da parede*".[47]
Tradicionalmente, a arquitectura japonesa tinha como principal preocupação o desenho do espaço em planta. A informação referente aos cortes ou alçados, era, desta forma, considerada supérflua para a sua construção. O desenho do chão, enquanto elemento isolado, adquire, por isso, um papel central na arquitectura da casa.

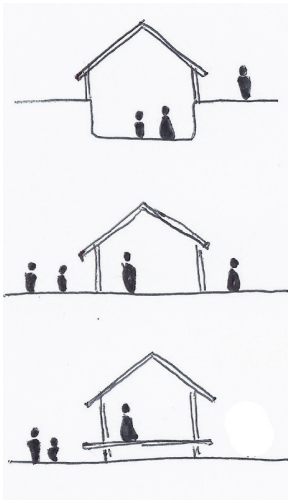
Apesar da sua interpretação se centrar na importância estrutural ao longo da evolução da arquitectura japonesa, Ueda[48] não descarta a importância do piso na habitação tradicional e identifica-o como elemento de grande relevância no seu desenvolvimento. De acordo com o tipo de piso considera três

[46] UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

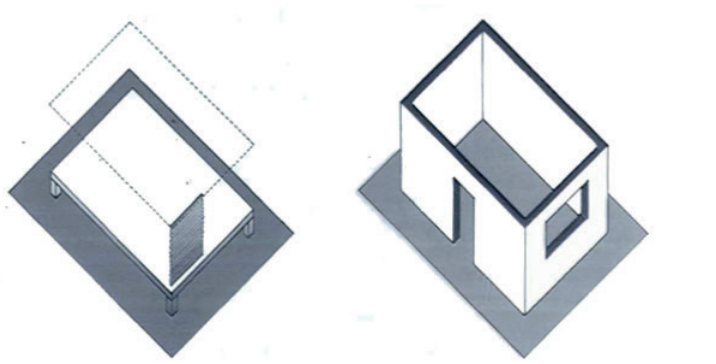
[47] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.36

[48] UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

modelos de habitação: a casa enterrada, a casa térrea e a casa de piso elevado. É na concretização deste terceiro tipo, no período *Meiji* (1868-1912), que se atinge aquele que, para o autor, é o ponto de estabilização da habitação tradicional Japonesa. Numa linha de pensamento idêntica, Takeshin[49] vem sustentar a importância do piso na realidade nipónica. Afirma que a arquitectura doméstica Japonesa só pode ser considerada como tendo alcançado sua realização plena, no período *Edo* (1600-1868), não com a elevação do piso, mas com o estilo de casas com três tipos de piso de linhagens distintas: o chão de terra, o soalho e o piso em esteiras *tatami*.



41. Esquema ilustrativo da comparação feita por Ashihara, Learning from the Japanese city: West meets East in Urban Design



Floor and wall.
The floor (singular) has been the main Japanese element to define 'inside' (left) while the walls (plural) have been the main elements to do likewise in the West (right). In the former, screens or blinds are hung to interrupt space. In the latter, holes are cut in the solids to establish connection.

42. Esquema dos três modelos habitacionais prospotos por Ueda

Contudo, é a fixação em torno do desenvolvimento estrutural da arquitectura nipónica que, nos períodos de *Asuka* e *Nara* (séc. VII e VIII), permite ser possível encontrar exemplos de uma divisão clara entre a estrutura de suporte e os leves elementos de revestimento e divisórias[50]. Esta mesma distinção veio permitir à arquitectura japonesa pensar e projectar as partições espaciais como elementos de carácter transitório – elementos que constituem, em grande parte, a sua identidade espacial. Desde então, uma "*evolução* mais *ou menos constante tomou lugar no sentido da construção de um espaço aberto e neutro no qual os conteúdos são facilmente transfor*mados *por meio de pequenas* manipulações". [51]

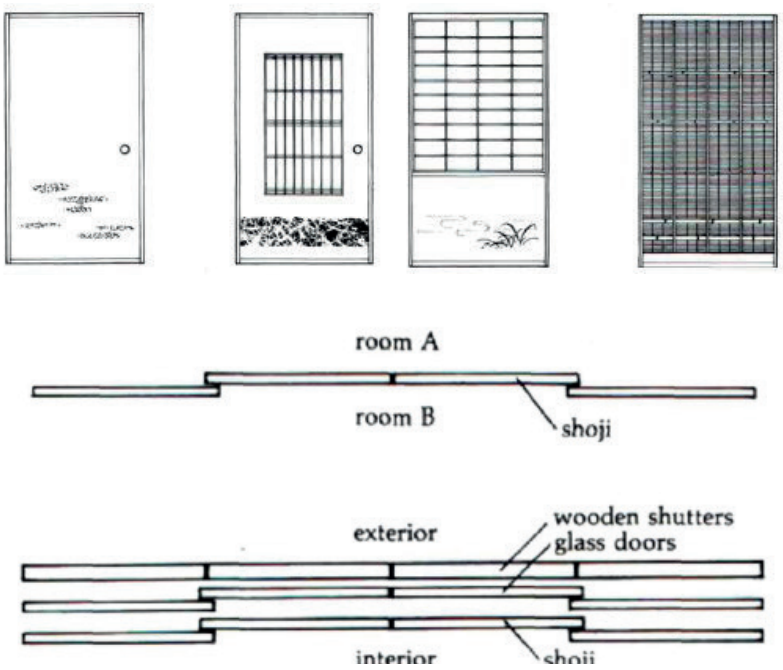
[49]TAKESHI, Nakagawa - The Japanese House in Space, Memory and Language,

[50]WERNER, Jorg - "Adaptaciones Cotidianas" in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar, 1993, p.91

[51]IDEM, p.91

Segundo Werner, a diferenciação entre elementos rígidos de suporte e elementos suaves de partição espacial define precisamente um ponto de partida na criação de uma arquitectura identitária nipónica.

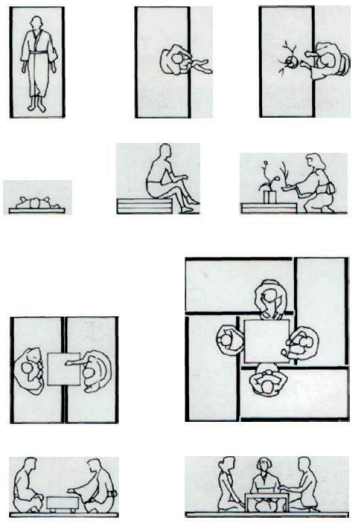
Na realidade, é na evolução conjunta da componente estrutural e do desenho do piso, no pensamento em discurso planificado, que a arquitectura japonesa se vai constituir. Porém, na normalização necessária ao dimensionamento do espaço, há um elemento que se vem afirmar como central ao seu desenvolvimento, o *tatami*. Tendo como função primária o sentar ou deitar, o *tatami* consiste num de tapete ou esteira, usado vulgarmente como revestimento de piso. É, numa primeira fase, introduzido com dimensões variadas e utilizado como elemento separado e movível. Posteriormente, passa a ser implementado segundo uma regra de 2:1 (90x1.80cm).



43. Exemplos de dispositivos de partição espacial: shoji e fusuma.

[50] WERNER, Jorg - "Adaptaciones Cotidianas" in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar, 1993, p.91

[51] IDEM, p.91



44. Esquema das diferentes utilizações do *tatami*

No final do século XVI, as plantas são cada vez mais marcadas por um maior número de partições e portas de correr. Essa tendência prende-se, principalmente, com o uso do *tatami* de parede a parede[52]. O seu aparecimento possibilitou a estandardização das dimensões da casa japonesa, assumindo que durante séculos o tamanho dos quartos, pilares e lintéis, bem como a sua estrutura tenham sido determinados pelas medidas do *tatami*.

Em paralelo, a estabilização das medidas do *tatami* e, consequentemente, da casa japonesa permitiu que na sua concepção o "*caráter e estrutura dos espaços se assumissem como unidades integrais*".[53]

Em The Making of a Japanese Architecture: 1868 to present, Stewart [54] afirma que, na definição destas unidades integrais, os limites e partições espaciais internas foram concebidas como elementos de separação de dois espaços adjacentes, ao mesmo tempo que mantinham possível a sua junção para a criar um espaço maior e diferente.

Segundo o mesmo, a arquitectura japonesa apresenta um processo de divisão espacial que evolui, subdividindo um vazio em unidades menores. Revela, desta forma, a sua proximidade com as ideias sugeridas pelo tema da "flexibilidade activa", abordado anteriormente, que se traduz na possibilidade de transformação imediata do espaço.

[52] TAKESHI, Nakagawa - The Japanese House in Space, Memory and Language, Tóquio: International House of Japan, Inc., 2005

[53] IDEM

[54] STEWART, David B. - The Making of a Modern Japanese Architecture: 1868 to present, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1987

No entanto, os "*espaços da casa japonesa parecem escassos de função, como áreas inabitadas, uma vez que não possuem atributos de uso específico*".[55] Enquanto no Ocidente a concepção da casa se faz através células isoladas com as suas correspondentes designações funcionais, as denominações japonesas expressam apenas a situação espacial dentro de casa, domínio público ou privado. Não há necessariamente a predeterminação do seu uso particular, sugerindo uma clara proximidade com os temas da "flexibilidade passiva", desenvolvido anteriormente, naquilo que é a adaptabilidade de um espaço quanto ao seu uso, sem a necessária transformação física do mesmo.

Em jeito de regresso ao passado, no que de verdade lhe parece pertinente no desenvolvimento do seu trabalho, Kuma [56] ressalta o desempenho que os elementos de separação espacial cumprem na tradição arquitectónica japonesa e o seu enorme potencial na produção contemporânea. Apesar de áreas limitadas, o uso destes sistemas permitiu a definição de uma forte identidade à sua arquitectura. Segundo o mesmo autor, estes permitem conferir ao espaço japonês um carácter "*aberto e flexível*", e sublinhar a sua forte ligação ao conceito de família patriarcal. Mais do que a dimensão construtiva, conceptual e constitutiva, a casa materializa a resposta às reais necessidades das pessoas. Numa sociedade em que a família adquiria um forte cunho colectivo, o espaço doméstico, do ponto de vista organizacional, reflectiu, ao longo da sua evolução, uma grande ligação com a ideia de colectivo. O desconhecimento de conceitos como a intimidade e a privacidade, foi por isso carácter marcado no próprio desenvolvimento e concepção espacial nipónico.

Ao que tudo indica, na restauração *Meiji*, com a abertura ao Ocidente e consequente contaminação cultural a que passou a estar sujeito, a arquitectura teve de se adaptar a novas circunstâncias de uma aparente ruptura com a sua identidade, levando à perda da flexibilidade espacial que a caracterizava.

45. Subdivisão dos espaços da casa por dispositivos de partição espacial fusuma e shoji, Katsura Imperial Villa, 2013

[55] WERNER, Jorg - "Adaptaciones Cotidianas" in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar, 1993, p.91.

[56] LIOTTA, Salvator-John; BELFIORE, Matteo - Patterns and Layering, Japanese Spatial Culture, Nature and Architectur, Die Gestalten Verlag, 2012.



Nos dias de hoje, assiste-se ao paradoxo de uma complexa e diversa sociedade japonesa - com valores culturais determinantemente marcados - envolta num crescente processo de globalização, onde o tema da habitação é tido como elemento central à absorção e manipulação externas. Citando Pereira [57], a casa, "*componente fundamental da cultura* m*aterial de u*ma *determinada sociedade e (...) território por excelência de expressão das particularidades identitárias e vivenciais dos indivíduos que nela coabitam*" congrega em si mesma a necessidade de se adaptar e de dar resposta às naturais transformações de uma sociedade e das formas de vida nela subjacentes. No panorama nipónico, a abertura ao ocidente, no início do séc. XX, e a consequente introdução de valores e conceitos, até agora desconhecidos, associada à crescente densificação das cidades que se assistiu no pós guerra e à necessidade de dar resposta à escassez habitacional, obrigou ao ajuste das mentes, mas principalmente a uma rápida adaptação dos padrões residenciais às exigências que agora surgiam.

No decorrer do último século, durante os períodos Taishō (1912-1925) e Shōwa (1925-1989), assiste-se a uma contínua perda da espacialidade identitária nipónica. Ao homem, de necessidades globalizadas, junta-se uma casa de resposta, também ela, globalizada. Perdem-se conceitos, termos, e a linguagem sigular estranha-se num contexto que agora se assume como universal.

Equaciona-se a real dimensão de uma cultura comum. Face a uma sociedade acelerada e transitória, nos modos de vida e no seu desenvolvimento, complexa e diversa, na sua composição e disposição, questiona-se a adequação do desenho e organização do espaço doméstico que hoje se propõe. Tal com refere Kuma [58], surge a necessidade de um regresso ao passado, da revisão de técnicas, de conceitos e artimanhas espaciais que no pensamento da arquitectura da casa levantem questões e deixem respostas às então necessidades do Homem contemporâneo.

[57] PEREIRA, Sandra Marques – Casa e Mudança Social, Lisboa: Ed. Caleidoscópio, 2010, p.315

[58] LIOTTA, Salvator-John; BELFIORE, Matteo - Patterns and Layering, Japanese Spatial Culture, Nature and Architectur, Die Gestalten Verlag, 2012.

Conceitos espaciais Japoneses

A casa, elemento central no desenvolvimento arquitectónico, compreende, em si mesma, o elemento mais vivo na evolução de uma dimensão espacial. Objecto em permanente análise por parte de quem a habita, esta apresenta-se como palco principal à exploração das mais variadas concepções espaciais. Numa cultura ímpar quanto aos seus ideais e à sua base de valores, impõe-se a compreensão dos conceitos espaciais que a acompanham ao longo da criação de uma arquitectura espacial. Na sua determinação enquanto linguagem, através da interpretação feita pelos mais variados autores, surgem como elementos que definem a noção de espacialidade conceitos como: o *Oku*, a noção profundidade; o Ku, a ideia vazio; e o Ma, o conceito de intervalo.[59] O entendimento dos três termos e da sua relação de interdependência vê-se, desta forma, necessário na compreensão do longo processo de desenvolvimento espacial japonês.

Oku

O uso do termo *Oku* na caracterização do espaço tem invariavelmente como premissa da ideia de "*okuyuki*", um conceito de profundidade - que se refere a uma distância relativa ou à sensação de distância dentro de um determinado espaço. Proveniente da filosofia budista, o conceito *Oku* (奥) faz referência a uma ideia de "área mais interna" ou "área intimista". Segundo Fumihiko Maki [60] o conceito *Oku*, para os japoneses, refere-se ao centro de um espaço concêntrico de alta densidade organizado em várias camadas - idêntico à estrutura orgânica de uma cebola.

Em muito relacionado com as suas limitadas dimensões insulares, o Japão depara-se, desde muito c*edo*, com uma densidade populacional bastante elevada. Ao longo do tempo, estabelece-se a ideia do espaço como algo denso e finito. É, por isso, incutida uma forte sensibilidade com o conceito de distância relativa dentro de uma área delimitada.

[59] NEIVA Simone Loures Gonçalves, RIGHI Roberto - "A cultura e o espaço urbano no Japão", in arquitextos, 2008

[60] MAKI Fumihiko - Japanese City Spaces and the Concept of *Oku*, in "The Japan Architect", 1979.

O *Oku* surge precisamente na era *Yayoi* (200 a.c. - 250 d.c.) com a migração das populações japonesas das montanhas em direcção às planícies face à crescente necessidade de produção de arroz. A montanha e o bosque, outrora zonas habitadas, abandonam a realidade quotidiana do povo nipónico. Tornam-se lugares distantes e inacessíveis aos comuns. Ganham, com o tempo, o estatuto de lugares sagrados e acabam por dar lugar a áreas religiosas, onde templos e mosteiros se vão estabelecendo o longo do tempo. No domínio do existente, o diálogo entre o que está visível e o invisível vem, desta forma, dar origem à noção de profundidade. Profundidade relativa ao que, estando presente, se torna distante pela impossibilidade do alcançar.

No espaço urbano japonês, *Oku* encontra-se directamente relacionado com ideias de lacuna ou vazio. Ainda assim, este é um vazio que se distingue daquele a ser considerado no conceito Ku. Neiva e Righi identificam o *Oku* como "*o avesso da centralidade ocidental, pois é oculto, encoberto e invisível (...) As camadas que se formam no tempo envolvem, escondem, protegem, dão profundidade e criam mistério em torno do vazio.*" [61] Segundo os mesmos autores, *Oku*, no contexto urbano, existe da relação formulada entre um vazio sagrado e a concepção natural de uma cidade que se ergue no tempo.

Maki [62], no que concerne à composição da cidade japonesa, reforça a ideia de contraste com aquilo que se pode observar no contexto ocidental. Afirma que no Ocidente, tende a identificar-se o centro citadino como a zona marcada pela presença da igreja ou da câmara municipal. O núcleo urbano



46. Vila tradicional Japonesa; o distanciamento entre a zona religiosa e a zona central da vila

[61] NEIVA Simone Loures Gonçalves, RIGHI Roberto - "A cultura e o espaço urbano no Japão", in arquitextos, 2008.

[62] MAKI Fumihiko - Japanese City Spaces and the Concept of *Oku*, in "The Japan Architect", 1979.

marca, desta forma, uma importância fulcral na vida e desenho da cidade.

Na realidade nipónica, reprime-se a procura por um destaque urbanístico. Parte- se em busca do vazio, do sagrado, o *Oku*. No tecido que se cria e revela a própria cidade, manifesta-se o sentido de profundidade, característica pre*do*minante no desenvolvimento da urbe japonesa. Tal como refere Atsushi Kitagawara, a impressão que a cidade japonesa nos transmite é a de que "*[...] à sua volta, aparecem várias coisas e acontecimentos,* mas *ninguém sabe do centro". U*ma *caminhada num qualquer bairro japonês pode simplesmente significar o atingir de um nada, o zero ou o vazio, o Oku.*[63]



47. O espaço Ku na criação da cidade, a configuração de um tecido que remete naturalmente para um sentido de profundidade, *Oku*,

[63] NEIVA Simone Loures Gonçalves, RIGHI Roberto - "A cultura e o espaço urbano no Japão", in arquitextos, 2008.

A sobreposição irracional de camadas que tão bem caracteriza a cidade japonesa, mostra por isso vontade de proteger e ocultar um centro sagrado. É o emaranhado que o protege que lhe dá sentido e não a forma como se ergue ou exprime enquanto imagem.

Oku é, desta forma, obtido no deambulatório de noções como distância, profundidade ou vazio. Faz referência ao centro como ausência física, à sua relação com o que o rodeia e à forma como, na sua inexistência, gere e se torna fulcral à vida e dinâmica espacial. Num sentido transversal, aplica-se tanto à concepção da casa como à concepção da cidade e mantém de perto a relação com o intocável ou inalcançável.

Ku

Até ao final do séc. XIX, a cultura japonesa não conhecia qualquer designação para a descrever o espaço arquitectónico e urbano ocidental.[64] No seu idioma tão pouco havia palavra que traduzisse a essência ou o conceito de "espaço". Somente ao dar entrada na era *Meiji* (1868-1912), aquando do contacto mais intensificado com o Ocidente, é então introduzido o conceito de espaço. A união dos caracteres "*ku*" e "*kan*" dão desta forma origem à palavra "*kukan*", que numa tradução literal significa "lugar vazio".

Por sua vez, no campo das artes, sem que fosse expresso por palavras, os japoneses c*edo* domi*nara*m o conceito de "espaço". O vazio materializa aqui a característica dominante e com o passar do tempo, foi-se implementando fortemente na mentalidade e cultura japonesas. De uma forma transversal, foi atingindo todo o tipo de manifestações culturais, desde a pintura e música à escrita e representação. Todavia, este aparente encanto e veneração pelo vazio só atinge o panorama urbanístico na era *Edo* (1603-1868). É precisamente

[64].NEIVA Simone Loures Gonçalves, RIGHI Roberto - "A cultura e o espaço urbano no Japão", in arquitextos, 2008.



48. O centro de Tokyo, o vazio na ausência de um centro.

a destruição do castelo de *Edo* que dá origem ao vazio e um dos factos mais intrigantes da configuração da cidade de Tóquio. Em contraste com as principais metrópoles ocidentais, o vazio criado pela destruição do castelo *Edo* conforma aquilo que é considerado na altura o centro de Tóquio.

"*A cidade que estou falando, Tóquio, oferece esse precioso paradoxo: ela possui um centro,* mas *este centro está vazio. Toda a cidade gira em torno de um lugar que tem tanto de proibido como de indiferente. U*ma *residência escondida debaixo de folhagens, protegida por valas, habitada por um imperador que nunca é visto, o que significa, literalmente, por ninguém sabe quem. Diariamente, nas suas rápidas e enérgicas trajectórias, os táxis evitam esse círculo, cujo o cume baixo, a for*ma *visível de invisibilidade, esconde o sagrado "nada". U*ma *das duas cidades* mais *poderosas da modernidade é, assim, construída em torno de um anel de muros opacos, canais, telhados, árvores e cujo próprio centro não é* mais *que u*ma *noção de vazio. Subsiste aqui, não para irradiar poder,* mas *para dar a todo o movimento urbano o apoio de seu vazio central, forçando o trafico a fazer um desvio per*ma*nente. Desta for*ma*, somos infor*mados*, o sist*ema *imaginário é espalhado circularmente, por desvios e retorna o comprimento de um sujeito vazio*".[65] Barthes destaca a presença do Palácio Imperial de Tóquio como responsável pela criação de um vazio naquilo que se refere ao seu centro urbano. Ao contrário do que se observa nas cidades ocidentais, para o povo japonês, o centro da cidade de Tóquio existe sem a necessidade de um claro marco visual que o represente.
Despreza-se o centro como elemento materializado, símbolo de poder e de organização, obtendo-se uma cidade que se difunde naturalmente a partir de um vazio, que não serve mais para dar tempo e espaço a que a vida da própria cidade aconteça.

[65] BARTHES, Rolland - Empire of Signs, New York: Hill and Wang 1983, p.26

Tal como referem Neiva e Righi [66], no Japão, "*o vazio e a profundidade são qualidades desejáveis na criação das artes e dos lugares, enquanto no ocidente a* materialidade *é u*ma *característica da composição espacial*". Como prova disto mesmo, na capital nipónica, a área outrora ocupada pela presença do castelo, é hoje devolvida à cidade segundo um vazio urbano, no qual uma manto verde de árvores de uma forma gradualmente oculta. Ku, na cultura Japonesa, e mais especificamente na concepção da cidade de Tóquio, traduz a criação simbólica do vazio como elemento de essencial à concepção e organização do espaço, e neste caso da cidade. Se no Ocidente, a qualidade material se sobrepõe em peso e importância na arquitectura do espaço, o vazio, no contexto nipónico, revela-se como objecto de maior autoridade e relevância na ordem espacial.

Ma

Ma (間) está intimamente relacionado com o conceito *Oku* e pode ser visto como contendo o conceito Ku. Inicialmente o caractere era composto pela junção do símbolo da "lua" (月月) sob o símbolo de "porta" (門門). Actualmente, a "lua" é substituída pelo símbolo do "sol" (日日). De um ponto de vista ideológico da cultura nipónica, este momento simbólico representado pela sobreposição dos caracteres, sejam eles a "lua" ou o "sol", expressam na perfeição o delicado momento em que a luz de uma ou de outro passa pela frecha de uma porta. Esta conjuntura transmite simultaneamente uma sensação de lugar, objectivo, e de tempo, de um ponto de vista mais subjectivo.

Segundo o dicionário, *Ma* significa "espaço". Todavia, Nitschke [67] atribuiu-lhe outro significado, afirmando que *Ma* exprime a ideia de "lugar".

[66] NEIVA Simone Loures Gonçalves, RIGHI Roberto - "A cultura e o espaço urbano no Japão", in arquitextos, 2008.

[67] NITSCHKE, Gunter - From Shinto to Ando: studies in architectural Anthropology in Japan, Londres, Academy Editions, 1995.

Tradicionalmente, na cultura japonesa a noção de "lugar" precede a ideia contemporânea do termo "espaço" como uma área perceptível e quantificável. Nitschke defende a sua definição como forma de contornar a acepção de *Ma* enquanto "espaço imaginário". Segundo o próprio, a definição feita por Itoh Teiji aborda simplesmente o aspecto subjectivo do termo Ma. Não faz, desta forma, justiça ao carácter físico e de uso que este representa. Pode assim dizer-se que *Ma* é o produto de espaço e tempo vividos, ao qual se associa um reflexo do estado mental e emocional associados.

No entanto, o conceito está também presente na relação entre espaços, ou na relação entre o espaço e as coisas. O espaço na cultura japonesa não é apenas físico, mas sim algo que engloba também o intervalo. Resulta da percepção humana do lugar, sendo que o seu entendimento implica a compreensão da sua essência, numa relação directa entre o objecto físico e um intervalo físico- temporal.

Ainda na obra "*From Shinto to Ando*", Nitschke[68] compara *Ma* ao espaço temporal que separa dois fenómenos, dois elementos contraditórios ou duas dimensões de naturezas diferentes. *Ma* não deverá ser entendido pela composição ou sobreposição de vários elementos, mas pela experimentação realizada por cada um nos intervalos compreendidos entre eles.

A palavra japonesa *Ma* significa "pausa" e dá uma ideia do espaço. Mantém bem presente o conceito de tempo e ao contrário do conceito ocidental, que tem uma conotação quantitativa, o termo japonês sugere uma percepção relativizada e sensorial do espaço. Este princípio está constantemente presente em muitos aspectos da cultura japonesa, da fotografia ao teatro, da música à arquitectura. Tal como Ku, *Ma* é por isso um conceito com um carácter imaterial extremamente subjacente.

[68] NITSCHKE, Gunter - From Shinto to Ando: studies in architectural Anthropology in Japan, Londres, Academy Editions, 1995.



49. O cinza do crepusculo e a aparente ausencia de tridimensionalidade, Ike no Taiga

Kurokawa [69] apresenta uma outra definição, afirmando que é "*rikyu grey*", ou "*filosofia de cinza*" o que melhor reflecte o conceito Ma.

Por "*rikyu grey*" entende-se uma tonalidade incolor, produzida pela combinação de várias cores que se anulam mutuamente. Em termos de cromáticos, obtém-se um cinza com um leve toque de verde, cor que ganhou enorme popularidade no Japão. Um mundo que Kurokawa reconhece no cinza do crepúsculo, quando, sugere as qualidades espaciais de Quioto. De resto, uma característica transversal às cidades japonesas. Uma aparente dissolvência de um tom monocromático em que parece perder-se toda a perspectiva e tridimensionalidade. Este autor refere ainda que o efeito dramático, em que um mundo tridimensional se transforma num mundo bidimensional, é algo impossível de experienciar em qualquer cidade ocidental.



50. Espaço da engawa, Katsura Imperial Villa, Quioto.

Na cultura japonesa, desde música à representação, ou até mesmo da pintura ao planeamento urbano, é possível encontrar-se este carácter bidimensional. É resultante de uma redução não sensorial e, de certa forma, intemporal de um mundo tridimensional para um mundo todo ele complanar. O palácio imperial Katsura em Quioto é um caso exemplar. Não existem pontos perspectiva definidos e o espaço é criado por uma sequência de planos. De uma maneira ou de outra,

[69]KUROKAWA, Kishō - Rediscovering Japanese Space, New York: Weatherhill, 1988.

esta percepção sensorial obtida através da fusão dos vários planos que é sugerida pelas cidades japonesas, remete para a criação de um espaço neutro.

Na casa tradicional japonesa, a engawa[70] acaba por ser a zona que traduz da melhor forma a criação deste espaço neutro. Faz a passagem do exterior para o interior doméstico. No entanto, não pertence a nenhuma das duas realidades, e funciona como espaço intersticial, intervalo que separa o espaço interior da habitação do espaço exterior à casa. O espaço vazio, que no conceito *Oku* se mostra pela obtenção de uma distância relativa dentro de uma área delimitada e pela obtenção de profundidade, e que no conceito Ku nos remete para espaço que não conhece tridimensionalidade, um espaço não quantificável, um vazio absoluto, adquire no conceito *Ma* a percepção de um espaço, ao mesmo tempo físico e temporal que separa dois momentos distintos sejam eles de que natureza forem, o intervalo.

Tatami e o chão na casa Japonesa

"*O chão/piso (singular) tem sido o principal elemento japonês que define "interior", enquanto que, no Ocidente são as paredes (plural) têm sido os principais elementos que definem "interior""*".[71] Retoma- se a relevância da observação feita na introdução à casa japonesa, onde Ashihara [72] defende a obtenção da arquitectura tradicional japonesa no seu desenvolvimento em torno daquilo que o próprio chama a "arquitectura do chão". Entende-se que, na tradição construtiva Japonesa, o desenho projectual tenha como intuito o desenvolvimento do piso em planta, na qual o mestre ou carpinteiro iriam trabalhar. Cortes ou alçados são considerados supérfluos para a construção do mesmo. A importância e atenção é desde logo centrada no desenho do chão da casa enquanto elemento isolado.

[70] Engawa: denominação utilizada para o espaço da varanda; é o espaço que se estabelece como primeiro momento de passagem do exterior para o interior doméstico; é um espaço de fusão entre o mundo exterior e o mundo interior, estabelecendo-se enquanto extensão de um ou de outro; marca em grande parte dos casos uma primeira zona de entrada na casa Japonesa e assume-se na maior parte dos casos como um espaço de transição secundário.

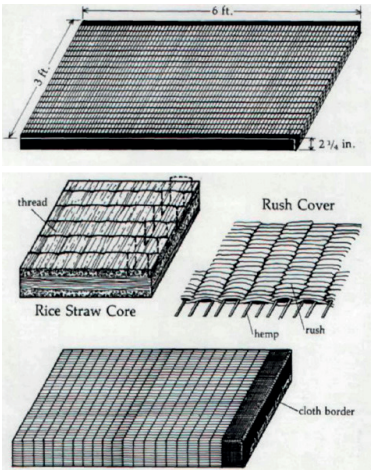
[71] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.37

[72] IDEM, p.36

Por outro lado, a sua importância na arquitectura japonesa é também sublinhada pelo tratamento e uso que lhe é dado. Numa superfície que durante séculos serviu para sentar, dormir e dar resposta a um alargado número de actividades da vida diária de uma família, surge a necessidade de restringir o contacto de qualquer tipo de calçado a ser usado no exterior. É na percepção desta particularidade que sobressai a importância da criação da *genkan*. Área que marca a entrada na habitação Japonesa a *genkan*, estabelece-se como espaço intermédio, coberto, onde são descalçados e deixados os sapatos, mas, sobretudo, como espaço que celebra o momento em que se faz a passagem entre o exterior e interior da habitação. Configura, talvez, a fronteira mais clara na casa japonesa. Determina a clara distinção entre as duas dimensões e opera como elemento de divisão entre o "chão da rua" e o "chão da casa".

No entanto, nenhum elemento exprime de forma tão clara a relevância que o chão adquire no desenho e vivencia da habitação japonesa quanto o *tatami*. É talvez o elemento que mais sobressai quando se cita a casa japonesa.

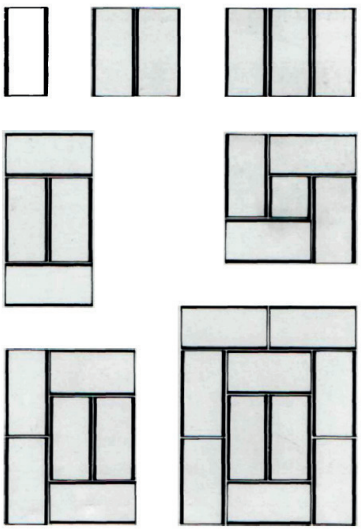
Tal como já foi referido anteriormente, o *tatami* tem como principal função o revestimento do piso na arquitectura tradicional japonesa. Porém, nem sempre foi assim. Como anteriormente mencionado aquando da introdução à casa japonesa, o *tatami* e a forma como é usado vai sofrendo inúmeras de alterações com o decorrer dos anos. O tapete macio de palha de cor clara, delimitado geralmente em torno do seu comprimento por um pano escuro, normalmente padronizado, é inicialmente introduzido no decorrer do período *Nara* (710-794) como elemento móvel e de dimensões ainda variadas. O primeiro nome que lhe é atribuído é *okitatami*. Encontra-se como seu significado literal "*cama de dimensões normalizadas, coxim ou almofada para sentar, revestimento de piso*".



51. *Tatami* na sua constituição.

Segundo Ueda [73], no período Heian (794 -1185), o *tatami* começa a ser possível observar-se a sua utilização em quartos do estilo shinden. São nesta altura utilizados separadamente sobre o chão de madeira. Tendo por base uma medida tradicional japonesa, o shaku, estabelecida a regra de 2:1 e são normalizadas as suas dimensões segundo uma razão de 3x6 shakus. Na correspondência em que 1 shaku equivale a 30 centímetros, é encontrada a medida de 90x180cm.

Com a entrada no período *Kamakura* (1185-1333), o *tatami* é introduzido como forma de revestimento de piso em torno do perímetro das divisões, Oimawashi.[74] Despertando a atenção nas classes mais altas da sociedade japonesa, o *tatami* era nesta altura usado e apreciado pela nobreza e pela respeitada classe dos samurais. Enquanto estes dormiam sobre *tatami*, a plebe japonesa fazia-o, ainda, sobre uma superfície de uma simples camada de palha.
Já em meados do séc. XVI, final do Muronachi (1333-1573), as plantas de casas são cada vez mais marcadas por uma tendência de um maior número de partições, a introdução portas de correr e por uma crescente preocupação com a decoração de interiores. Ao mesmo tempo, o *tatami* começa então a ser usado como pavimento de uma área inteira de um compartimento.[75]
Zashiki é o termo japonês usado para descrever um espaço em que o seu piso é inteiramente coberto por *tatami*. Em muito relacionado com o princípio da sua utilização, a sua tradução literal pode ser “quartos para sentar”.



52. *Tatami* na configuração dos espaços da casa

O tamanho dos espaços e divisões da habitação japonesa, até então de proporções arbitrárias, passam, nesta altura, por um processo de normalização. As suas áreas começam a ser determinadas pelo número de *tatamis* que conseguem suportar. À compreensão do seu carácter constitutivo, alia-se a sua capacidade de dar forma e dimensão. O *tatami* assume-se, desta forma, como elemento fulcral à configuração espacial, introduzindo regra, não só na sua dimensão, mas sobretudo na sua constituição e configuração.

[73]. UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

[74] IDEM.

[75] TAKESHI, Nakagawa - The Japanese House in Space, Memory and Language, Tóquio: International House of Japan, Inc., 2005.

É ainda por esta altura que se desenvolve o estilo shoin. Ao mesmo tempo em que na Europa se assistia ao renascimento, no Japão surgia o estilo que melhor representa aquilo a que hoje designamos de "arquitectura tradicional japonesa". Evoluindo como uma espécie de cruzamento híbrido entre templos budistas e os quartos formais característicos das casas de samurais, o estilo shoin era não só marcado pelo uso generalizado do *tatami* enquanto pavimento das suas divisões, mas também pelo uso de divisórias leves shōji ou fusuma, pelo uso de pilares de perfil quadrado e pela tendência dos tectos em forma de caixotão.[76] O *tatami* atinge, aqui, um ponto de viragem no seu desenvolvimento. O uso generalizado nas casas das classes mais altas, possibilita as primeiras explorações no desenvolvimento de uma arquitectura mais aberta e flexível quanto à sua dimensão espacial.

No final do período *Edo* (1603-1868), mas principalmente durante o período *Meiji* (1868-1912) o *tatami* começa a ser encontrado nas casas da plebe. Deixa de ser elemento característico das casas da elite social da época e rapidamente se torna parte integrante de cada casa comum.

Com o processo de ocidentalização e no decorrer do último século, os interiores japoneses deram lugar a casas mais ocidentalizadas.

Nos dias de hoje, muitas casas têm apenas um quarto em que é utilizado o *tatami*. É vulgarmente conhecido como quarto de estilo japonês ou washitsu. Embora tenha sido introduzida uma grande quantidade de mobiliário ocidental, de carácter mais fixo, ainda é comum o uso do *futon* [77] para dormir sobre as esteiras de *tatami*.

Apesar do declínio no seu uso, o *tatami* é ainda uma parte essencial na identidade espacial japonesa. Mais do que identitário, o *tatami* tem uma grande influência na estandardização do espaço japonês. Permite determinação de proporções espaciais, mas principalmente a definição de unidades modulares na casa

[76] UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

[77] Futon: colchão fino facilmente dobrável quando não está em uso.

japonesa. As partições criadas através destas unidades modulares, seja pelo seu carácter ambíguo, seja pela possibilidade de associação entre ambas no contexto de casa, vêm reforçar a possibilidade de uso variado do espaço doméstico.

Partições e unidades transitórias

Em *The Japanese house, in space, memory and language, Takeshi*[78] define "partição" como os elementos que existem na fronteira entre dois espaços adjacentes. Uma parede, segundo a definição ocidental, dificilmente será entendida como elemento de partição. Partição é algo que ora separa, ora estabelece a conexão entre dois espaços vizinhos. Algo que permite a transição entre duas áreas da casa, mas que ao mesmo tempo as torna independentes.

Ao passo que no Ocidente o espaço se constrói e limita por paredes de matéria grossa e pesada, no Japão a construção de uma dimensão espacial é obtida pela sobreposição de planos bidimensionais. A arquitectura do espaço é, deste modo, conseguida pelo uso de dispositivos leves de natureza fixa e/ou móvel.

Talvez pela sua localização geográfica, em que se afirma como um território limitado em matéria prima, o Japão teve, ao longo da sua história, de se adaptar à sua realidade e criar, por isso, a sua própria arquitectura.
Numa abordagem que se foi adaptando e melhorando ao longo dos anos, e numa clara distância ao discurso ocidental, foi sendo possível dar resposta às necessidades primárias de protecção e conforto. Tal como foi referido anteriormente, Werner menciona que, ainda nos períodos de *Nara* (710 – 794) e Heian (794 – 1183), é possível identificar-se uma distinção clara entre a estrutura rígida de suporte e os leves elementos de revestimento e divisão espacial. Parece ser precisamente esta busca constante pela definição de uma estrutura resistente de suporte independente a razão fundadora para a existência dos elementos de partição espacial.[79]

[78] TAKESHI, Nakagawa - The Japanese House in Space, Memory and Language, Tóquio: International House of Japan, Inc., 2005.

[79] WERNER, Jorg - "Adaptaciones Cotidianas" in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar 1993, p.91

Em *Patterns and Layering: Japanese Spatial Culture,* Kengo Kuma [80] descreve o papel que o conceito de estratificação espacial e os dispositivos de partição espacial desempenham na tradição arquitectónica japonesa e o seu enorme potencial na produção contemporânea. Segundo o autor, apesar das dimensões normalmente reduzidas, o uso destes sistemas permitiu enraizar um forte sentido espacial à sua arquitectura. Atribui-se uma organização espacial sistemática e um sentido de abertura e relação mais próxima entre o interior e o exterior.[81]

Os dispositivos então criados, vêm a ser denominados na cultura japonesa por *kyokai*. Possuem normalmente um variado tipo de funções associadas, como a filtragem de luz, a interrupção de pontos de vista, ou a sua utilização como simples barreira sonora. Em *Kyokai - A Japanese Technique for Articulating Spaces*, ao analisar a sua potencialidade na arquitectura contemporânea japonesa, Kengo Kuma [82] ressalta as possibilidades que eles trazem no controlo das divisões espaciais, isto é, promovendo uma arquitectura que pode subtilmente ajustar as relações entre os seres humanos, entre os seres humanos e as coisas, entre as coisas humanas e a natureza. Uma arquitectura que não é egocêntrica nem escultural, que não se auto-afirma formalmente, mas sim uma arquitectura de relações.[83]

Por sua vez, aos espaços compreendidos pela partição espacial, é- lhes atribuída a dimensão de unidades modulares. Entende-se desta forma, que na formalização e concepção dos vários espaços da casa, com base numa estrutura desenhada segundo uma grelha previamente dimensionada, estes se apresentam segundo módulos espaciais de carácter transitório. Associado às características inerentes aos *kyokai*, os espaços por eles compreendidos ganham uma dimensão superior. Assumem um carácter neutro e independente, mas capaz de se lhe conferir domesticidade, ao mesmo tempo que manifestam uma relação de interdependência com os restantes espaços da casa.

53. Organização espacial sistemática e o sentido de abertura com o exterior, Katsura Imperial Villa, 2013.

[80] LIOTTA, Salvator-John; BELFIORE, Matteo - Patterns and Layering, Japanese Spatial Culture, Nature and Architectur, Die Gestalten Verlag, 2012.

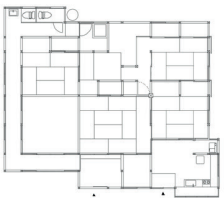
[81] IDEM.

[82] KUMA, Kengo - *Kyokai* - A Japanese Technique for Articulating Spaces, Tóquio, Tankosha Publishing, 2010.

[83] IDEM.

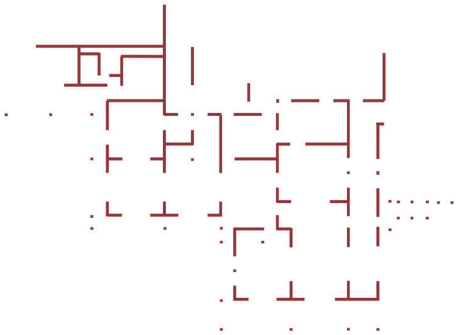


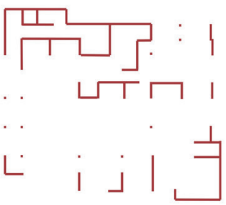

A83636

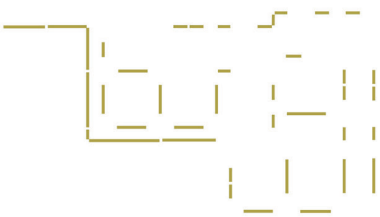


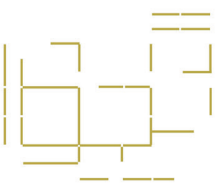

A83636











"*Em contraste com os espaços da casa ocidental, determinados funcionalmente pelo mobiliário que contêm, os espaços na casa japonesa parecem escassos de função, como áreas inabitadas, já que não possuem atributos de utilização específica. Como é possível, determinar funções de uso com base em tais condições esboçadas?*"[84] O comum ocidental, tende a atribuir uma função a cada espaço pelo mobiliário que nele se encontra. Por oposição, no Japão, o facto do mobiliário japonês ter um carácter mais móvel e transitório, no que concerne ao seu uso, permite que a função de cada espaço lhe seja atribuída de uma forma mais livre. Isto é, os espaços, escassos de uma caracterização específica quanto à sua utilização, tendem a permitir o uso flutuante da casa.

Se no Ocidente os espaços se baseiam em unidades isoladas, com designações únicas correspondentes a cada uma delas, no Japão, as designações referentes a cada divisão "*expressam apenas a situação espacial dentro da casa com nenhu*ma *indicação quanto ao seu uso específico*".[85]
Tal como refere Werner, as células ou espaços ocidentais de uso pré-determinado encontram o seu contraponto na arquitectura japonesa. As unidades de uso neutro e diferenciado com "divisões flutuantes" actuam, aqui, numa criação de um espaço contínuo. "*Não há, esque*ma *rígido predeterminado. Os espaços são diferenciados de u*ma *for*ma *imperfeita, desde o início, para que futuras variações sejam indiferentes*".[86]
Os módulos neutros e de certa forma indeterminados, vêm possibilitar um aproveitamento oscilante dos vários espaços casa. Habitar, ganha aqui um sentido distinto, complexo e mais abrangente. A espaço doméstico deixa de responder a uma necessidade ou família únicas e vem propor um número mais alargado de respostas a uma sociedade variável e heterogénea na sua composição.

54. Diagrama exemplificativo da partição espacial na configuração de dois casos de estudo. À esquerda Katsura Imperial Villa; à direita Kaiabuki Gonjiro

[84] WERNER, Jorg - "Adaptaciones Cotidianas" in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar 1993, p.91

[85] IDEM, p.91

[86] IDEM, p.91

Layering e o limite na casa Japonesa

Quando anteriormente se mencionou no conceito espacial Ma, foi feita referência a uma característica que se acredita transversal às cidades japonesas. Promovido pela própria forma como são construídas, numa aparente sobreposição de planos, há uma manifesta transformação do mundo tridimensional num mundo bidimensional. Porém, é algo que parece comum a várias áreas da cultura japonesa. Na passagem da escala da cidade para a escala da casa, a lógica construtiva do espaço mostra-se semelhante. Constrói-se a partir da sobreposição de elementos de partição espacial de natureza leve, que tal como acima referido, se opõe ao que é constatado no ocidente, onde as paredes se caracterizam como elementos compostos por matéria pesada. Já quanto à definição do carácter espacial, segundo Shelton [87], esta é dada pelo construção do chão/piso da casa.

Tal como foi previamente citado, Kuma [88] destaca a importância que os elementos de partição e o conceito de estratificação espacial desempenham na arquitectura japonesa. Sublinha que são precisamente estes elementos os factores responsáveis pela atribuição de uma identidade ao espaço japonês.

Por outro lado, é na compreensão da relação entre os elementos de partição espacial com própria distribuição dos vários espaços da casa que surge uma das premissas fundamentais à construção do espaço japonês. A relação, que se ambiciona próxima, entre o interior e o exterior. Esta proximidade entre interior e exterior na arquitectura japonesa é mantida desde muito *cedo*, como forma de preservar uma relação mais íntima entre o construído e a natureza. A arquitectura japonesa desenvolve por isso mesmo, e em torno desta forte ligação, um conceito muito sensível de limite. Capaz de promover a ligação entre o artificial e o natural, mas ao mesmo tempo de estabelecer uma separação saudável entre eles.

[87] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.36

[88] KUMA, Kengo - *Kyokai* - A Japanese Technique for Articulating Spaces, Tóquio, Tankosha Publishing, 2010.

Para além desta premissa, à volta da qual o habitar japonês se foi desenvolvendo, o carácter constitutivo e construtivo das coisas foi outro factor que teve influência directa no seu processo de evolução. A natureza geológica japonesa foi revelando ao longo do tempo uma enorme instabilidade sísmica. A preocupação por dar resposta a esta instabilidade, associada a uma vontade maior pela obtenção de uma arquitectura leve e sensível ao ambiente que a rodeia, levam ao rápido desenvolvimento de estruturas resistentes em madeira, mantendo, simultaneamente, um interior doméstico aberto e livre. A especial atenção dada ao sistema estrutural pilar/ viga que, tal como referido anteriormente, vem permitir, desde muito c*edo*, a obtenção de uma divisão clara entre a estrutura rígida de suporte e os leves elementos de revestimento e divisão espacial.[89]

Reforça-se a ideia da criação de um espaço livre e flexível. Os *kyokai*, referidos anteriormente, vão então acrescentando diferentes graus de intimidade. Na leitura da sequência de espaços que vão sendo criados, e tendo presente o conceito *Oku*, o espaço japonês vai-se estabelecendo segundo uma sucessão de camadas ou layers. Porém, a criação das mesmas não depende apenas da utilização dos simples elementos de partição espacial para a atribuição de diferentes graus de intimidade. Podem, por outro lado, ser concebidas segundo uma dimensão espacial.



55.Layering Espacial, Katsura Imperial Villa, 2013.

[89] WERNER, Jorg - “Adaptaciones Cotidianas” in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar 1993, p.91

Tal como refere Sá [90], a articulação espacial japonesa é, por assim dizer, feita desta livre transição que se propaga por todo edifício. Em contrapartida, deixa em aberto a definição entre exterior e interior, ou mesmo entre privado e público. É o entendimento do carácter dúbio inerente a estas camadas, que leva à compreensão do limite da casa japonesa. Ao contrário do que acontece no ocidente, pode, muitas vezes, explicar-se por uma sucessão de espaços. No que concerne à sua definição, nem sempre se mostra como uma fronteira específica entre a casa e a rua, mas é, regularmente, estabelecido segundo uma passagem gradual de camadas de intimidade.

Na concepção da casa japonesa, há, desta forma, espaços os quais não se lhe conferem uso especifico na reposta à vida do interior doméstico. Nela, existem enquanto espaços intersticiais, de controle, limite e transição espacial da habitação. É o caso da engawa, espaço intermediário na casa japonesa, que, numa tradução literal, se explica como sendo a varanda da casa.



56. Sucessão de camadas na marcação da transição entre o exterior e interior da habitação; indefinição de um limite específico, Katsura Imperial Villa, 2013.

[90] SÁ, Vitor – Boundaries in Architecture: The Japanese Transitions. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2013. Tese de Mestrado, p.15

Na realidade, a sua função implica muito mais que isso. É esta que estabelece muitas vezes o limite entre exterior e interior, ou que, por outro lado, permite a transição entre o jardim e os espaços da casa. Pode também funcionar como extensão de alguns espaços da casa, ou, em oposição, corresponder à extensão do jardim para interior da casa, numa visão mais romântica da leitura do espaço. Muitas vezes é entendido enquanto um segundo elemento de transição aos vários espaços da casa. Pode mesmo permitir o acesso directo ao espaço de entrada da casa ou até mesmo ser tido como a entrada da mesma.

A *genkan* [91] consiste noutro exemplo de espaço intermediário da casa japonesa. Tal como a engawa, esta estabelece um papel de grande importância no desenho e uso da casa japonesa. Determina o principal momento de transição entre o exterior e o interior da casa. Porém, o seu carácter intersticial, não permite a denominação especifica. Nesta, descalçam-se os sapatos e faz-se a passagem do mundo "sujo" para um mundo "limpo" do interior doméstico.

Marca o principal momento de transição entre a rua e o interior da habitação. Pode estar em contacto directo com um, dois, ou mais espaços da casa, e estabelece, na maior parte das vezes, a ligação com a engawa. Recria um momento de penumbra, de introspecção, carregando consigo a importância da preparação para a entrada no interior doméstico.[92]

Em *Boundaries in Architecture*, conforme afirma Sá , as *layers* que configuram a casa japonesa podem adquirir um carácter físico ou não físico. As de carácter físico são as que saltam desde logo à vista. São elas que impõe, inicialmente, uma clara divisão dos espaços. Podem ir desde as paredes hei, de uma materialidade inevitavelmente mais robusta, às simples portas de correr de papel de arroz shōji. Contudo, o papel que desempenham enquanto dispositivos de separação espacial vai ser obrigatoriamente diferente. No que diz respeito às paredes hei, estas impõem, pela sua essência, a

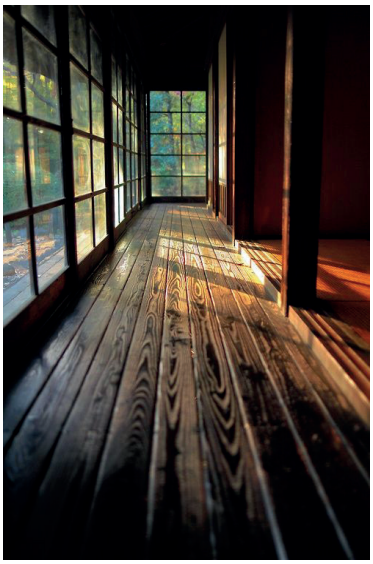
[91] Genkan – Espaço que demarca o espaço de entrada na casa Japonesa

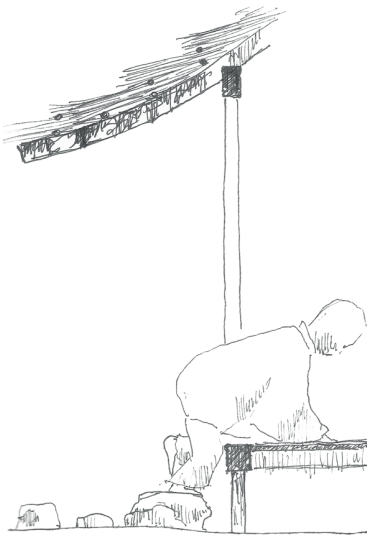
[92] SÁ, Vitor – Boundaries in Architecture: The Japanese Transitions. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2013. Tese de Mestrado, p.15

ideia de intransponibilidade. Estabelecem uma barreira clara entre exterior e interior, ou mesmo entre diferentes espaços da casa, criando uma barreira física que interrompe sonora e visualmente. São todavia de uma materialidade notoriamente diferente daquela que se reconhece numa parede ocidental. De carácter mais leve, estas são geralmente compostas por uma estrutura de cana de bambu coberta de uma argamassa que resulta da mistura de terra e palha.

Por sua vez, as portas de correr de papel de arroz shōji, são de uma natureza mais frágil. São usadas como elemento de divisão espacial mas carregam consigo um forte carácter transitório. Permitem uma subtil comunicação visual permanente, bem como a passagem de luz. Por outro lado, não estabelecem a insonorização completa dos espaços. Compostos por uma armação em madeira coberta de papel de arroz por um ambos os lados, são sem duvida elementos mais frágeis que as paredes hei. Quando abertas têm a função clara de portas, deixando que a comunicação se faça entre os diferentes espaços da casa. Quando fechados funcionam como paredes translúcidas.

Ainda assim, na configuração da casa japonesa, surgem elementos de separação espacial sem propriedade física, os quais não se podem tocar. Têm normalmente o intuito de separar e demarcar limites de privacidade. Conceptualmente, são elementos de cariz mais sensorial do que material. Numa caminhada em direção ao interior doméstico é, por isso, possível identificarem-se elementos abstratos responsáveis pela gradação de intimidade e caracterização dos próprios espaços. Um destes elementos, e possivelmente o mais importante, é a sombra. É talvez o elemento que melhor caracteriza a arquitectura japonesa.





57. Espaço da *engawa*

58. Cobertura estendendo-se sobre a *engawa*

Provavelmente por isso mesmo, surge como título e assunto à volta do qual se desenvolve a obra de Junichirō Tanizaki [93], O elogio da sombra. Nesta, é enfatizada a importância que sombra tem na definição dos espaços da casa. Numa experiência única, à chegada a uma casa tradicional japonesa, a cobertura apresenta-se normalmente como um elemento que se estende sobre o espaço da varanda, a engawa. Cria um primeiro espaço de ensombramento que acentua desde logo a definição de um limite à casa. À medida que se percorre a casa, o nível de sombreamento vai sendo intensificado em cada espaço. As próprias portas de correr em papel de arroz shōji, pelo facto de serem translúcidas, são também responsáveis pelo acentuar da sombra e consequentemente pelo intensificar do grau de intimidade de espaço para espaço. Na opinião de Tanizaki, a beleza da casa japonesa está inteiramente ligada com a introdução do factor sombra. “Se não fosse pelas sombras, não haveria beleza.” [94] Mais do que uma mera qualidade estética, a sombra é responsável por conferir identidade muito própria a cada espaço. Controla e ajuda a definir cada um deles, não só numa dimensão espacial, mas também na atribuição de um uso e no estabelecimento de relações entre os vários espaços da casa.

Como uma resposta a uma sociedade profundamente alterada, é hoje aconselhável um processo de redescoberta do passado. Na opinião de Kuma[95], a estratificação espacial e a criação de espaços intermediários, que em muito se relaciona com os conceitos anteriormente falados, é uma possível ferramenta na busca pela casa de hoje.

Podem fornecer pistas para uma reviravolta no pensamento e investigação arquitectónica contemporânea. O entendimento e metabolismo de conceitos do espaço tradicional japonês, aplicados na concepção de uma arquitectura contemporânea poderão indicar uma resposta mais adequada à presente sociedade. O layering e o limite apresentam-se, desta forma, como possíveis ferramentas à criação de espaço que se espera mais adequado ao Homem actual.

[93] TANIZAKI, Junishiro - In Praise of Shadows, Tóquio: Tuttle Publishing, 1977.

[94] IDEM, p.33

[95] KUMA, Kengo - *Kyokai* - A Japanese Technique for Articulating Spaces, Tóquio, Tankosha Publishing, 2010.

A casa Japonesa em tipologias

Estudar a casa Japonesa, tal como estudar a casa Portuguesa ou a casa tradicional de qualquer outro país, não possibilita encontrar ou definir uma única tipologia de habitação. Tendo em conta a sua distribuição geográfica, várias tipologias surgem como resposta a diferentes realidades e fins. Uma linguagem cultural comum surge, porém, como fio condutor e matriz de fundo para o desenvolvimento de um conceito de habitar único.

Interessa perceber-se que num primeiro nível, e ao longo do tempo, há a presença constante do factor social no desenvolvimento dos modelos habitacionais. A divisão entre os modelos propostos para classes da aristocracia nipónica e classes militares vem desde *cedo* a distinguir-se dos modelos propostos para as classes operárias. Sem que se ponha de parte as "casas dos ricos" tal como as define Ueda [96], que em grande parte da história da habitação japonesa se mostraram responsáveis pela introdução de muitas das suas inovações, importa, contudo, falar da casa num sentido mais abrangente, a "casa do povo".

A casa, que ao longo do tempo foi dando resposta aos comuns e às suas necessidades. Aos que são capazes de dar o uso e o verdadeiro significado ao interior doméstico japonês. A ostentação na habitação japonesa, que muitas das vezes é parte essencial nas classes sociais mais altas, é praticamente nula nas classes mais baixas. Nestas últimas, interessa dar resposta às necessidades mais primárias. São normalmente exemplos mais básicos na sua composição e nos materiais usados. Constituem geralmente modelos habitacionais que dão resposta à grande massa da sociedade, às pessoas comuns.

[96] UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

Minka, a casa do povo

É sob esta mesma premissa, da casa para os comuns, que surge a designação de *minka* (民家). Na escrita Japonesa a palavra *minka* é composta pelos ideogramas 民家. 民 tem como significado “povo” e 家 significa literalmente “casa”. Numa tradução literal da palavra, pode assim concluir-se que o termo *minka* diz respeito à “casa do povo”. Entenda-se por todas as casas que não pertencem à aristocracia nipónica, seja esta burocrata ou militar. É também o termo corrente para a designação da casa vernacular.

Numa reflexão directa da sua ocupação e actividade laboral de cada agregado familiar ou simplesmente do local onde se inserem, surgem diferentes tipos de *minka*. Ma*chiya* (町屋) é o modelo habitacional que se pode encontrar no interior das cidades e que se destina normalmente aos comerciantes; sanka (漁家) é uma tipologia que se revela pela sua localização, tem como significado a “casa das montanhas”; *nouka* (農家) é entendida pela casa de campo, a “farmhouse”; gyoka (漁家) é a casa que se destina a um agregado familiar que se ocupa da pesca. Sanka, *nouka* e gyoka apresentam concepções idênticas. Todas as três são exemplares encontrados geralmente em zonas rurais. Adiante, será descrita de forma mais aprofundada aquele que, dos três exemplos, se apresenta como o mais relevante, ou que, por outro lado, dá uma resposta mais geral e abrangente, *nouka* a “farmhouse”. Em jeito de oposição ao exemplo anterior, machyia, a “townhouse”, será também descrita mais à frente. Como o próprio nome indica, esta encontra-se no interior das cidades, facto que, logo à partida, a distingue de todas as outras. A sua relevância é, desde c*edo*, imposta por um desenho que está inteiramente relacionado com a ocupação do seu agregado familiar.

Citando Ueda [97] , importa referir que as *minka* são casas projectadas pelas pessoas, para as pessoas. Contudo, no seu processo construtivo, são seguidas as convenções de construção definidas para cada região nipónica, estabelecidas em cada um dos períodos históricos. A sua sustentabilidade é clara.
Parte-se do pressuposto de que são construídas com materiais, mão-de-obra e técnicas locais, e apresentam-se, normalmente, segundo uma tipologia e estilo típicos de cada região. São maioritariamente construídas em madeira e dividem-se, geralmente, em duas áreas. A ser necessário definir um layout padrão das variadas tipologias de *minka*, pode afirmar-se que esta é normalmente caracterizada pela congregação e coexistência de duas áreas de cariz diferente.

A primeira, a doma (土間), é uma área que se encontra ao nível do solo. Numa tradução literal 土 significa terra e 間 significa espaço**.** É por isso, compreendido como um espaço em terra que pode assume, em muitos dos casos, a função de entrada da casa. O seu piso não correspondia a uma simples superfície de terra batida; consistia numa mistura de terra e salitro calcados, à qual era posteriormente juntada e espalhada, de forma mais ou menos uniforme, uma mistura de cal e cinzas.[98] Esta mistura conferia ao piso uma maior firmeza e resistência. A doma tinha como intuito abrigar todo o tipo de tarefas relacionadas com a actividade ocupacional do agregado, fosse ela agrícola ou pesqueira. Era também o espaço que dava resposta a actividades do quotidiano doméstico que tivessem que lidar com o uso de água ou fogo, entre elas o preparo de alimentos. Era ainda o espaço que albergava os animais à noite ou lugar onde eram guardados os utensílios agrícolas.

Num segundo nível, uma estrutura que eleva do chão um soalho em madeira, corresponde à área que alberga os espaços de dormir, comer e estar da casa. O desnível para com o solo não tem uma regra específica, sendo que pode variar entre os 40 e os 50 cm. É esta a área que se dedica ao quotidiano de uma família. Citando Ueda [99], pode ser vista, paradoxalmente, segundo "*um open space o qual foi dividido nu*ma *serie de compartimentos por shōji e fusu*ma". Em certos casos de famílias mais pobres, pode até representar um único compartimento, capaz de albergar a totalidade de funções necessárias ao dia-a-dia do agregado.





59. Piso da do espaço da *doma*

60 Doma e a relação que estabelece com o espaço interior da casa

Na generalidade, corresponde a um *open space* o qual é subdividido em quatro unidades espaciais. Individualmente, irão dar resposta ao espaço de comer, o espaço de estar, espaço de dormir e o espaço cerimonial. Na maioria dos casos não ha uma predeterminação funcional que especifique a função de cada um, pelo que se podem mesmo fundir e sobrepor. Culturalmente, com o conceito de família patriarcal fortemente impresso na sociedade japonesa, a área de dormir é normalmente um único espaço e deve albergar toda a família.

Com estruturas de extrema complexidade, tirando partido de técnicas de construção desenvolvidas e aperfeiçoadas ao longo dos séculos, o telhado é outra das características mais marcantes na casa japonesa. Tal como referido anteriormente, muito devido às característica geográficas em que se encontra, o uso da madeira na cultura construtiva japonesa assumiu desde c*edo* um papel preponderante na arquitectura nipónica. Numa busca constante por vencer os vãos e atingir uma presença mais subtil dos sistemas estruturais no discurso arquitectónico, os métodos e técnicas construtivas foram-se tornando cada vez mais eficazes. Por sua vez, os telhados foram-se tornando objectos de maior proeminência na habitação e arquitectura japonesas. No que concerne à *minka*, o telhado foi assumindo respostas diferentes de região para região. Se no norte assumiam um inclinação maior e marcavam pela sua proporção no desenho da casa, no sul a sua baixa pendente marcava subtilmente a arquitectura da casa. Consequentemente, o espaço doméstico foi, também ele, dependendo da própria concepção do telhado. O telhado vai, desta forma, assumir um papel relevante no desenvolvimento das várias tipologias de *minka*.

[97] UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

[98] IDEM.

[99] IDEM.

Ma*chiya, a townhouse*



"... As montras, bem como toda a vida interior da loja e o espaço de oficina estavam à vista daqueles que por ali passavam... Num segundo plano, o interior doméstico em tatami, adjacente à casa... Quando as portas de correr em papel de arroz se encontravam abertas podia ver-se, muitas vezes, a família durante as refeições ou as crianças a estudar. Por vezes, podia avistar-se, directamente através das salas, o pequeno jardim ao fundo."[100]

Ao contrário do que acontece com a *nouka*, gyoka e sanka, e embora funcionassem como elementos independentes, as ma*chi*ya apresentavam-se construídas lado-a-lado ao longo de uma rua. Os lotes, neste caso, são rectangulares, com fachadas de dimensões relativamente pequenas em relação à sua profundidade. "*Em casos extremos eles podem medir apenas 4 m de frente e ter u*ma *profundidade que pode atingir os 40 m*."[101]

Tal como é referido por Taut [102], a ma*chi*ya, mais do que o espaço da casa onde se desenrolam todas as actividades relacionadas com o domínio doméstico, incorpora também o espaço de loja, escritório ou espaço de oficina. Em contraste com o que acontece no ocidente, em que a loja se localiza no rés-do-chão e o espaço da casa ocupa o ou os pisos de cima, na ma*chi*ya esta separação entre o domínio público, a loja, e o domínio privado, a casa, resulta numa proposta mais híbrida. A fronteira ou a divisão entre uma e outra é algo que nem sempre se encontra estático. É uma linha ténue que, ora separa, ora une o espaço da loja e da casa num só espaço.

"(...) em cidades antigas, os interiores habitacionais podem expandir- se, em ocasiões especiais, para o espaço da rua".[103] Ocupando um primeiro plano em relação à rua, a loja vai assumir-se como um espaço intermediário à casa.



61. Machiya dispersas ao longo do plano da rua, Gion, Quioto.

62. Diagrama exemplificativo da configuração espacial da machyia
- área principal da casa;
-doma;
-espaço da loja ou oficina.

[100] TAUT, Bruno - Houses and People of Japan, Tóquio: Sanseido Press, 1937, p.43,44 e 45

[101] .SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.76

[102] TAUT, Bruno - Houses and People of Japan, Tóquio: Sanseido Press, 1937, p.43

[103] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.77

Estabelece-se como espaço que antecede a entrada na casa e funciona, por vezes, como uma extensão da própria habitação para o exterior. Na perspectiva da transitoriedade dos espaços da casa, em muitos casos, este mesmo espaço, que de dia funciona como loja, à noite é absorvido pela casa. A indefinição enquanto espaço, limite e uso está inevitavelmente presente [104].

No que diz respeito ao espaço do habitar em específico, este desenvolve-se longitudinalmente em relação ao lote. Organiza-se numa sucessão contínua de espaços que culmina, em muitos casos, num pátio/jardim nas traseiras da casa. Em alguns dos exemplos, esta sucessão de espaços é interrompida ainda por um segundo pátio jardim, tal como relata Taut.[105]

A doma, no caso da ma*chiya*, acompanha longitudinalmente todo o desenvolvimento da loja e casa. Mais do que um espaço adjacente à habitação que tem como principal intuito a arrumação e o desempenho de actividades relacionadas com o fogo e com a água, a doma assume aqui um papel mais activo na vida da casa. Ganha uma dimensão de maior importância, servindo como área de expansão do próprio espaço de habitar.

"*As características espaciais da* ma*chiya criam um sentido único de isolamento do contexto urbano que a rodeia. Dentro de cada lote as perspectivas podem ser restritas - essencialmente de um espaço interior para outro,* ma*s também do interior doméstico para o pequeno jardim.*"[106] Como elemento gerador de cidade, a ma*chiya* assume, frequentemente, um papel ambíguo. Por vezes, é esse elemento convidativo que se abre para a rua, que atrai quem por lá passa a entrar; que se mostra e deixa espreitar a vida doméstica da habitação; que se mostra como elemento catalisador da vida pública no interior das cidades. Noutras alturas, à noite, quando os painéis se fecham, incorpora um sentido mais intimista, aquele que se relaciona com o habitar. Deixa a rua como um espaço inabitado e vazio de significado. Ainda assim, se as luzes se encontram acesas, volta a ser lançada a questão da verdadeira definição do seu limite.

[104] AKESHI, Nakagawa - The Japanese House in Space, Memory and Language, Tóquio: International House of Japan, Inc., 2005.

[105] TAUT, Bruno - Houses and People of Japan, Tóquio: Sanseido Press, 1937, p.43

[106] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.76

As portas em papel de arroz e os painéis ripados de madeira permitem geralmente vislumbrar vultos e a vida no interior doméstico. Deixa no ar um mistério particular à volta da habitação e consequente na repercussão que tem no espaço da rua.

Nouka, a farmhouse

Nouka, a casa de campo, como o próprio nome indica, é a tipologia de casa que se associa a famílias cuja ocupação esteja ligada com o campo e a agricultura. São, por isso mesmo, objectos em que a envolvente é geralmente rural. Numa escala mais afastada, e num contexto geral de composição, apresentam-se normalmente como elementos isolados e independentes no espaço. Não possuem capacidade de se lhe serem reconhecidos como elementos geradores de cidade, mas também não é o seu objectivo.



Apresentam geralmente planta rectangular, na qual se incluem o espaço da doma e área de estar da casa. Ao contrário do que acontece no exemplo da ma*chiya*, a doma assume, aqui, um papel preponderante no desenho da própria habitação. Não só pela sua dimensão, mas principalmente pelo significado que incorpora na formalização da casa, a doma mostra-se aqui como o elemento essencial na definição desta tipologia. Sendo uma casa de campo, fortemente relacionada com a agricultura e pecuária, a doma vem assumir-se como espaço identitário da *nouka*. Nela, tal como na ma*chiya*, desempenham-se todo tipo de actividades de cariz doméstico ligadas à água e ao fogo. Ao mesmo tempo, materializa o espaço que dá o nome à casa, funcionando como local de trabalho, no conserto e preparo de ferramentas, espaço onde são guardados os utensílios agrícolas ou mesmo como área capaz de albergar os animais durante a noite.

A área sobre-elevada da casa, destinada aos espaços de dormir, comer e estar, no caso na *nouka*, vem ao encontro do que foi referido anteriormente aquando da introdução à *minka*. Ao contrário do que acontece na ma*chiya*, em que os espaços se vão sucedendo longitudinalmente, na *nouka*, estes vão

63. Diagrama exemplificativo da configuração espacial da nouka.
- área principal da casa;
- doma;
- genka.

agregar-se em torno uns dos outros. Geralmente, por se destinarem a famílias de classes sociais mais baixas, a área de habitar da casa subdividia-se num número máximo de quatro espaços, numa tipologia espacial com o nome de yomadori. Embora houvesse diversos layouts possíveis no desenho do espaço doméstico, este era um dos mais comuns.

Na sua composição, sobressai o telhado, caracterizado pela densa camada de palha dourada. Os seus beirais projectados, sob os quais se constrói a varanda, a engawa, projectam a chuva e criam um primeiro espaço de limite da casa. Protegem do sol no verão, mas, no inverno quando os raios se encontram mais baixos, permitem que penetre na casa de forma a aquecê-la durante o dia. Se por um lado desenham, numa primeira instancia, o limite da habitação, por outro, oferecem um espaço de extensão do espaço doméstico para o exterior. A engawa, sobrelevada do solo, constitui, por isso, o primeiro contacto com espaço doméstico. Construída num soalho de madeira, envolve, geralmente, todo o perímetro da casa.

A casa Japonesa enquanto elemento gerador de cidade

"*Arquitectura e a cidade não são coisas separadas,* mas *sim diferentes* manifestações *da mes*ma *coisa*."[107] Segundo Fujimoto, Tóquio enquadra-se perfeitamente no contexto desta afirmação. Na sua escala urbana, a cidade pode ser vista, em muitos aspectos, como uma grande casa. Tal como será descrito mais adiante, numa análise que compara Tóquio a um "*patchwork*", os distritos que compõem a cidade podem então ser vistos como os "quartos" desta grande casa. Reduz-se a complexidade da cidade a algo mais palpável e reconhecível. A cidade adquire uma leitura de carácter contínuo, onde a conexão e encadeamento das coisas ganha dimensão e sentido.

Numa abordagem inversa, Fujimoto[108] afirma que a leitura da habitação pode ser feita de uma forma mais complexa e aprofundada. Compara a casa à cidade, no sentido em que aborda processos e actividades do dia-a-dia de uma habitação da mesma forma que se organizam e encadeiam fluxos, infraestruturas e usos de determinadas áreas da cidade.

[107] FUJIMOTO, Sou – Primitive Future: Contemporary Architect's Concept Series #1, Tokyo: INAX, 2008

[108] IDEM

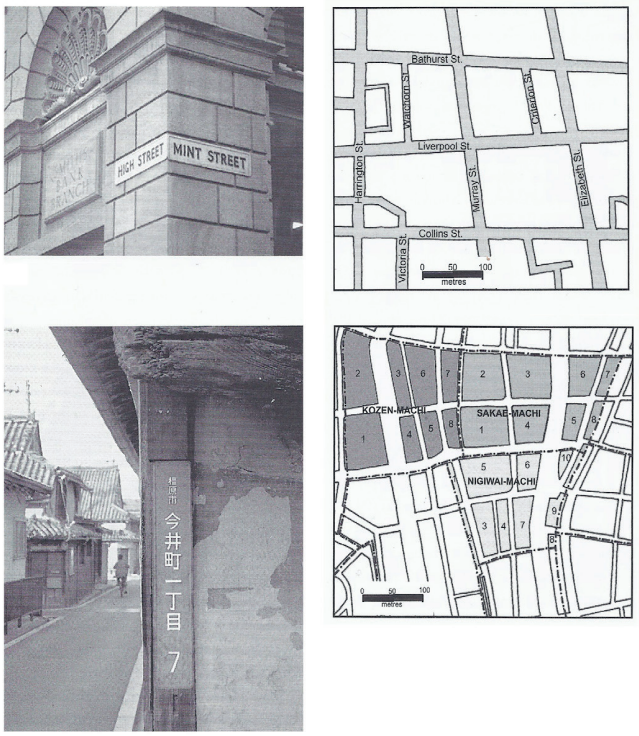
Talvez na perspectiva que mais importa, a casa pode ser vista como um objecto que transborda e se funde com a cidade, através de gradação espacial. A própria questão do limite na habitação japonesa, abordada anteriormente, remete para isso mesmo, isto porque muitas vezes se funde com o espaço da rua. Num compromisso racional entre o domínio do espaço doméstico e o espaço da rua, ambos estabelecem uma relação de concordância em que nenhum se sobrepõe ao outro. A casa serve e é servida pela rua. Formata-a pelo seu uso, carácter e agregado familiar. Por oposição, a rua e, consequentemente, a cidade formatam ou estabelecem regras à própria relação com a casa. Em Tóquio, e nas cidades japonesas de modo geral, as habitações estão em constante negociação com os becos que as conectam. A entrada da casa é frequentemente entendida como parte integrante da rua, como se de um braço se tratasse, estendendo-se no sentido de uma abertura à cidade.

A ma*chiya* é um exemplo disto mesmo. A fronteira que esta estabelece com o espaço da rua, desempenhado pela loja, é geralmente uma linha ténue e variável no uso dia/noite. Assume-se como espaço intermediário à casa, capaz de definir e activar o espaço da rua. A loja adquire um papel fulcral na formalização e definição da casa, mas ao mesmo tempo da rua e da cidade. Confere-se-lhe a capacidade de gerar uso, espaço, rua e cidade. Entende-se desta forma que a habitação ocupa e deverá continuar a ocupar uma posição central no que toca à formalização da própria cidade. Seja na forma como define o uso da rua, seja na forma como a activa.

A Cidade Japonesa

Enquadramento

Estudar a concepção e desenvolvimento de uma cidade é indissociável do entendimento da sua organização lógica. A forma como se definem e denominam cada uma das partes da cidade, está inteiramente relacionada com o seu próprio processo de evolução e desenvolvimento. Desta forma, numa primeira fase, e tendo em conta a forma como se organiza e denomina, a cidade japonesa vem desde logo a diferenciar-se da cidade ocidental.



64. Sinalização de ruas no Ocidente e de Machi no Japão (imagens à esquerda); Configuração esquemática das cidades no Ocidente e no Japão (imagens à direita).

Em *Learning From de Japanese City, West meets East in Urban Design*, Shelton[109] destaca esta mesma distinção. Ao debruçar-se sobre a cidade ocidental, o autor explica-a, numa definição mais ampla da cidade, comparando-a a uma trama ou rede em que as ruas cruzam ruas, na formalização de um plano básico organizacional. Por outro lado, ao abordar a cidade japonesa, o mesmo autor afirma que as ruas são, maioritariamente, submissas a uma quase "manta de retalhos" ou mosaico de áreas - ma*chi* e *chome* – que compõem um esquema organizacional da cidade. *Chome* é representado por um número e corresponde a uma unidade territorial. Ma*chi*, por seu lado, corresponde a uma unidade territorial de maior área, resultando de um conjunto de *chome*. Tanto ma*chi* como *chome*, não possuem, porém, uma dimensão limite, e se um determinado ma*chi* corresponde a uma área de 5000 m^2, outro ma*chi* adjacente pode corresponder a uma área de 8000 m^2. Não há uma definição linear de uma área máxima para a significação de ma*chi*.

Na cidade japonesa, a rua não se assume enquanto elemento unitário isolado tal como é característico da cidade ocidental. Existe pr*edo*minantemente enquanto parte integrante da área ma*chi*. Em mapas do período *Edo* (1603-1868) é possível ver que "(...) *o nome da* ma*chi pode, por vezes, aparecer escrito na rua,* ma*s inclui os lotes ou quarteirões de ambos os lados da rua (...) No entanto, as* ma*chi estão longe de serem regulares e podem designar um único quarteirão...*"[110]. No entendimento da composição da cidade, o mosaico então formado pelo conjunto de ma*chi*, encontra-se sempre presente. Em oposição a uma perspectiva ocidental da cidade, em que as ruas se destacam enquanto elementos independentes, no Japão, por sua vez, a cidade assume-se enquanto estrutura global.

65. Mosaico rural na configuração da cidade Japonesa

Na busca por um melhor entendimento da formação e concepção da cidade japonesa, interessa, porém, compreenderem-se os padrões organizacionais presentes nas áreas rurais e de cultivo.

[109] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p. 38

[110] IDEM, p.40




road
0
10
20
metres

Com uma disposição muitas vezes aleatória, as áreas agrícolas tendem a parecer extremamente fragmentadas. Tendo em conta a sua composição, remetem desde logo para as características já identificadas no processo compositivo da cidade. A subdivisão dos terrenos em várias parcelas e distribuição pelos vários filhos, processo que ocorre de geração em geração, é ao que tudo indica, a principal razão para a fragmentação dos terrenos no Japão. A compreensão dos padrões organizacionais das áreas agrícolas assume-se determinante na compreensão da concepção da cidade japonesa. É neste contexto de "*patchwork*" rural que a transformação urbana toma lugar.

Segundo Shelton[111], este processo de transformação do rural em urbano, apresenta-se como um processo natural, porém aleatório, que dá resposta a determinadas necessidades surgidas. "*O "patchwork", então rural, é simplesmente intensificado. Aos campos de arroz, chá, vegetais ou fruta são adicionados hospitais, escolas, casas, escritórios, lojas, postos de abastecimento, estacionamento e u*ma *outra dúzia de equipamentos urbanos (...) as actividades não serão agrupadas,* mas *sim intercaladas entre si. Todavia, a definição de cada lote persiste para enfatizar a autonomia de cada um e a natureza de um "patchwork" global.*" Na concepção da cidade importa entender que esta se constrói através de um aglomerado de partes independentes. Equipamentos ou edifícios não têm por isso que dar resposta a necessidades ou actividades idênticas. O próprio papel que desenrolam no desenho da rua e, consequentemente, da cidade, é de carácter autónomo.

Numa definição que vem ao encontro desta mesma ideia, Bognar[112], ao falar da evolução urbana no Japão, vem afirmar que "*a cidade é criada, entendida e compreendida como u*ma *adição de tecidos, em que a preferência é dada às partes de u*ma *rede de locais independentes.*" Mais uma vez, na comparação com uma manta de retalhos, a definição anteriormente referida vem destacar a importância das partes enquanto elementos independentes, na resposta a uma realidade conjunta.

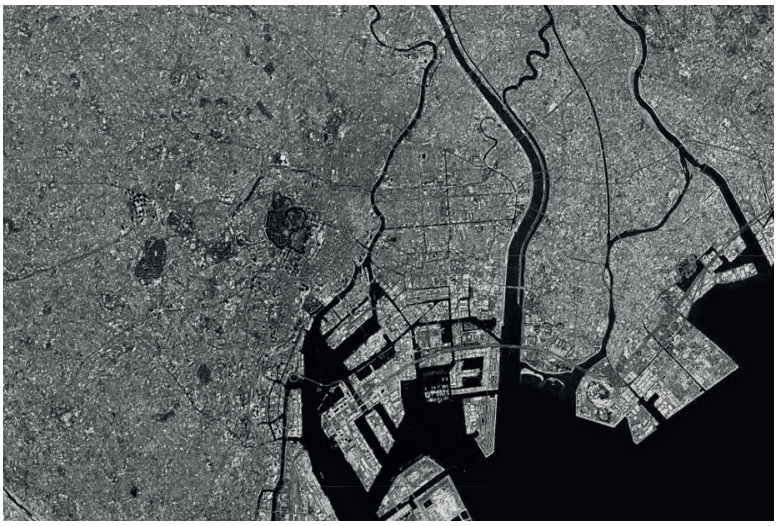
[111] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.40 [111]

[112] BOGNAR, Botond – Contemporary Japanese Architecture, Nova Iorque: Van Nostrand Reinold, 1985, p.67

Na comparação directa entre os modelos urbanos nipónicos e os modelos urbanos ocidentais, pode afirmar-se que no primeiro, relativo à manta de retalhos já referida, a rua constrói numa primeira fase um espaço de sobra, que serve de matriz base, servidora das várias parcelas. Esta nasce pela necessidade de responder a determinado tipo de necessidades, sejam elas de uso residencial ou de serviços Segundo Shelton "*o caso do modelo ocidental torna-se um pouco* mais *determinista em relação à sua função, enquanto que o modelo japonês oferece* maior *flexibilidade.*"[113]. No espaço urabano ocidental, as ruas são elementos que servem como espaços públicos os quais definem o domínio colectivo. Pré- determinam as futuras respostas de elementos individuais que a ela se irão juntar.

Tóquio

"*Esta cidade só pode ser conhecida através de um comportamento do tipo etnográfico. Deve orientar-se não por um livro, ou por u*ma ma*pa,* mas *a pé, pela experiência visual, pelo hábito e pela prática. Aqui cada descoberta é frágil* mas *intensa, pode ser repetida ou memorizada apenas pela memória do traço que deixou em cada um. Visitar um lugar pela primeira vez é desta for*ma*, e para começar a descrevê-lo, não a escrita de u*ma *morada,* mas *sim o lugar a estabelecer a sua própria escrita.*"[114]



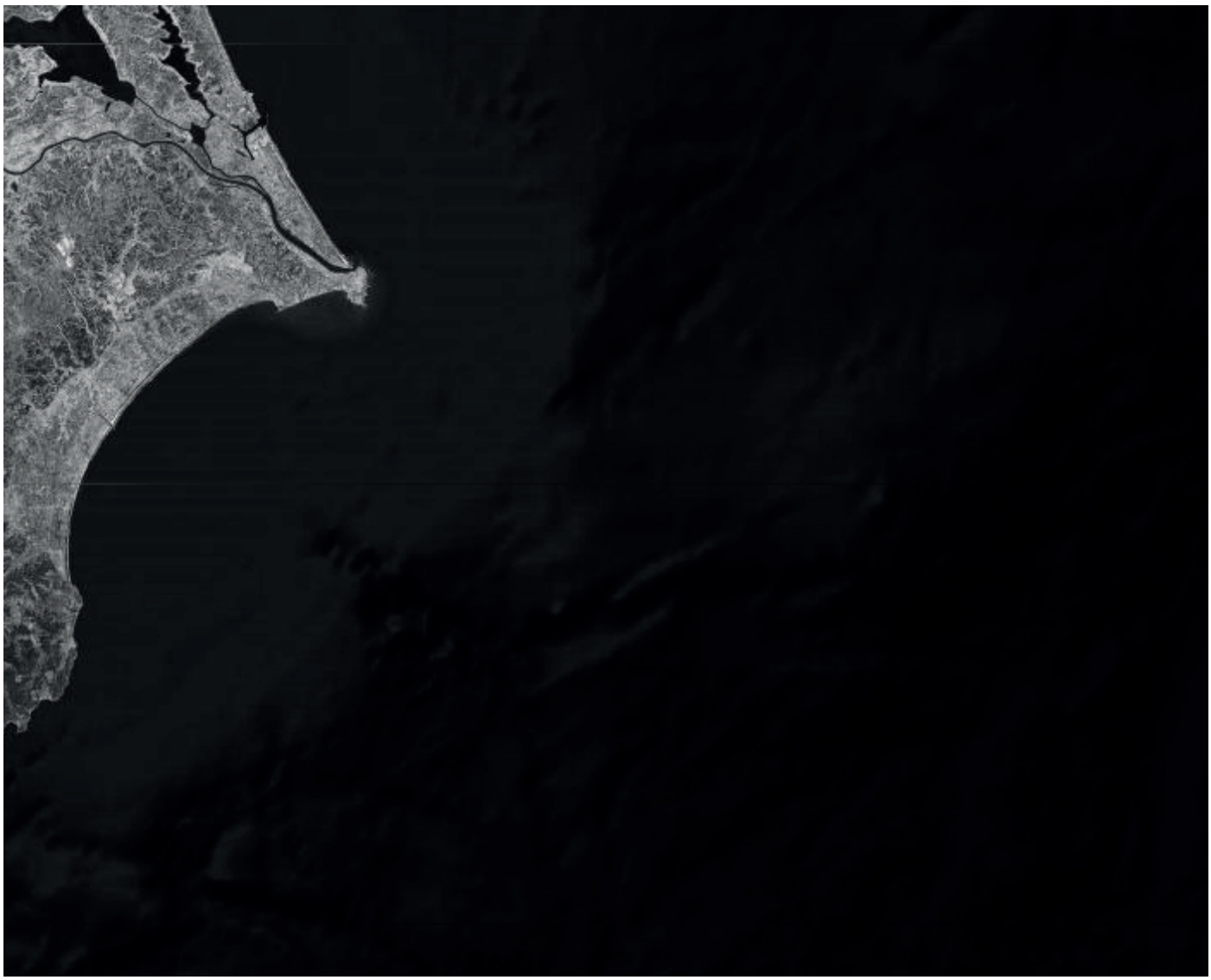
67. Ortofotomapa, Tóquio na anulação do centro.

[113] SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003, p.52

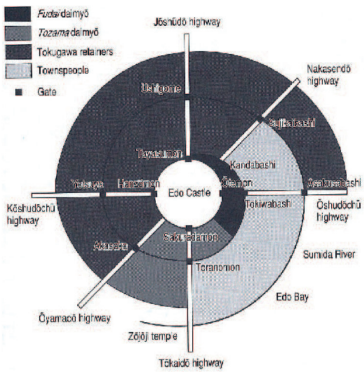
[114] BARTHES, Rolland - Empire of Signs, New York: Hill and Wang 1983, p.36



68. Vista aérea de Tóquio, Japão



No processo de conhecimento e apreensão da cidade, Barthes vem desta forma destacar que, no que diz respeito a Tóquio, este processo se deverá assumir como uma experiência contínua, de constantes e repetidas vivências. Não deve restringir-se ao seguimento de uma série de pontos de interesse delineados num mapa específico, mas sim basear-se num processo de deambulatório de contínua descoberta e surpresa, no qual o encadeamento do tecido urbano se vai tornando próprio e claro à pessoa que vive a cidade. Num processo rotineiro de vivência da cidade, o seu complexo mosaico torna-se íntimo e reconhecível, na sua dimensão, ao individuo que a vive. Sobrepõem-se trajectos, inventam-se novos e encadeiam-se outros tantos. Ganha forma e sentido a complexa máquina de caracteres de natureza autónoma.

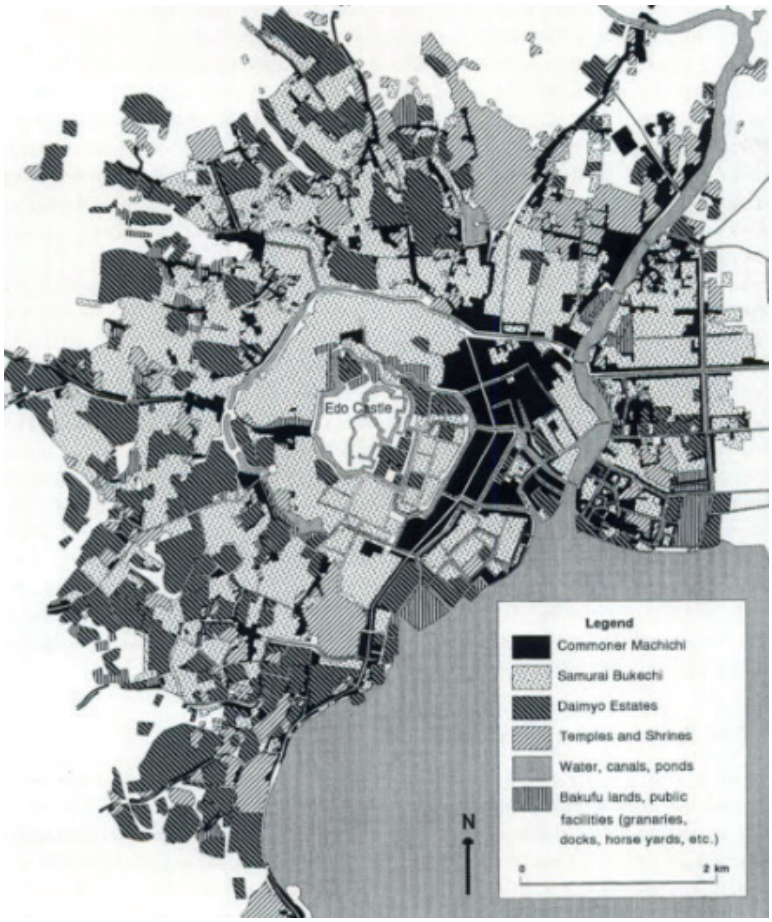


69 Planta esquemática de *Edo*

Tóquio, enquanto objecto urbano, assume um carácter dinâmico em constante transformação. Ao contrário das cidades ocidentais, em que a sua concepção vai relatando, de forma quase aleatória, um pouco do seu processo de evolução histórica, a cidade japonesa mostra-se como objecto urbano em constante revitalização, que numa sobreposição de camadas vai escondendo o seu passado histórico. Ainda assim, mantém sempre presente a sua matriz compositiva, a manta de retalhos, que se vai repondo, num possível processo cíclico de contínua transformação.

Ao debruçarmo-nos sobre a cidade, numa perspectiva mais ampla, a sua complexidade incompreensível, a aparente falta de hierarquia e a sua melancólica tonalidade de cinzento, ordena-se finalmente num caos controlado pelos milhares que a vivem. A aparente infinidade de objectos, actividades, eventos ou sujeitos que à vista de uma pessoa comum colidiriam na perfeita desordem, adquirem, numa conjugação quase aleatória de necessidades, a ordem necessária à vida da própria cidade.

Todavia, numa tentativa de se reconhecer a lógica ocidental, relativamente à organização urbana da cidade e à identificação de um centro ou de um marco central, Tóquio afirma-se pela ausência do mesmo. A cidade existe e a lógica permanece intacta na ausência de um centro. Tal como referido anteriormente, Barthes [115] destaca a presença do Palácio Imperial de Tóquio na criação de um vazio que se aceita central à cidade. Carregado de significado, símbolo do poder nipónico, o palácio perde-se, porém, no espaço vago e proibido. Mais uma vez, a cidade existe sem a presença de um marco visual ou de um espaço concreto que se afirme central. "*Um lugar, no Japão, é originalmente definido como um espaço vazio para o qual tudo pode ser trazido.*



70. Planta e configuração espacial de *Edo*, ano de 1859

[115] BARTHES, Rolland - Empire of Signs, New York: Hill and Wang 1983, p.26

No que diz respeito à integração, não é o centro que congrega todo o conjunto, mas*, por outro lado, estabelece, em algum ponto, um sentido de coordenação com nada no seu interior*".[116] No disperso criado, Nakamura elege a importância do lugar vazio enquanto entidade capaz de determinar uma ordem e organização.

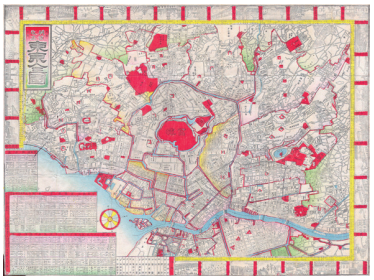
Sobressai, no seu interesse, a importância de relativizar o peso e relevância de cada uma das partes. Numa estratégia de carácter divergente, obtém-se uma cidade homogénea que, numa reposta singular de cada uma das partes, estabelece um forte sentido concordância conjunta.

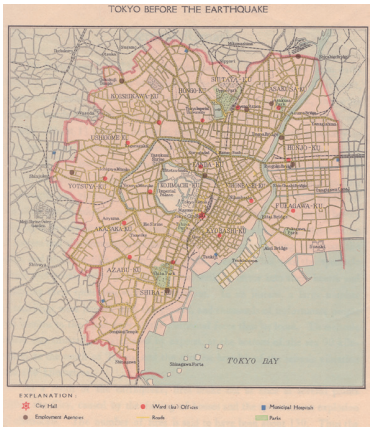
De *Edo* ao milagre Japonês

Até à mudança da capital de shogunato para a então longínqua vila *Edo*, no período com o mesmo nome, Tóquio considerava-se uma área maioritariamente agrícola. Numa altura em que o Japão ainda se encontrava sob domínio de um sistema feudal estritamente implementado, o poder, que agora se ambicionava unificado, era ainda caracterizado por uma economia baseada na agricultura de subsistência e no trabalho servil, sem que o comércio adquirisse qualquer relevância.

A ambição por uma clara definição das classes sociais da sociedade nipónica, vem influenciar directamente o próprio desenho do espaço urbano. Tal como referido anteriormente quando é abordado o tema *Oku*, a constituição da cidade japonesa pode vir a ser comparada à estrutura orgânica da cebola. Desta forma, nesta época, *Edo* podia entender-se segundo uma sucessão de camadas concêntricas em que a distância ao castelo, o centro, era proporcional à sua importância. Quanto mais próximo do centro, mais alto seria o seu estatuto.

Numa procura por melhores condições, acentuam-se as correntes migratórias entre o campo e a cidade. Como resultado, dá-se o desenvolvimento natural de áreas, anteriormente rurais, sem o seu devido planeamento. Assiste-se a um crescimento orgânico e, de certa forma, descontrolado das ci-







71. Planta de Tóquio, no perido *Meiji*, ano de 1880.

72. Planta de Tóquio, período *Taishō*, antes do terramoto de Kanto, ano de 1923.

73. Planta de Reconstrução pós terramoto de Kanto.

[116] NAKAMURA, Yujiro – "Tokyo as Mediocosm" (Interview transcript) in Process Architecture 49, 1984, p.62-63

dades, o qual Tóquio não é excepção. Ainda assim, em *Edo*, podia identificar-se a divisão em três áreas principais: a área residencial dirigida à aristocracia e à classe de samurais; a área residencial dirigida aos camponeses e à plebe em geral e uma terceira área, não menos importante, a área de culto.

Com o apaziguar das inúmeras guerras que haviam surgido até então, a classe de comerciantes começa a revelar-se fundamental enquanto elemento propulsor das cidades japonesas. Tóquio, tal como Osaka, assume nesta altura um papel preponderante no que diz respeito a transacções comerciais. A outrora vila *Edo*, caracterizada maioritariamente por terrenos de cultivo nos quais pre*do*minavam famílias de classes mais baixas, revela-se então como cidade capital propulsionadora do país, mas também, e principalmente, propulsionadora de uma cultura. Neste momento, Tóquio é estabelecida como a capital oficial do Japão.

O início do período *Meiji* (1868-1912) dá origem às mais variadas mudanças na cultura japonesa. Ainda assim, o planeamento urbano não consta das prioridades do governo nipónico. Os fragmentados campos agrícolas vão, nesta fase, começando a ser ocupados com o intuito de colmatar as necessidades básicas de uma cidade em pleno crescimento. Num processo de transformação em que as áreas de uso agrícola vão agora dar lugar a áreas de uso residencial, intensifica-se o processo de urbanização do território japonês. Da anterior cidade feudal, ergue-se agora a cidade moderna. Após uma fase de isolamento a que o país esteve sujeito no último shogunato do sistema feudal, a pressão externa acentua-se com o intuito da abertura dos portos aos mercados internacionais. Tóquio abre-se ao mundo ocidental, dotando-se de um carácter global.

Na sequência de um incêndio que deflagra e destrói o, hoje, distrito de Ginza, a necessidade de realojamento de cerca de 50000 pessoas surge como oportunidade clara para o desenvolvimento urbano. Assiste-se à crescente preocupação e

consciencialização urbanística na criação das cidades. Medidas de prevenção contra incêndio, criação de redes de estradas e abastecimento de água são alguns dos aspectos focados nesta altura. Dão-se os primeiros passos na criação de uma rede ferroviária na cidade capital, no momento em que se assume como principal porto de abertura ao Ocidente.

Taishō (1912-1925) fica marcado como um período próspero que vai culminar com o terramoto de Kantō em 1923. Os fogos que se seguem destroem a cidade quase na sua totalidade e a população fica reduzida a menos de metade. Cerca de 63% da área residencial de Tóquio é devastada. Ainda assim, a catástrofe é mais uma vez vista como uma oportunidade de progresso e desenvolvimento, dando origem a um novo plano urbano com o objectivo principal da reconstrução da cidade no pós terramoto. Na busca por uma cidade funcional, são impostas influências do urbanismo ocidental, sob a forma de uma malha ortogonal da rede viária.

Com a entrada na segunda grande guerra Mundial, No período Shōwa (1925-1989), o Japão, e neste caso concreto, a cidade de Tóquio, sofrem um decréscimo populacional de metade. Estes números englobam não só as vítimas mortais após os bombardeamentos em Tóquio, mas principalmente a grande massa populacional que foge para áreas rurais. Após a rendição dos japoneses aos aliados, já grande parte da cidade se encontrava destruída. Com a derrota na guerra e sob domínio dos aliados, o Imperador é destituído do poder político e inícia-se o processo de reestruturação do país. A catástrofe revela-se novamente como uma oportunidade para o crescimento de Tóquio, e do Japão.

Em paralelo, surge, como provável consequência, o crescimento exponencial da população urbanizada. De uma forma quase sempre natural, Tóquio vai ter de se adaptar e encontrar forma de controlar a grande massa populacional. Cresce em dimensão e assume-se como cidade policêntrica. O vazio marcado pela ausência do Castelo de *Edo*, vai representar o centro de um dos 23 distritos que compõem a cidade de Tóquio nos dias de hoje. Por outras palavras, e numa visão

pessoal, Tóquio enquanto máquina urbana compreende a dimensão de 23 pequenas cidades. Cada uma delas é capaz de, independentemente, contribuir para uma bem maior, a vida da grande metrópole de Tóquio.

Na década de 60 e principalmente depois dos jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, a economia nipónica e o seu poder começam a ganhar dimensão e importância. O Japão ganha a oportunidade de mostrar ao mundo ocidental a sua capacidade de recuperação. A reestruturação do governo japonês, estimula e dá origem àquele que ficará conhecido como "milagre Japonês" semelhante ao "wirtschaftswunder" da Alemanha Ocidental do pós-guerra. Com um dos crescimentos económicos mais altos de sempre, em 1978 o Japão torna-se a segunda maior economia do mundo. Tóquio, símbolo da superpotência, reflecte, por isso mesmo, a importância de uma cidade capital. Com cerca de 30% da população do país, a área metropolitana de Tóquio assume-se como a mais importante do Japão. Hoje, importa a compreensão da sua capacidade de dar resposta a uma população diversa e heterogénea. Sobressai o necessário entendimento de Tóquio de hoje.

Tóquio Hoje

Tóquio, hoje, enquanto objecto urbano, apresenta-se como elemento dinâmico e em constante evolução. A sua consolidação faz-se de um processo de transformação contínua. Não lhe é conferida estaticidade, mas sim um carácter dúbio entre um objecto que se considera consolidado, no que diz respeito à sua constituição, e um mecanismo que progride na procura pela resposta plena de novas necessidades. Numa sucessão de camadas de objectos e acontecimentos, a cidade vai sendo construída de dia para dia. Cada evento ou necessidade torna-se razão plausível para o desenvolvimento. Afirmar-se que a cidade se encontra estável torna-se difícil ou mesmo impossível. A cada dia uma necessidade nova, a cada dia uma resposta diferente. A sua história constrói-se paradoxalmente da constante destruição, reposição e sobreposição de eventos e objectos.

A cidade de Tóquio assinala o centro da área metropolitana de Tóquio-Yokohama, região que abrange as províncias de Chiba, Kanagawa e Saitama. Isoladamente, assume-se como a maior área metropolitana do Mundo com cerca de 36 milhões de habitantes. Numa perspectiva que se aceita transversal à cultura nipónica, a sua própria subdivisão em 23 distritos, vem ao encontro da ideia de "manta de retalhos" que a caracteriza. Reforça-se a noção de que cada distrito, cada uma das 23 pequenas cidades que constitui Tóquio, desempenha uma papel autónomo capaz de dar uma resposta isolada e única às necessidades básicas da cidade.

"*Dizemos "de amplo sentido" pois que em certos aspectos restritos e de ordem* ma*terial, sobretudo técnica, a evolução pode fazer-se com relativa velocidade e daí que em muitos países (...) se vejam par a par as* ma*is estranhas e opostas for*ma*s de vida, situação resultante da presença de um ritmo tradicional que se* man*tém ou evolui lentamente em face da introdução de factores totalmente novos e desenraizados*"[117]. No seguimento desta afirmação de Távora, pode afirmar-se, em jeito de observação pessoal, que Tóquio vive actualmente uma estranha e calma convivência entre o tradicional, com forte ligação ao passado e à sua cultura, e o global, na intensa procura e fascínio desmedido pelo que se faz lá fora, no ocidente. Por mais estranho que pareça, as duas realidades, aparentemente dispersas, coabitam numa perfeita harmonia, em que uma completa as lacunas do outra, sem que se sobreponham em importância ou necessidade de afirmação.

Ao olhar a cidade, é possível ver que esta se compõe através de uma mistura saudável em que o exagero de informação e ruído desmedido de um mundo ocidentalizado se intromete e funde com uma manta de retalhos de um mundo melancólico que por vezes remete para o rural nipónico. A escala humana parece, aqui, fazer o elo de ligação entre as duas realidades aparentemente opostas. A cidade, na sua composição, é ela própria um deambulatório entre os dois mundos. Flui num compromisso natural entre aquilo que se entende por um mundo globalizado e um mundo tradicional nipónico, onde respondem a um bem geral, a vida da cidade de Tóquio.

[117] TÁVORA, Fernando – Da Organização do espaço, Porto, FAUP Publicações, 2008, p.30

Por sua vez, em *Low City, High City*, Seidensticker refere que "*a relação entre o tradicional e a mudança no Japão tem sido desde sempre confusa, pelo facto de que a mudança em si mes*ma *já é u*ma *tradição*".[118] Segundo o autor, a mudança é um estado constante nas cidades japonesas, e Tóquio não é excepção. Mas quando aqui se menciona a mudança, refere-se principalmente à aceitação do que é trazido do ocidente e introduzido no Japão. O fascínio pelo ocidente é por isso claro, na medida em que se assume como uma realidade constante a transformação na cultura japonesa através introdução manipulada pelo mundo ocidental.

Low City, High City

Low City, High City é o título que dá nome ao livro de Edward Seidensticker que aborda o desenvolvimento da grande metrópole nipónica. O autor mostra a identidade, história e desenlace da cidade, num discurso nostálgico que dá sentido à dimensão e desenvolvimento de Tóquio até ao grande terramoto de Kanto, em 1923. Seidensticker esclarece, numa definição racional, a vida social de *Edo* e a sua transformação na metrópole que hoje se conhece como Tóquio. Neste sentido, o autor designa *low city* à cidade plana, dedicada ao povo e ao operariado, e *high city* cidade das zonas mais altas, ocupada pelos aristocratas e pelas classes mais altas da sociedade.[119]



74. Destruição pósterramoto de Kanto

[118] SEIDENSTICKER, Edward - Low city, high city, Michigan, Harvard University Press, 1991, p.91

[119] IDEM, p.8

Importa referir que, segundo o autor, a cultura e imagem que hoje se associa como identitária de Tóquio foi desenvolvida durante o período de *Edo* na então chamada *low city*, onde artesãos, cortesãos, comerciantes e a plebe viviam. Defende a importância da *low city* como a parte vital para o desenvolvimento da cidade naquela altura, capaz de produzir "a maior parte da cultura original de *Edo*".[120] No que diz respeito aos seus limites, foi desde sempre uma área indefinida. Mais do que uma área específica, era uma entidade geográfica.

Por outro lado, *high city* era casa para a classe de samurais e da burocracia, classes cuja "cultura" era moribunda e para todos os efeitos, descartada. A diferença era clara entre as duas e ainda o é. Até ao período Shōwa (1925-1989) grande parte da cidade de Tóquio pertencia à *high city*. Caracterizada pela presença de templos e santuários, destinava-se ao alojamento das altas classes da sociedade nipónica, e em contraste com o que acontecia na *low city*, a *high city* era baixa em densidade populacional.

A distinção entre as duas esteve desde sempre marcada, fosse pela identidade das pessoas que lá habitavam, fosse pelas actividades que nelas se congregavam. "*Ainda hoje a low city é diferente da high city* - m*ais densa,* m*ais conservadora, menos dada a vanguardismos. A diferença é algo que sobreviveu e não algo que tenha sido forjado pelo modernismo*".[121]

Sem descartar a importância da *high city* na composição e desenvolvimento da cidade, interessa, contudo, falar de Tóquio num sentido mais amplo, a cidade do povo, construída e ocupada pelo povo, a área que ao longo dos anos se foi assumindo como motor de um bem maior, que foi dando resposta aos comuns e às suas necessidades, aos que, de uma forma ou de outra, se assumiram como os principais responsáveis pela vida da própria cidade. A *low city* destacou-se, desde muito c*edo*, como o foco principal da vida cultural da cidade. Não é por acaso que todas as grandes obras literárias escritas antes do terramoto foram aqui produzidas.[122]

[120]SEIDENSTICKER, Edward - Low city, high city, Michigan, Harvard University Press, 1991, p.91

[121]. IDEM, p.8

[122]. IDEM p. 4

Com o final dos shogunatos, Tóquio, em paralelo com Osaka, isola- se como um dos principais pontos de trocas comerciais do Japão. Neste momento, a *low city* distingue-se como a área da capital japonesa onde se concentra o comércio. Certo é que no final do período Taishō (1912-1925) a classe mercantil ganha notoriedade e poder económico, e começa a mudar a sua residência para a então chamada *high city*. Vai-se então tornando cada vez mais clara a área residencial da elite, agora identificada mais em termos de poder económico do que de estatuto social do agregado familiar ou importância e proezas militares. Atinge--se, ainda antes do terramoto, um ponto de viragem na definição entre as duas áreas. A *low city* começa a mostrar-se menos vital ou preponderante à vida da cidade. Por esta altura, a *high city* era a área que mais alterações sofria. As classes mais altas afastaram-se do quotidiano da *low city* e, desta forma, também o poder económico direccionado às artes e à cultura. Grande parte da *low city* começa então a transformar-se, nomeadamente as áreas imediatamente a Este do palácio.

A *low city*, que começava a tornar-se menos vital à vida da cidade, perdeu então a identidade que a tornava única. O dia 1 de Setembro de 1923, dia em que se dá o grande terramoto de Kanto, apresenta- se como um ponto fulcral na definição da cidade de Tóquio. A *high city* passa a assumir-se como o lugar onde a cultura acontece, embora numa forma muito mais esporádica e difusa do que acontecia na low city, onde a cultura assumia um papel principal no quotidiano das pessoas.

A *low city*, destruída quase na sua totalidade, torna-se uma simples parte integrante da cidade de Tóquio, onde, em jeito de eufemismo, se pode encontrar um estilo de vida mais tradicional. Na verdade, este é um simples lugar onde vivem os pobres. Seidensticker aponta constantemente para a fragilidade como um factor inerente à *low city*. Ora derrubada

por terramotos, ora totalmente destruída por incêndios, fez com que a tradição nunca fosse um factor de permanência, mas sim o factor emocional. Por outro lado, a reputação de Tóquio enquanto cidade que vive de um presente constante, é baseada num dilema de um percurso inacabado. Isto é, num processo de evolução contínua, em que não é obrigatório um desfecho específico definido, em que o seu processo de evolução não conhece propriamente um fim necessário.

Seidensticker, ao longo da sua descrição da *low city*, refere-se repetidamente a Yoshiwara e Asakusa[123] como determinantes da sensibilidade que se reconhece em *Edo*-Tóquio.A verdade é que hoje nenhum dos lugares se assemelha à imagem que os tornou famosos no imaginário popular. Eram ambos reconhecidos como distritos de recreio, sendo que Asakusa servia mais como local de entretenimento em massa, enquanto que Yoshiwara se dirigia a uma escala mais pessoal. Hoje em dia, Asakusa é um dos principais pontos turísticos da cidade, proporcionando um pequeno vislumbre de Tóquio tradicional. A verdade é que nem um, nem o outro fazem jus ao seu passado. A identidade dos mesmos, essa permanece intacta, fiel a tradição de mudança. Mudam-se usos, transpõem-se necessidades, nascem novas respostas, mas mantém-se a escala, a escala humana.

Seidensticker, numa descrição nostálgica da *low city* nas eras *Meiji* (1868-1912) e Taishō (1912-1925), reflecte acerca da transformação de Tóquio na metrópole moderna. A transformação numa cidade que se mostra reconhecível nos dias de hoje, mas obscurecida por uma névoa de amargura. Importa reter a identidade de uma cidade que encontra na mudança uma tradição. Que num percurso repleto de obstáculos, numa sequência de eventos que nem sempre parece lógica, num processo de apreensão global das transformações diárias, encontra uma identidade presente quase aleatória.

[123] Yoshiwara e Asakusa são dois dos 23 distritos que compõem Tóquio. Integravam a chamada low city.

A verdade é que de aleatória e arbitrária tem pouco. A sua fortuita consolidação, constrói-se segundo um tecido urbano que sustenta a uma das maiores metrópoles mundiais. Tóquio, de *Edo* ao milagre japonês, de hoje, da *low city* ou da *high city*, é indiscutivelmente um objecto urbano de contínuo interesse e estudo. Seja pelo seu funcionamento, seja pela sua organização, a sua relevância é permanente pela forma híbrida como, na sua constituição, se fundem e integram as diferentes partes.

*"Cada nova obra intervém nu*ma *certa situação histórica. Para a qualidade dessa intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem nu*ma *relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de u*ma *nova* ma*neira. Lançar-se u*ma *pedra na água. A areia agita-se e volta a assenta. O distúrbio foi necessario. A pedraenconta o seu lugar.* Mas *o lago já não é o mesmo."* [124]

PETER ZUMTHOR, 1998

[124] Peter Zumthor, Entrevistado por Rodriguez Marcos, in "vanguardia", Madrid Novembro 1998.

04 | PROPOSTA

Bairro de Mukojima, Districto de Sumida, Tóquio

Operar sobre a cidade japonesa implica o necessário entendimento da sua concepção e organização no estabelecimento de premissas que fundamentem uma proposta projectual. Da nomenclatura dos espaços à sua escala, dos espaços de articulação aos de fronteira, dos densos aglomerados às eventuais lacunas, cosem-se os princípios essenciais à criação de uma proposta que responda adequadamente às necessidades de um lugar.

O bairro de Mukōjima pertence ao distrito de Sumida, um dos 23 distritos que constituem a cidade de Tóquio. Está situado na parte este da capital nipónica, a este do rio Sumida, na zona norte do distrito. Como antiga aldeia agrícola, os caminhos outrora utilizados pelos agricultores, tornam-se, na maior parte das vezes, vias para pedestres e veículos. Muitas delas permanecem hoje como complexas redes de becos que fazem parte da arquitectura do bairro de Mukōjima. Constroem um tecido que, perante as várias sobreposições de camadas, ao longo do tempo, dá origem a uma das áreas mais densas da cidade de Tóquio.

Mukōjima, na outrora periferia de *Edo*, começou por ser povoada muito antes da vizinha aldeia de Honjo. Destacou-se, inicialmente, como o principal forne*ced*o*r* agrícola da cidade de Tóquio durante o período *Edo* (1603-1868). No princípio deste mesmo período, a aldeia começa também a ser conhecida como local de lazer - pelos passeios de barco no rio Sumida ou pela caça aos falcões - por parte dos shoguns T*oku*gawa. Depois de, no início do séc. XVIII, terem sido plantadas cerejeiras ao longo das margens do rio Sumida, Mukojima tornou-se um destino popular de férias. Marcada por um cenário de canais e campos de arroz atraía, nesta altura, escritores, poetas, artistas e pessoas de gosto refinado.

No entanto, a industrialização do Japão, com início no período *Meiji* (1868-1912), teve consequências directas no desenvolvimento de Mukōjima, levando o bairro a um rápido processo de urbanização. Densifica-se e passa a ser reconhecida como zona de interesse residencial, artesanal e comercial.

No período que antecede o envolvimento do Japão na Segunda Grande Guerra Mundial, Mukōjima vê algum do seu traçado revisto ou mesmo transformado por completo. A sua junção com Honjo dá origem ao hoje distrito de Sumida. É nesta altura em que Mukōjima passa a ter uma linha férrea directamente ligada ao centro de Tóquio.

Hoje, Mukōjima é um bairro com atributos ímpares que o distinguem do resto da cidade. Localizado na zona norte do distrito de Sumida, faz fronteira com a Tokyo Skytree, a torre mais alta de Tóquio. O projecto que teve como intuito estimular esta área da cidade, lançou um novo interesse pelo distrito e, consequentemente pelo bairro. O local, marcado pelo artesanato e pela existência do fabrico de pequena escala, desenvolveu-se, ao longo do tempo, como um distrito de fabrico tradicional. Com as artes e ofícios tradicionais do Japão a desaparecerem, muitos artesãos, das mais variadas áreas, vêem em Sumida o local ideal para cimentar e manter vivas estas as práticas artesanais. Por outro lado, relança-se o interesse da comunidade, na tentativa de dotar a área de uma maior e melhor capacidade de a servir e hospedar.

Se a vizinha aldeia de Honjo viu, na altura da industrialização, o seu traçado ficar marcado por uma malha ortogonal excessivamente definida, Mukōjima manteve como característico o tecido arbitrário, correspondente a uma quase aleatória forma de ocupação do território. Extremamente densificado, o bairro mantém como matriz o tecido que marcava a manta de retalhos agrícola. Seguindo uma escala proveniente das antigas tipologias habitacionais urbanas, Mukōjima conserva em sim mesma um ambiente único na metrópole Japonesa.
Aproveitando a popularidade da Tokyo Skytree, o interesse gerado em torno de Mukōjima vem também ele crescendo. Incidindo sobre estas tendências, o governo municipal está trabalhando para revitalizar o interesse na comunidade através da promoção de indústrias. Vê-se desta forma pertinente um olhar mais atento e, sobretudo, uma resposta mais adequada às necessidades actuais e ao contexto do local.

Objectivos projectuais

A habitação, tema central na disciplina arquitectónica, assume-se, aqui, como foco principal do presente trabalho. A actual sociedade, complexa na sua constituição, levanta, cada vez mais, questões sobre o real ajuste da casa ao Homem actual. Por outro lado, o seu papel na criação de cidade, pesa ainda mais na importância do seu desenho e desenvolvimento.

Retomando a relevância que a habitação tradicional teve no decorrer da história do Japão e incidindo sobre a qualidade espacial que se reconhece, pretende-se a busca por uma resposta adequada à sociedade contemporânea. Temas como a flexibilidade e adaptabilidade, intrínsecos à sua arquitectura, parecem por isso fundamentais à obtenção de um espaço doméstico sensível e capaz de proporcionar a uso diversificado e adequado aos mais variados tipos de habitantes.

No que concerne à escala urbana, importa reflectir acerca da importância que é dada à habitação tradicional japonesa na criação de lugar e, consequentemente, de cidade.
Numa proposta que se pretende actual, vê-se, por isso, necessário o entendimento de uma transição entre a escala doméstica e a escala urbana.



75. Ortofotomapa, local de intervenção

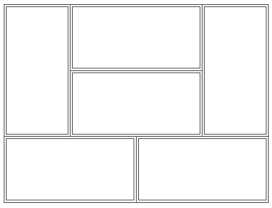
A proposta final deverá configurar, através de dois edifícios multifuncionais (habitação, comércio e serviços), uma possível resposta a uma cidade já consolidada. Ainda assim, na leitura que se faz do terreno, dividido em duas parcelas, vêem-se obrigatórias intervenções de carácter diferente. De um lado, uma parcela fronteira com um dos principais eixos que cruzam o distrito de Sumida. Tendo em conta regulamentos urbanísticos Japoneses, impõe-se a definição de um edifício que determine, pela construção em altura, uma barreira corta-fogo e a criação de um espaço fronteira do bairro. De resto, numa rápida leitura do lugar, fica fácil de perceber a definição desta mesma fronteira. Do outro, uma parcela que se funde com uma escala do bairro. Num tecido de becos e ruelas de escala reduzida, impõe-se uma resposta mais horizontal do que vertical. No próprio contexto vê-se, assim, necessária a articulação do edifício com o tecido urbano e vice versa.

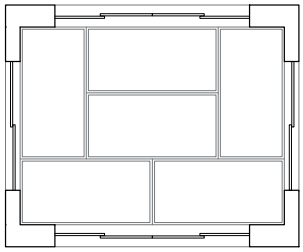
A casa

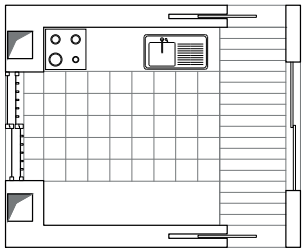
"*Estudar a casa para o homem corrente, qualquer um, é reencontrar as bases humanas, a escala humana, a necessidade-tipo, a função- tipo, a emoção-tipo. Eis aí. Isso é capital. Isso é tudo*".[125]

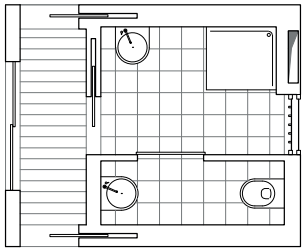
[125] LE CORBUSIER, Charles-Édouard Jeanneret-Gris - Por Uma Arquitectura, São Paulo: Perspectiva, 2002, XVII











76. Do *tatami* à unidade modular

Do *tatami* à unidade modular

O enfoque no tema central de projecto segue uma lógica que se acredita fundamental na criação do tecido urbano Japonês. Parte- se do particular, da criação de um modelo habitacional, à sua inserção e adaptação ao lugar e, consequentemente, à cidade.

Numa viagem progressiva de escalas, vê-se, desta forma, essencial o entendimento do *tatami* e da sua relação com a arquitectura do espaço doméstico. Da definição de uma unidade modular, à definição de um núcleo gerador, evidencia-se a sua importância na concepção do habitar Japonês.

Assim, na tentativa de eliminar à partida uma hierarquia espacial, o *tatami* vem, aqui, marcar a definição de uma matriz que estabelece o mote para a criação de uma unidade modular. Na sua definição, pretende-se a obtenção de uma dimensão que acarrete com qualquer das funções necessárias ao habitar. Na transposição para a casa, cada compartimento deverá possibilitar as mais variadas apropriações, dando, assim, lugar a um uso diverso do espaço.

Do núcleo gerador, ao modelo habitacional

Na transição da unidade modular, para a o espaço doméstico propriamente dito, importa a definição do espaço fixo da casa. O propósito de libertar os demais compartimentos da habitação lança, por isso, a necessidade da concentração de uma banda servidora da casa.

Surge como ideia a criação de um núcleo central, à volta do qual se desenvolve a habitação. A sua definição parece essencial para a concepção de um sentido de domesticidade do espaço de habitar. Repartida em três unidades modulares, nela são organizados e concentrados os núcleos das águas e é feita a definição do espaço *oku*, o espaço íntimo da casa. Isoladamente, o núcleo pode, na verdade, dar resposta a uma habitação de dimensões mínimas, na qual dois dos módulos correspondem ao espaço da cozinha e ao espaço do banho, sendo o terceiro espaço de carácter mais livre quanto ao seu uso. Por outro lado, a banda central permite também a definição de alguns pontos estruturais da casa, sendo ela mesma a parte rígida da casa.

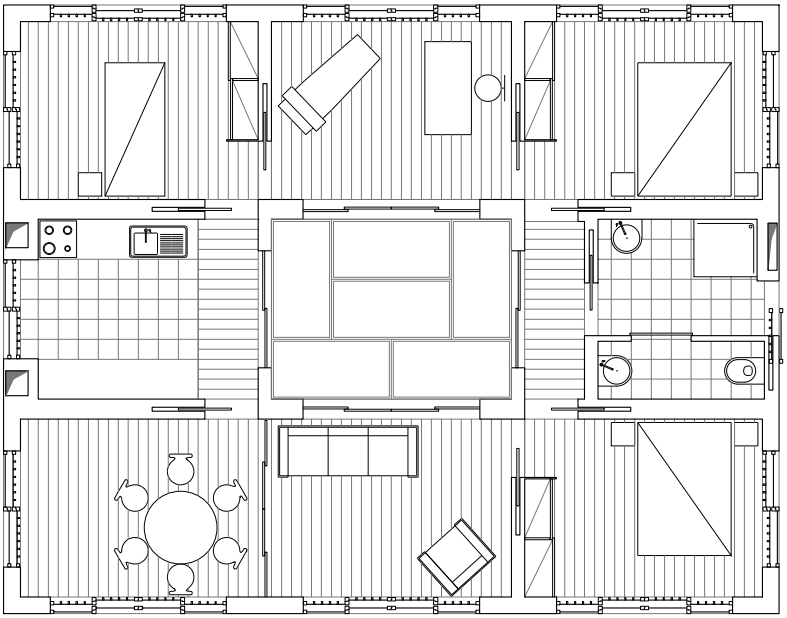


77. Da unidade modular ao nucleo gerador.

Na exploração máxima do modelo habitacional proposto, o espaço da casa vai assim organizar-se em três bandas. Juntam-se duas bandas de três módulos cada uma, em ambos os lados do núcleo central. Deste modo, o núcleo central actua como elemento servidor do espaço circundante. Condensam-se os elementos fixos da casa e obtém-se um espaço permeável que estabelece a transição entre os lados opostos da habitação.

Por outro lado, a definição das duas novas bandas, ao contrário do que acontece com a banda central, é feita segundo uma construção de carácter leve. Quanto à divisão entre módulos esta é feita de duas formas, ou através do mobiliário como elemento de separação espacial, ou através de elementos de partição espacial, utilizando painéis shōji ou fusuma. Ainda assim, mantém-se central a existência de uma transição variada entre os diversos espaços da habitação. Os múltiplos percursos e o facto que nenhum se assumir pela sua dimensão, ou mesmo pela sua localização dentro do espaço doméstico, faz com que, à partida, cada compartimento ofereça um alargado número de possíveis apropriações

.



78. Protótipo desenvolvido

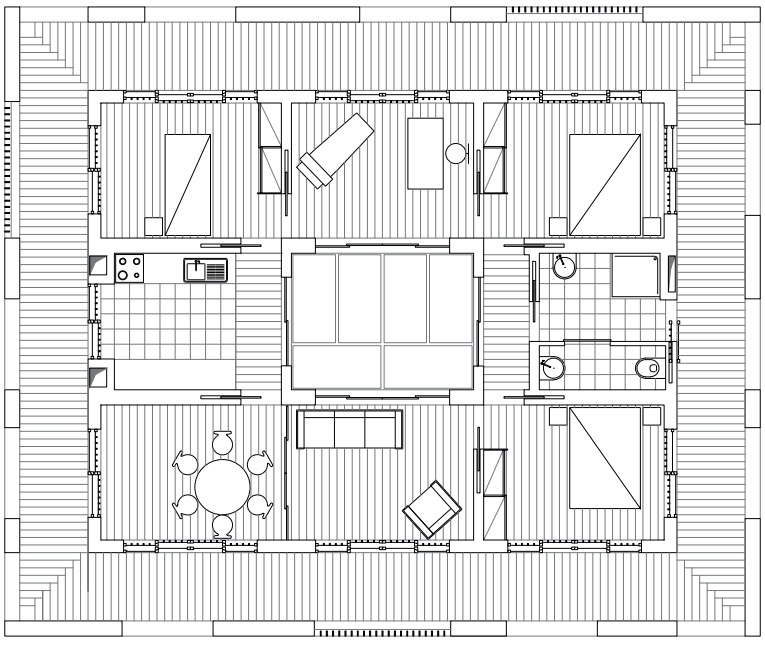
A *engawa* enquanto extensão e limite

A arquitectura doméstica, contida nas três bandas anteriormente referidas, parece, numa leitura isolada, escassa de sentido. O espaço japonês, abordado no decorrer da investigação, através dos seus conceitos, do seu desenvolvimento e da sua própria concepção, vê-se, de certa forma, incompleto quanto à sua configuração. No entendimento de uma lógica espacial que se constrói através de uma sucessão de camadas, às quais se vai acrescentando o sentido íntimo do habitar, fica, porém, completo com o momento da engawa.

Numa sucessão de layers espaciais, a casa que tem como espaço central, o espaço íntimo da casa, vê, na criação da engawa, a existência de um espaço de extensão, um momento de transição, mas, fundamentalmente, o estabelecimento de um limite. É neste carácter dúbio entre um elemento de continuidade e um elemento de quebra que se discute a importância da criação da engawa.

Tem como primeira intenção o distanciamento do limite do espaço doméstico. Numa aproximação à habitação, a engawa estabelece, num primeiro plano, uma leve fronteira da habitação. No entanto, é no estabelecimento de um momento de transição entre interior/ exterior que esta ganha sentido. Sem que se consiga afirmar enquanto espaço interior ou exterior à habitação deixa em aberto a verdadeira definição de limite.

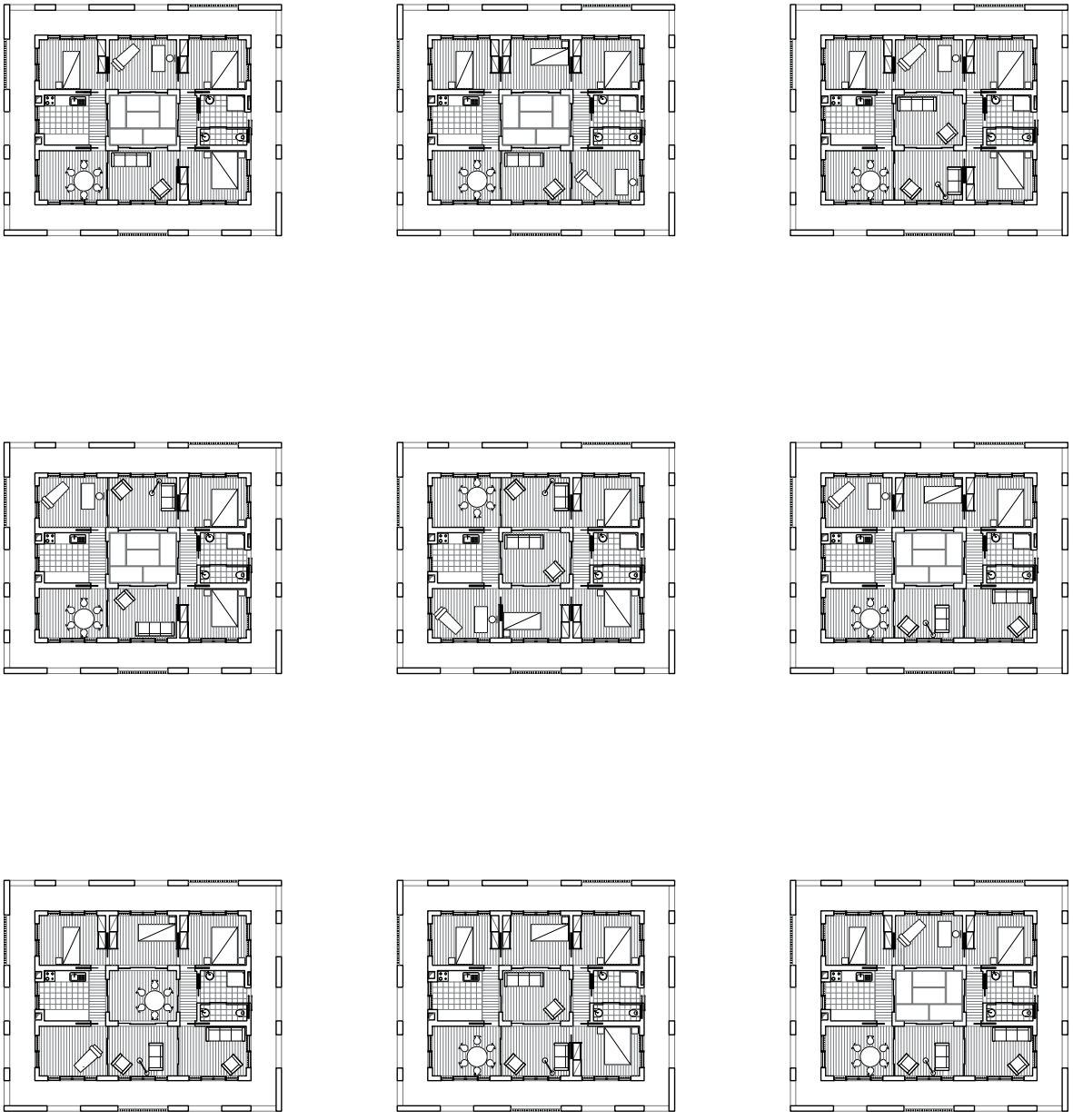
Marca a definição de uma ténue fronteira do espaço doméstico, mas, sobretudo, o momento de transição entre o exterior e o espaço íntimo do habitar. Neste sentido pode ser assimilada como uma extensão do espaço doméstico, ou, por oposição, corresponder a uma extensão do espaço exterior que se fundo com o interior da casa.



79. Diferentes possibilidades e apropriação do modelo habitacional desenvolvido.



80. Introdução da engawa no modelo habitacional desenvolvido.



O edifício

"*A tradição é importante quando contém momentos de mudança, quando não é apenas a for*ma *exterior e quando ela também implica u*ma *ideia do que se passa dentro de um edifício, de conflitos e um potencial de inovação. Caso contrário, tradição só significa estar preso nu*ma *rotina*"[126].

A chegada

A chegada ao edifício impõe uma correcta compreensão do lugar, da sua escala, das suas necessidades, para que a casa que é procurada lhe seja intrínseca.

No contexto do próprio edifício, da sua organização e da forma como se vai estruturar, importa, por isso, perceber a sua relação com a rua, com o local e, consequentemente, com a cidade. A intervenção vai assim dividir-se em duas parcelas, surgindo, tal como foi referido anteriormente, duas respostas diferentes. O compromisso que é feito com duas realidade urbanas diferentes, tem, ainda assim, em conta a sua proximidade, actuando de forma idêntica na relação que estabelecem com o plano da rua.
A abordagem ao local vai, desta forma, privilegiar a criação de uma certa abertura com a rua e com o lugar. Parte-se da leitura contínua do tecido urbano Japonês, de uma permeabilidade extremamente vincada, estabelecendo a ideia de uma propagação da rua para o interior do edifício. Recusa-se a afirmação desmesurada da proposta, ou a comemoração de momentos de grande determinação. Momentos de entrada ou de transição no próprio edifício acontecem, tal como surgem ao longo de uma caminhada pelo bairro, naturalmente.

[126] SIZA, Álvaro. Entrevista in Invisible in Architecture. BOUMAN, Ole; TOORN, Roemer van. 2011.

Piso térreo e o prolongamento da rua

Parte-se da vontade de devolver à cidade, o terreno ocupado. A propagação de uma dimensão de rua para interior dos edifícios lança o mote para a definição daquele que se assume como piso térreo. Reforça-se a ideia de uma indefinição do limite, possibilitando atravessamento, criando zonas de estadia e lazer, mas essencialmente, proporcionando um uso mais flexível de um espaço que se refere público.

No seguimento de uma realidade local e tirando proveito de iniciativas que pretendem devolver ao bairro a sua identidade, através da recuperação de técnicas tradicionais do artesanato, propõe-se a criação de espaços articulados de oficina e loja. A intenção, numa primeira fase, é a criação de instalações que, de algum modo, estimulem o próprio local. Por outro lado, criar condições para que, no uso prolongado do edifício, possam surgir novas e diferentes apropriações.



81. Planta piso térreo.

Da casa ao edifício

A transição da escala doméstica para a escala do próprio edifício origina a necessária compreensão de uma dimensão local e das suas carências. Numa primeira instância importa que casa reflicta o correcto entendimento da sociedade actual e da cultura em que se insere.

Assim sendo, interessa que o modelo habitacional, uma espécie de protótipo criado, se desmonte, se adapte, ganhe sentido e dimensão, e se assuma como a casa que Mukojima necessita. Na verdade, ele desprende-se do modelo estudado e dá origem a algo real e específico. É o ajuste que o torna humano à sua escala, que pelo particular põe de parte uma vertente mais mecânica do habitar.

Inicialmente e por lançarem questões de cariz diferente, surge a necessidade de diferenciar os edifícios pela tipologia que oferecem. No edifício que estabelece o prolongamento do bairro, vê-se necessária a existência de tipologias de dimensões mais reduzidas. Destinam-se, maioritariamente, a indivíduos em inicio de vida, numa tentativa de chamamento a uma maior fixação no bairro, Dando lugar à continuação do tecido urbano que o rodeia, o edifício vê, na parte que se refere à habitação, a continuação de uma linguagem que vem sendo característica do próprio espaço doméstico. Propaga-se uma gradação dos níveis de intimidade, premeia-se a criação de uma transição variada e progressiva dos espaços e dá- se continuidade a uma certa indefinição dos limites. Questiona-se, numa primeira fase, o verdadeiro limite do edifício e, consequentemente, limite do próprio espaço doméstico. Os dois fundem-se facilmente na criação de um espaço, à primeira vista, labiríntico.



82 Planta habitação tipologia bairro.

Por sua vez, em coerência com o espaço da casa, na abordagem ao edifício, a livre circulação dá lugar à, também, livre apropriação. É, desta forma, premiada a vivência em comunidade e o uso variado do espaço. Uma primeira leitura mostra-nos um espaço doméstico que se apropria rapidamente dos espaços de transição do edifício. Por outro lado, o oposto é também facilmente alcançável. Na verdade, a transição para o espaço doméstico propõe sempre uma mudança de cota. Há, desta forma, a introdução de uma nova fronteira e o estabelecer de um distanciamento do habitar.

Estabelecendo o fecho do bairro e, de algum modo, marcando sua fronteira, o segundo edifício tem por si só uma identidade única. Com uma lógica de construção em altura, o tipo de habitação proposto é, por isso mesmo, diferente. As tipologias desenvolvidas, aqui, destinam-se a agregados familiares mais numerosos. Tendo em conta que os modelos propostos prevêem a possibilidade de transformação do espaço, ou o uso variado de cada uma das suas divisões no decorrer do uso prolongado do edifício, o número de habitantes que cada habitação conseguirá receber poderá também ele variar.



83 Planta habitação tipologia torre

Numa perspectiva de carácter diferente, a habitação desenvolvida aqui assume uma natureza mais independente. Há uma definição mais rígida dos seus limites e a vivência proposta compreende uma diferente identidade do edifício. Na leitura de uma cidade que se constrói em altura, há a tentativa de se transpor o espaço exterior para dentro do edifício.

Estratégia Urbana

"*Fazer cidade é convocar saberes e levar a regeneração e a revitalização a todo o território do urbano. É aprofundar o conhecimento sobre a cidade emergente e não a discriminar na afectação dos recursos. Fazer cidade é conferir ao espaço público u*ma *função central na política urbana. É nele que reside a garantia da evolução da cidade*."[127]

Da casa ao edifício, do edifício à rua, da rua à cidade

Da casa ao edifício, do edifício à rua, da rua à cidade, impõem- se no pensamento, linguagem e discurso que, devidamente articulados, laçam o mote para o desenvolvimento de uma estratégia urbana coerente. O processo que, de modo algum, comporta o desenvolvimento de uma entidade isolada, presume o compromisso sensato dos vários momentos e escalas que projecto atravessa.

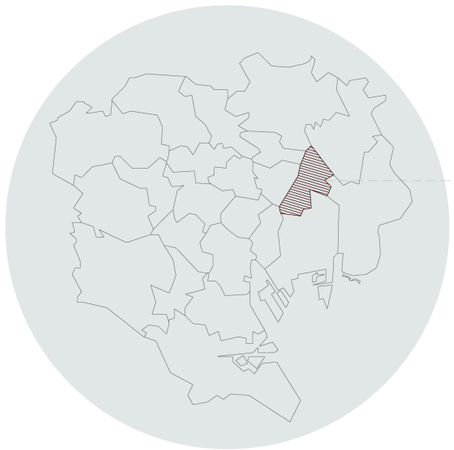
[127] PORTAS, Nuno – O Ser Urbano nos caminhos de Nuno Portas, Lisboa: INCM, 2013

O desenvolvimento da proposta urbana transporta, assim, um discurso de continuidade com as decisões tomadas no desenvolvimento do habitar. É, desta forma, assumida pela casa a posição de matriz fundadora de toda a estratégia urbana.

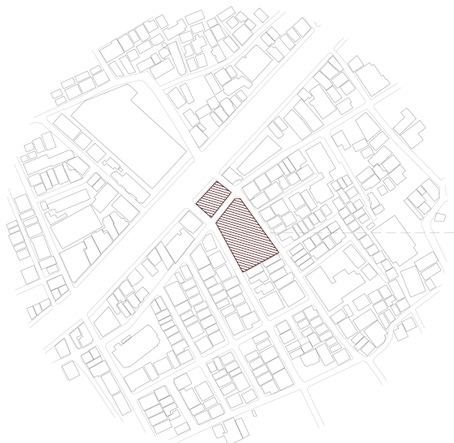
Neste sentido e no seguimento da leitura que é feita do lugar, a proposta final compreende a continuação de uma escala do habitar num tecido urbano de bairro, onde a permeabilidade, a transição e indefinição de limites são tomados como premissas. Na abordagem ao sítio impõem-se dois volumes, levantando, cada um deles uma resposta de carácter diferente. Tendo como propósito principal a consolidação de uma escala e identidade de bairro, há um primeiro volume de uma linguagem horizontal que estabelece a unificação do mesmo. Do outro lado, a torre, elemento que se destaca pela sua presença, questiona desde logo a existência de um espaço fronteira no bairro. Em jeito de contradição é ela que estabelece um primeiro momento de transição e de entrada no bairro.
De um modo geral, o pensamento do espaço doméstico supõe a compreensão de uma dimensão de cidade, da mesma forma como conceber o espaço urbano presume, inversamente, a assimilação de uma escala humana do habitar. É esta a premissa fundadora da estratégia urbana no seu global. Parte-se da compreensão de uma escala do habitar doméstico, no domínio de uma entidade particular, para a definição de uma lógica urbana coerente a todas as escalas. É, numa leitura geral, o convocar de conhecimentos e recursos que, no entendimento de uma escala urbana do lugar indissociável da escala do habitar, culmina na criação de uma proposta de necessidades particulares e de uma resposta de interesse geral.



Tóquio



Sumida



Intervenção



O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

JAPÃO | TÓQUIO | SUMIDA E O LOCAL DE INTERVENÇÃO

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA

1.25000

P01



Mutsumiinari
Shrine



Hikifune
Station



Akiba
Shrine



Mimeguri
Shrine



O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

LOCAL DE INTERVENÇÃO

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA

1.2000

P02



1876

Período Edo (1603-1868)
[255-265] 1876-1886

No período Edo (1603-1868), o Japão, sob um sistema feudal, era caracterizado por um poder descentralizado, com uma economia baseada na agricultura de subsistência, trabalho servil e sem comércio.

Após a Restauração Meiji concretizou-se unidade política do país. A abertura ao comércio internacional e o contacto com práticas ocidentais permite que o país se catapulte economicamente.

Conhecido como o regime iluminado, o período Meiji fica principalmente marcado pela restauração Meiji. É neste período que se dá o término do sistema feudal.

1886

É criado o iene e o Banco do Japão, além de se estabelecer o ensino primário obrigatório, a centralização do poder e fortalecimento do Estado.



1901

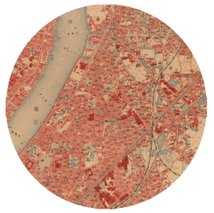
Período Meiji (1868-1912)
[36-42] 1901-1907

O distrito de Sumida é um dos 23 que constituem a cidade de Tóquio. Foi criado através da junção de dois antigos distritos Honjo e Mukōjima.

Mukōjima, antiga região de caracter agrícola, os caminhos outrora usados pelos agricultores, tornaram-se muitas vezes vias para pedestres e veículos. Muitos desses caminhos permanecem até hoje como redes complexas de vielas que fazem parte da paisagem urbana de Mukōjima.

É precisamente no período Meiji que a transformação do bairro de Mukōjima se começa a intensificar. Inicia-se um processo de unificação e transformação de áreas de uso agrícola para áreas de uso residencial. Há a necessidade do aparecimento de Mukōjima na rede férrea do país.

1907



1916

Período Taishō (1912-1926) e Shōwa (1926-1989)
[Taishō 5 - Shōwa 2] 1916-1927

No período Taishō, o Japão ficou marcado por problemas políticos e económicos. Na busca por uma aproximação da realidade Ocidental, o país vai investir fortemente na industrialização e na sua afirmação em mercados internacionais.

O período Shōwa foi o mais longo de todos os Imperadores japoneses. Fica principalmente marcado pelo entrada na Segunda Grande Guerra Mundial e pela ocupação do país por parte dos EUA.

A industrialização do Japão que tem início no período Meiji e que se arrasta até aos períodos Taishō e Shōwa tem efeito directo no distrito de Mukōjima, levando-o a desenvolver-se como uma área comercial e residencial.

1927

1928



Período Shōwa (1926-1989)
[3-14] 1928-1939

No período em que se dá o envolvimento do Japão na Segunda Grande Guerra Mundial, Mukōjima vê algum do seu traçado revisto ou mesmo transformado por completo. É nesta altura em que Mukōjima passa a ter uma linha férrea directamente ligado ao centro de Tóquio.

Com a fuga das áreas rurais e a procura de melhores condições, Tóquio densifica-se. É intensificado desta forma o povoamento Mukōjima como subúrbio da grande metrópole.

1939



1948

Período Shōwa (1926-1989)
[23-35] 1948-1960

Pós Segunda Guerra Mundial e antes do grande "*boom*" da economia Japonesa.

Dá-se a consolidação e reestruturação da rede viaria na recuperação do pós-guerra e procede-se à reforma e modernização da linha ferroviaria. Oshiage Station, localizada no centro de Sumida, afirma-se como ponto intermediário entre Tóquio e as áreas circundatens à capital nipónica.

1960



1984

Perído Shōwa (1926-1989) e Heisei (1989-)
[Shōwa 59 - Heisei 2] 1984-1990

De 1954 até a morte do Imperador Shōwa, o Japão reconstruiu-se política e economicamente. Os investimentos externos dos Estados Unidos e a intervenção económica do governo Japonês, estimulou o conhecido "Milagre Japonês" semelhante ao "wirtschaftswunder" da Alemanha Ocidental.

Nos últimos anos do período Shōwa, a economia do Japão ascendeu e tornou-se a segunda maior do mundo, atrás dos Estados Unidos.

1990

2016









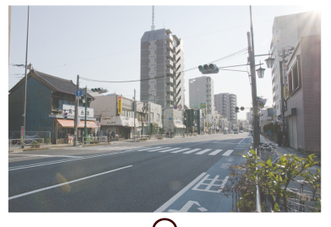
























O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

LOCAL DE INTERVENÇÃO

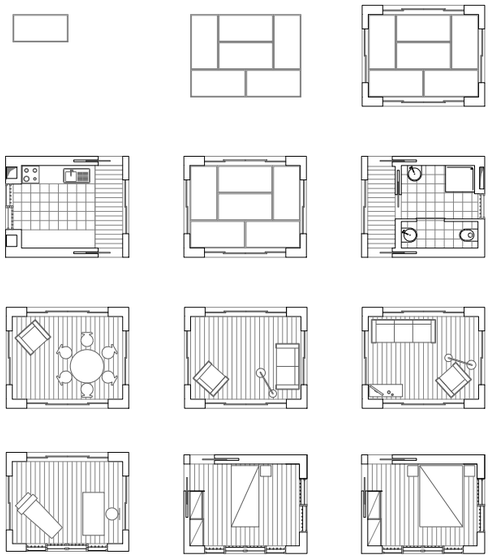
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

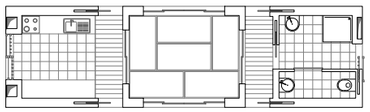
Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

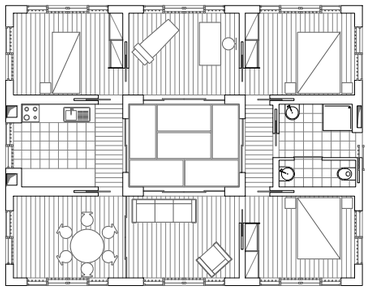
ESCALA

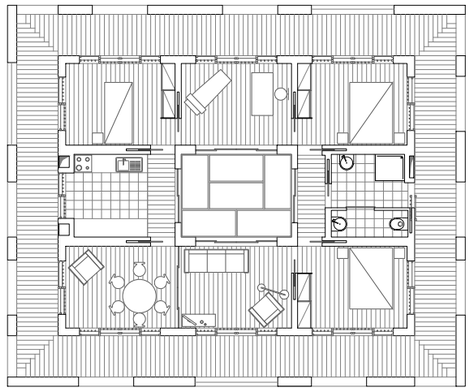
1.1000

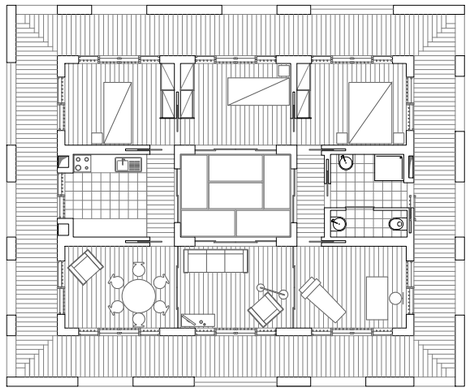
P03

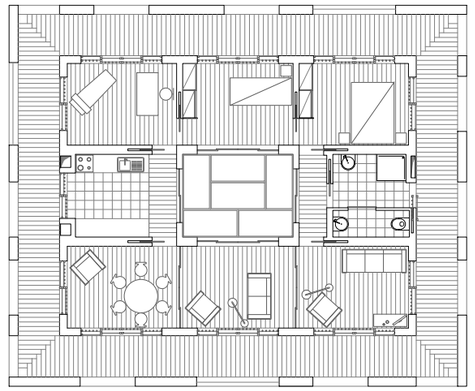


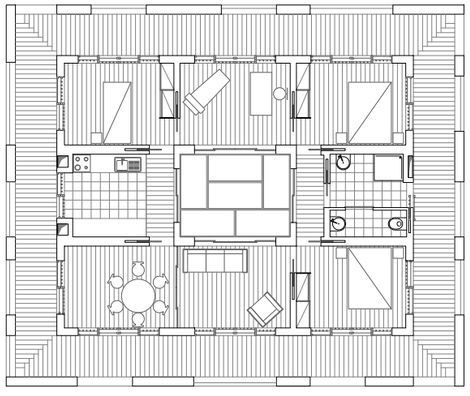


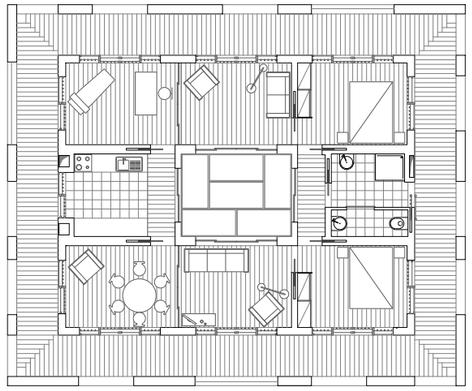


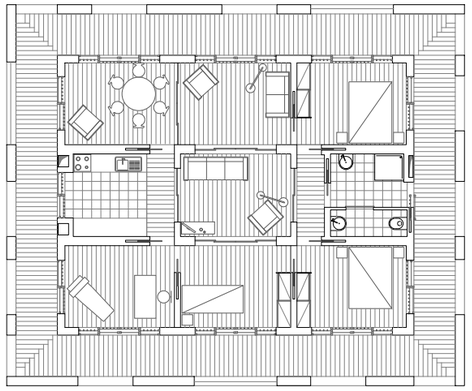


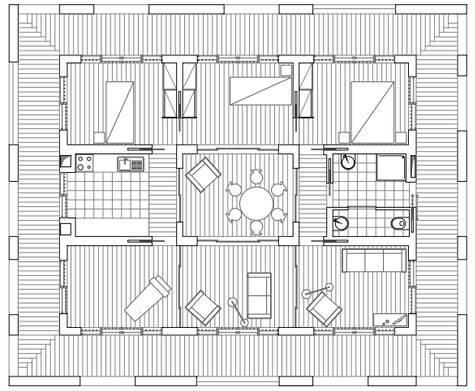


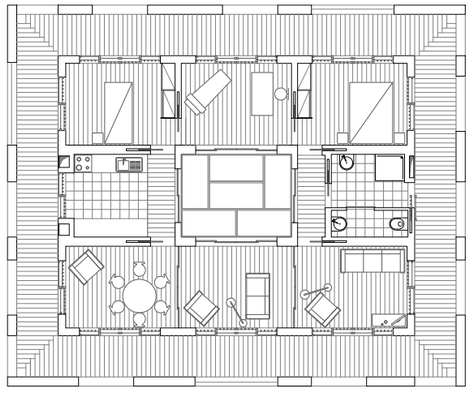


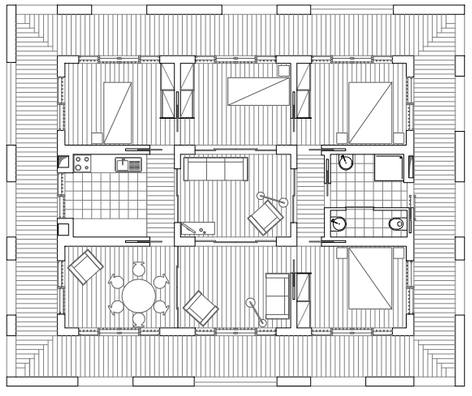


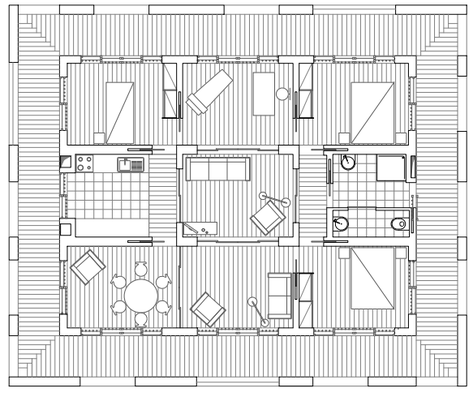












O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

UNIDADE MODULAR | DIFERENTES APROPRIAÇÕES DO MODELO HABITACIONAL

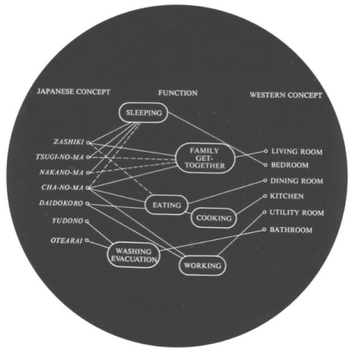
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

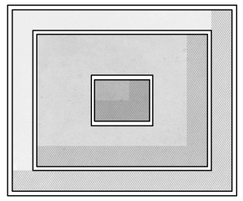
Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

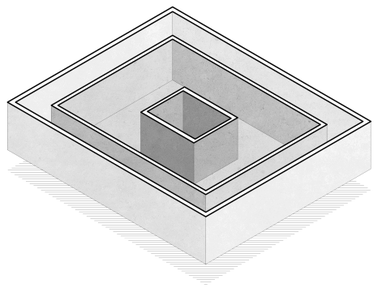
ESCALA

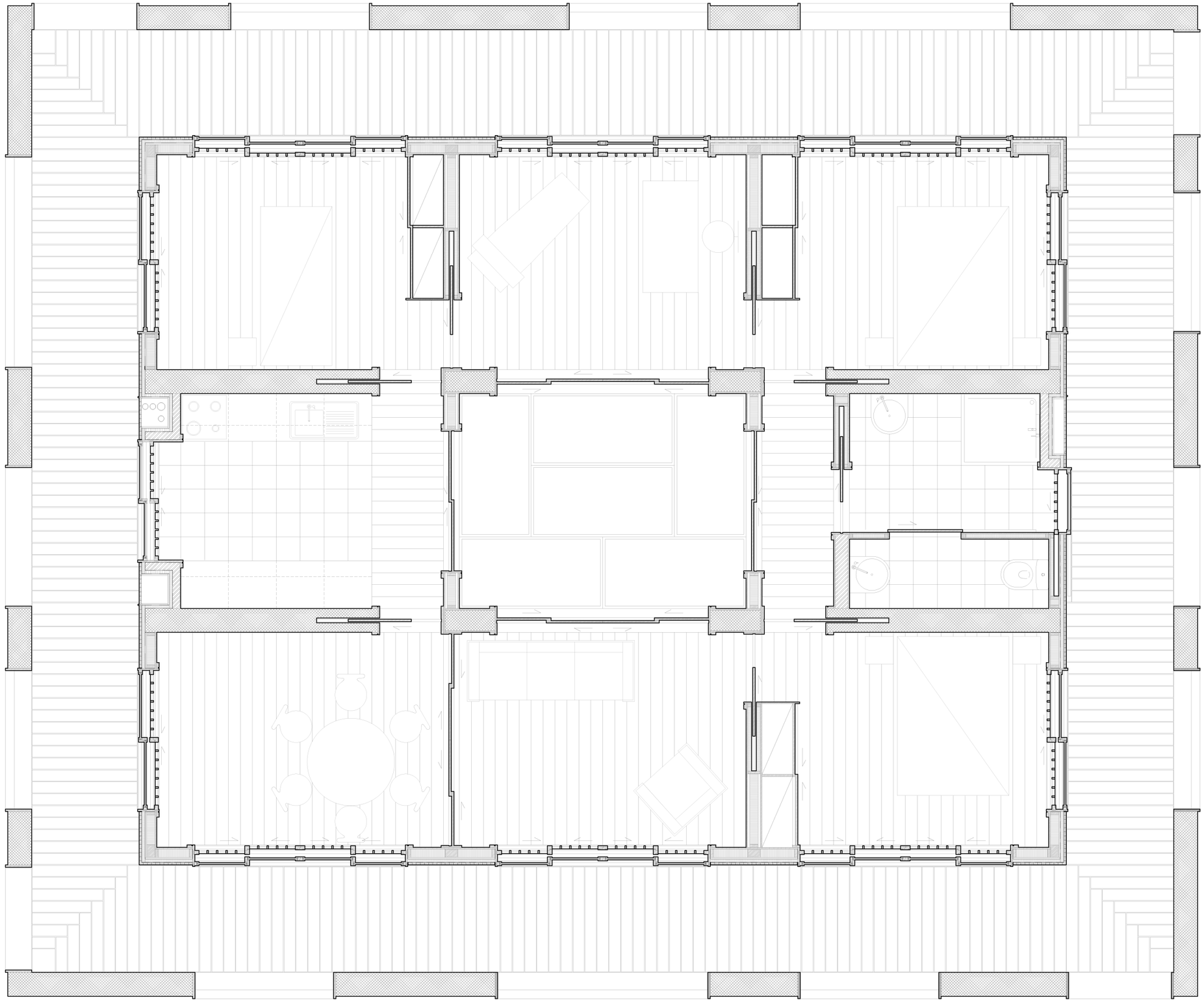
1.100

P04









O HABITAR JAPONÊS

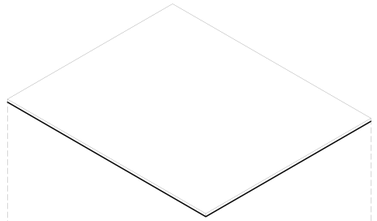
REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

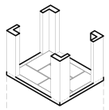
DIAGRAMAS | PLANTA TIPO

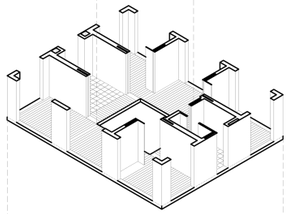
ESCALA 1.200 1.25

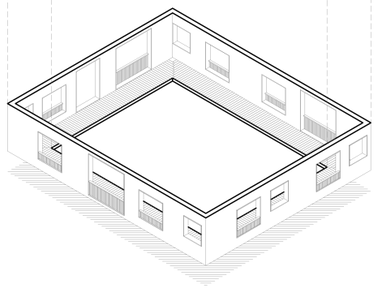
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

P05





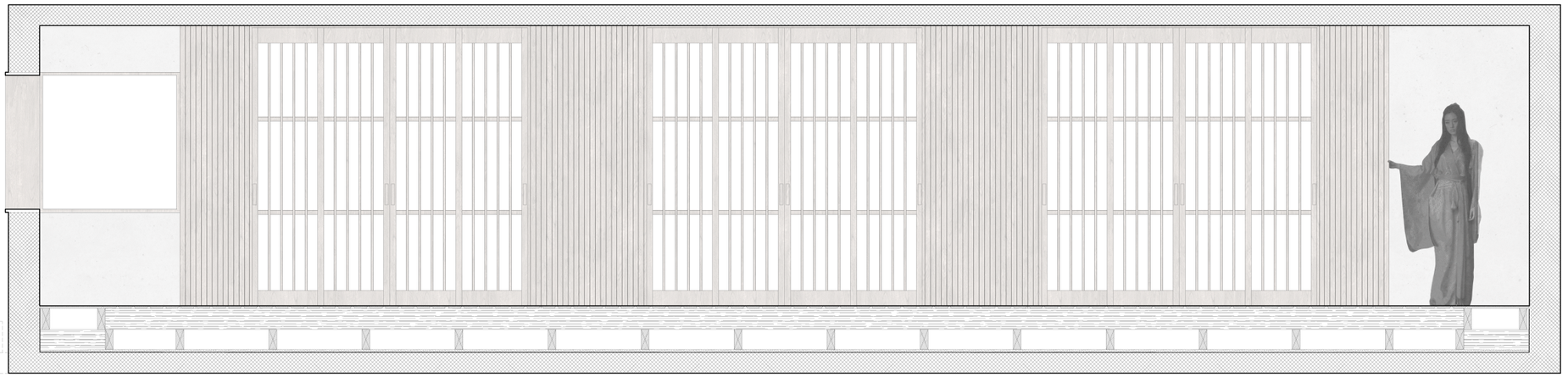


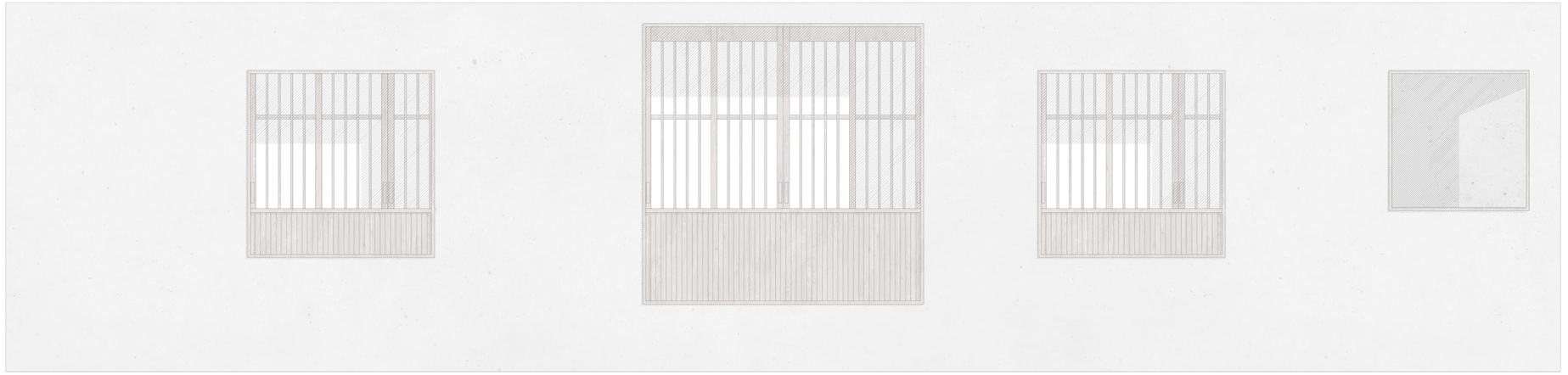














O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

AXONOMETRIA | CORTES E ALÇADOS

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

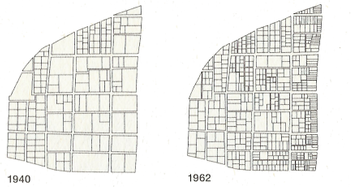
Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

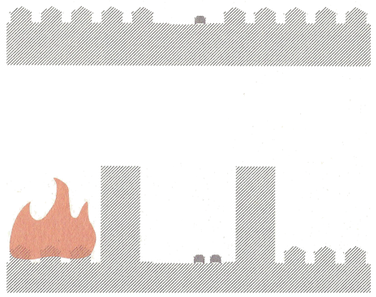
ESCALA

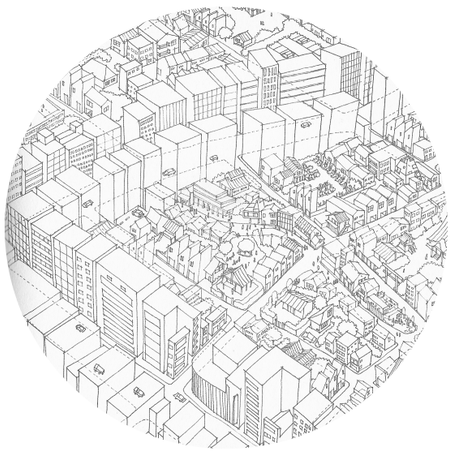
1.200

1.25

P06







O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

ESCALA 1.500

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

P07









O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

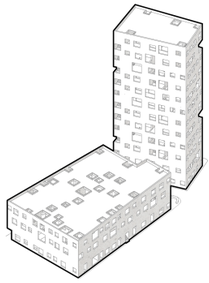
PLANTA PISO TÉRREO

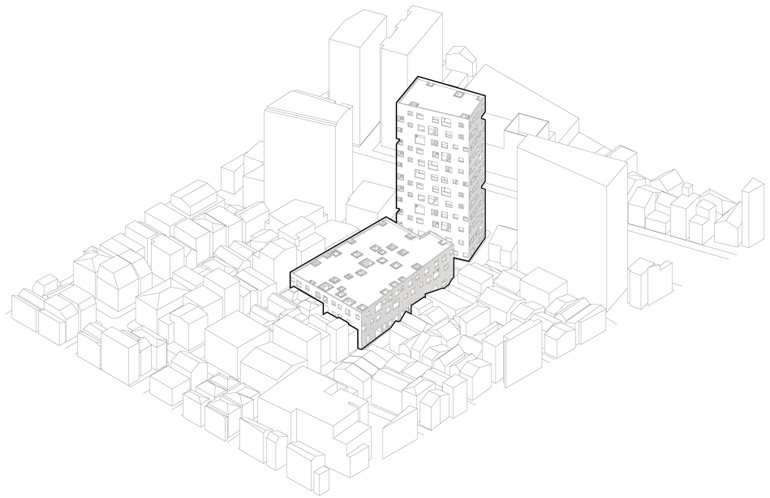
ESCALA 1.500

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

P08

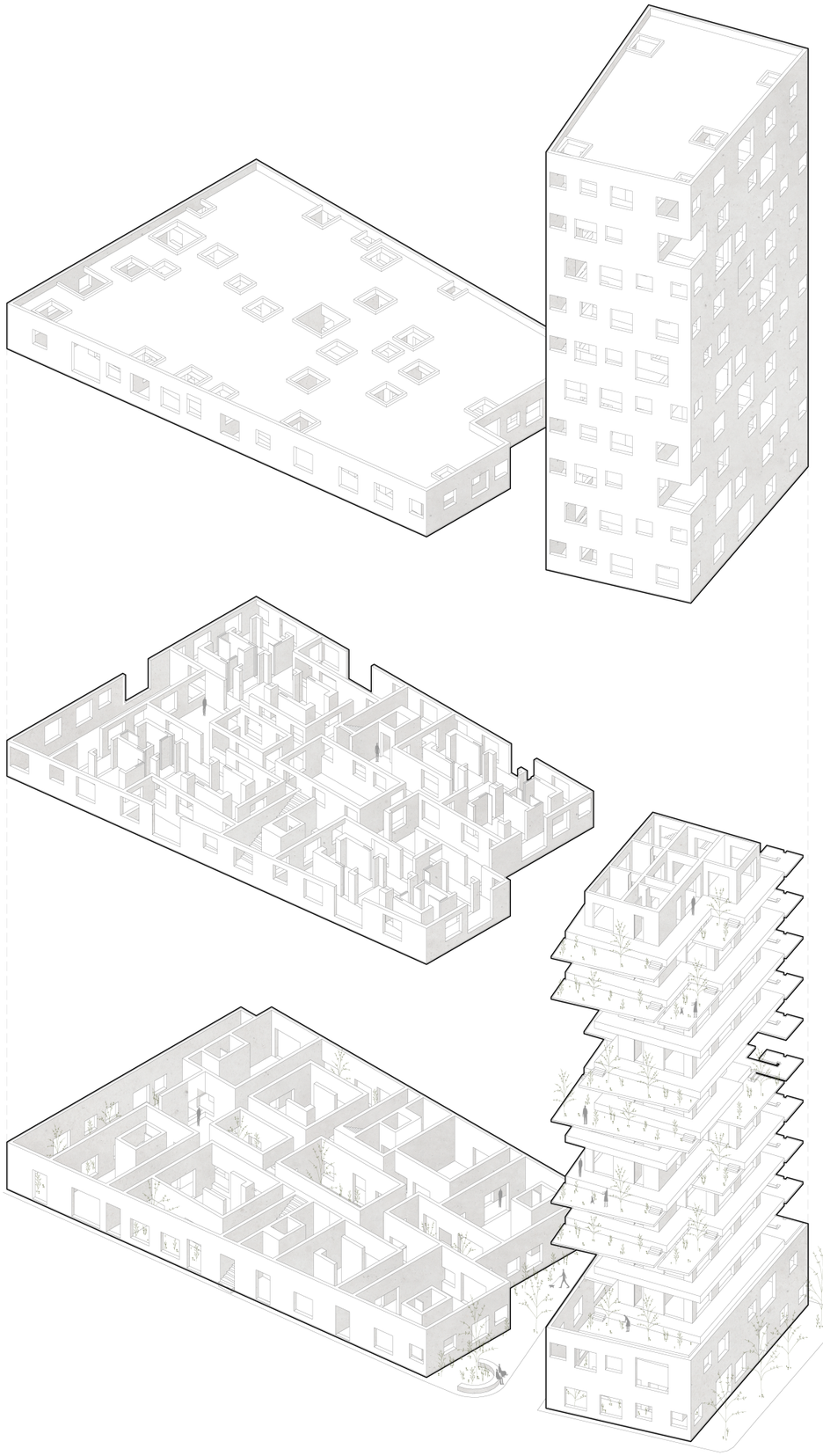






Habitação tipo
Bairro

Comércio e Oficinas



Habitação tipo
Torre

O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

AXONOMETRIA | IMAGEM AÉREA

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA

1.500

1.200



O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABILIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA PISO TÉRREO

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA 1,200

P10

O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA PISO 1

ESCALA 1.200

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

P11





O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

CORTE E ALÇADO

ESCALA 1.200

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

P12

O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA PISO 2 | 1 TORRE

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA 1:200

P13



O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA PISO 2 TORRE

ESCALA 1.200

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

P14



O HABITAR JAPONÊS

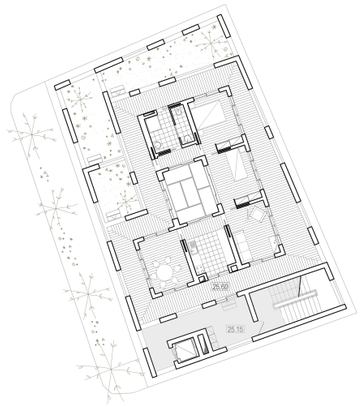
REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

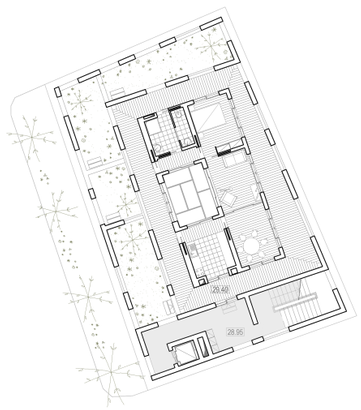
CORTE E ALÇADO

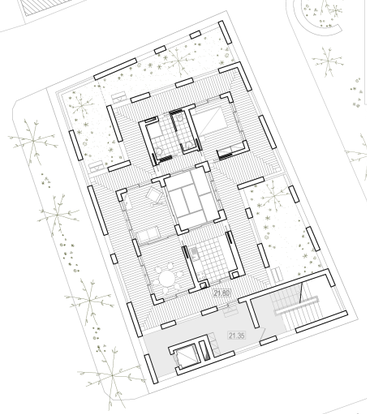
ESCALA 1.200

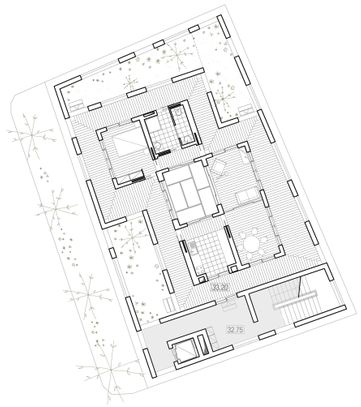
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias









O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA PISO 3 | 4 | 5 | 6 TORRE

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA

1.200

P16



O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABILIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA COBERTURA

ESCALA 1.200

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias





O HABITAR JAPONÊS

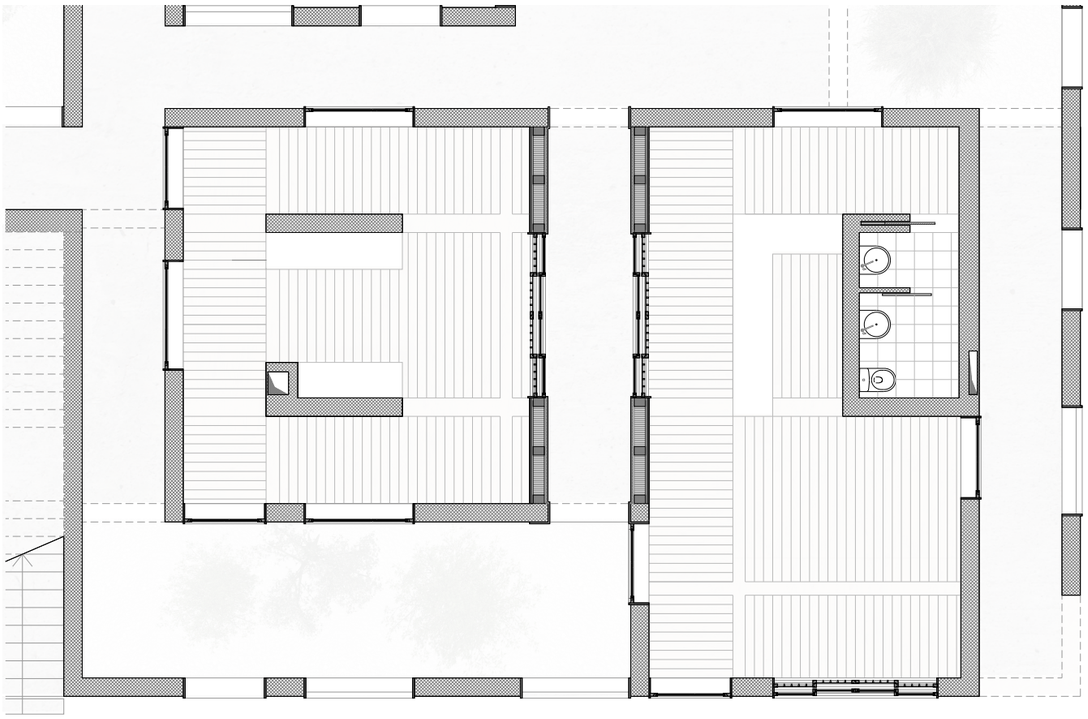
REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

CORTE E ALÇADO

ESCALA 1.200

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias







O HABITAR JAPONÊS

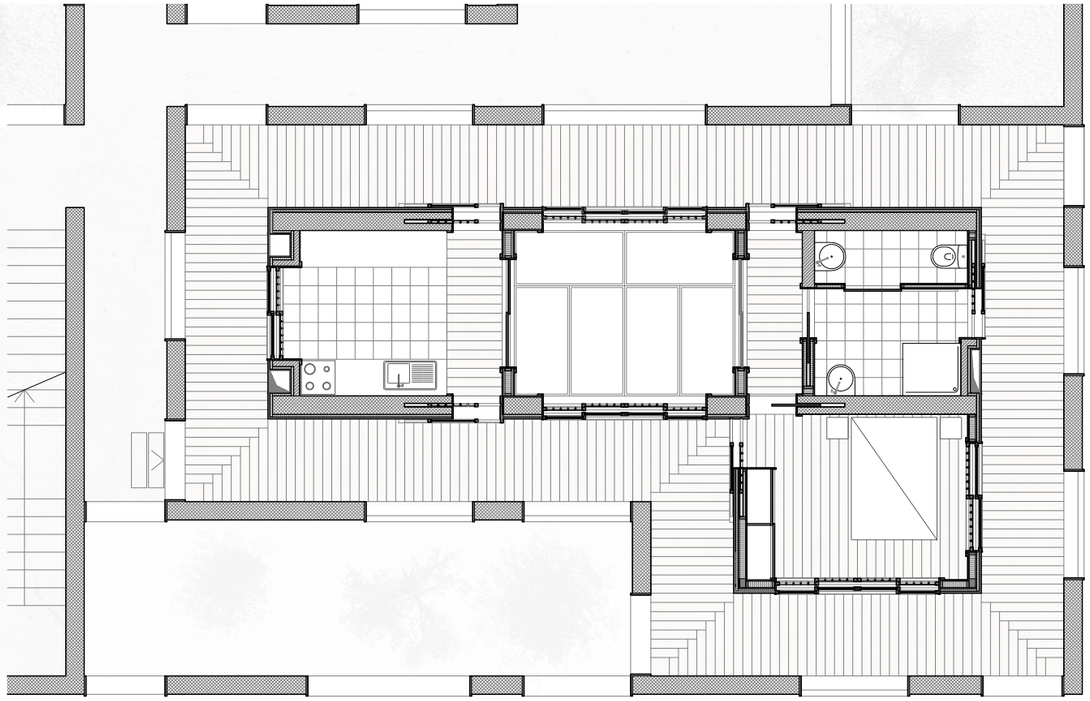
REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

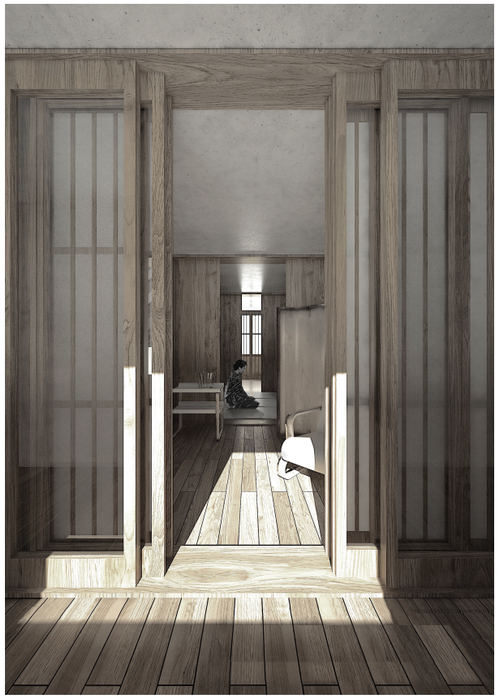
PLANTA PISO 0 | CORTE | VISUALIZAÇÕES

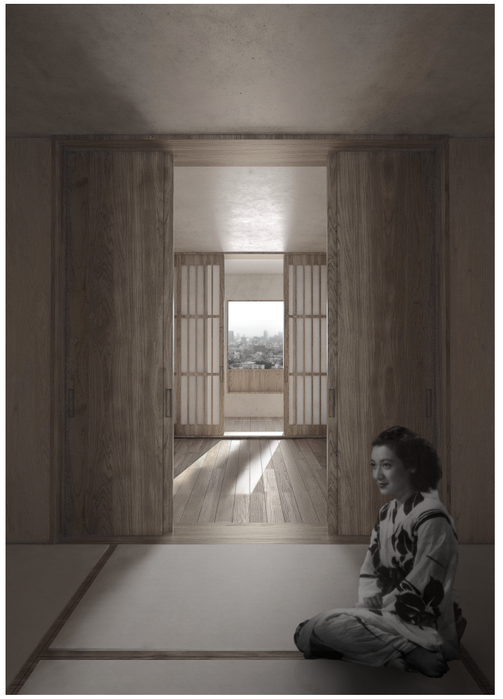
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

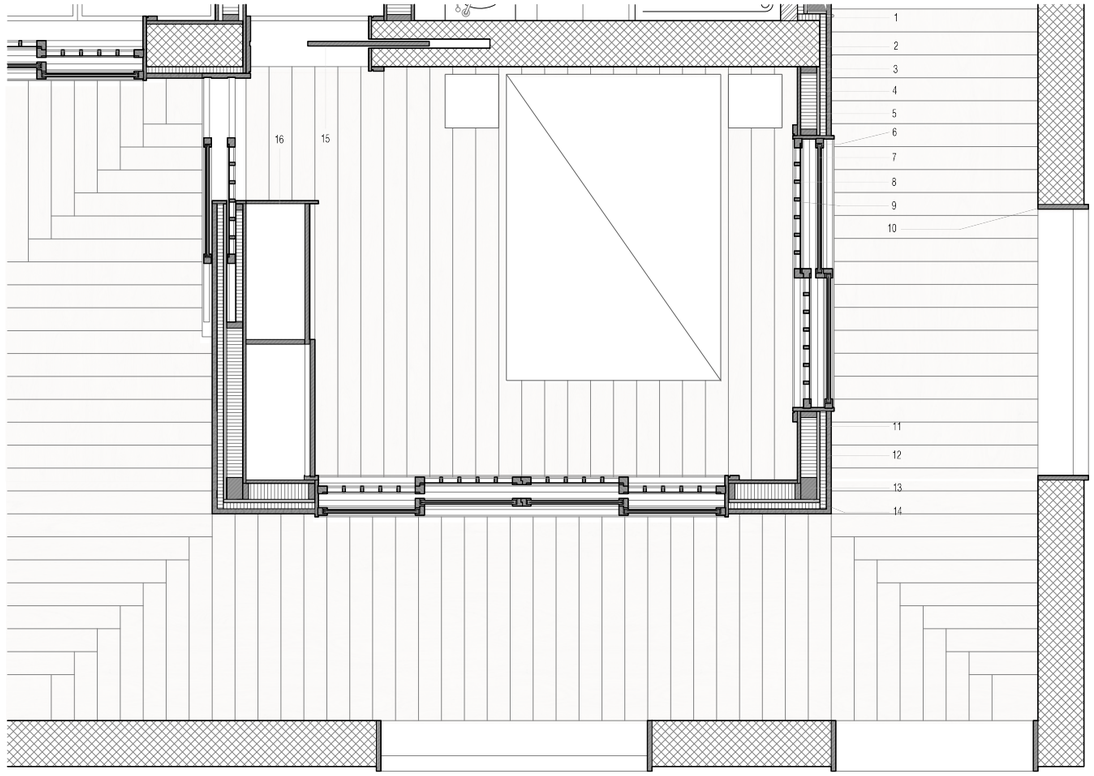
Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA 1.50









1- Sistema de Fixação de Painéis de Revestimento em Madeira
2 - Betão Armado
3 - Isolamento Térmico
4 - Isolamento Acústico
5 - Tabuado de Construção (MDF)
6 - Sistema de Portas de Correr com Caixilho em Madeira
7 - Vidro Duplo
8 - Papel Translúcido de Sistema de Portas de Correr - "Sohji"
9 - Perfis de Ripado de Madeira
10 - Aro em Madeira de Vão Exterior
11 - Tabuado de Construção (MDF)
12 - Revestimento Parede Exterior de Madeira
13 - Montante de Madeira Dim 30mmx40mm
14 - Perfil de Madeira
15 - Sistema de Portas de Correr opaco e em Madeira
16 - Elementos de Madeira Constituintes de Armários



O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

PLANTA PISO 1| TIPOLOGIA | UNIDADE MODULAR | VISUALIZAÇÕES

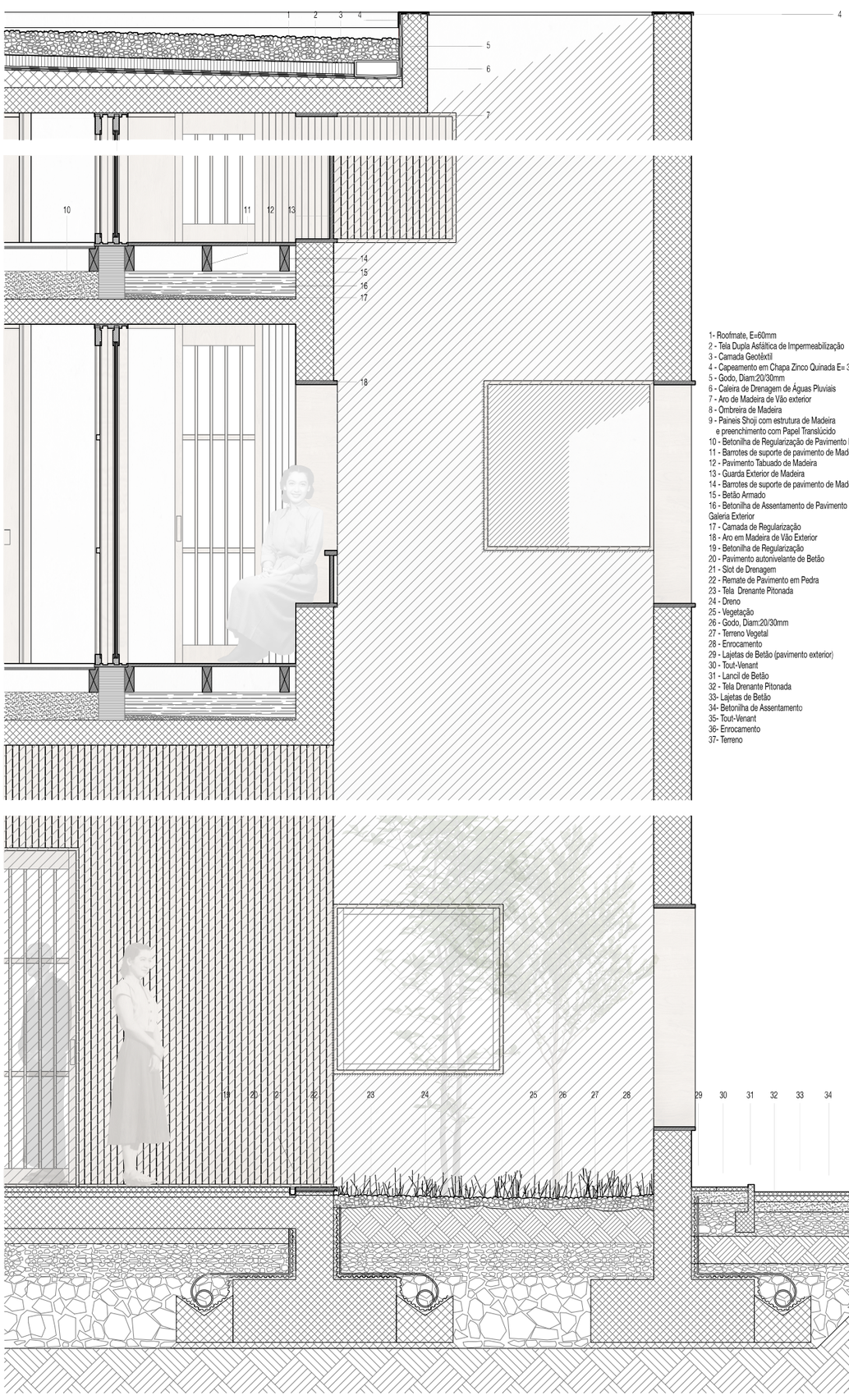
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

ESCALA

1.50

1.20



1- Roofmate, E=60mm
2 - Tela Dupla Asfáltica de Impermeabilização
3 - Camada Geotêxtil
4 - Capeamento em Chapa Zinco Quinada E= 3mm
5 - Godo, Diam:20/30mm
6 - Caleira de Drenagem de Águas Pluviais
7 - Aro de Madeira de Vão exterior
8 - Ombreira de Madeira
9 - Paineis Shoji com estrutura de Madeira
e preenchimento com Papel Translúcido
10 - Betonilha de Regularização de Pavimento Interior
11 - Barrotes de suporte de pavimento de Madeira
12 - Pavimento Tabuado de Madeira
13 - Guarda Exterior de Madeira
14 - Barrotes de suporte de pavimento de Madeira
15 - Betão Armado
16 - Betonilha de Assentamento de Pavimento da
Galeria Exterior
17 - Camada de Regularização
18 - Aro em Madeira de Vão Exterior
19 - Betonilha de Regularização
20 - Pavimento autonivelante de Betão
21 - Slot de Drenagem
22 - Remate de Pavimento em Pedra
23 - Tela Drenante Pitonada
24 - Dreno
25 - Vegetação
26 - Godo, Diam:20/30mm
27 - Terreno Vegetal
28 - Enrocamento
29 - Lajetas de Betão (pavimento exterior)
30 - Tout-Venant
31 - Lancil de Betão
32 - Tela Drenante Pitonada
33- Lajetas de Betão
34- Betonilha de Assentamento
35- Tout-Venant
36- Enrocamento
37- Terreno



O HABITAR JAPONÊS

REFLEXÃO SOBRE A FLEXIBILIDADE E ADAPTABLIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA HABITAÇÃO COLECTIVA NO BAIRRO DE MUKOJIMA, TÓQUIO

CORTE | VISUALIZAÇÕES

ESCALA 1.20

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Rodrigo da Silva de Faria e Maia | Equipa de Orientação: Professor Doutor Hugo Farias

05 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação propõe um olhar e reflexão sobre a arquitectura Japonesa, no elemento particular da habitação. A análise que é feita sobre o país, a sua cultura e o seu espaço doméstico, lança o mote para o desenvolvimento de uma proposta que estabeleça a compreensão geral do habitar Japonês.

Numa fase prévia ao desenho da proposta, mostrou-se necessária a compreensão global dos temas mais relevantes. Neste sentido, e na carência de um posicionamento base, a análise da casa e dos modos de habitar – na sua evolução e desenvolvimento – mostrou-se, numa primeira instância, essencial à contextualização da problemática central do trabalho.

Por sua vez, na identificação de uma clara dissociação entre os modos de vida e os modelos habitacionais propostos – tanto num panorama global como num contexto mais particular do Japão - viu-se a pertinência de uma reflexão crítica acerca de temas mais precisos - no que são o desenvolvimento de estratégias que proponham um espaço doméstico mais adequado ao Homem contemporâneo. Assim sendo, flexibilidade ou adaptabilidade, polivalência, ambiguidade funcional ou mesmo desierarquização espacial, foram alguns dos termos reunidos no estabelecimento de uma primeira reflexão crítica.

Somente após uma investigação mais aprofundada da casa – na sua definição mais genérica – e dos temas do habitar, foi possível dar início a uma análise do contexto Japonês em particular. A reflexão crítica feita sobre a história e desenvolvimen-

to de um país – e como é óbvio de uma cultura - tão particular quanto o Japão, serviu como norteadora de um discurso que se foi tornando naturalmente mais complexo e diverso.

Inevitavelmente, depois de uma primeira análise à evolução histórica da casa japonesa, viu-se necessária a compreensão da sua identidade espacial. Os conceitos japoneses que, numa primeira fase possibilitam o entendimento da sua arquitectura espacial, deram, posteriormente, origem ao estudo dos principais elementos que configuram a casa e a cidade Japonesas. Todo o processo de investigação, que de uma forma natural foi aumentando o grau de complexidade dos temas, configurou uma matriz base para o desenho do projecto. Estabeleceu, sobretudo, a definição de um fio condutor pelo qual a intervenção se iria reger.

Ao longo do seu desenvolvimento, o desenho da proposta revela uma preocupação constante pelo equilíbrio e coerência, desde a escala do habitar à escala da cidade. Numa fase inicial, é o regresso ao passado da habitação tradicional Japonesa que surge como mote que dá origem à elaboração do trabalho. Tendo em conta uma interpretação pessoal, foi feito um ensaio que permitisse a criação de uma solução racional para o espaço doméstico. Foram discutidas e experimentadas as mais variadas estratégias enunciadas ao longo da investigação. A experimentação prévia de conceitos expostos tornou mais fácil a sua implementação num contexto real, que tomou lugar num momento posterior.

Na verdade, actuar sobre um contexto específico, permitiu o confronto com novos problemas e a necessidade de novas respostas naquela é que a procura para a casa a de hoje.

De que casa estamos à procura? De que forma responderá à sociedade actual? Será ela capaz de gerar cidade? Seremos nós, sequer, capazes de a projectar? São questões que, de uma forma ou de outra, fundamentam o projecto na sua íntegra. Se de algum modo se afirmaram como questões de carácter universal – pela amplitude e abrangência do tema central – surgiram, fundamentalmente, na necessidade de resposta a um problema e contexto específicos. É o encontro de um lugar específico que lhe confere escala e um verdadeiro sentido.

Como tal, a questão central ao desenvolvimento do presente trabalho e, na generalidade, à investigação em arquitectura, a habitação ocupou lugar de destaque na concretização deste projecto. Na constante dissociação entre os modos de vida e os modelos habitacionais propostos, a casa ocupa — e continuará a ocupar — um lugar preponderante no futuro de um discurso arquitectónico. Na sua notória complexidade, questionou-se, de uma forma geral, o modo como a casa tradicional japonesa, na sua concepção e organização espacial, poderá lançar pistas para a criação de um espaço doméstico mais adequado a quem o habita. Numa perspectiva de se criar condições, ao invés de as determinar, lutou-se pela liberdade de apropriação do espaço, na criação e definição de uma ambiguidade espacial.

No que concerne ao local específico, Tóquio, no seu contexto urbano, encontra-se já consolidada. Resta, sim, a sua contínua requalificação enquanto cidade e a compreensão de um carácter regenerativo extremamente presente. Mais do que impor ou propor um uso específico, destaca-se a clara necessidade de serem geradas condições para um uso diversificado quanto à escala de cidade.

Não obstante a sua complexidade, os objectivos gerais, a que se propunha o trabalho, foram alcançados. Num primeiro plano a compreensão de uma arquitectura e da sua identidade espacial, na sua capacidade de sugerir a criação de um espaço doméstico versátil e capaz de proporcionar o uso diversificado e a liberdade apropriação.

Posteriormente, numa escala urbana, a criação de uma proposta que é a definida, à partida, por uma matriz habitacional. É acrescentado significado e dimensão à casa, validando-a na forma como responde à problemática central do habitar e às problemáticas inerentes ao próprio local.

Ainda assim, uma questão nunca surge sozinha, ou, no limite, dá origem a outras tantas. Desta forma, sobressai a necessidade de um estudo contínuo e mais aprofundado de alguns dos temas abordados. A subjectividade inerente a um projecto de carácter académico levanta desde logo questões acerca da flexibilidade proposta e da sua exequibilidade. Por

outro lado, os princípios construtivos e a sua preponderância numa possível reversão do espaço da casa mostram-se essenciais na sua definição. Questiona-se a real longevidade das possíveis transformações do habitar.

Em todo o caso, destaca-se a pertinência do tema, numa intervenção que rejeita o estatuto de resposta única, mas que se impõe pelas questões que levanta, gerando discussão e uma reflexão mais aprofundada.

"*Sendo assim, projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir- se para o arquitecto na criação de for*mas *vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As for*mas *que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem*."[128]

[128] TÁVORA, Fernando – Da Organização do espaço, Porto, FAUP Publicações, 2008, p.78

06 | FONTES DOCUMENTAIS

Bibliografia

Publicações

BARTHES, Rolland - Empire of Signs, New York: Hill and Wang 1983.

BOGNAR, Botond - Contemporary Japanese Architecture, Nova Iorque: Van Nostrand Reinold, 1985.

CABRITA, António Reis e COELHO, António Baptista - Habitação Evolutiva e Adaptável, Lisboa: LNEC, 2009.

ELEB-VIDAL, Monique, CHATELET, Anne-Marie, MANDOUL, Thierry,

Penser l'habité: le logement en questions, Paris, Pierre Mardaga Editeur, 1988.

FAWCETT, Chris - The New Japanese House: Ritual and Anti--Ritual Patterns of Dwelling, London: Granada, 1980.

FUJIMOTO, Sou - Primitive Future: Contemporary Architect's Concept Series #1, Tokyo: INAX, 2008.

GROAK, Steven - The Idea Of Building: Thought And Action In The Design And Production Of Buildings, London: E&FN Spon: An., 1992.

GRUPO DE INVESTIGACIÓN HABITAR - Rehabitar en nueve episodios. Madrid: Ed. Lampreave, 2010.

HERTZBERGER, Herman - Lessons for students in Architecture, Rotterdam: 010 Publishers, 2005.

ISOZAKI, Arata - Japan-ness in Architecture, Massachussets, The MIT Press, 2011.

ISOZAKI, Arata, MATSUMURA, Yoshiharu, SPEIDEL, Manfred, TAUT, Bruno, GROPIUS, Walter, TANGE, Kenzo, DAL CO, Francesco – Katsura Imperial Villa, New York, Phaidon Press, 2013

KOOLHAAS, Rem - Project Japan, Spain, Taschen, 2011.
KOOLHAAS, Rem - S,M,L,XL, New York: Monacelli Press, 1997.

KUMA, Kengo - *Kyokai* - A Japanese Technique for Articulating Spaces, Tóquio, Tankosha Publishing, 2010.

KUROKAWA, Kishō - Rediscovering Japanese Space, New York: Weatherhill, 1988.

LE CORBUSIER, Charles-Édouard Jeanneret-Gris - Por Uma Arquitectura, São Paulo: Perspectiva, 2002.

LIOTTA, Salvator-John; BELFIORE, Matteo - Patterns and Layering, Japanese Spatial Culture, Nature and Architectur, Die Gestalten Verlag, 2012.

MACCREANOR, Gerard - “Adaptability”, in a+t - Housing and Flexibility I, n.o12, 1998.

MAKI Fumihiko - Japanese City Spaces and the Concept of *Oku*, in “The Japan Architect”, 1979.

MAKI, Fumihiko - Nurturing Dreams, Cambridge, MIT Press, 2008.

MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere - Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: Gustavo Gili S.A., 2001.

NAKAMURA, Yujiro - “Tokyo as Mediocosm” (Interview transcript) in Process Architecture 49, 1984.

NEIVA Simone Loures Gonçalves, RIGHI Roberto - “A cultura e o espaço urbano no Japão”, in arquitextos, 2008.

NITSCHKE, Gunter - From Shinto to Ando: studies in architectural Anthropology in Japan, Londres, Academy Editions, 1995.
PEREIRA, Sandra Marques - Casa e Mudança Social, Lisboa: Ed. Caleidoscópio, 2010.
RYBCZYNSKI, Witold - La casa: historia de una idea, Madrid, Nerea, 1989.
SCHNEIDER, Tatjana, TILL, Jeremy - Flexible Housing, Elsevier/ Architectural, Amesterdão: Londres, 2007.
SEIDENSTICKER, Edward - *Low city*, *high city*, Michigan, Harvard University Press, 1991

SHELTON, Barrie - Learning from the Japanese City: West Meets East in Urban Design, Londres, E&FN Spon, 2003.

STEWART, David B. - The Making of a Modern Japanese Architecture: 1868 to present, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1987.

TAKESHI, Nakagawa - The Japanese House in Space, Memory and Language, Tóquio: International House of Japan, Inc., 2005.

TANIZAKI, Junishiro - In Praise of Shadows, Tóquio: Tuttle Publishing, 1977

TAUT, Bruno - Houses and People of Japan, Tóquio: Sanseido Press, 1937.

TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço, Porto, FAUP Publicações, 2008.

UEDA, Atsushi - The Inner Harmony of the Japanese House, Tóquio: Kodansha International Ltd., 1990.

VENTURI, Robert - Complexidade e Contradição em Arquitectura, 2a edição, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WERNER, Jorg - “Adaptaciones Cotidianas” in Quaderns 102, Barcelona: Edições Actar 1993.

RYBCZYNSKI, Witold - La casa: historia de una idea. 1a Ed. Madrid: Nerea, 1989.

YAGI, Koji - A Japanese touch for your home, 1a. Ed., Nova Iorque: Kodansha International Ltd.,1989.

Teses de Mestrado e Doutoramento, Dissertações e artigos académicos

ANGEN, Courtney - Concept and Technique: How Traditional Japanese Architecture can contribute to Contemporary Sustainable Design Practices. Connecticut: Connecticut College, 2013.

CABIDO, José - Reflexões sobre o interior doméstico as mentalidades e os espaços, tese de doutoramento, ed. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1994.

FARIAS, Hugo - “Repensar a Habitação Contemporânea: Flexibilidade, adaptabilidade, ambiguidade funcional e desierarquização do espaço doméstico”, comunicação apresentada (aguarda publicação) no 3o Colóquio de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design – Portugal Brasil – Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e Faculdade de Arquitectura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Lisboa, Setembro de 2014

FARIAS, Hugo - “RETHINKING CONTEMPORARY DWELLING: DESIGN STRATEGIES FOR A NEW HOUSE”. Comunicação apresentada na Conferência Internacional ENHR 2015 LISBON – European Network of Housing Research, ISCTE, Lisboa, Junho de 2015.

PAIVA, Alexandra - Habitação Flexível: análise de conceitos e soluções. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2002. Tese de Mestrado.

PEREIRA, Margarida – A Casa de Hoje, Reflexão sobre a adaptabilidade no interior domestic. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2013. Tese de Mestrado.

PINTO, Inês - Habitação responsiva: uma abordagem alternativa à problemática da pré-determinação funcional moderna na habitação colectiva contemporânea. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Tese de Mestrado.

SÁ, Vitor – Boundaries in Architecture: The Japanese Transitions. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2013. Tese de Mestrado.

Filmografia

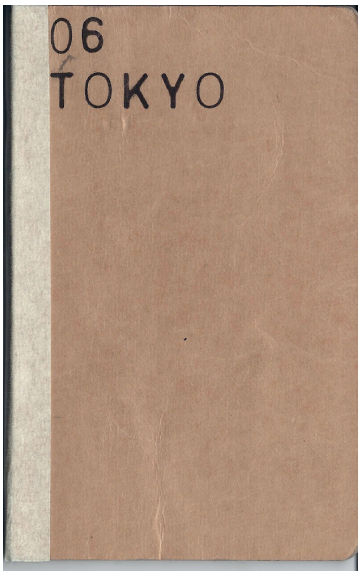
OZU, Yasujirō – An Autumn Afternoon, Tokyo: Shōchiku Eiga, 1962.

OZU, Yasujirō - Early Spring, Tokyo: Shōchiku Eiga, 1956.

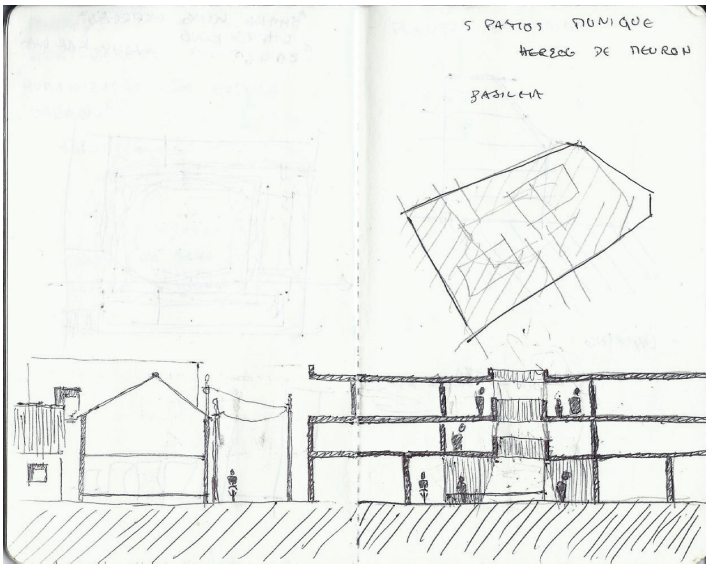
OZU, Yasujirō - Late Spring, Tokyo: Shōchiku Eiga, 1949.

OZU, Yasujirō - Tokyo story, Tokyo: Shōchiku Eiga, 1953...

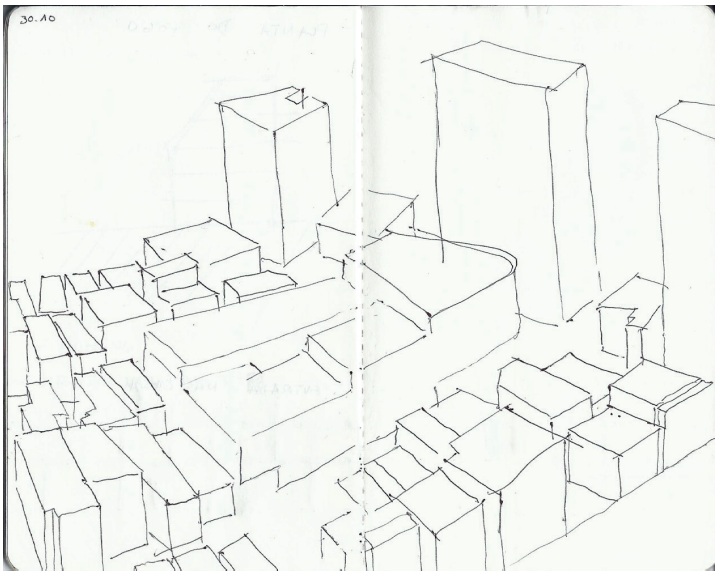
ANEXOS


06
TOKYO


41,10
8,20
5,5
9,75
6,05
9,75
11,25
6,37
33,725
6,75
10,75
11,15
7,2
8,65
6,5
6,8
7
7


5 PATIOS MONIQUE
HERZOG DE MEURON
BASILEA

30.10



BRUNO TAUT

"A CASA JAPONESA"

INVESTIGAÇÃO DE EXEMPLOS CONCRETOS

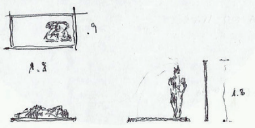
MATERIALIDADE COMO RESPOSTA DO QUE ESTÁ FEITO.

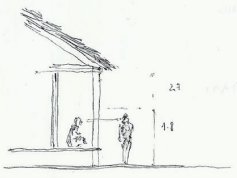
DIMENSÃO MODULAR

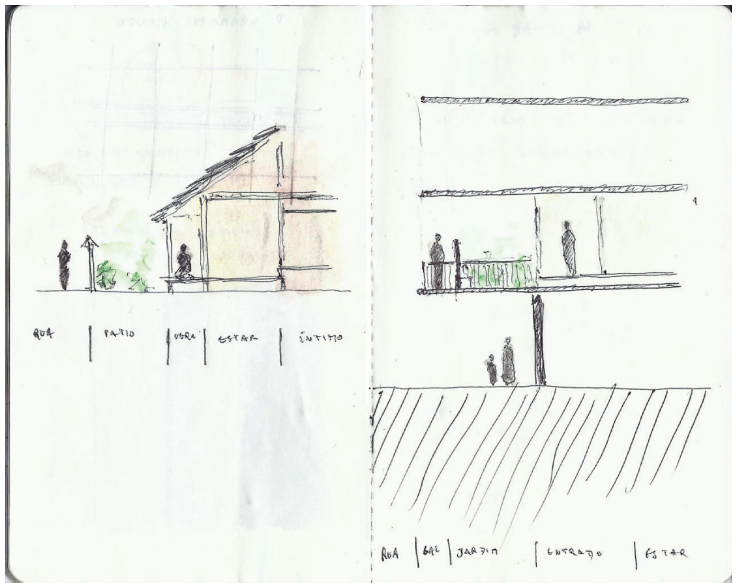
PROPORCIONADORA E CRIADORA DE ESPAÇO

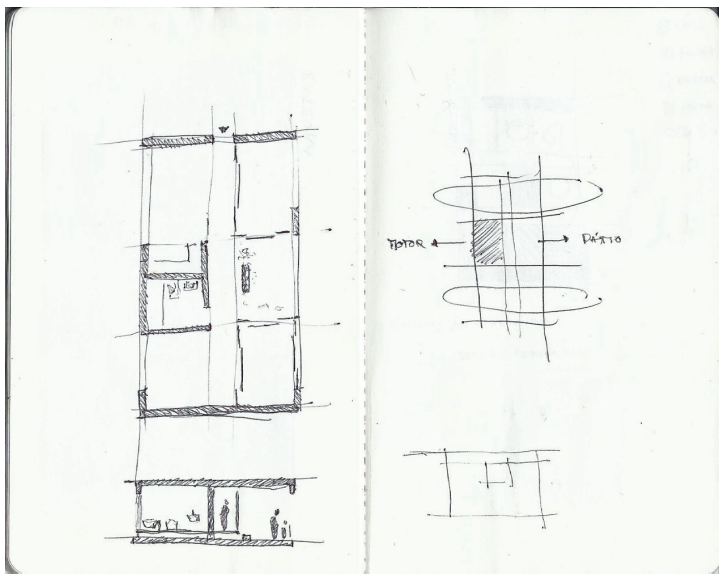
REGRA QUE ESTABELECE RELAÇÃO DIRECTA ENTRE A PESSOA E O ESPAÇO.

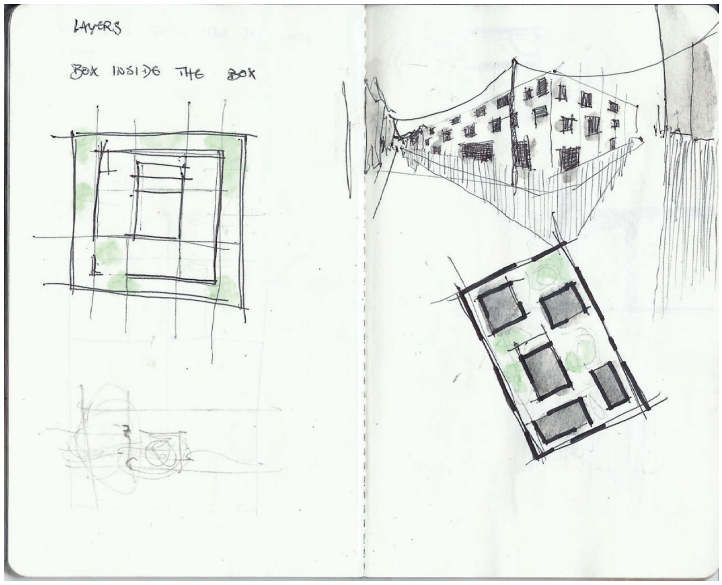
TATAMI

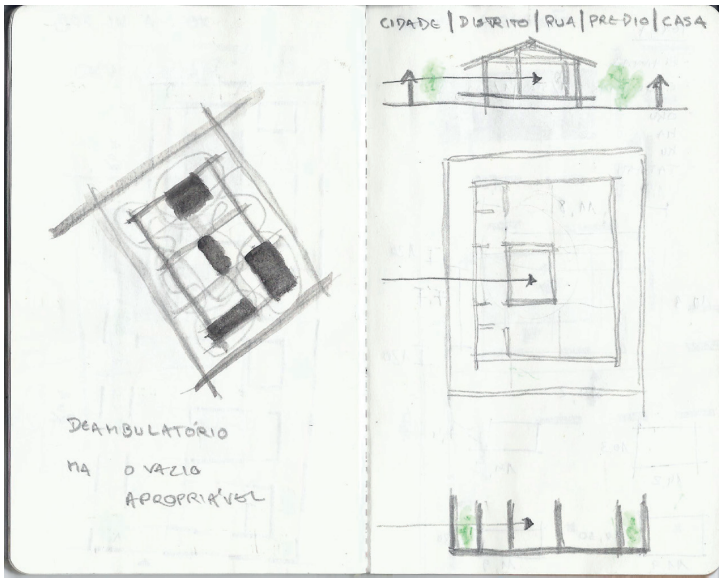


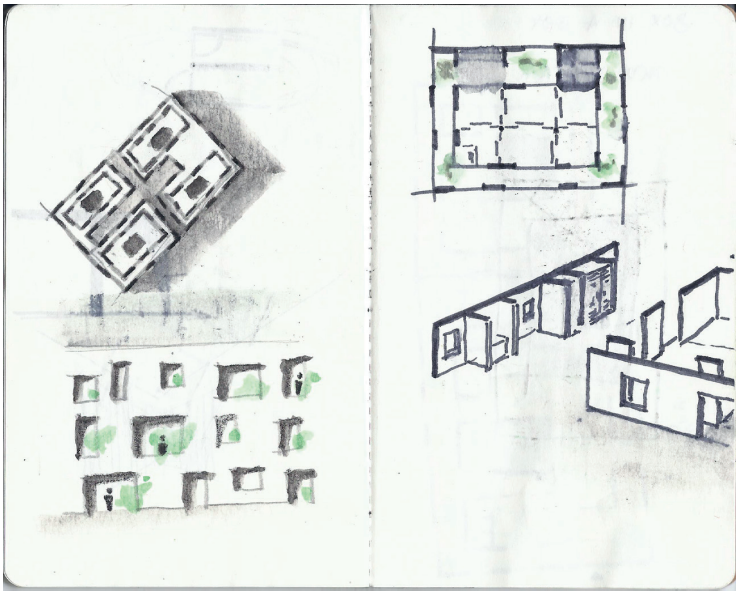


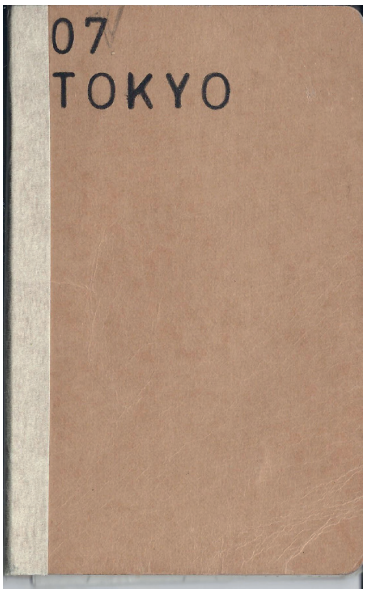

RUA
PATIO
VIDRO
ESTAR
ÍNTIMO
RUA
GRL
JARDIM
ENTRADA
ESTAR

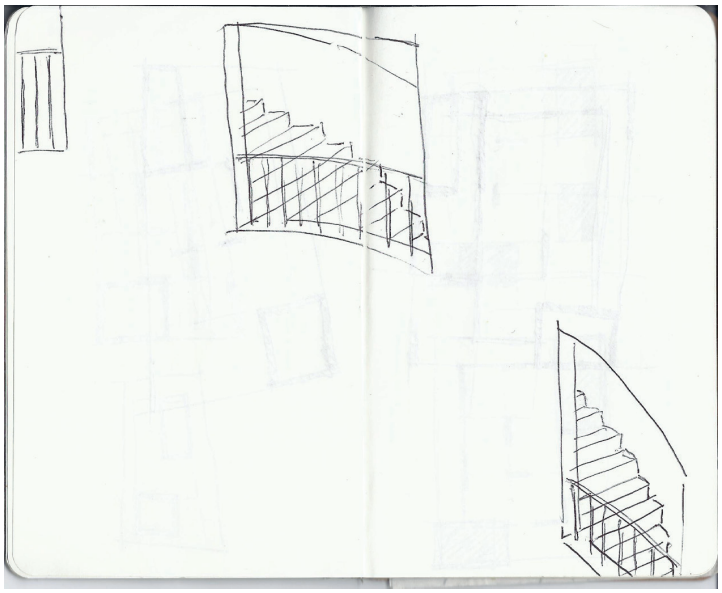

MOTOR
PÁTIO

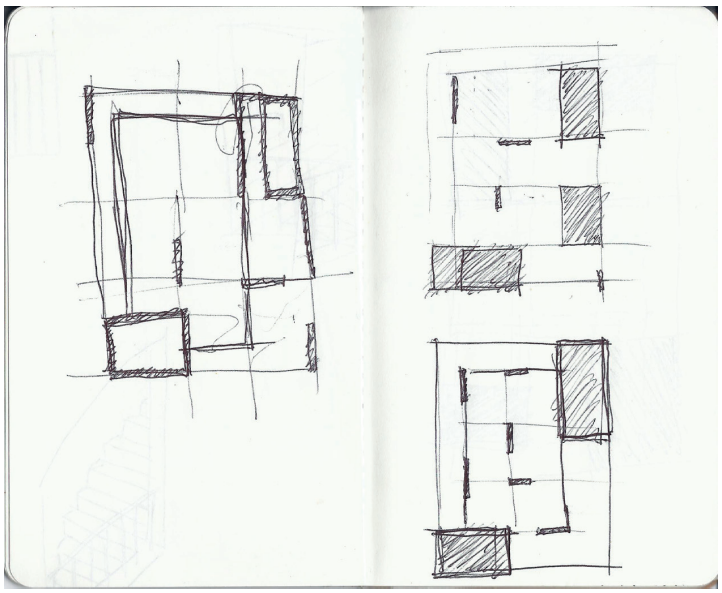

LAYERS
BOX INSIDE THE BOX

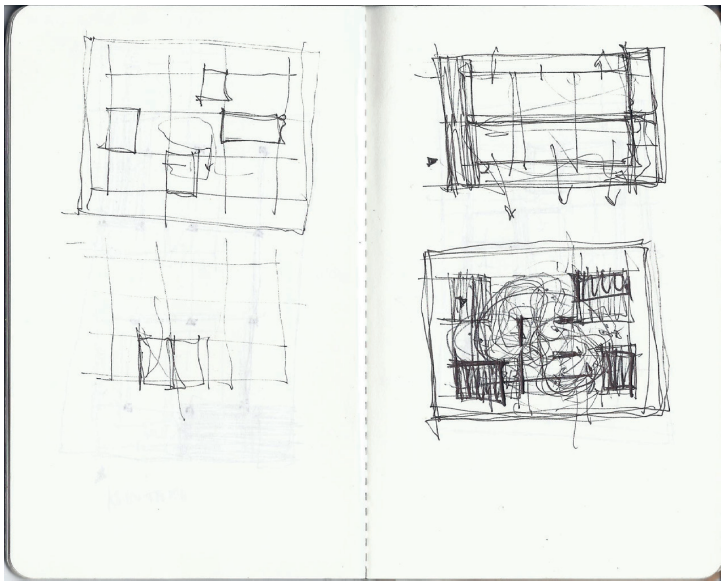

CIDADE | DISTRITO | RUA | PREDIO | CASA
DEAMBULATÓRIO
NA O VAZIO
APROPRIÁVEL

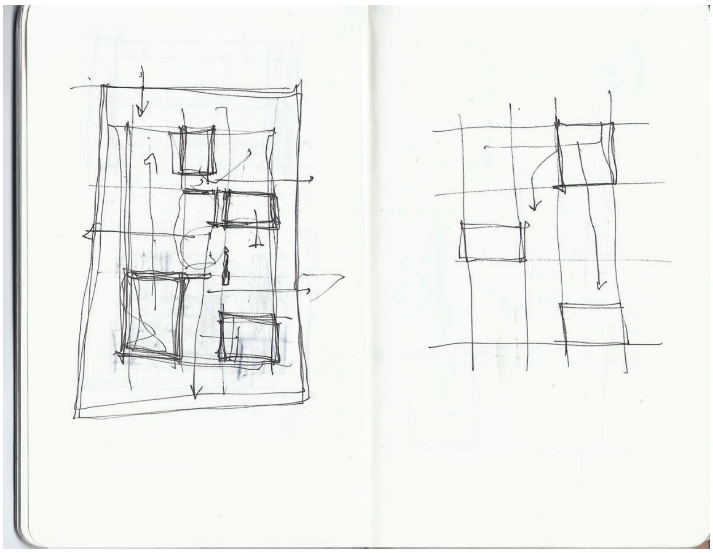


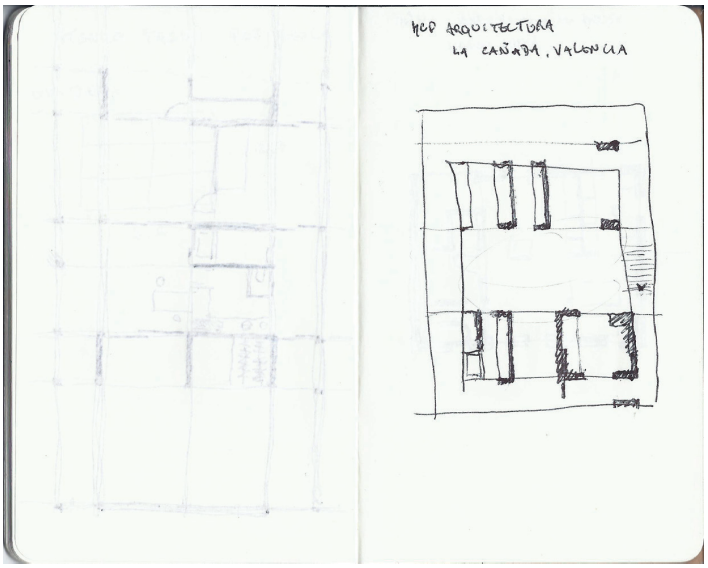

07
TOKYO

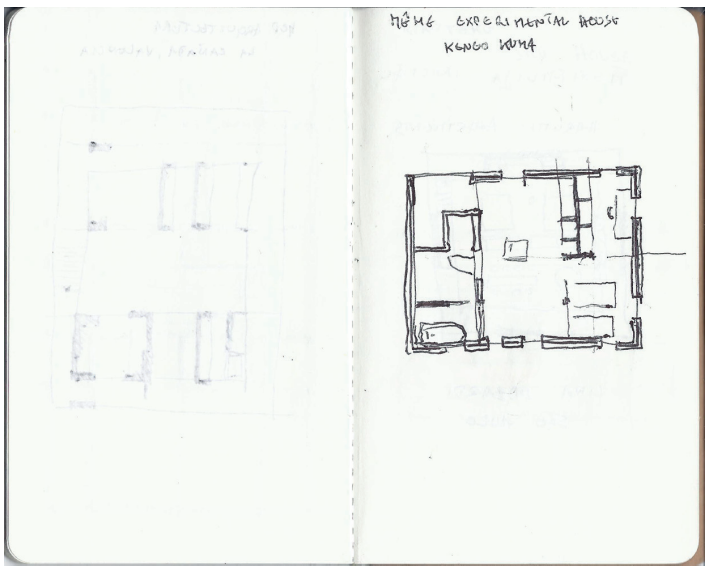









MCD ARQUITECTURA
LA CAÑADA, VALENCIA


HOME EXPERIMENTAL HOUSE
KENGO KUMA

FLEXIBILIDA INICIAL

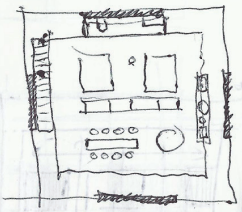
HARUMI APARTMENTS

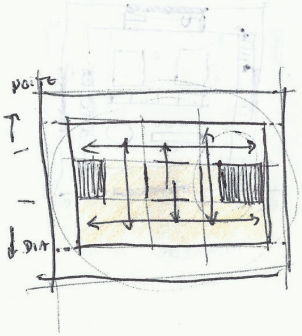


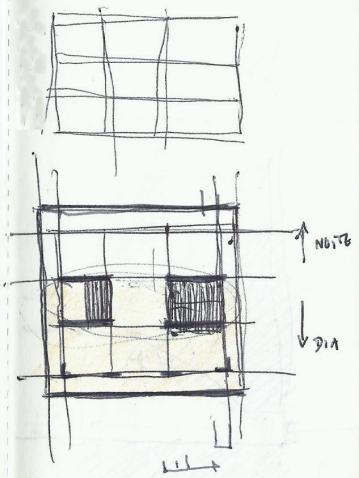
LINA BOBARDI
SÃO PAULO

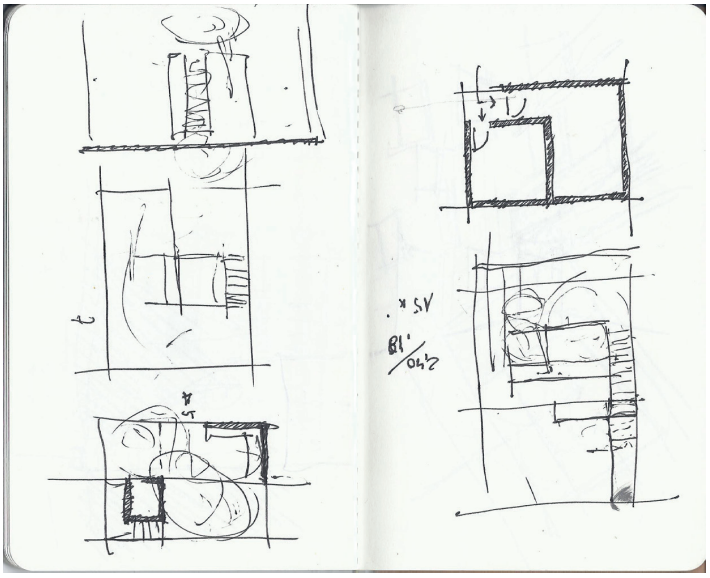
KIKUTAKE

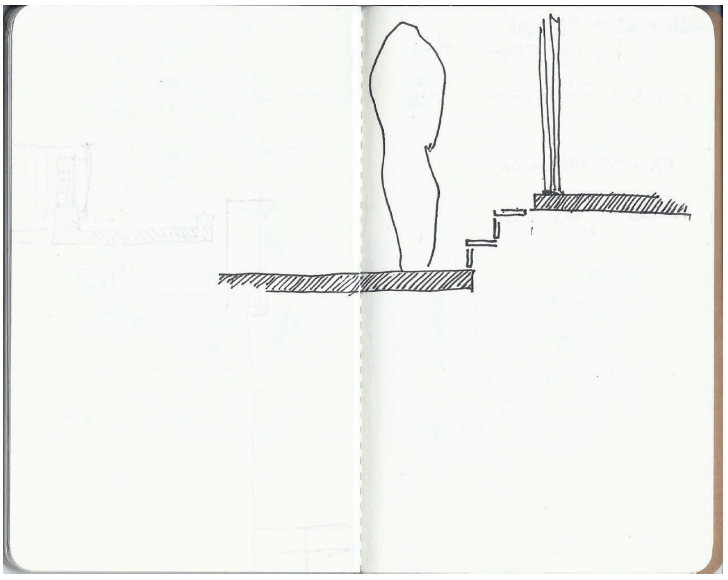
SKY HOUSE











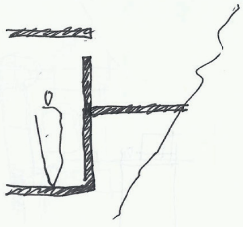


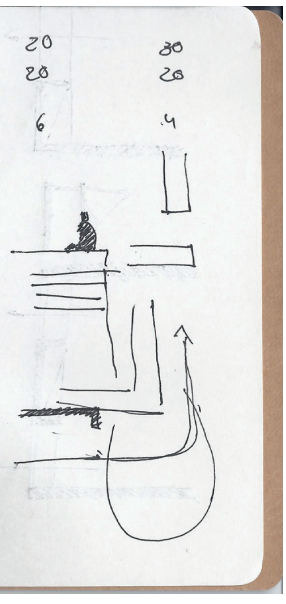
O HABITAR JAPONÊS

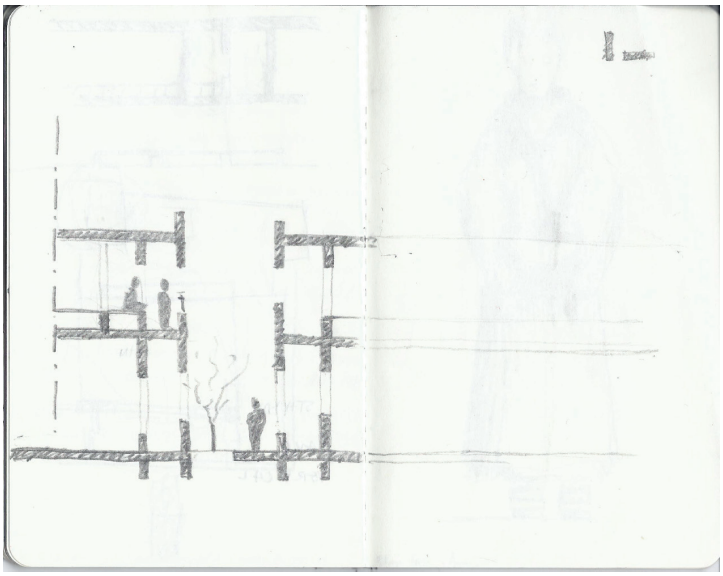
REFLEXÃO SOBRE A ADAPTABILIDADE NA HABITAÇÃO TRADICIONAL JAPONESA

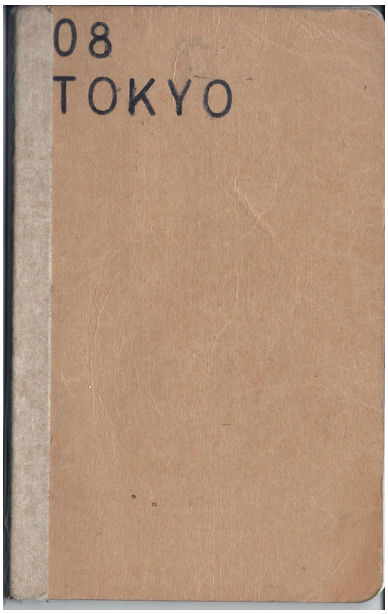
INTRODUÇÃO
- CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA
- OBJETIVO
- METODOLOGIA

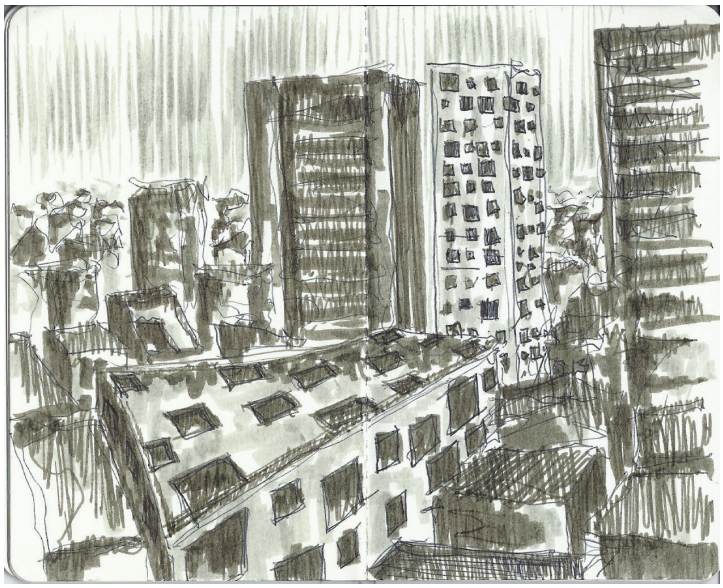
CAPÍTULO 1

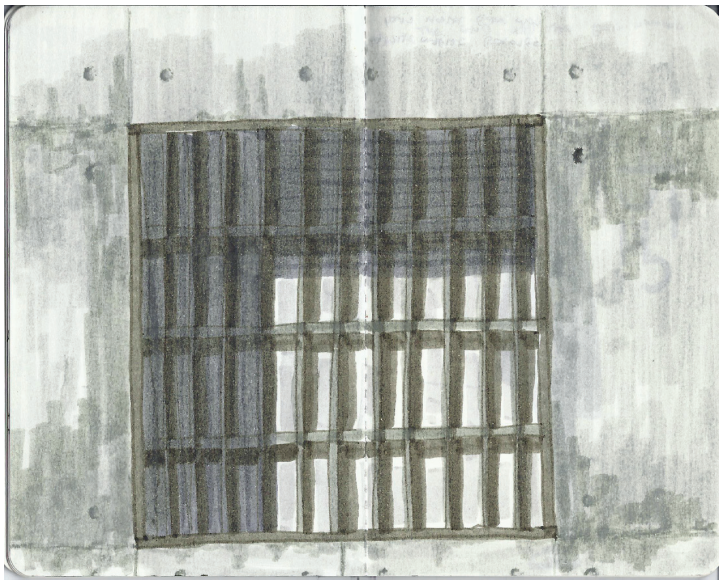


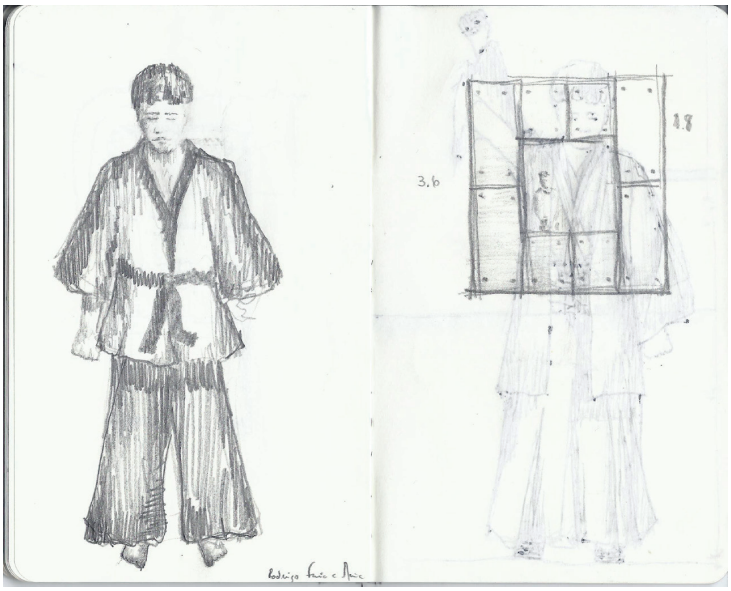


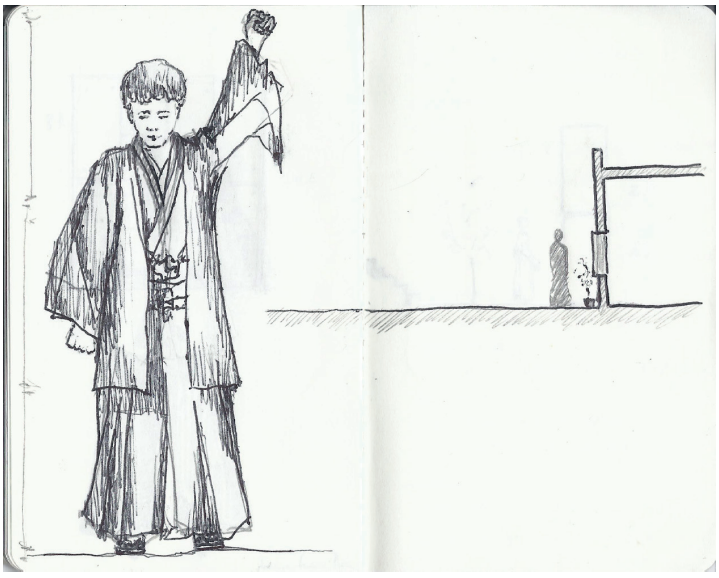


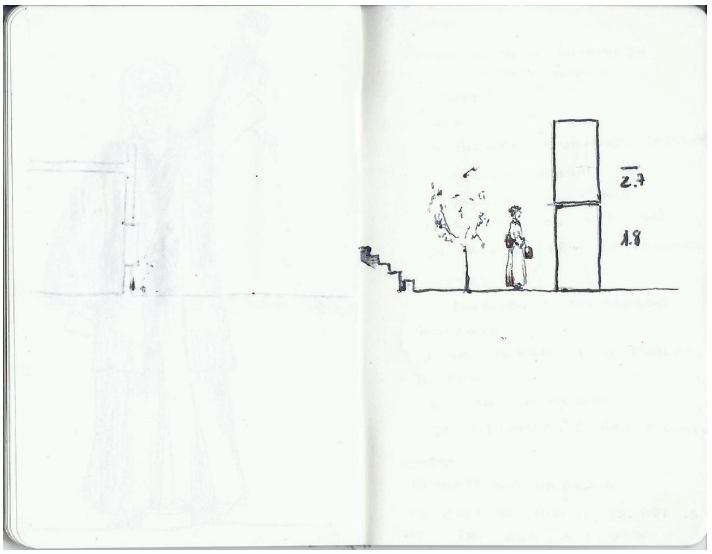

08
TOKYO

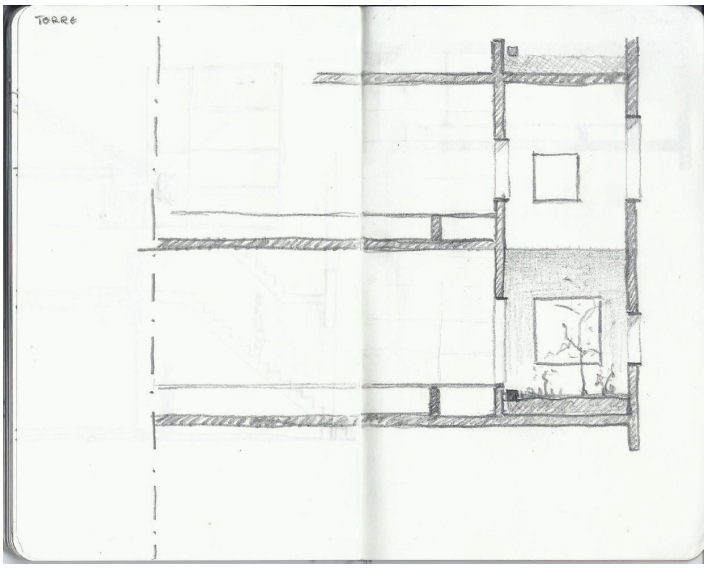




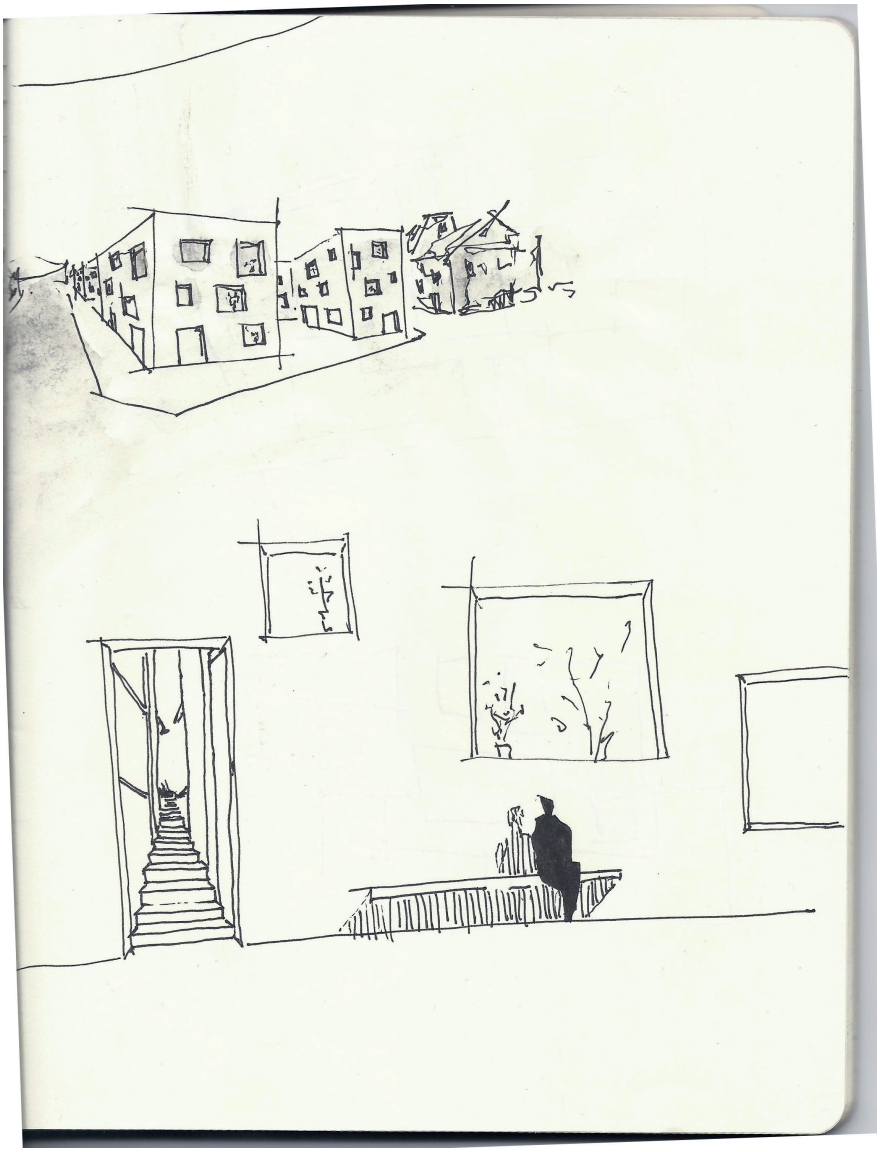

3.b

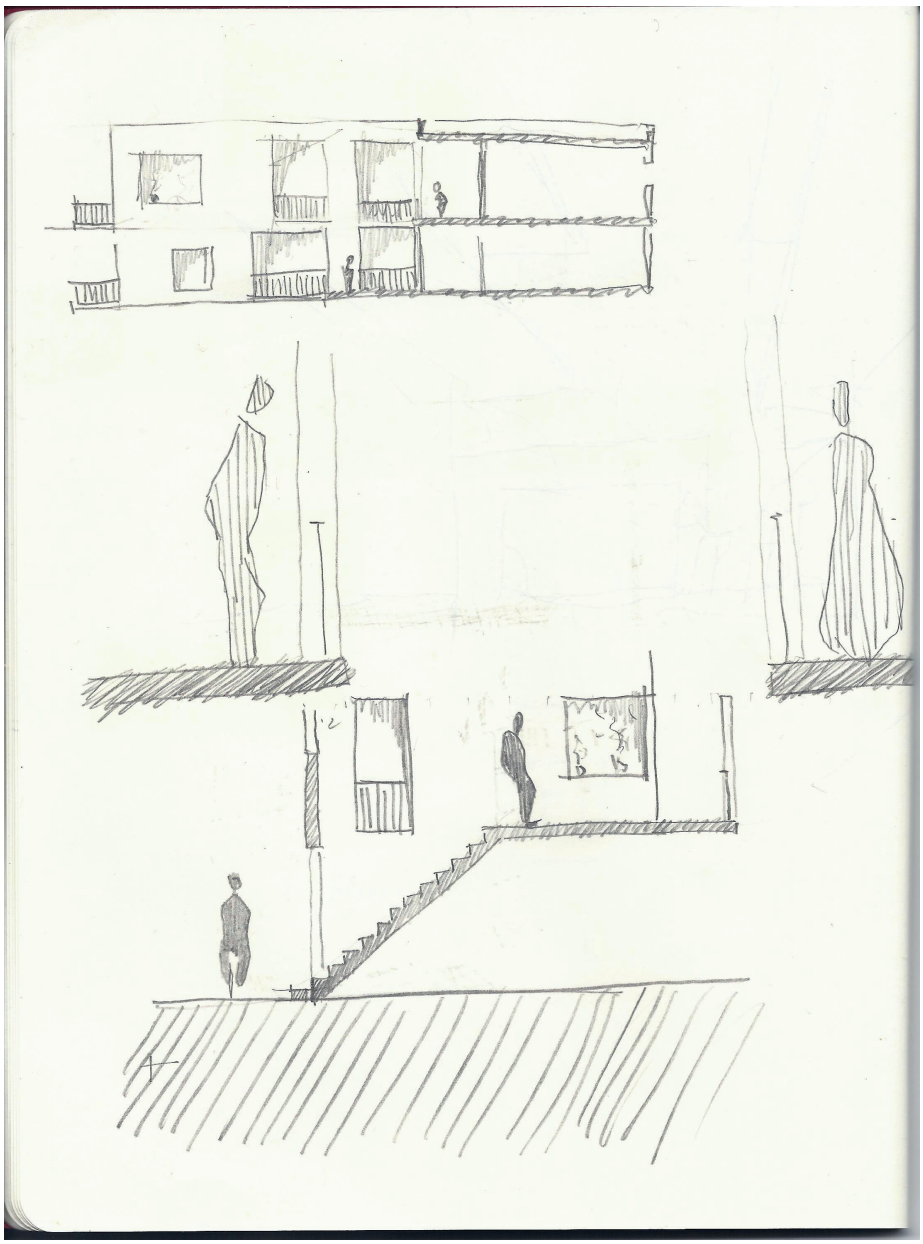


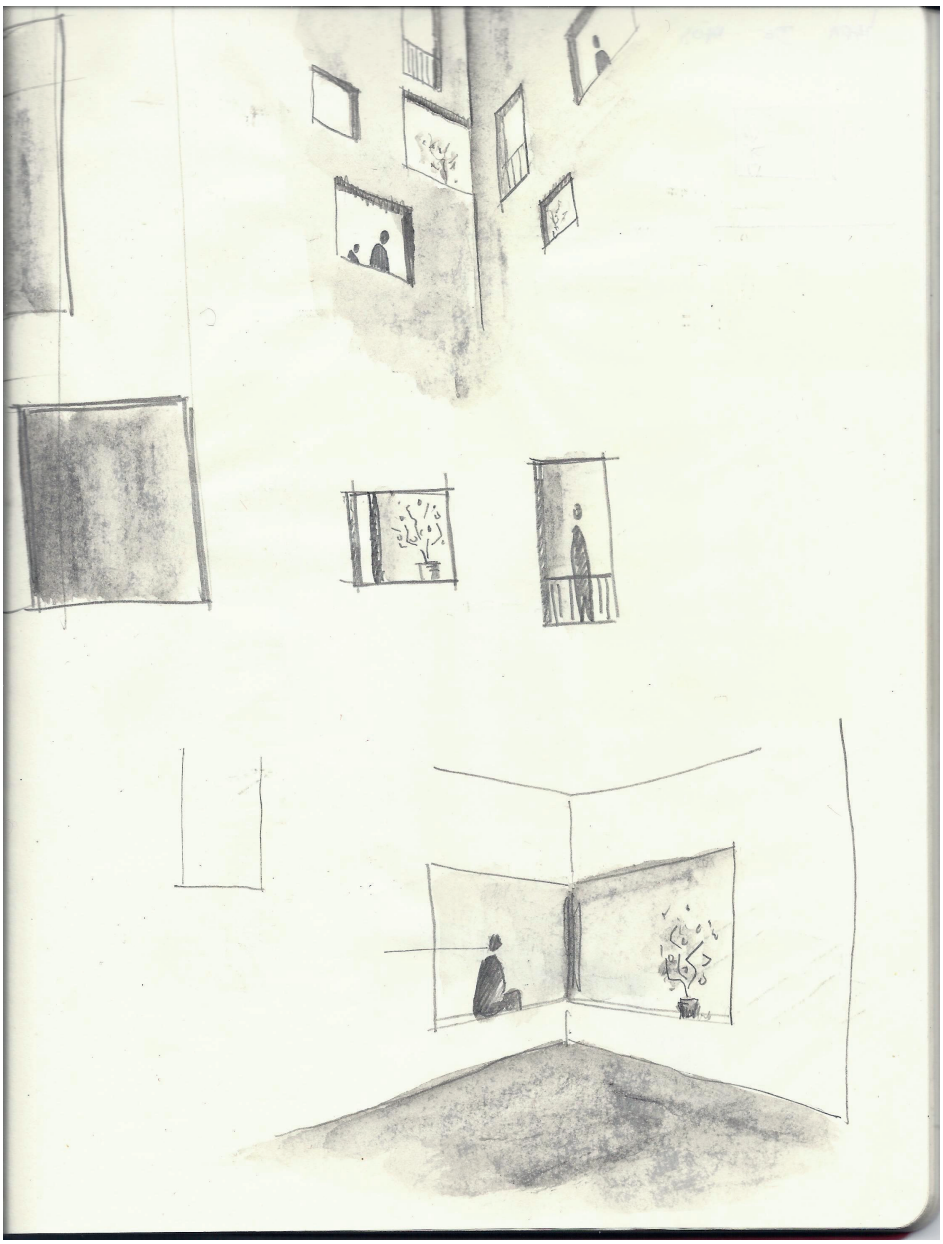

2.7
1.8

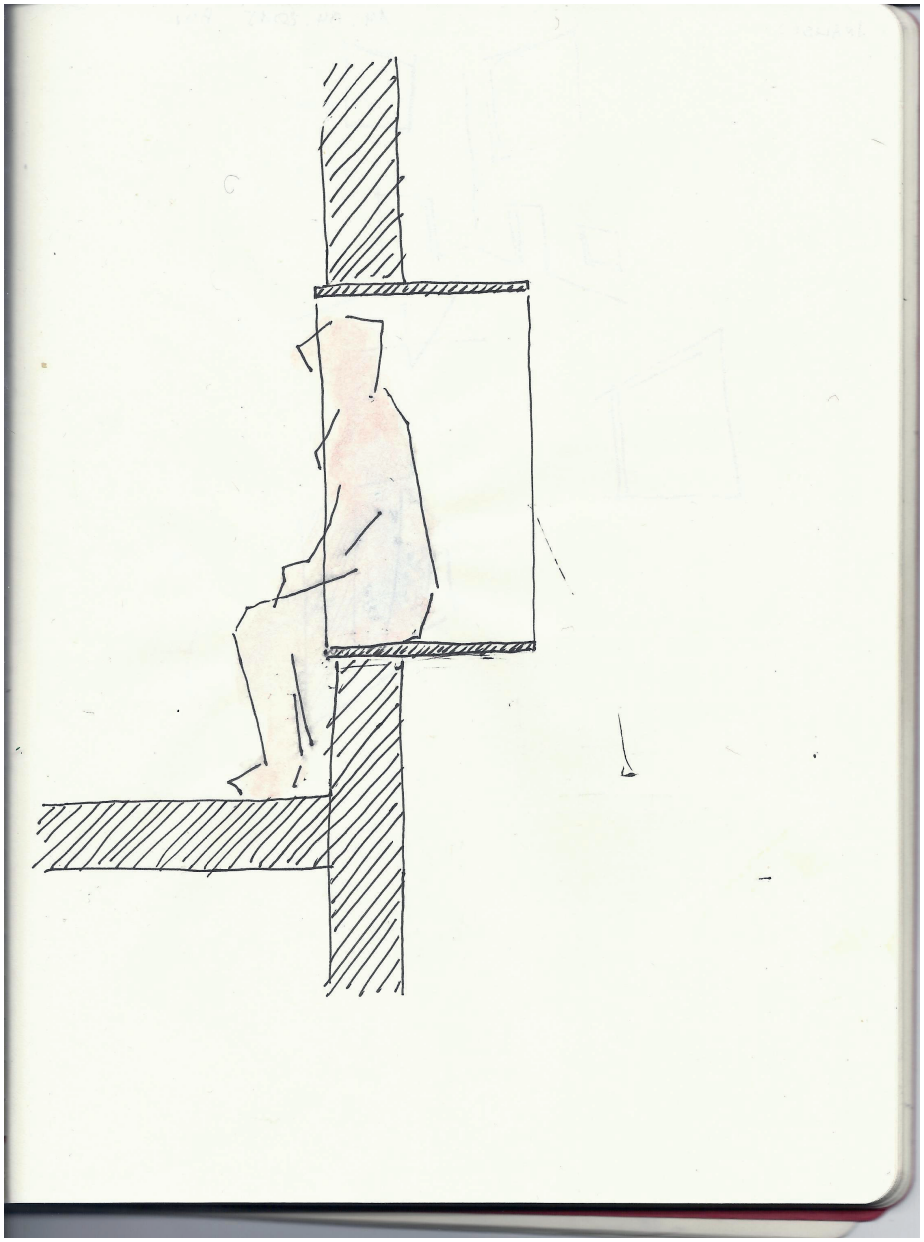

TORRE

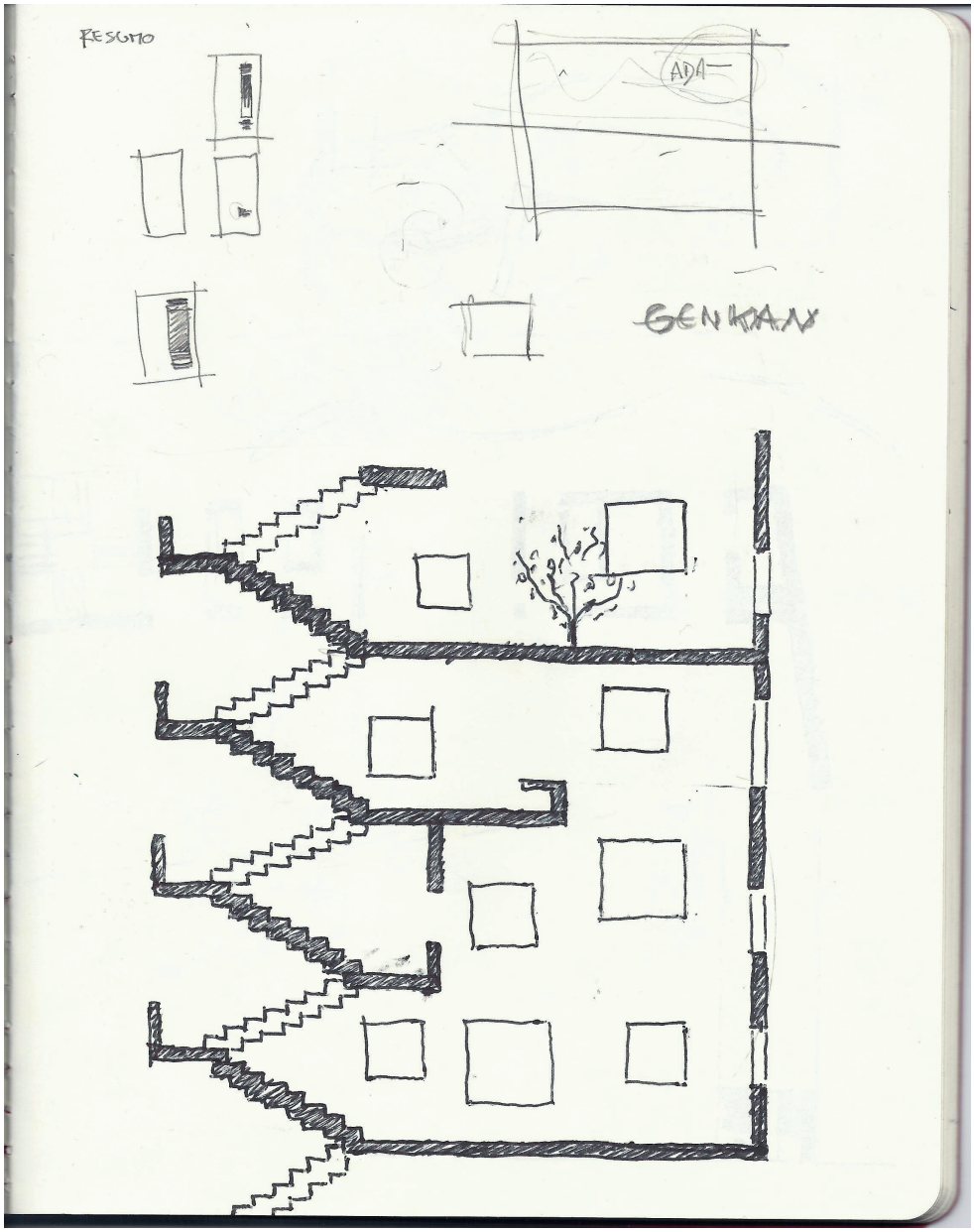
01
TOKYO

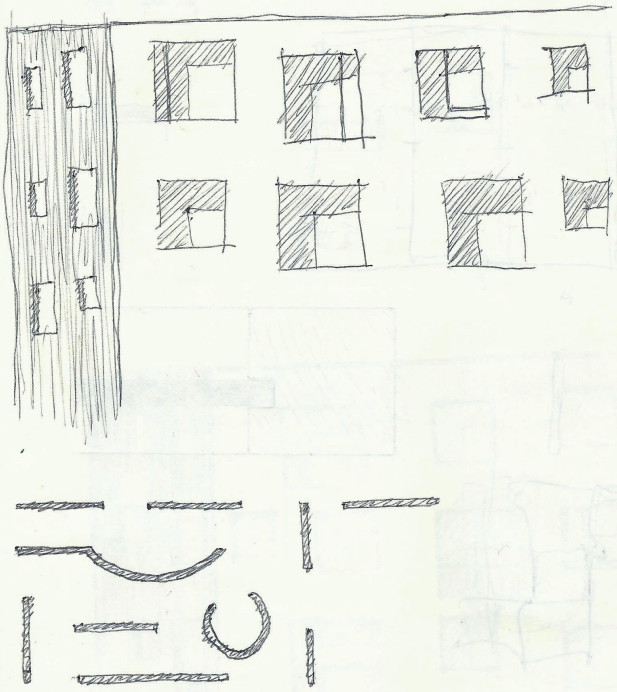


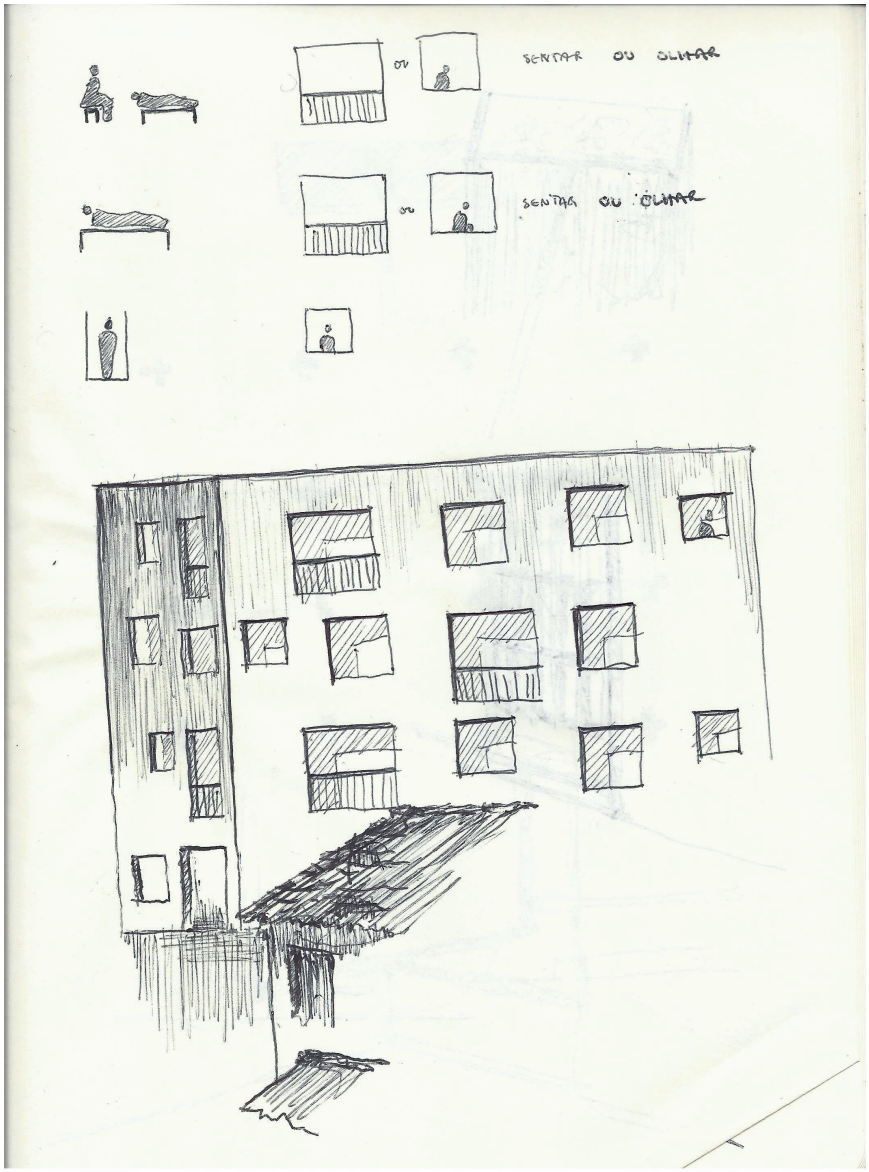


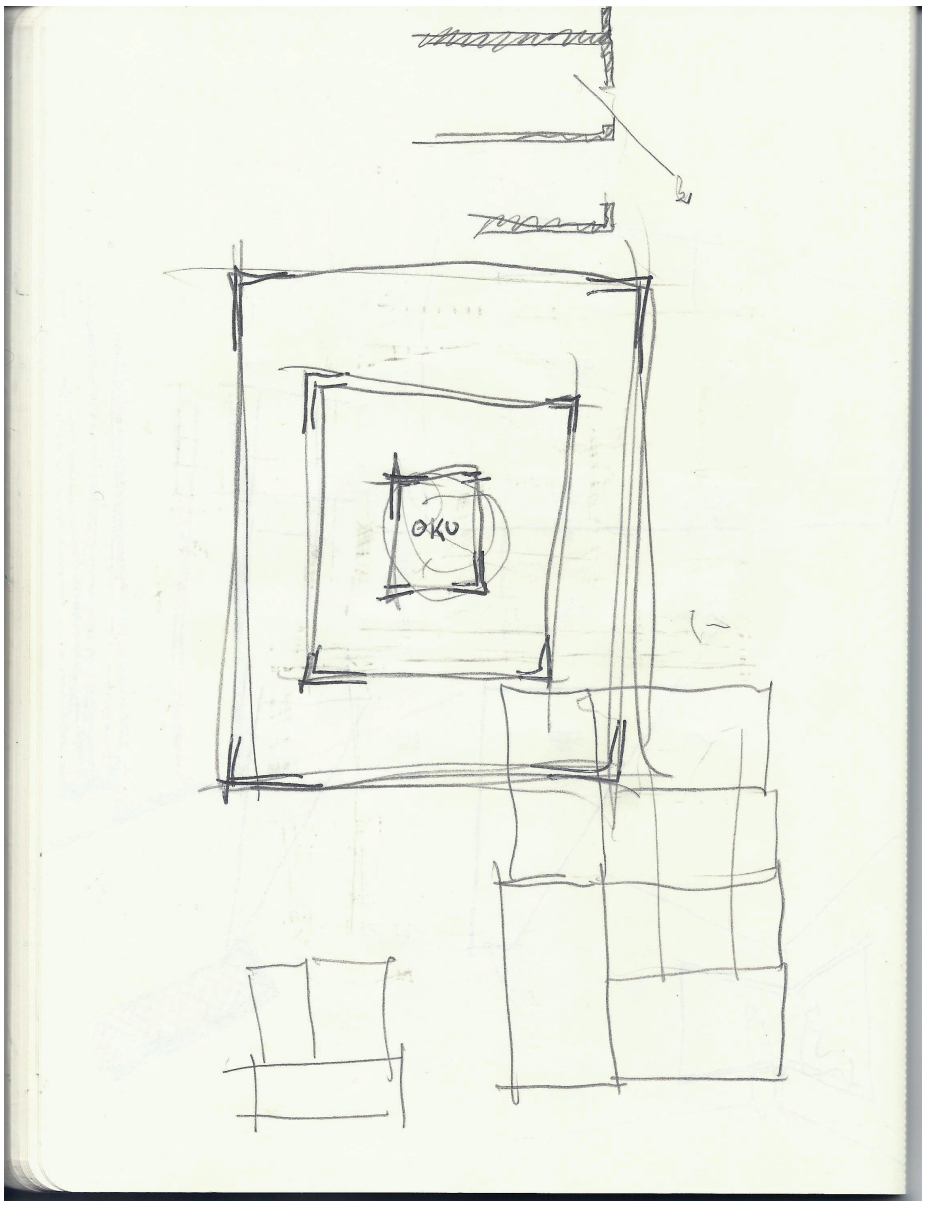


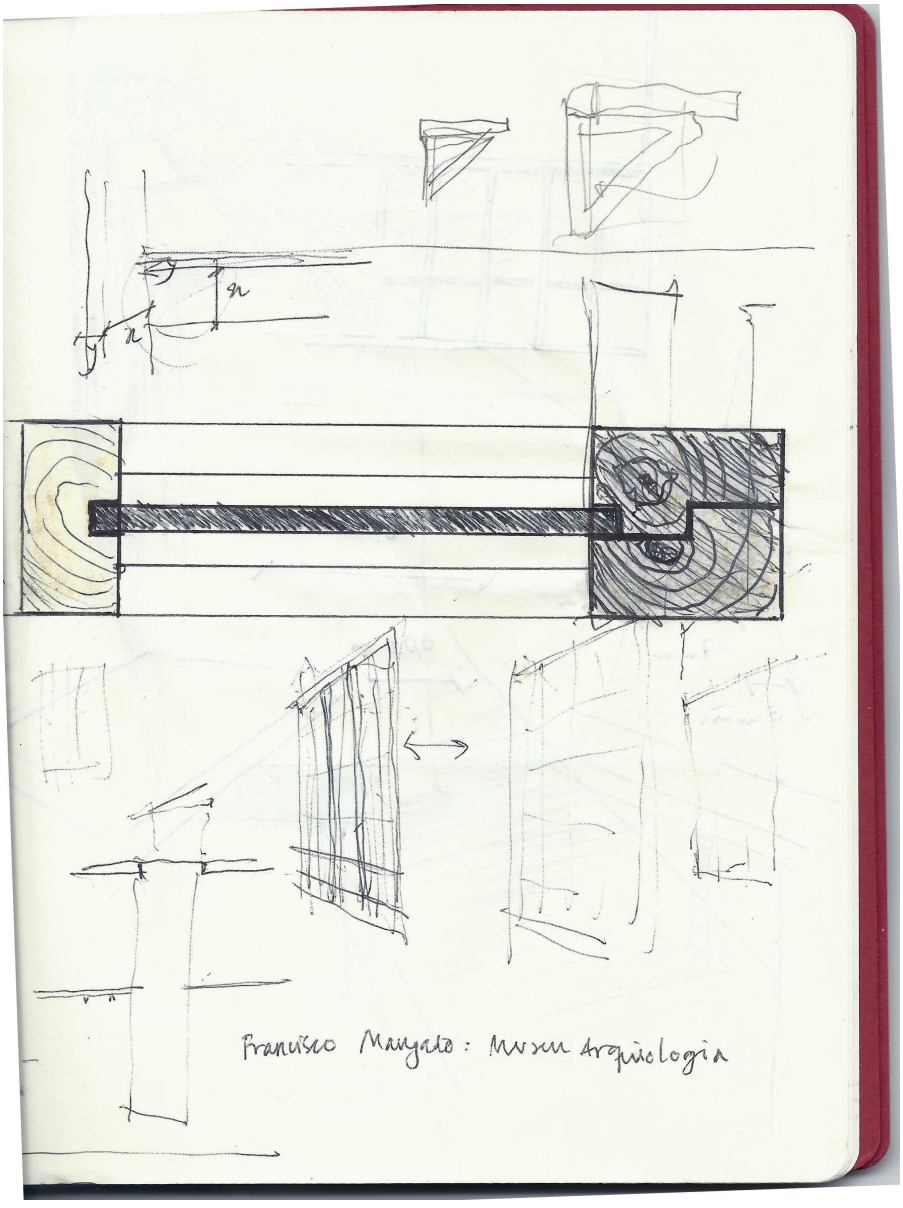



RESUMO
ADA
GENKAN

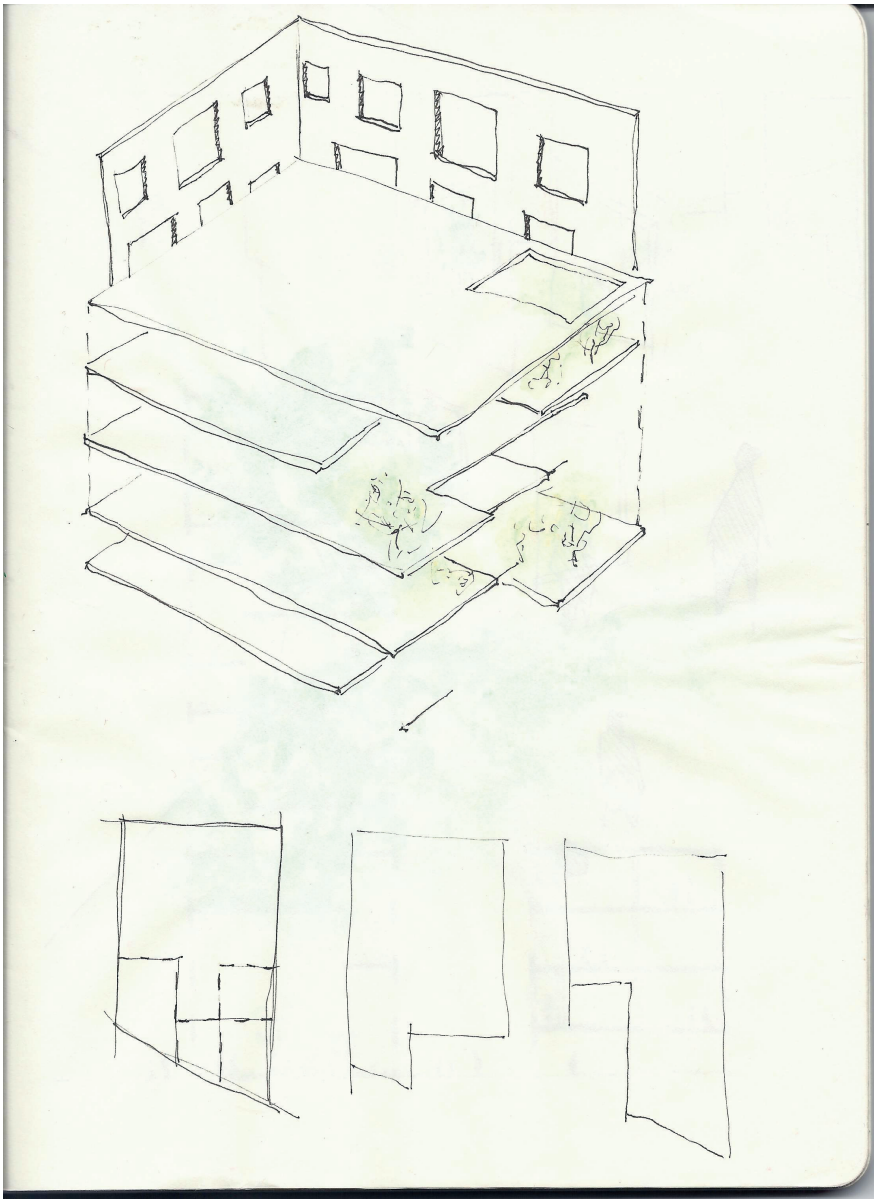


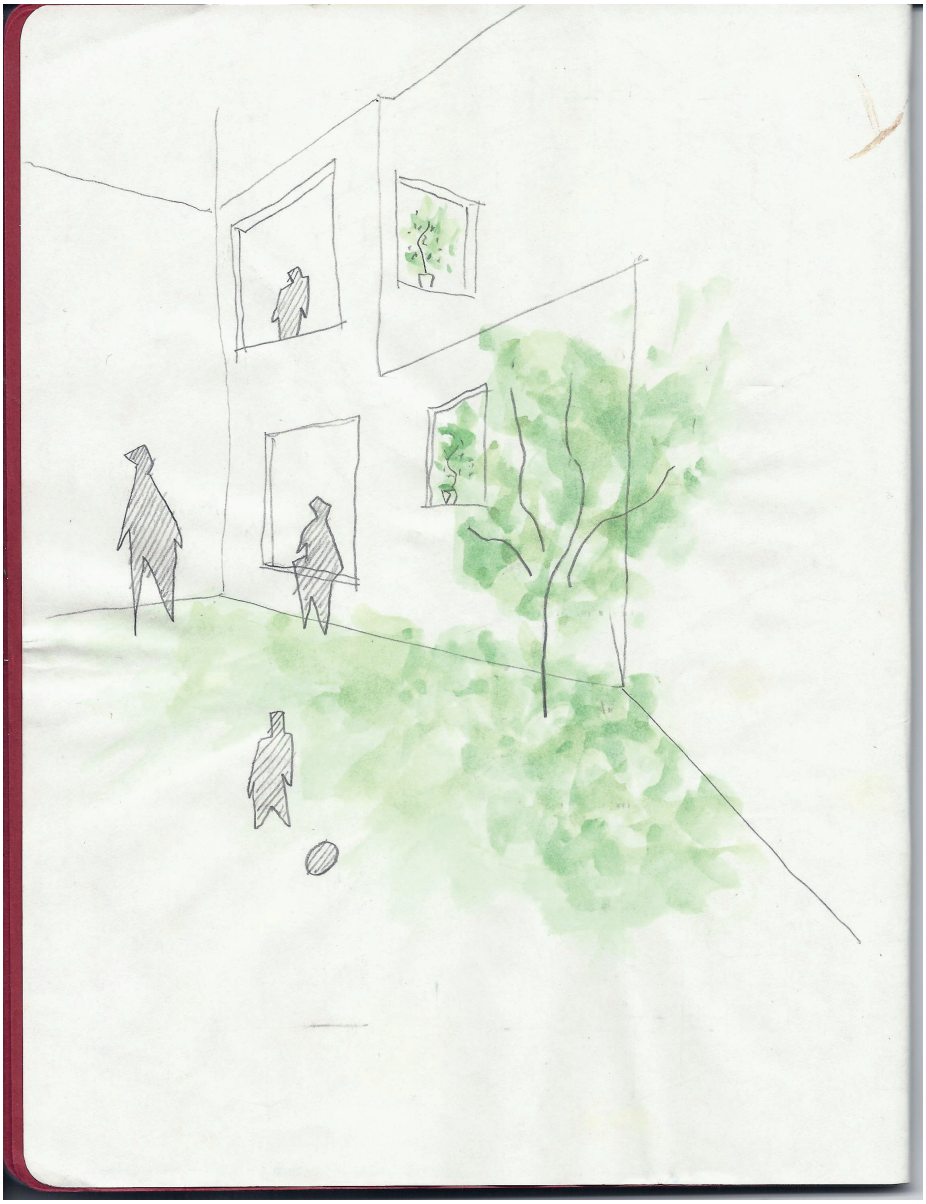

OU
SENTAR OU OLHAR
OU
SENTAR OU OLHAR

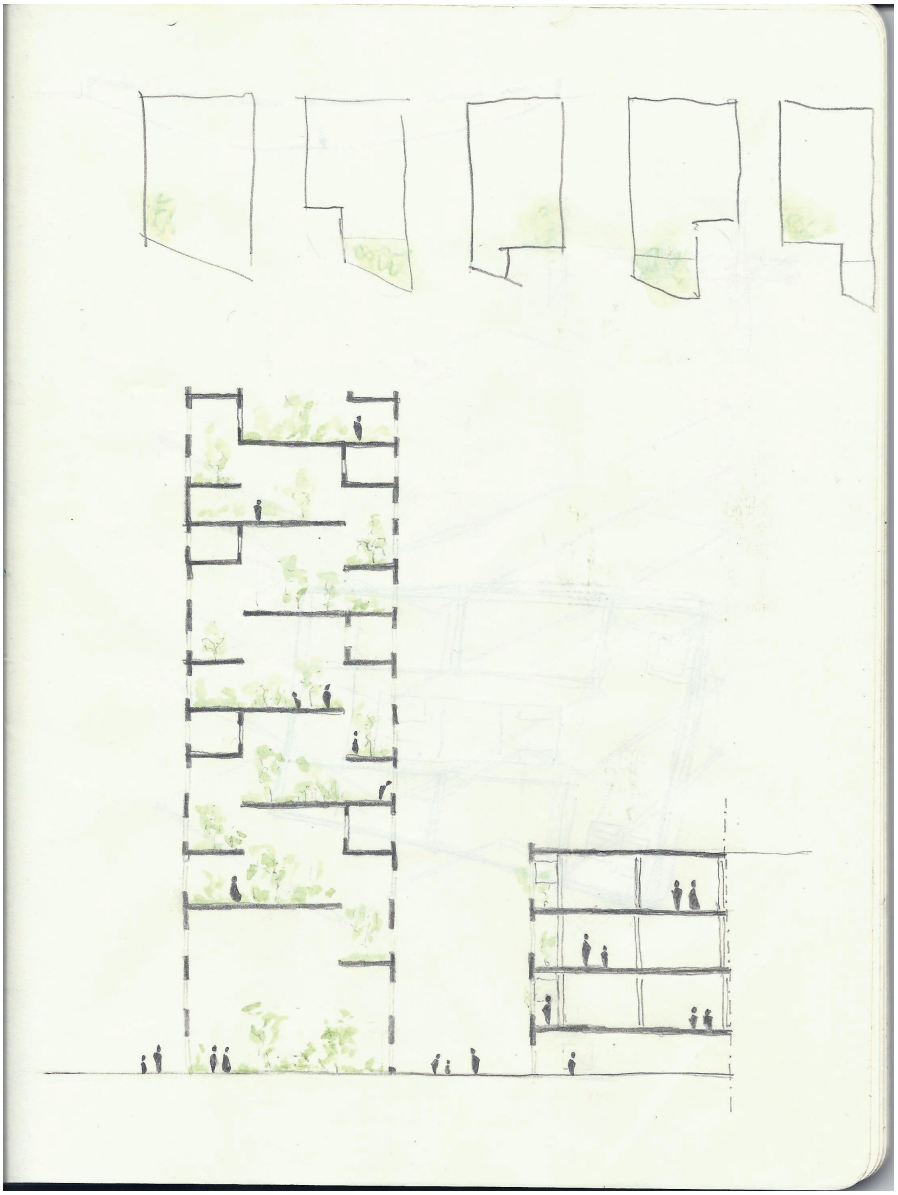

OKU


Francisco Mangado: Museu Arqueologia

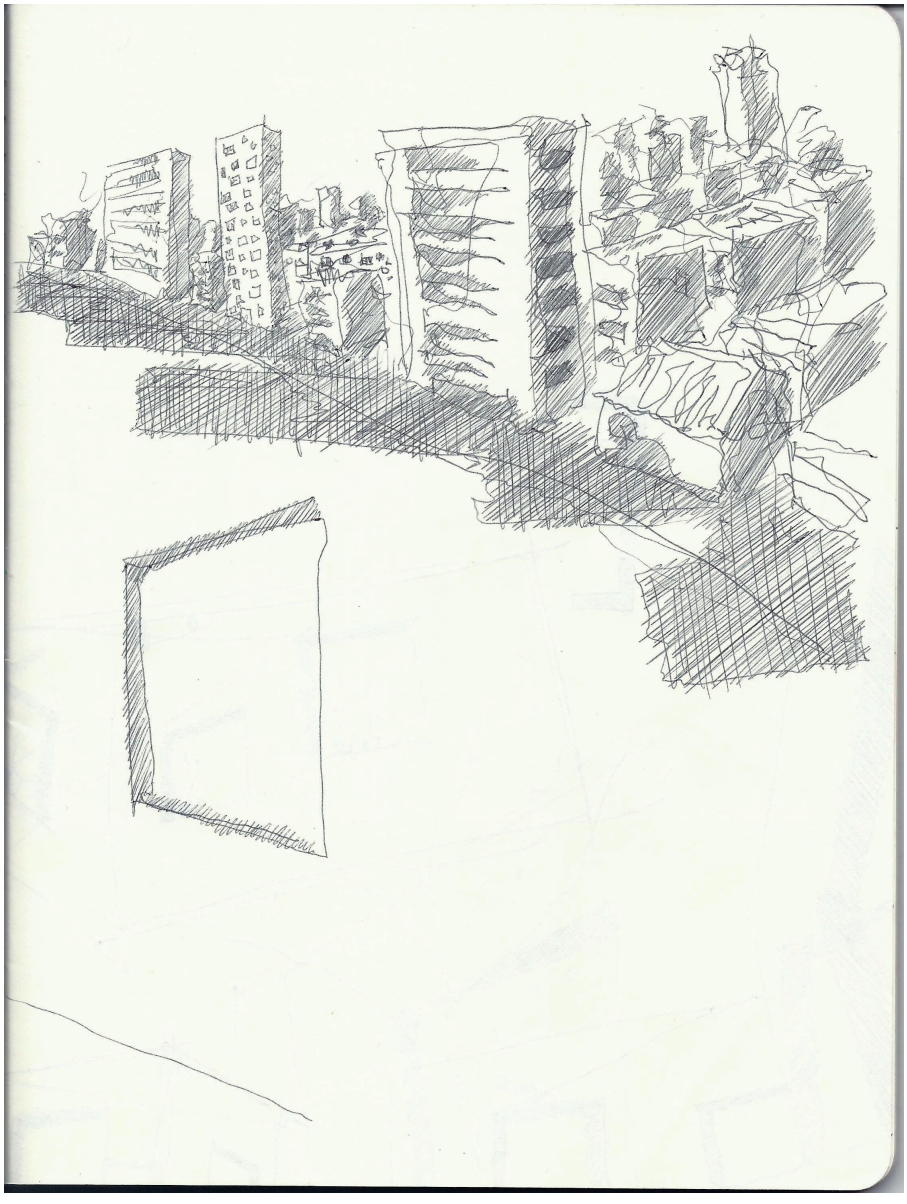
02
TOKYO

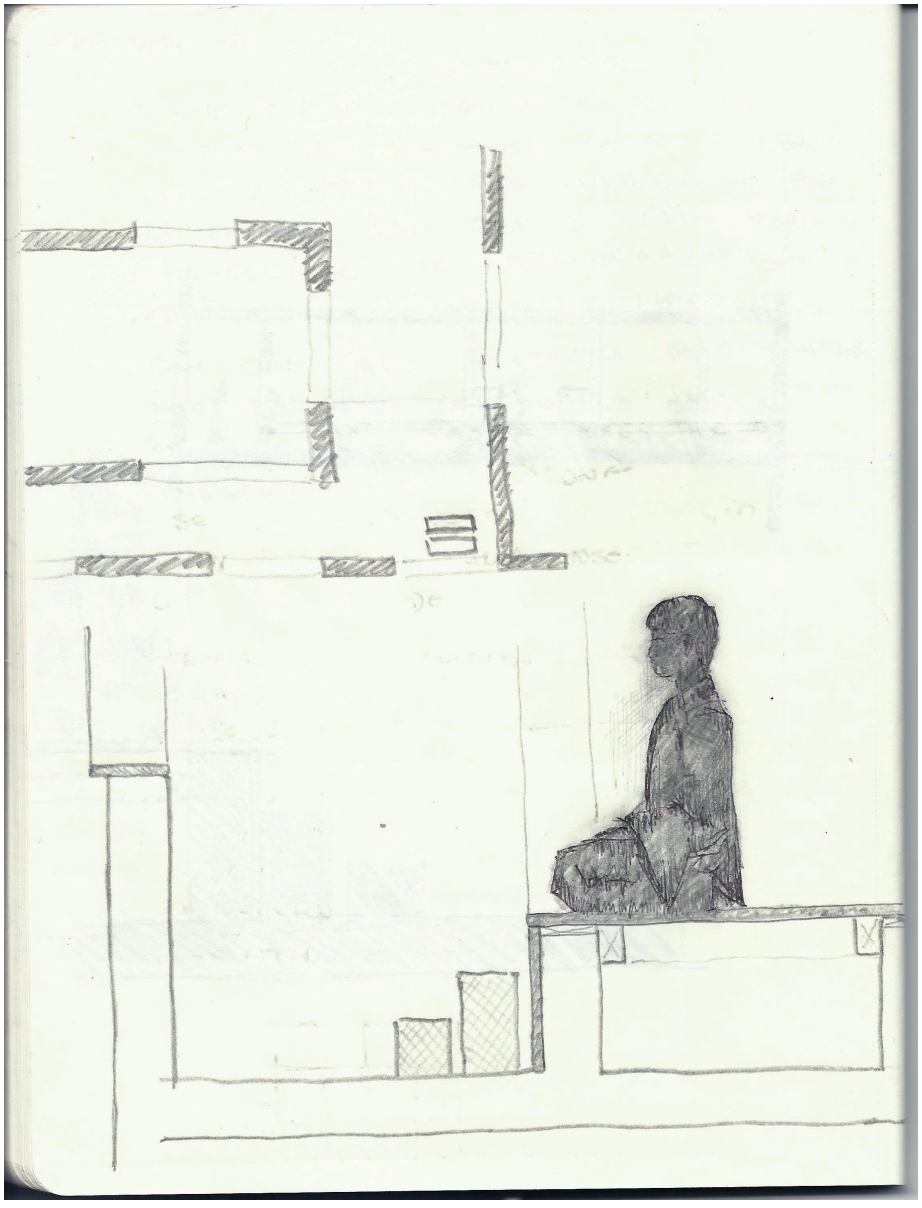


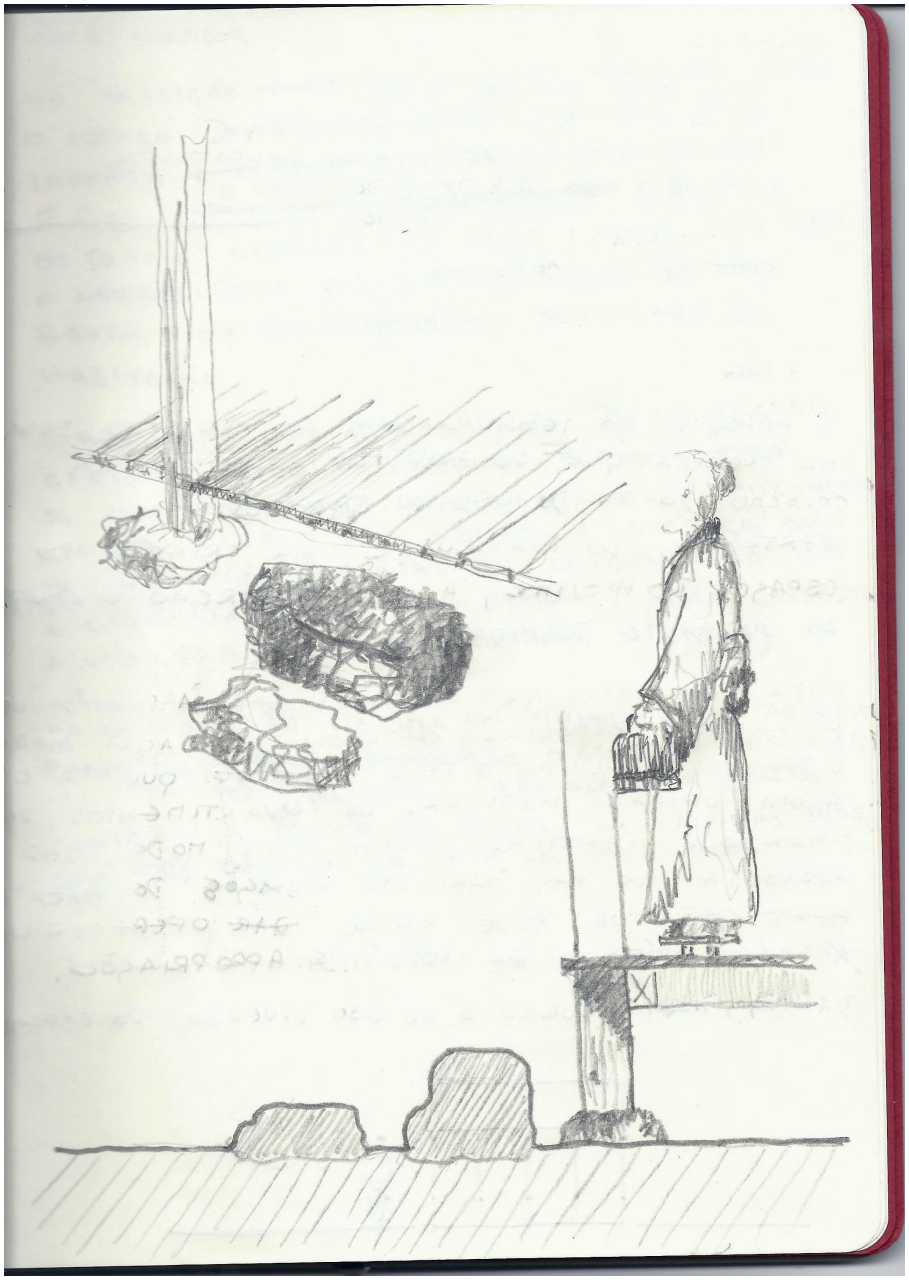


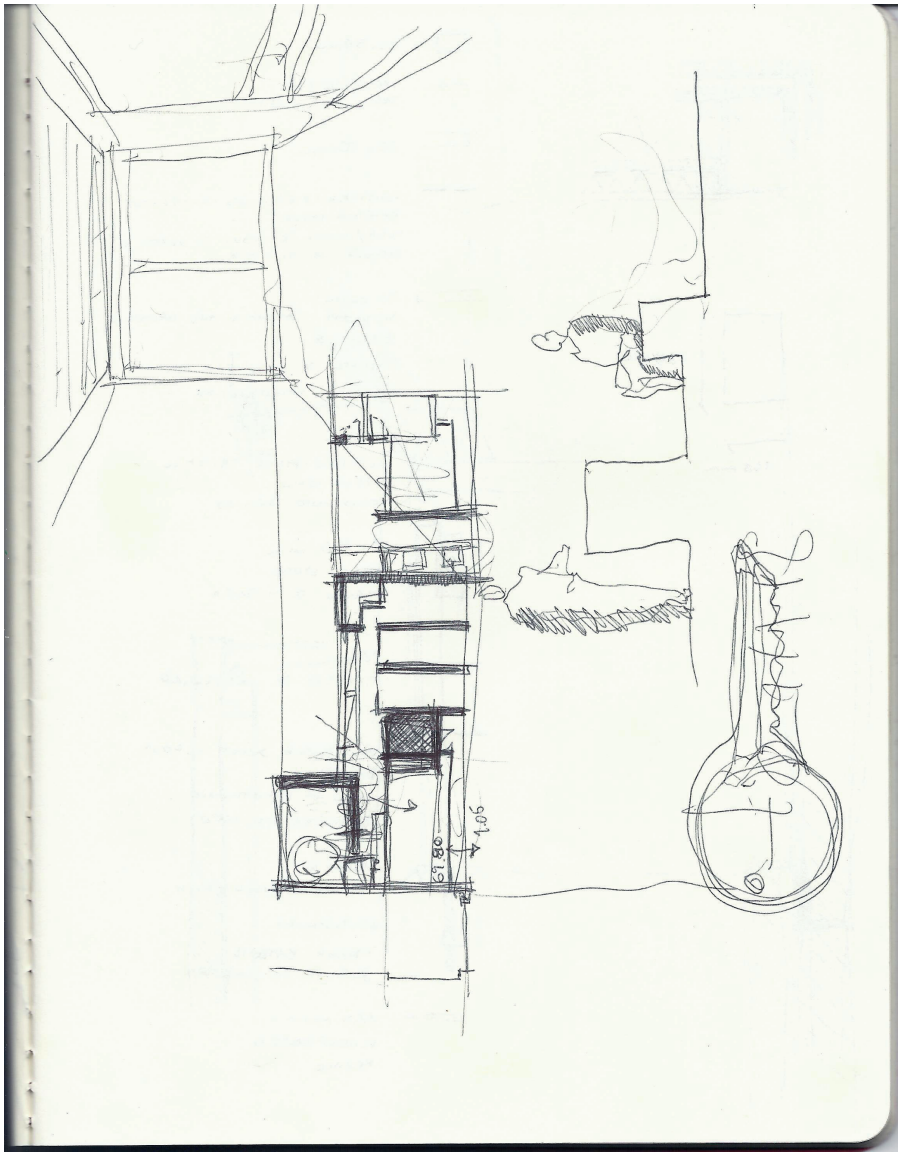


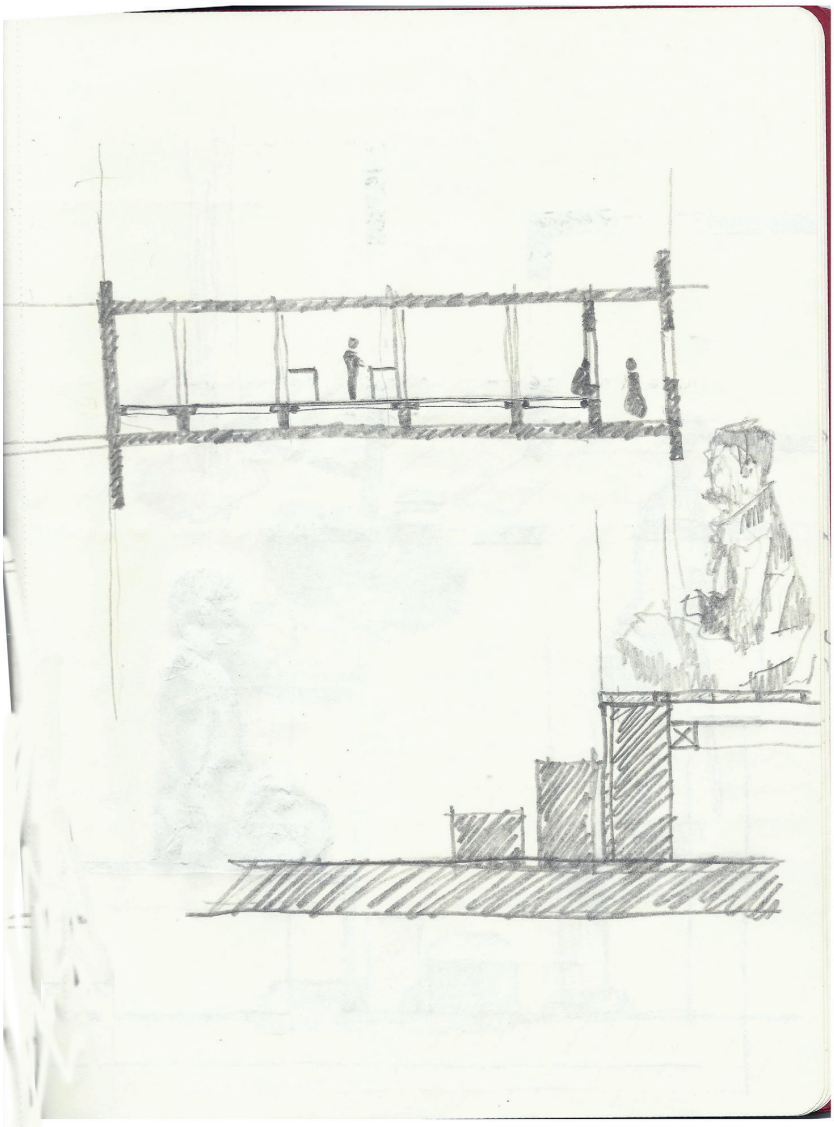


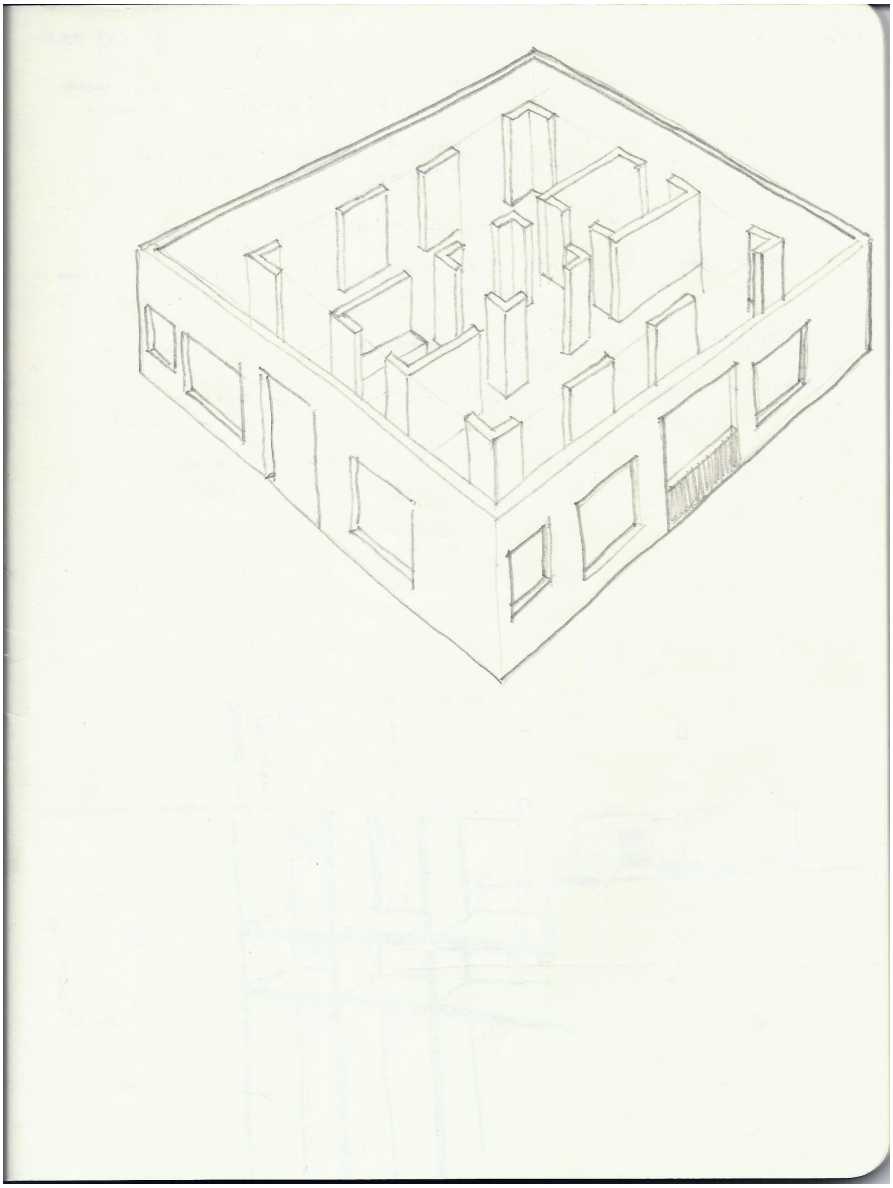


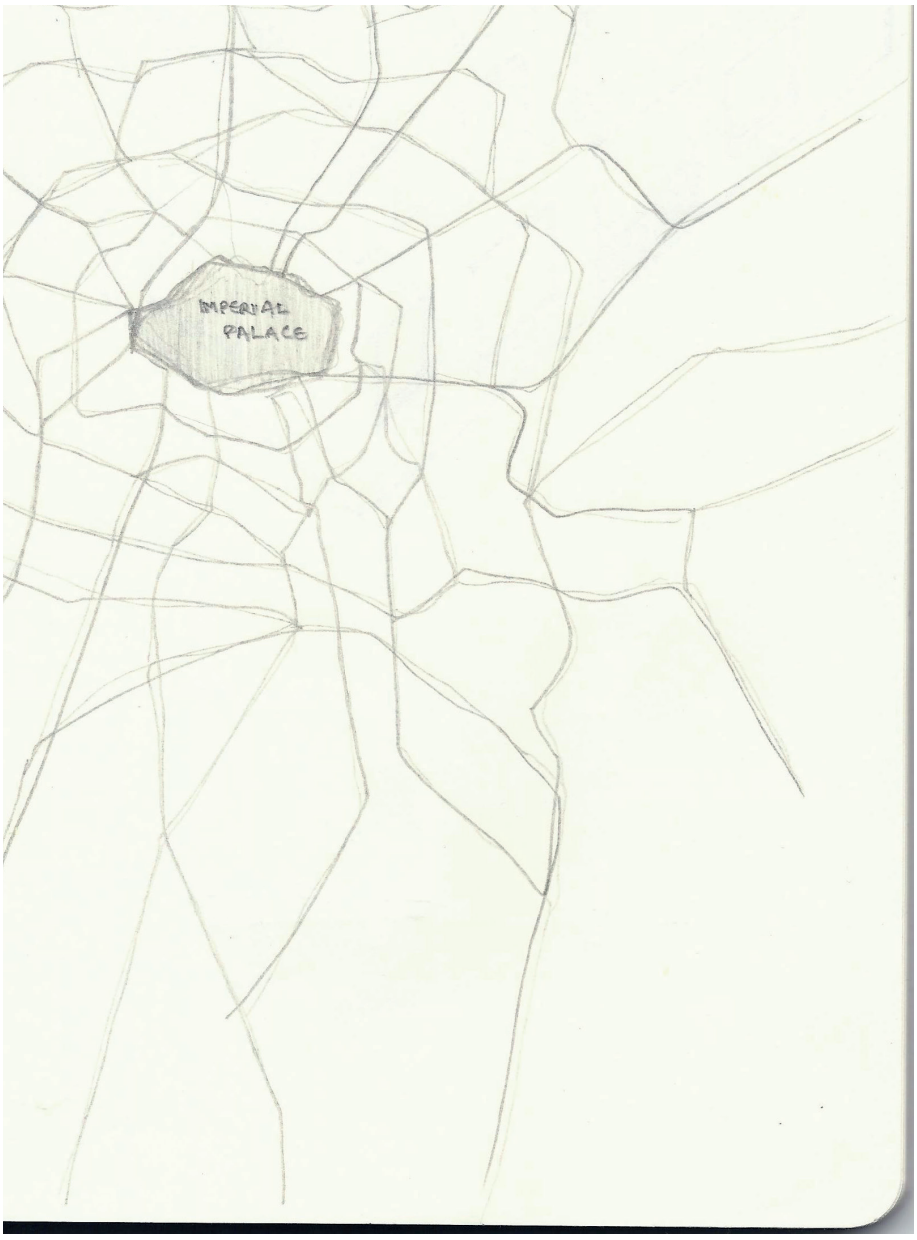





1.80
1.06

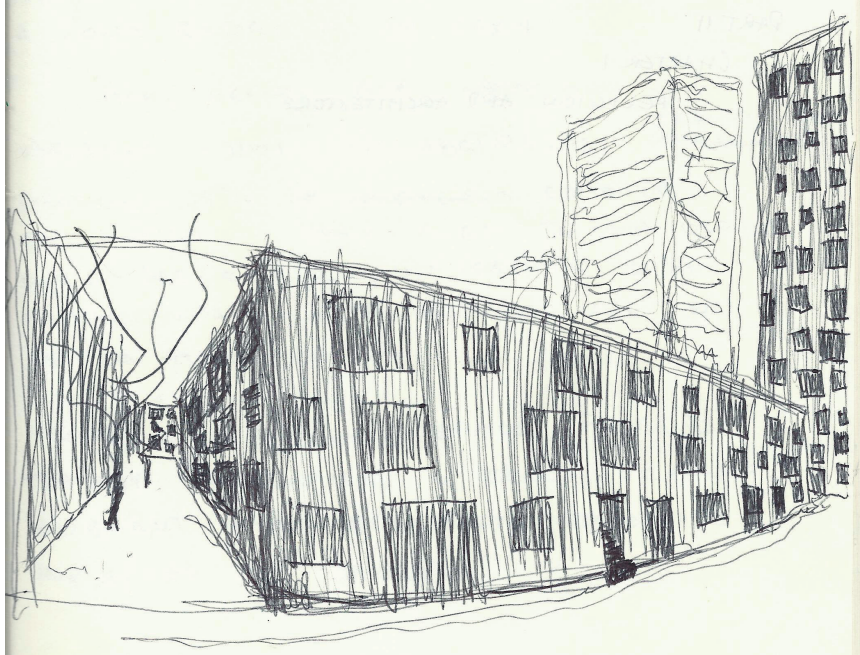





IMPERIAL
PALACE

POCKET GARDENS

.PDF NET
PUBLIC SPACE IN
JAPAN.

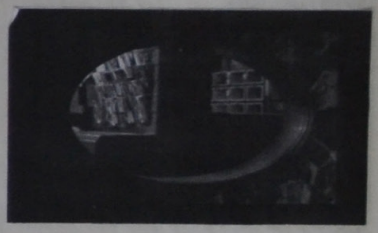



ESCALA VS ESCALAS

PROJ TK02



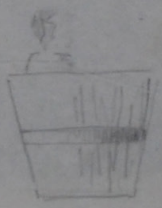


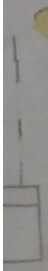










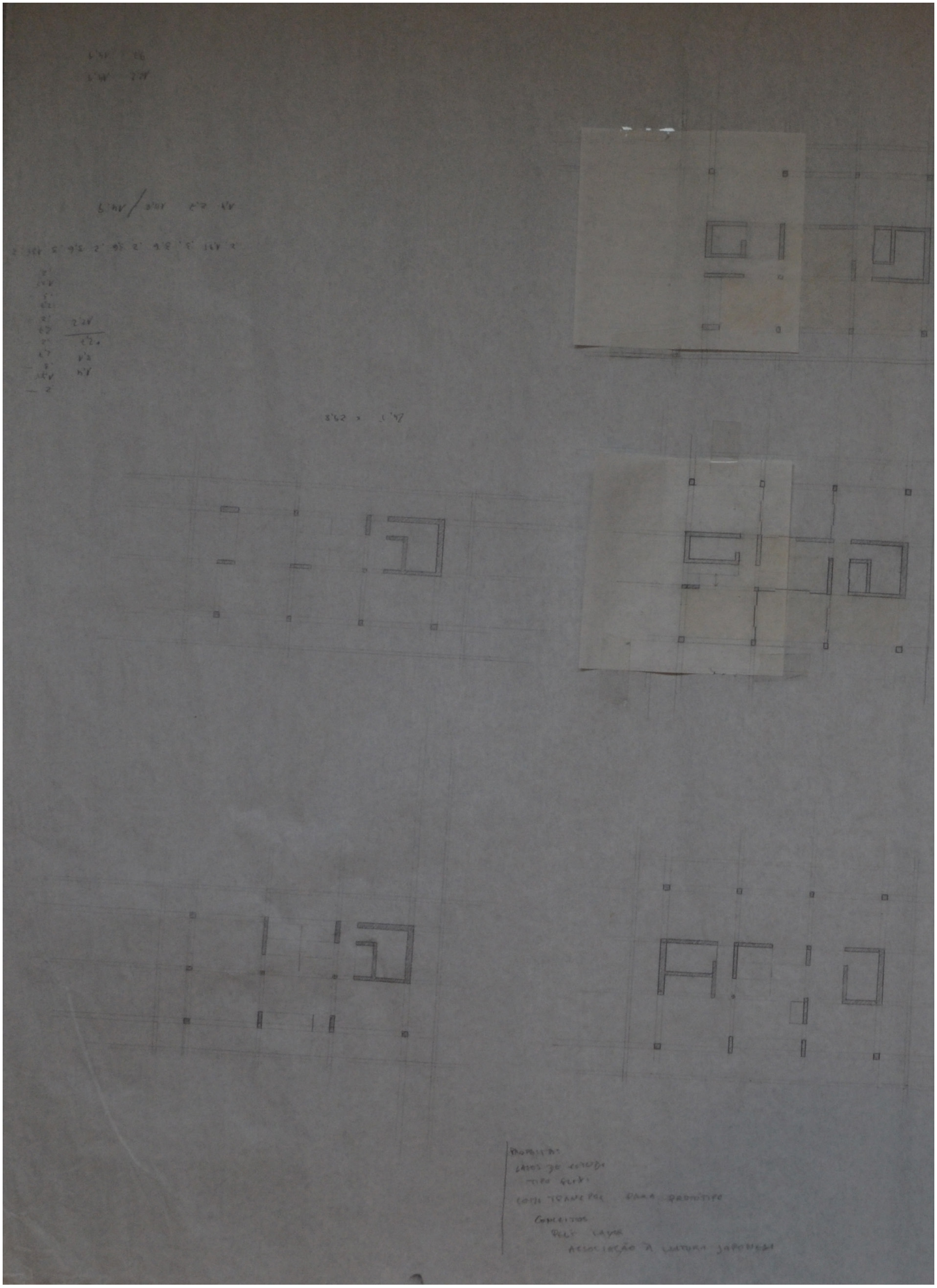


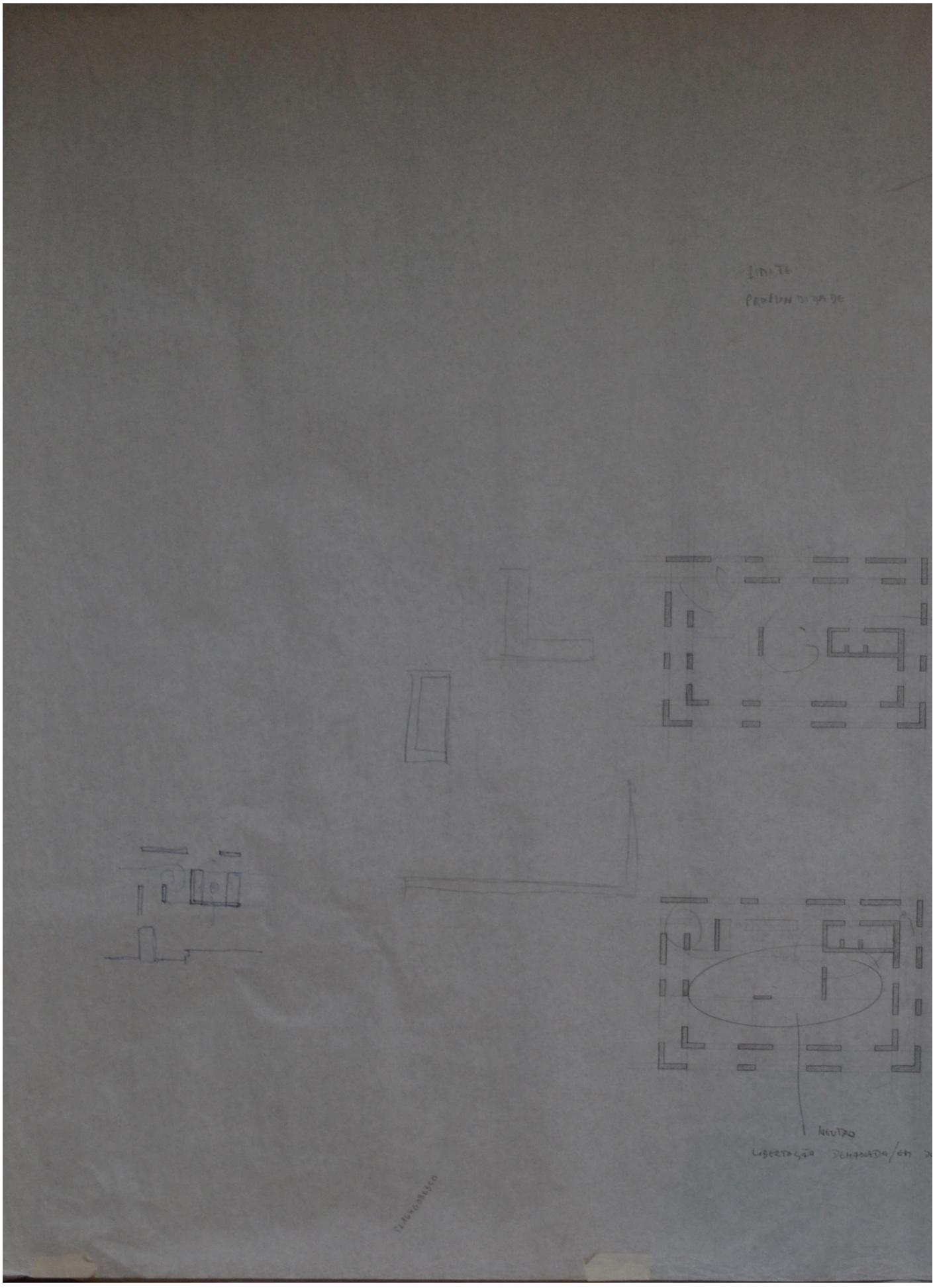


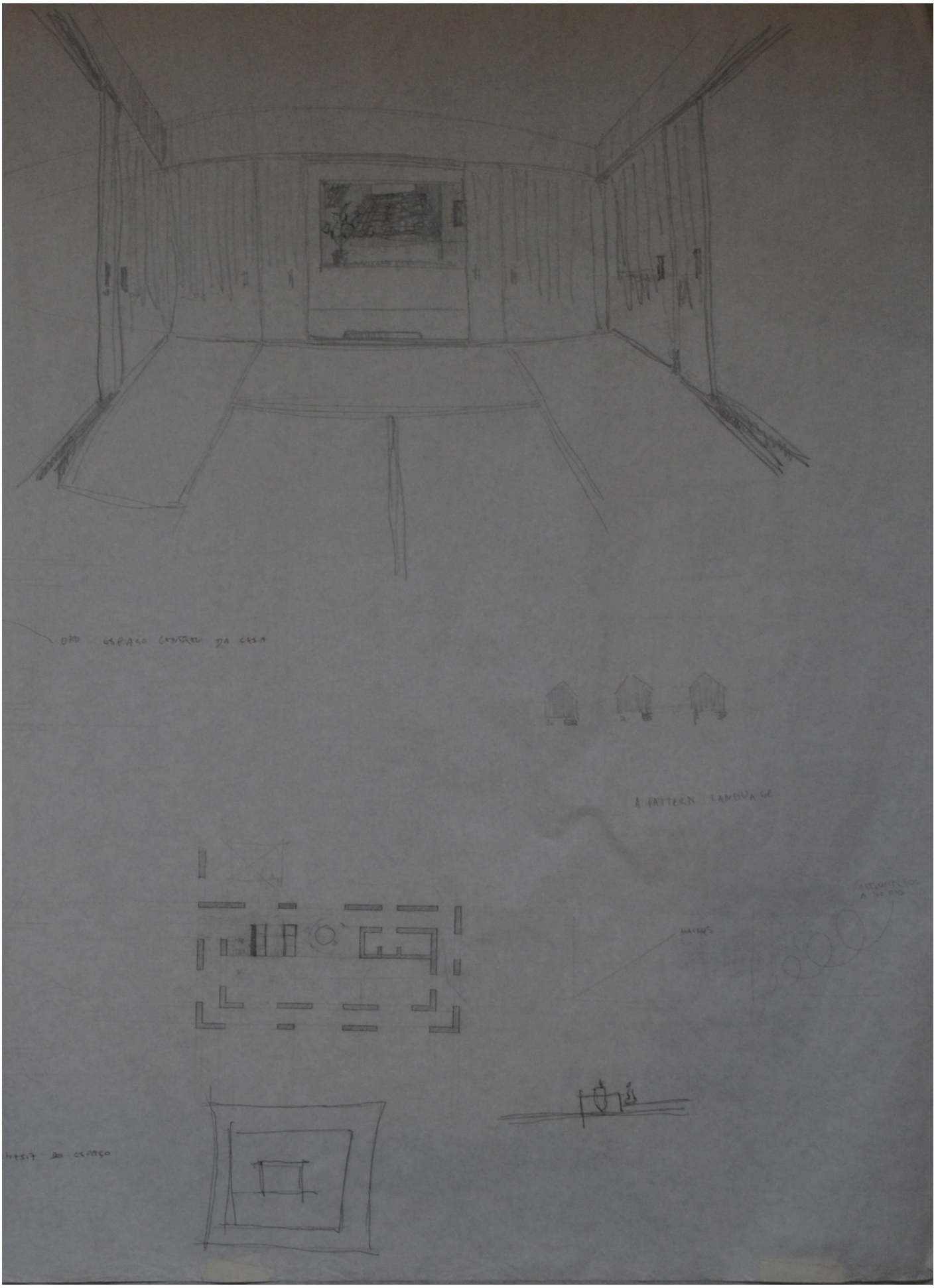

ESCALA DE LUGAR
RESPEITA NA PROCURA
DE INTERPRETAÇÃO
DAQUILO QUE É A
ESCALA DE TÓQUIO

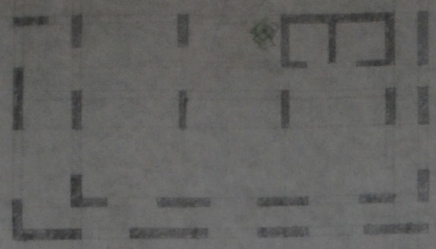

PROJ TK03

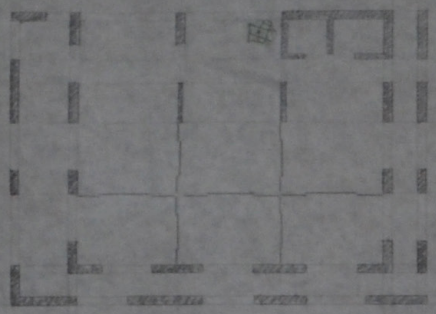


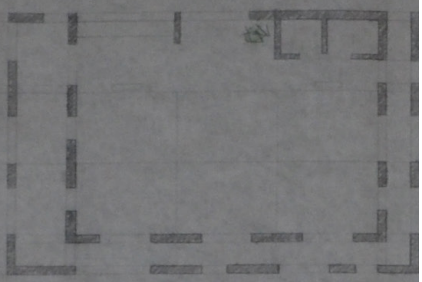


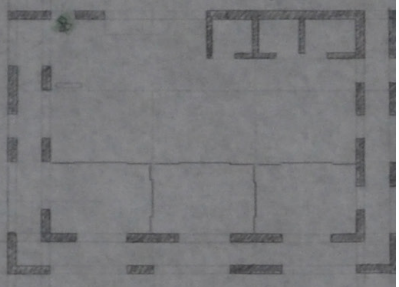

NEUTRO

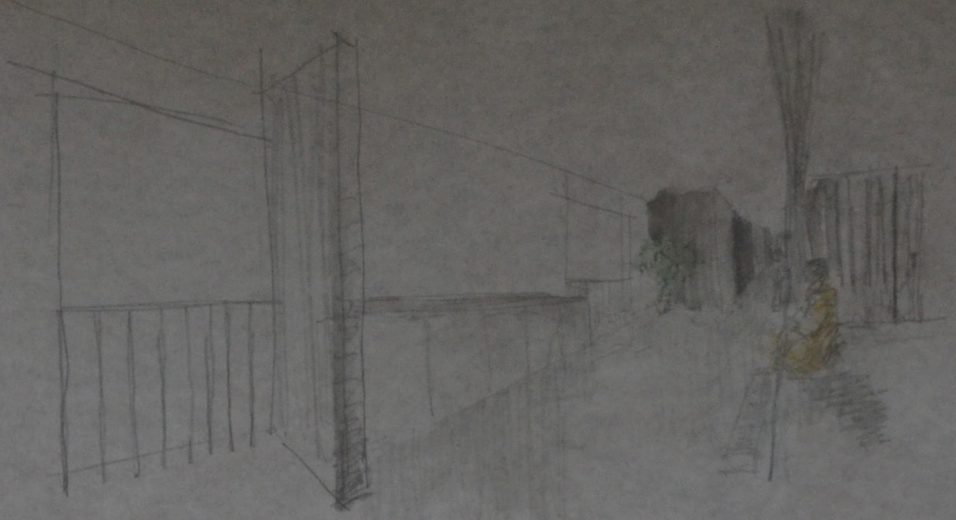

ORO ESPAÇO CENTRAL DA CASA
A PATTERN LANGUAGE
MARCOS
ARQUITECTOS A SERVIÇO
HASIA DO ESPAÇO

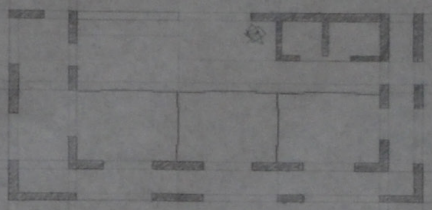


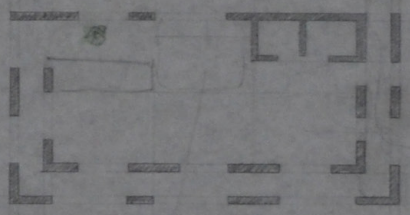


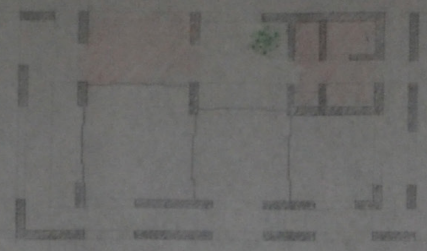


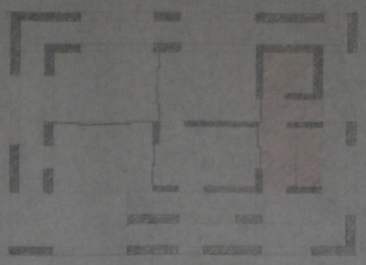


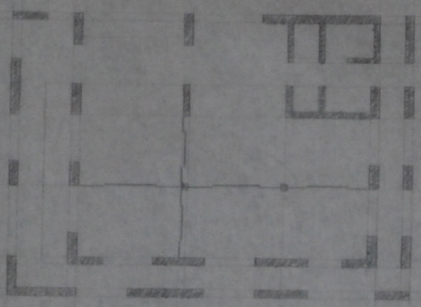












OKU 奥

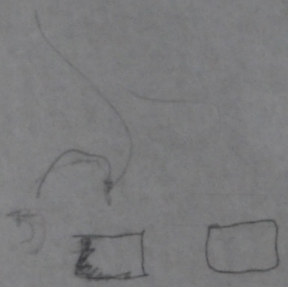
AND BUDDHIST PHILOSOPHY
RELATED WITH / THE ORGANIZATION OF JAPANESE

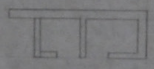
EXPRESSES MAKI "INNERMOST AREA"
DESCRIBED AS GAP IN THE JAPANESE URBANITY
|
DIFFERENT AND FROM THE VOID OF THE KU CONCEPT

IN OKU IT MEANS SACRED SPACE

MAKI QUOTES
"OKU HAS ALSO A NUMBER OF ABSTRACT CONNOTA
INCLUDING PROFUNDITY AND UNFATHOMABILITY"
|
└ SO THE WORD IS
USED TO DESCRIBE NOT ONLY
PHYSICAL BUT PSYCHOLOGICAL
DEPTH

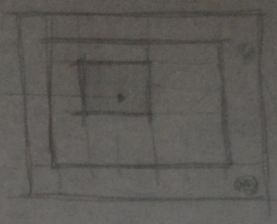
USED IN SECONDAL TERMS WE CAN ALWAYS RECOGNIZE
CERTAIN WHAT IS HIDDEN, INVISIBLE, OR SECRET

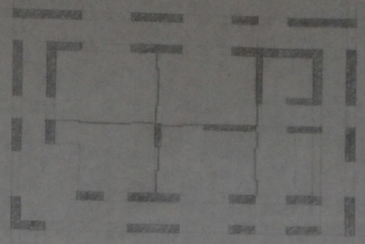




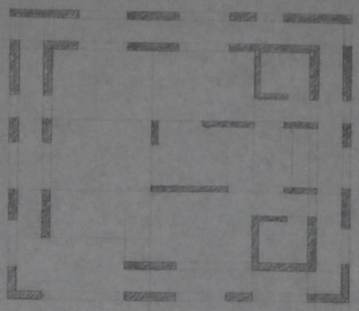


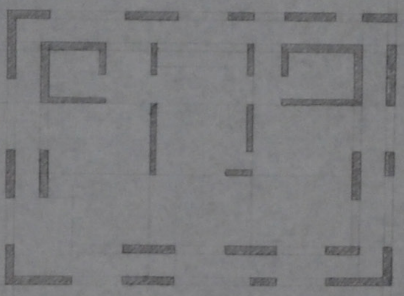
PROJ TK08



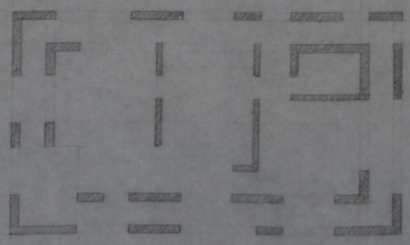


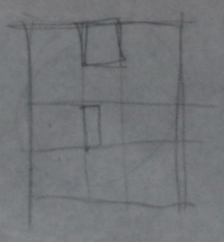


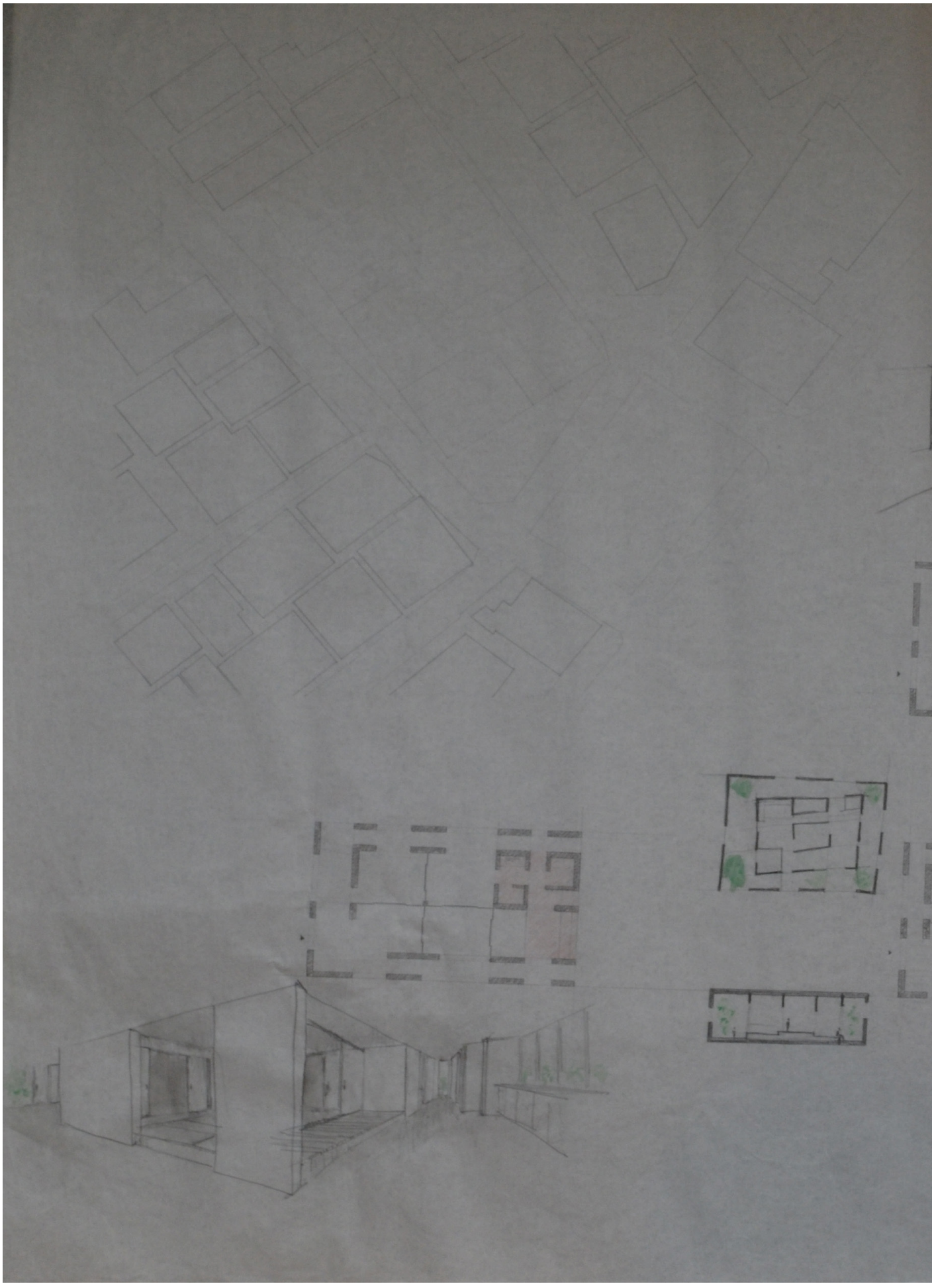




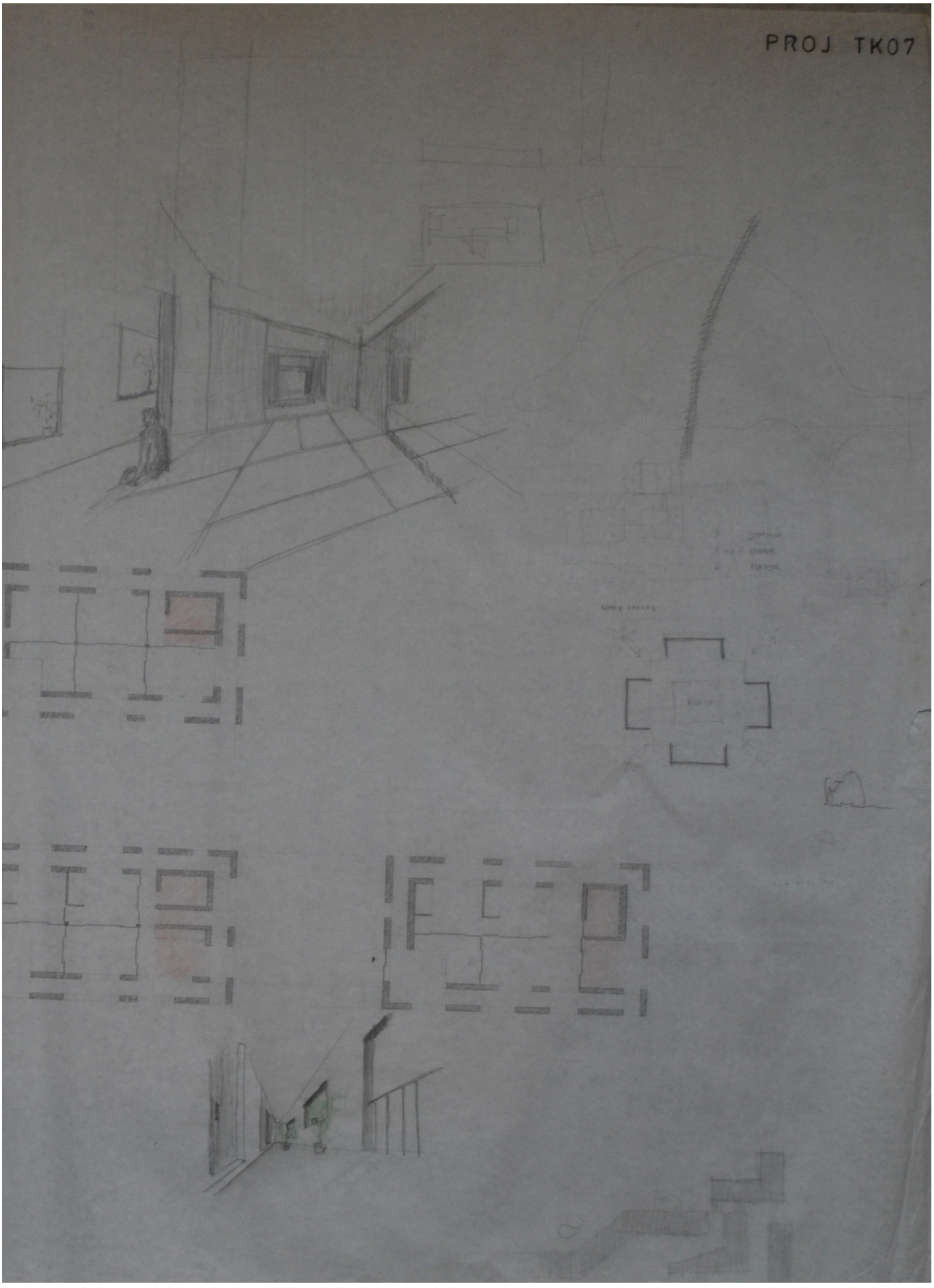


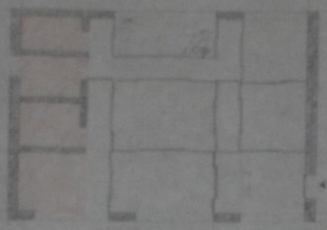


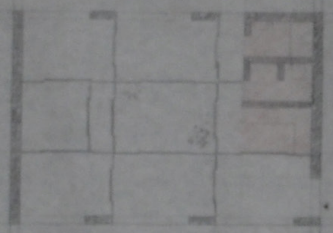


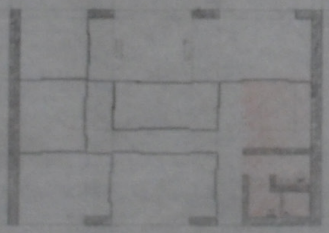


PROJ TK07

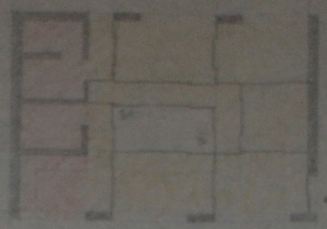


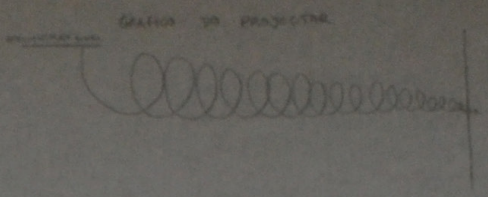


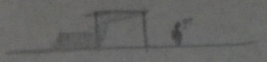


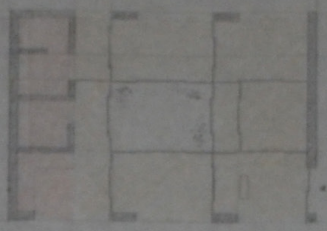


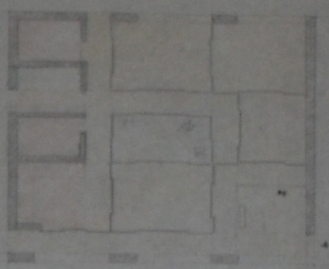
PROJTK06

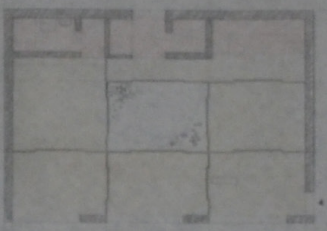


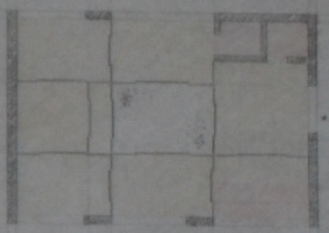






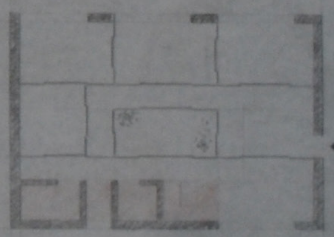


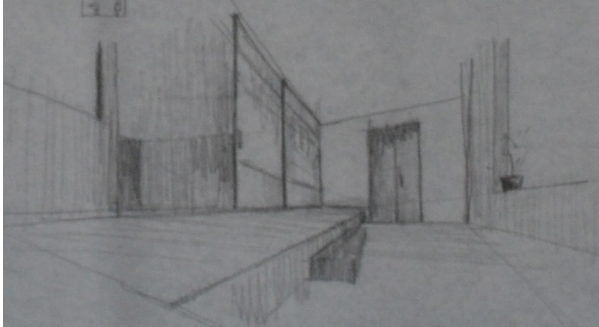


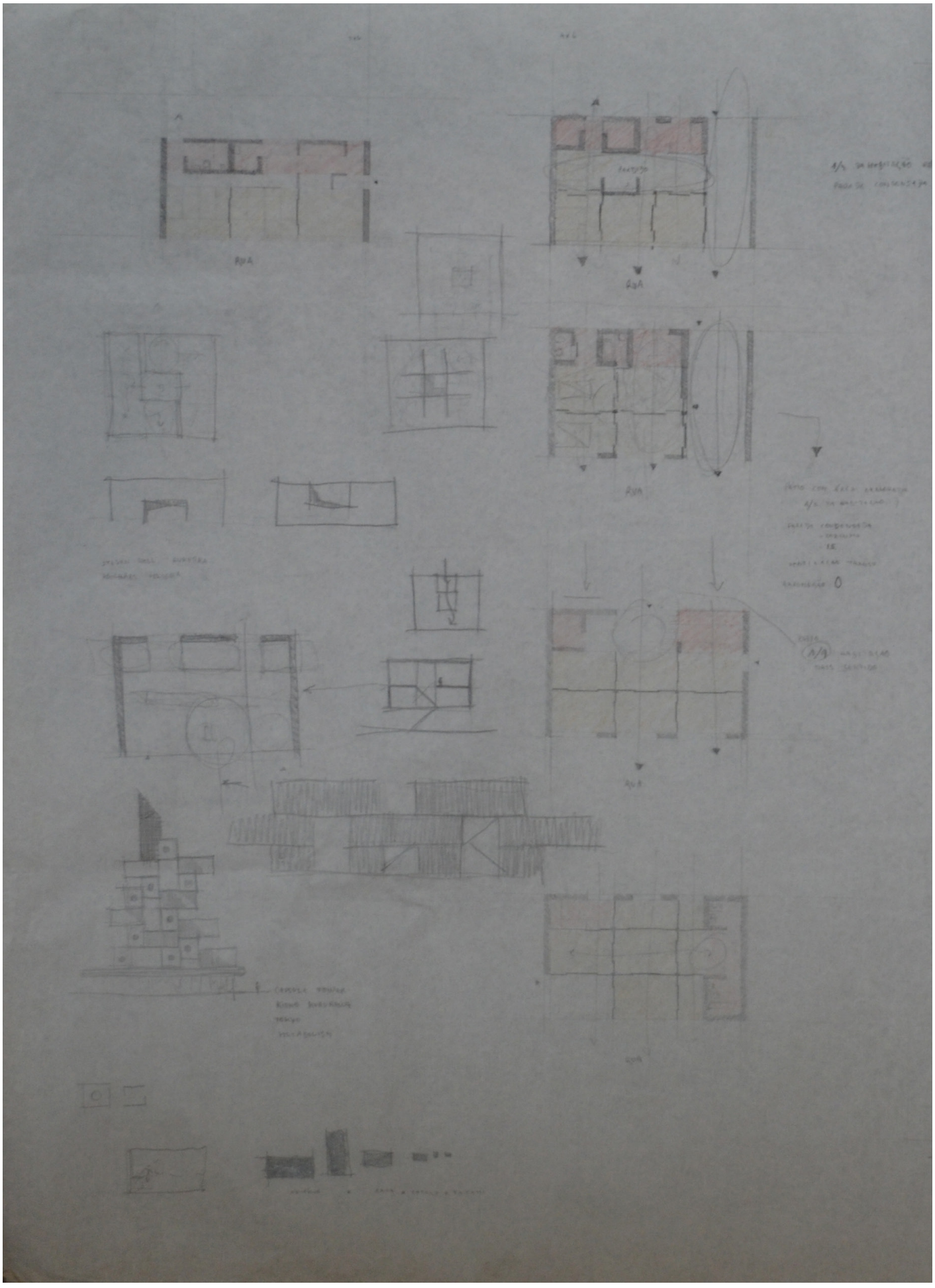


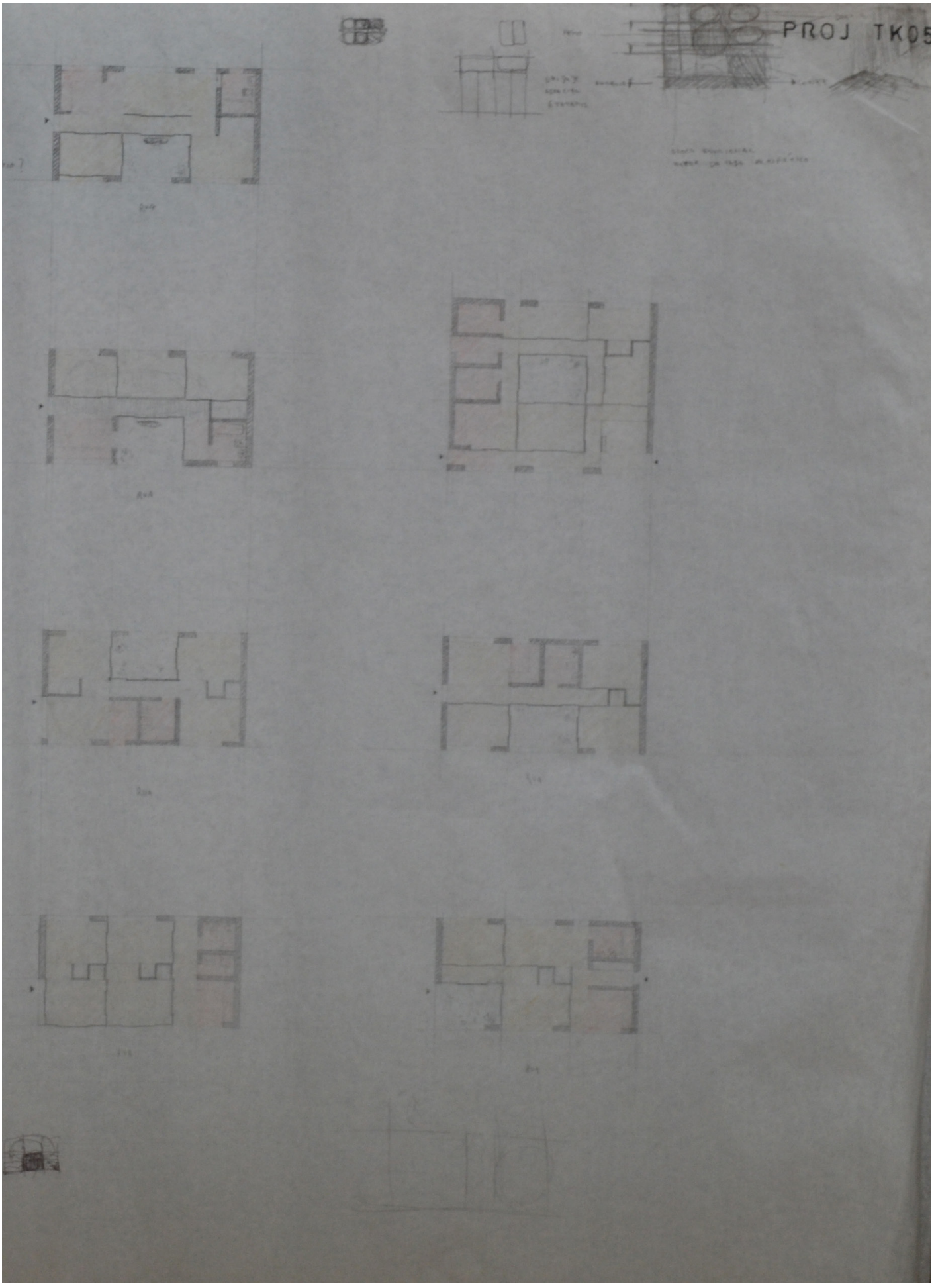











PROJ TK05



PROJ TK04





